

Vida

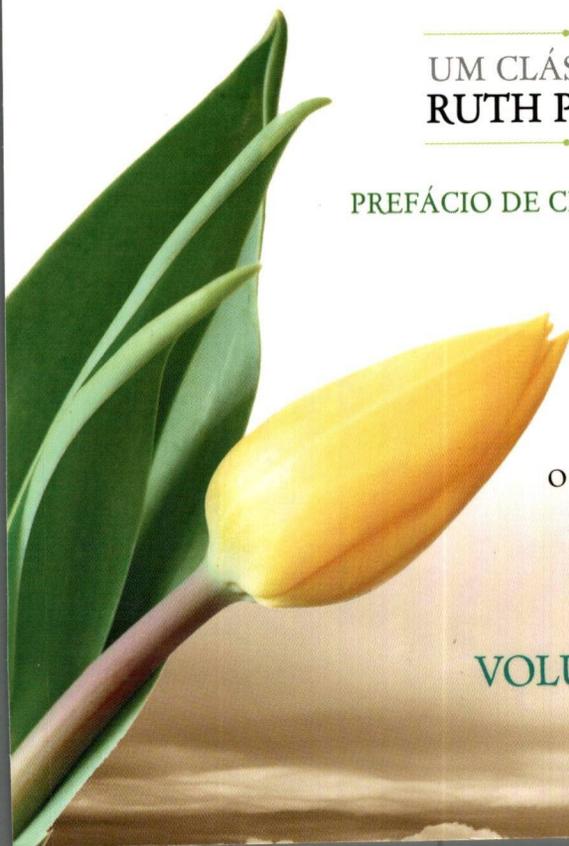
em um Plano mais Alto

UM CLÁSSICO DE
RUTH PAXSON

PREFÁCIO DE CHRISTIAN CHEN

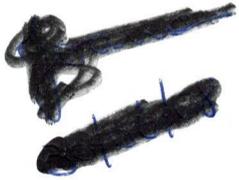
Fundamentos básicos sobre:
Quem é Jesus Cristo
Os estágios da obra de Cristo
O crescimento normal da vida cristã

VOLUME I



Religios
Evangelico

*Vida em um
Plano mais Alto*



*Vida em um
Plano mais Alto*

Um clássico sobre o plano de Deus
para a maturidade cristã.

Ruth Paxson



Traduzido da obra original em inglês:

Life On The Highest Plane.

Copyright 1928 © by The Bible Institute Colportage Association of Chicago.

© 2006 Editora dos Clássicos.

Tradução: João Alfredo

Revisão: Paulo César de Oliveira

Capa: Marcelo Cruz

Diagramação: Printmark Marketing Editorial

P341v Paxson, Ruth

A vida em um plano mais alto / Ruth Paxson ; [tradução de] João Alfredo. – São Paulo : Editora dos Clássicos, 2006.

14x21cm. ; 288p.

ISBN 85-87832-40-9

Título original: Life on the highest plane.

1. Deus. 2. Espiritualidade. I. Alfredo, João. II. Título.

CDU 211

Catálogo na publicação: Leandro Augusto dos Santos Lima –
CRB 10/1273

Publicado no Brasil com a devida autorização
e com todos os direitos reservados na língua portuguesa por

Editora dos Clássicos

www.editoradosclassicos.com

relacionamento@editoradosclassicos.com

(11) 3341-6178 / (11) 3207-3646

Proibida a reprodução total ou parcial deste livro sem a autorização
escrita dos editores.

Tomo I

A Pessoa e a Obra de Cristo Relacionadas
com o Homem e sua Salvação

À minha amiga e colaboradora Edith Davis,
que, através de sua fiel intercessão, úteis sugestões,
críticas construtivas, esmerada correção e
abnegado dispêndio de tempo e esforço, deu-me
uma inestimável ajuda, este livro é carinhosa e
agradecidamente dedicado.

Sumário

Prefácio à edição em português	11
Palavra ao leitor.....	15
Um testemunho do tradutor	23
Sobre a autora	27
Introdução.....	29
1. Vida humana em três planos	33
2. O primeiro homem de Deus – o primeiro Adão.....	43
3. Vida no plano mais baixo – a entrada do pecado no homem	63
4. Vida em um plano mais baixo – O controle do pecado sobre o homem	95
5. Deus e Satanás em conflito.....	111
6. Falsas e fúteis tentativas para salvação.....	143
7. A ponte sobre o abismo.....	171
8. O segundo homem de Deus – o último Adão.....	181
9. Quatro vãos na ponte da salvação – Encarnação	193
10. Quatro vãos na ponte da salvação – Crucificação	219

11. Quatro vãos na ponte da salvação – Ressurreição	255
12. Quatro vãos na ponte da salvação – Ascensão e exaltação.....	267
13. A obra coroada de Jesus Cristo na salvação	277

As citações bíblicas são da 2a. edição da Versão Revista e Atualizada da Sociedade Bíblica do Brasil.

As notas de rodapé indicadas por (N. do E.) são desta edição em português e as sem indicação são da versão original em inglês.



*Prefácio à edição
em português*

Neste livro extraordinário a autora trata com os assuntos mais básicos da fé e da experiência cristã – a pessoa e a obra de Cristo – e como os crentes podem crescer Nele. R. A. Torrey, o primeiro superintendente do Instituto Bíblico Moody, foi citado¹ sobre o que disse a respeito deste livro:

“De todos os livros que já li, este é o que mais me satisfaz. Ele trata com os grandes fundamentos da fé cristã... de forma exaustiva e consistente com as Escrituras, e cada vez que é lido soa verdadeiro”.

¹ Na quarta capa deste livro na versão original em inglês.

Isso equivale a dizer que, de acordo com Torrey, este é o livro sobre a vida cristã mais alta que mais satisfaz.

O conceito bíblico de vida cristã mais alta recebeu muita atenção no século dezenove em conexão com a tradição de santidade na América do Norte. O movimento cresceu em popularidade e finalmente se estendeu até a Inglaterra. Keswick, na Inglaterra, tornou-se o lar das convenções sobre o ensino da vida cristã mais alta. Posteriormente o movimento retornou para a América do Norte com grande força.

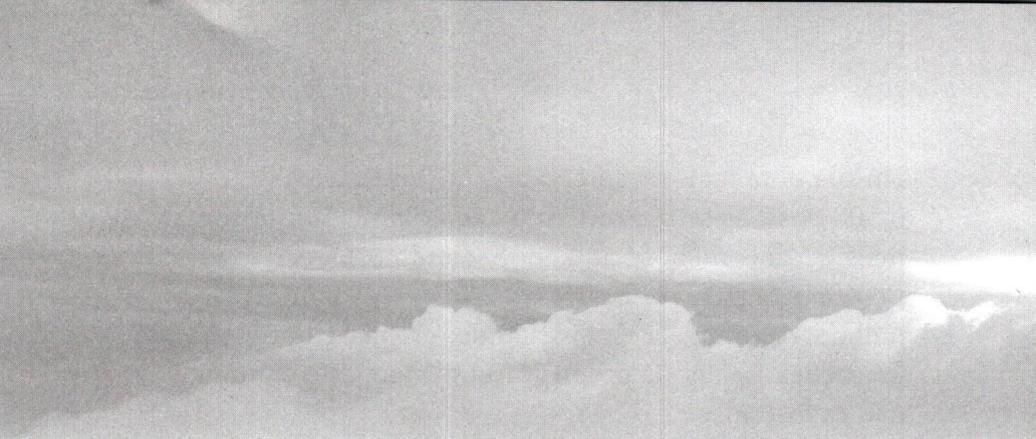
Muitos dos preletores das conferências Keswick nos Estados Unidos foram proeminentes líderes evangélicos, entre os quais estão: C. I. Scofield, A. W. Tozer, Alan Redpath, Stephen Olford, Major Ian Thomas, Ruth Paxson, Harry Ironside, Vance Havner, Theodore Epp, Lewis Sperry Chafer, James O. Buswell III, John Walvord, Kenneth Wuest, Charles Feinberg, Arthur Glasser, L. E. Maxwell e Harold J. Ockenga.

É desnecessário dizer que a lista de nomes acima representa vários graus de afinidade com o ensinamento sobre a vida cristã mais alta. Entretanto, Ruth Paxson destaca-se como uma excelente expositora desse tipo de ensinamento a pessoas comuns. Ela segue o método do livro de Mary McDonough, *O Plano de Deus para a Redenção*², usando como base para seu ensinamento o diagrama de três círculos concêntricos para representar a natureza tripartite do homem. Sua contribuição singular foi de combiná-los para mostrar de forma mais simples e elementar os estágios da obra de Cristo e do crescimento do crente.

² "God's Plan of Redemption" – esse livro será publicado brevemente por esta editora.

Agora, pela soberania de Deus, este livro alcança o mundo de fala portuguesa. Com grande entusiasmo o recomendo para todos que amam o Senhor e buscam crescer espiritualmente na graça de Cristo. Deveria ser um dos poucos livros a acompanhá-lo sempre em todo o percurso de sua vida cristã.

Christian Chen
14 de março de 2006



Palavra ao leitor

Para manifestar ainda mais a intrínseca e urgente necessidade da publicação deste clássico em português, além das palavras de ouro de Christian Chen, faz-se necessário conhecermos o pano de fundo do cristianismo em nossos dias, principalmente em nosso contexto brasileiro.

É inegável que no Brasil, especialmente nos últimos 20 anos, tem havido grande avanço na pregação do evangelho e na salvação das almas. “A cada hora se convertem cerca de 500 pessoas ao evangelho, somente na América Latina”¹, a maior parte no Brasil. Segundo a Horizontes América Latina²,

¹ *Intercessão Mundial*, de Patrick Johnstone e Jason Mandryk, Missão Horizontes, edição de 2003, 798 páginas.

² www.mhorizontes.org.br

em sua obra mais recente, a revista “Visão Global”, cerca de 6.500 pessoas se convertem a cada dia no Brasil, somando mais de dois milhões ao ano. Segundo o Departamento de Pesquisa Sepal³, no Brasil, até 2004, existiam cerca de 34 milhões de evangélicos, distribuídos em mais de 180 mil congregações – além de grupos caseiros, igrejas e comunidades não cadastradas.

“A explosão numérica da igreja evangélica no Brasil já foi bem comentada e analisada. Tem chamado a atenção das pessoas em muitos outros lugares do mundo. O fato de Deus ter aberto as portas da salvação de forma tão ampla é, na verdade, muito significativo, tendo em vista que não é o que constatamos em muitas outras regiões do mundo. A Europa, por exemplo, que tem uma longa história de cristianismo, é hoje uma região secular e materialista. As igrejas são escassas e pouco freqüentadas (...) Os países islâmicos são os que mais perseguem a expansão do evangelho. Em muitos desses lugares, os cristãos representam menos de um por cento da população. Quando ocorre uma única conversão, é causa de grande celebração (...). Agora, porém, a atmosfera espiritual [no Brasil] mudou. As tradições perderam grande parte do seu poder. O céu se abriu sobre o Brasil. Multidões estão afluindo para as igrejas. Nunca foi tão favorável, tão ‘fácil’ ganhar pessoas para Jesus.”⁴

A cada semana cerca de mil novas congregações evangélicas são abertas ao redor do mundo. No entanto, para

³ Serviço de Evangelização para América Latina: www.lideranca.org/cgi-bin/index.cgi

⁴ Christopher Walker, “Desejando o Puro Leite da Palavra”, Revista Impacto, edição 43, 2005.

nossa surpresa, enquanto cerca de 800 milhões de cristãos declaram-se comprometidos com o evangelho, 1,3 bilhão são cristãos meramente nominais⁵.

“As estatísticas vêm indicando dados alarmantes há bastante tempo. O comportamento dos cristãos difere cada vez menos dos não-cristãos. Quanto mais a igreja cresce, menos diferença faz na sociedade em que vive. De acordo com alguns, os índices de certos comportamentos contrários aos padrões de Cristo, como o divórcio, podem ser até piores na igreja do que na sociedade em geral.

“O Grupo Barna, com sede na Califórnia, EUA, é hoje, provavelmente, o mais conhecido instituto de pesquisa especializado em tendências e estatísticas no meio cristão. De acordo com duas pesquisas feitas nos Estados Unidos em 2002 e 2003, em âmbito nacional, há uma explicação para essa falta de mudança de comportamento entre os cristãos: a maioria não tem *cosmovisão bíblica*. O resultado das pesquisas, realizadas com mais de 2.000 pessoas em todo o país, revela que somente 9% das pessoas que dizem ser nascidas de novo possuem uma cosmovisão bíblica. Quando se trata de jovens e adolescentes cristãos, o número é menor ainda: minúsculos 2%.”⁶

Muitos apontam que estamos vivendo tempos de avivamento no Brasil. Entretanto, comparando esses dados com a situação do cristianismo no mundo e no Brasil, lamentavelmente a situação é similar. Se formos além da periferia, veremos nos bastidores que temos problemas gravíssimos nos fundamentos. A proliferação de heresias, da teologia

⁵ <http://www.infobrasil.org>

⁶ “Cosmovisão Bíblica”, por George Barna, Revista Impacto, edição 43, 2005.

açucarada com modernismo, prosperidade e sucesso humano desvinculado da mensagem da cruz e do Reino de Deus tem gerado uma devastadora anomalia na qualidade de vida espiritual da Igreja e dos cristãos.

Louvamos a Deus pela expansão do evangelho, mas a falta de frutos saudáveis revela que a doença está na raiz. Se não cuidarmos da raiz hoje, os males se proliferarão ainda mais e corremos o risco de sermos a nova Europa materialista e secular.

Diante desse cenário, há pelo menos três graves problemas fundamentais que precisam ser encarados: 1º.) cerca da metade das conversões ao evangelho não são genuínas; 2º.) dos que são genuinamente salvos, alguns voltam para o mundo escandalizados com a péssima situação do testemunho das igrejas (em entrevistas realizadas no início dos anos 90 em Amsterdã, perguntou-se a jovens se estavam interessados em Deus. Cem por cento deles responderam “SIM”. Depois perguntou-se se estavam interessados na igreja, e 99 por cento responderam “NÃO”. [...] Outra pesquisa, realizada há uma década por Herbert E. Hoefet, ex-diretor do *Gurukul Theological College* (Madras [Índia]), mostrou que em Madras, uma cidade com cerca de oito milhões de habitantes, vivem secretamente mais de 200.000 ‘crentes em Cristo não-batizados’, como Hoefet os designa. Esse número crescente de pessoas se autodenomina cristão, mas por uma série de motivos não frequenta uma igreja. Uma das razões dessa objeção à igreja é a seguinte: argumentam que se sentem atraídos por Jesus, mas sentem repulsa por parte das igrejas”⁷); 3º.) dos que ficam, sofrem atrofiamento espiritual pelo fato de a igreja e sua liderança, quase que em geral, não estarem preparadas para cuidar dos novos convertidos e lhes gerar crescimento saudável.

⁷ *Casas que Transformam o Mundo (Igrejas nos lares)*, Wolfgang Simson, p. 28, edição de abril de 2001, Editora Evangélica Esperança.

No começo dos anos 70, teve início a Missão Horizontes⁸, em Llanelli, no País de Gales, através da visão de um obreiro galês, Rowland Evans, que começou a treinar jovens para ir a outras regiões do mundo pregando o Evangelho de Jesus. Hoje a Horizontes tem obreiros em mais de 30 países, incluindo o Brasil. Eles ressaltam alguns desafios que os evangélicos enfrentam e colocam itens relevantes para oração, e *profundidade espiritual* é um deles. Segundo eles, “o sucesso, ao invés da santidade, tem produzido muitas tendências não salutares: uma ênfase exagerada em cura e prosperidade, uma ‘adoração’ numerosa e exagerada, um grande zelo pelo evangelismo, porém pouca preocupação em reter ou discipular em profundidade aqueles que buscam auxílio. Os resultados são convertidos exageradamente evangelizados, porém mal-nutridos, muito legalismo mesquinho, um crescente nominalismo pentecostal e uma enorme taxa de apostasia com milhões de ex-evangélicos, agora desiludidos com o cristianismo”. Outro item relevante é “*modelagem e treinamento efetivos* para aqueles chamados ministros cristãos. Somente uma minoria de 75.000 congregações evangélicas é guiada por pessoas com treinamento teológico básico”.

As palavras de Gandhi “creio no Cristo que vocês pregam, mas não no cristianismo que vivem” representam a voz da consciência de muitos que anelam encontrar um povo similar ao que vivia a vida da Igreja no Livro de Atos. Alguns dos grandes céticos que combatem o cristianismo foram, antes, os que de alguma maneira sofreram decepções com ele.

“Por ter redescoberto o evangelho da redenção ‘somente pela graça mediante a fé’, Lutero desencadeou uma Reforma – uma reforma da teologia. A partir do final do século XVII, movimentos de renovação como o pietis-

⁸ www.mhorizontes.org.br

mo⁹ descobriram novamente o relacionamento pessoal do indivíduo com Deus. Agora Deus está avançando mais um passo, ao mexer com as formas básicas do ser igreja. Dessa forma ele desencadeia uma terceira Reforma, uma reforma das estruturas.”¹⁰

“Neste tempo final, somos todos chamados de volta ao plano original de Deus. Deus está reunindo todas as coisas em torno de Cristo, para que Ele seja Cabeça e Senhor de toda a Terra, primeiramente através da Igreja (Ef 1.9, 10). Ao mesmo tempo, Ele está avivando a grande missão que nos confiou: pregar o Evangelho a toda criatura e fazer discípulos de todas as nações (Mt 28.19, 20). Assim, o Evangelho do Reino precisa ser pregado primeiro, para que o Reino venha. Entretanto, deve ser o Evangelho do Reino e não aquele que busca satisfazer o homem ou apenas suprir suas necessidades. Jesus demonstrou que o sinal de que o Reino é chegado é quando Satanás é expulso e as pessoas são libertas para viver para Deus e cumprir Seu propósito. Paulo diz que há outro evangelho (Gl 1.8,9),

⁹ Forma de ver a vida cristã orientada pela Bíblia e com base na experiência, ressaltando a apropriação da fé e o estilo de vida de santidade como elementos mais importantes do que as estruturas formais de teologia (doutrina) e ordem eclesiástica. Inicialmente o pietismo foi um movimento dentro da Igreja Luterana, na Alemanha, e buscava corrigir o realce dispensado ao mero assentimento doutrinário, o que para os pietistas levava a uma “ortodoxia morta”. Phillipp Jacob Spener (1635-1705) é muitas vezes citado como pai do pietismo alemão. Spener tentou efetuar mudanças na igreja fundando grupos pequenos de crentes consagrados (*collegia pietatis*) que se reuniam para edificação mútua (Dicionário de Teologia, de Stanley J. Grenz, David Guretzki e Cherith Fee Nordling, Editora Vida, 2000).

¹⁰ Wolfgang Simson, op. cit.

mas o Evangelho que nos foi confiado é o do Reino, no qual Satanás é lançado fora e os homens não vivem mais para si, mas sim para Deus (...). Diante de tão grande chamamento, temos que ter em conta que um dos sinais da apostasia é o afastamento do povo de Deus do relacionamento vivo com Cristo e da pregação do Evangelho do Reino. Ao lado disso, um dos sinais de avivamento é quando os santos se voltam, pela pregação do Evangelho do Reino, para serem edificados por Cristo como Igreja, em unidade, como colaboradora em Seu propósito. **No entanto, antes de evangelizarmos o mundo, devemos reconhecer que os cristãos precisam ser re-evangelizados com o Evangelho do Reino, que tira o homem do centro e coloca Cristo. Temos que lançar fora o fermento do falso evangelho, que exalta o homem e seduz os simples a uma vida próspera sem Deus. O falso evangelho tem gerado crentes egoístas que lotam as 'igrejas' em busca de sucesso e benefício próprios, mas o Evangelho do Reino transforma vidas, muda caráter, pensamento e ações para os interesses de Cristo**".¹¹

Diante da grande necessidade de voltarmos-nos à essência do verdadeiro cristianismo, *Vida em um Plano mais Alto* é um forte instrumento necessário que Deus nos concede para sermos fundamentados, tanto individual como coletivamente como Corpo de Cristo, nas verdades centrais sobre Cristo, os estágios de Sua obra e a relação deles com os estágios da vida cristã vitoriosa. De forma singular, e longe de ser um manual teológico, Ruth Paxson nos conduz facilmente a galgar no

¹¹ Gerson Lima, *Voltando ao Evangelho do Reino*, 2005, publicado no Catálogo-Revista MW, ano 3, número 11, seção de reflexão "Palavra do Mestre". www.garimpeiros.com.

caminho de experiência de vida com Cristo, enquanto nos fundamenta com perita sabedoria na Verdade. Ela é profunda, sem dúvida, mas desvenda as verdades básicas da fé e do caminho para a maturidade espiritual de forma tão simples que desce ao nível mais baixo para atingir os mais simples na fé cristã.

Particularmente, eu desconheço uma obra tão completa, equilibrada e de fácil acesso aos simples como essa. Louvamos ao Senhor por gerar alimento aos Seus sedentos filhos e remédio eficaz para as raízes de Sua Igreja.

A Ele toda glória!

Gerson Lima

Editor

São Paulo, 10 de maio de 2006.



Um testemunho do tradutor

No começo do ano de 2002, chegaram às minhas mãos algumas fitas cassete das mensagens entregues pelo irmão Richard Hanes em uma das Conferências da Obra Cristã - À Maturidade Cristã. O tema das mensagens era *A Vida em um Plano Mais Alto*. Ao ouvir as mensagens percebi em meu espírito que se tratava de um assunto de extrema importância para a vida de todo cristão que deseja uma experiência real no conhecimento do Senhor Jesus.

Comecei então uma pesquisa na internet para encontrar uma publicação original deste livro da irmã Ruth Paxson, *Life On The Highest Plane*. Encontrei um exemplar de 1941 publicado pela *The Bible Institute Colportage Ass'n - Chicago* e logo efetivei a compra, pois na verdade estava ansioso para ler e desfrutar das riquezas reveladas através deste livro.

Ao receber o livro comecei a lê-lo com muita sede e logo nos primeiros capítulos tive a confirmação do que já havia sentido em meu espírito. O livro é realmente muito precioso tanto na forma simples de abordar o assunto como no peso das palavras reveladoras que ele traz. Mas ao mesmo tempo em que desfrutava daquelas maravilhosas palavras pensava nos irmãos brasileiros que estavam impossibilitados disso por não terem o domínio da língua inglesa. Foi assim que em setembro de 2002 recebi do Senhor o encargo de começar, em meu limitado conhecimento, a tradução desta preciosa obra.

Durante o trabalho de tradução pesquisei diferentes fontes de informações sobre esta obra. Foi na página www.curtaintorn.com que encontrei a publicação completa¹ do livro e conheci o irmão Stephen Smith, que gentilmente enviou-me a biografia resumida da irmã Ruth Paxson. Também neste período sofri muita oposição do adversário quando recebi do Senhor a direção de entregar à Editora dos Clássicos o encargo de publicá-la.

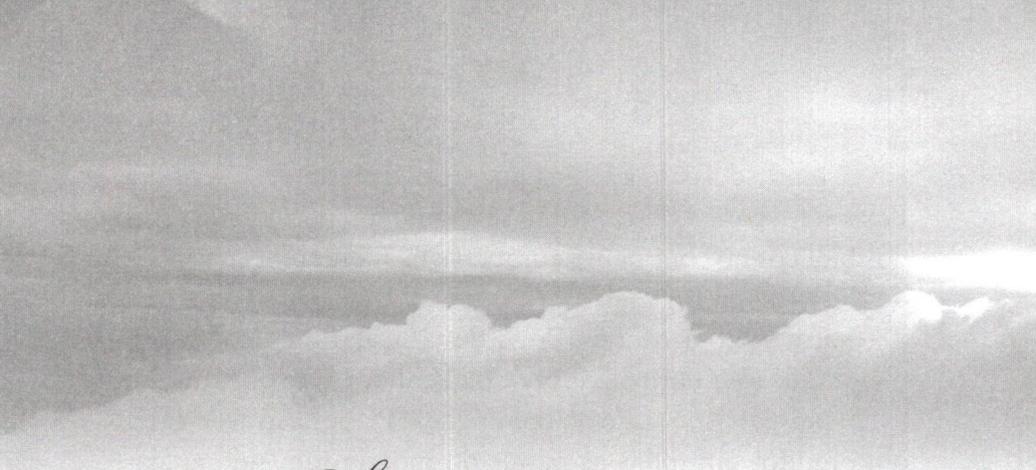
Hoje, depois de passados quase quatro anos, é com uma alegria indizível que vejo a possibilidade de muitos outros irmãos brasileiros poderem desfrutar daquilo que o Senhor deu à Sua Igreja, através da vida da amada irmã Ruth Paxson. Creio firmemente que a leitura deste livro trará não somente um conhecimento teórico do que é a *Vida em um Plano mais Alto*, mas uma convicção prática que irá se refletir na vida diária do cristão.

¹ Esta publicação é a versão em inglês da Moody Press, de 1928, usada como fonte de pesquisa. Ao lado da atual edição da Kregel Publications e da versão original da The Bible Institute Colportage Association of Chicago, de 1928, de onde procede esta tradução em português, com nossas olhadelas, verificamos a fidedignidade das versões (N. do E.).

Na medida em que avanço na tradução dos Tomos 2 e 3 desta obra tenho percebido uma grande transformação em minha vida espiritual. Assim, minha oração é para que o Espírito Santo opere também na vida daqueles que o lerem para que vivam a *Vida em um Plano mais Alto*, que é a Vida de Cristo em nós, a esperança da glória. Amém.

João Alfredo

Curitiba, 28 de março de 2006.



Sobre a autora

Ruth Paxson nasceu em Manchester, Estado de Iowa, nos Estados Unidos, em 1876, e recebeu Jesus como seu Salvador pessoal quando era ainda uma criança. Formou-se na Universidade Estadual de Iowa e freqüentou durante um ano o Instituto Bíblico Moody. Nos anos seguintes, até 1911, trabalhou como secretária e secretária escolar da Associação Cristã de Moças (YWCA) em Iowa.

Depois disso participou de viagens como secretária do Movimento Voluntário Estudantil.

Em fevereiro de 1911 a irmã Paxson navegou para a China como secretária pela Associação Cristã de Moças.

Mais tarde, ela deixou esse trabalho para se dedicar ao evangelismo e à Conferência Bíblica de verão ensinando juntamente com os missionários na China.

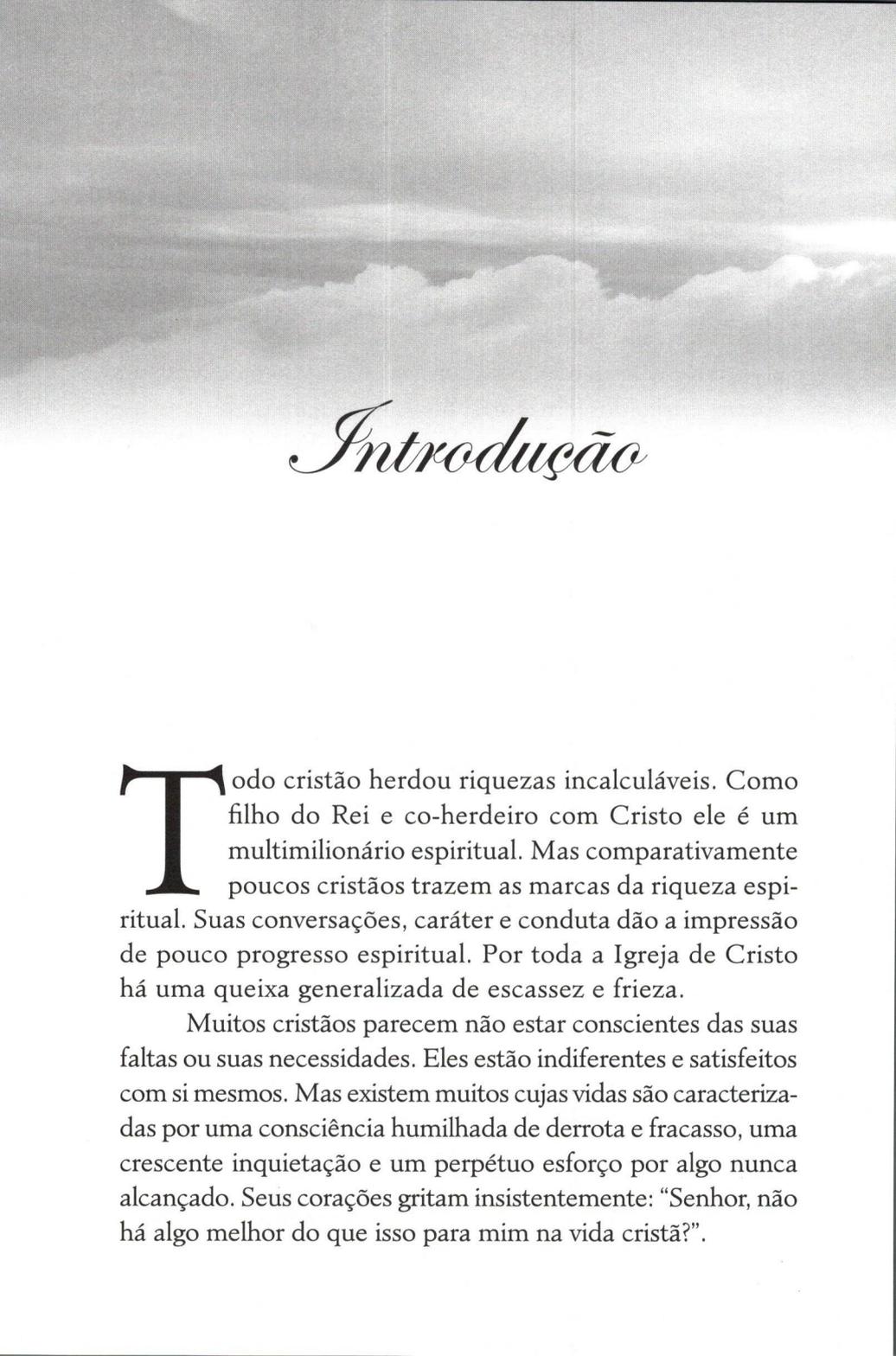
Tendo deixado a China por motivo de saúde, a senhora Paxson foi para a Suíça; então se seguiu um período de estudos bíblicos no continente europeu e na Conferência Bíblica de Keswick, na Inglaterra.

Em 1928 a Moody Press de Chicago publicou a primeira edição da principal obra da senhora Paxson, *Vida em um Plano mais Alto* (Life on the Highest Plane). Através desta obra muitos em todas as partes do mundo têm sido ajudados no crescimento espiritual para o conhecimento de Jesus Cristo.

Por quinze anos, antes da II Guerra Mundial, a senhora Paxson ministrou a Palavra de Deus em vários países.

Em 1947 ela cruzou o Atlântico para ministrar a Palavra de Deus na Europa e em Keswick.

A senhora Paxson foi chamada para estar com o Senhor em outubro de 1949, aos 73 anos de idade.



Introdução

Todo cristão herdou riquezas incalculáveis. Como filho do Rei e co-herdeiro com Cristo ele é um multimilionário espiritual. Mas comparativamente poucos cristãos trazem as marcas da riqueza espiritual. Suas conversações, caráter e conduta dão a impressão de pouco progresso espiritual. Por toda a Igreja de Cristo há uma queixa generalizada de escassez e frieza.

Muitos cristãos parecem não estar conscientes das suas faltas ou suas necessidades. Eles estão indiferentes e satisfeitos com si mesmos. Mas existem muitos cujas vidas são caracterizadas por uma consciência humilhada de derrota e fracasso, uma crescente inquietação e um perpétuo esforço por algo nunca alcançado. Seus corações gritam insistentemente: “Senhor, não há algo melhor do que isso para mim na vida cristã?”.

O propósito destes estudos é o de ensinar quais são as posses dos cristãos em Cristo e como elas podem ser apropriadas, desfrutadas e usadas.

Estes estudos bíblicos foram ministrados, em estado embrionário, primeiramente para pastores, evangelistas, mestres e outros líderes cristãos em conferências realizadas na China. Mais tarde, tomaram uma forma completa quando foram ensinados em aulas bíblicas semanais durante um período de seis meses. Em resposta a muitas solicitações dos chineses e dos amigos missionários para que esta mensagem estivesse disponível para seu uso, ela foi preparada para publicação.

Deus está construindo uma casa espiritual para Sua própria glória e uso. Essa casa é composta da fundação, superestrutura e mobílias. Estes estudos tentam mobiliar a planta dessa habitação e mostram passo a passo o processo da sua construção. Cada capítulo é, de certo modo, uma história completa, porém conectada com ambas as histórias abaixo e acima dela. O trabalho está dividido em três partes [fundação, superestrutura e mobílias]:

Parte I – Jesus Cristo

Eterno

Encarnado

Crucificado

Ressurreto

Ascendido

Exaltado

A fundação

Parte II – O crente em Cristo
e Cristo no crente

A superestrutura

Parte III – O Espírito Santo

Habitando

Enchendo

Limpendo

Controlando

Guiando

Ungindo

As mobílias

Todo arquiteto tem cópias heliográficas que visualizam a construção a ser erigida. Os catorze diagramas usados neste livro fornecem as cópias heliográficas da casa espiritual de Deus, em cujo processo de construção Ele está envolvido.

A esperança da autora é que estes estudos possam ser usados por grupos. Para isso a bibliografia irá sugerir material adicional.

A autora deseja reconhecer sua dívida para com a Sra. Mary McDonough pelo uso dos gráficos II, III e IV, os quais estão no seu livro *God's Plan of Redemption* (O Plano de Deus para a Redenção); para com muitos autores cujos livros foram consultados para inspiração e confirmação e para os muitos amigos que tiveram uma grande participação em levar adiante a publicação desta mensagem através da sua fidelidade e fervorosa intercessão.

Este livro agora é devolvido para Deus em oração, o qual Ele usará para levar muitos para a Vida no Plano mais Alto.

Ruth Paxson

Vida humana em três planos

A Bíblia é um espelho no qual o homem pode se ver como ele é. Qualquer pessoa que desejar uma fotografia verdadeira de si mesma poderá encontrá-la na Bíblia. Ela é o estúdio de Deus no qual será encontrada a fotografia de cada um dos Seus seres criados. Sua fotografia está lá. Ela foi tirada pelo Fotógrafo Divino, portanto ela é impecavelmente precisa. Você deseja ver *sua* fotografia?

O Espírito Santo, por meio do apóstolo Paulo, dividiu a raça humana em três grupos claramente distintos, e todos os membros da família humana, independentemente de raça ou herança natural, pertencem a um desses grupos. A descrição de Deus de cada um é tão precisa e verdadeira que toda pessoa poderá saber com certeza em qual classe ela está.

Esta classificação apresenta um estudo da vida humana em três planos: o mais baixo, o mais alto e o plano médio, ou o homem natural, o homem espiritual e o homem carnal.

Começaremos com o estudo da vida no plano mais baixo, que é

O HOMEM NATURAL

“Ora, o *homem natural* não aceita as coisas do Espírito de Deus, porque lhe são loucura; e não pode entendê-las, porque elas se discernem espiritualmente” (I Co 2:14).

“Vós, porém, não estais na carne, mas no Espírito, se, de fato, o Espírito de Deus habita em vós. E, se alguém não tem o Espírito de Cristo, esse tal não é dele” (Rm 8:9).

“Por outro lado, ninguém pode dizer: Senhor Jesus!, senão pelo Espírito Santo” (I Co 12:3 b).

“Respondeu-lhe Jesus: Eu sou o caminho, e a verdade, e a vida; ninguém vem ao Pai senão por mim” (Jo 14:6).

O homem natural é um cristão? Ninguém que não tenha um relacionamento correto com Deus pode ser chamado de cristão. Então o homem natural está corretamente relacionado com Deus? Para responder a nossa pergunta vamos começar com João 14:6 e voltar para I Coríntios 2:14.

Jesus disse que ninguém pode ter um relacionamento correto com Deus o Pai exceto através dEle mesmo. A Bíblia nos mostra com inconfundível clareza que para isso é necessário receber Jesus Cristo como Salvador e Senhor. Paulo

disse que ninguém pode verdadeiramente declarar Senhor Jesus, exceto “pelo Espírito Santo”, e que se o Espírito Santo não habita em alguém ele não pertence a Deus como uma propriedade dEle. **Somente o Espírito Santo** é quem conhece as coisas de Deus, as quais Ele deseja nos dar gratuitamente em Cristo. Mas I Coríntios 2:14 nos diz que o homem natural se recusa a receber as coisas do Espírito, pois elas parecem tolices para ele. Mais do que isso, ele não pode conhecê-las porque elas requerem uma mente espiritual para discernir verdades espirituais e **ele está sem o Espírito Santo**. **Portanto, está muito claro que o homem natural não tem um relacionamento correto com Deus**. Conseqüentemente, do ponto de vista de Deus, não importa a vida exemplar que ele possa viver no plano natural, ele não é um cristão.

A Atitude do Homem Natural para com Deus

Vamos estudar o que as Escrituras dizem sobre a atitude do homem natural para com Deus:

- Gálatas 4:8 - Ele não conhece a Deus. ✓
- ✕ Romanos 1:21 - Ele não tem gratidão para com Deus. ✓
- Romanos 3:11 - Ele não tem desejo de Deus. ✓
- I João 4:10 - Ele não tem amor por Deus. ✓
- João 3:18 - Ele não tem fé em Deus. ✓
- Romanos 3:18 - Ele não teme a Deus. ✓
- ✕ Romanos 1:21, 25 - Ele não adora a Deus. ✓
- II Timóteo 3:8 - Ele resiste à verdade. ✓
- I Coríntios 2:14 - Ele não recebe as coisas de Deus. ✓
- II Tessalonicenses 2:12 - Ele rejeita a verdade de Deus. ✓

- II Tessalonicenses 1:8 - Ele desobedece ao Evangelho de Deus. ✓
- Romanos 5:10 - Ele é inimigo de Deus. ✓

O Relacionamento do Homem Natural com Deus

A atitude do homem natural para com Deus determina seu relacionamento com Deus. Romanos 5:10 e Colossenses 1:21 tornam bastante claro que o homem natural é um franco e declarado inimigo de Deus. Esta atitude de sua parte determina o que deve ser o relacionamento de Deus com ele.

- Efésios 2:17 - Ele está distante de Deus.
- Romanos 3:19 - Ele é culpado diante de Deus.
- João 3:18 - Ele é condenado por Deus.
- João 3:36 - Ele está debaixo da ira de Deus.
- Efésios 4:18 - Ele está alienado da vida de Deus.
- Efésios 2:12 - Ele está sem Deus nesta vida.
- II Tessalonicenses 1:9 - Ele está sem Deus na vida vindoura.

A Condição do Homem Natural

O homem natural está sem o Senhor Jesus Cristo como seu Salvador, portanto ele vive exclusivamente e apenas para si mesmo. “O velho homem” é o centro da sua vida e possui indivisível controle sobre todo o seu ser. O ego domina seus pensamentos, afeições, linguagem, vontade e ações. Sua natureza é pecaminosa, portanto sua conduta é pecaminosa.

O homem natural está morto para Deus, mas vivo para o pecado, o ego e Satanás. Ele está sob o domínio do “príncipe da potestade do ar” e é escravo do pecado. Ele é um homem

perdido, indefeso e desesperado. A parte trágica disso é que “o deus deste século” cegou sua mente para que ele não compreenda a seriedade da sua condição e conseqüentemente não há poder interior nele mesmo para conhecer a Deus, para amar a Deus, para receber a Deus, nem mesmo para buscar a Deus. Seguramente este breve esboço do homem natural revela a vida vivida no plano mais baixo.

Vamos seguir no estudo da vida no plano mais alto, que é

O HOMEM ESPIRITUAL

“Porém o *homem espiritual* julga todas as coisas, mas ele mesmo não é julgado por ninguém” (I Co 2:15).

“*Irmãos, se alguém for surpreendido nalguma falta, vós, que sois espirituais, corrigi-o com espírito de brandura; e guarda-te para que não sejas também tentado*” (Gl 6:1).

O homem espiritual é a exata antítese do homem natural.

O Relacionamento do Homem Espiritual com Deus

O homem espiritual tem um correto relacionamento com Deus através da fé em Jesus Cristo. Esse relacionamento foi produzido pelo Espírito Santo, que o convenceu do pecado de não crer no caminho de Deus para a salvação e da necessidade de uma justiça que não seja a sua, se ele tiver sempre comunhão com um santo e justo Deus. Ele revelou Jesus Cristo para ele como Salvador do pecado e como o Salvador que *ele* precisa. O Espírito Santo trabalhou tanto sobre a mente, co-

ração e vontade do homem natural que ele foi convencido da verdade do Evangelho, convencido do pecado do seu coração, e o guiou para pôr a sua fé no Crucificado como seu Salvador, e então ele “nasceu do Espírito” no Reino de Deus.

O homem espiritual tem o Espírito Santo habitando nele, enchendo-o, guiando-o, ensinando-o, fortalecendo-o. Através do novo nascimento a própria vida de Deus, eterna e não criada, foi concedida a ele, e agora Jesus Cristo é a sua verdadeira vida [Cl 3.3].

O homem espiritual tem um tríplice relacionamento com Jesus Cristo, que é manifestado no seu caráter, na sua conversação e na sua conduta.

O homem espiritual *recebeu* Cristo como seu *Salvador*.

O homem espiritual *rendeu-se* a Cristo como seu *Senhor*.

O homem espiritual *apropriou-se* de Cristo como sua *Vida*.

Jesus Cristo e ele são um só assim como a videira e as varas são uma. Cristo é a suprema necessidade da sua vida e tem o lugar supremo em suas afeições. Cristo é tudo e em tudo para ele.

A Condição do Homem Espiritual

O homem espiritual, tendo recebido o crucificado, ressurreto, glorificado Cristo e Salvador, Senhor e Vida, vive sua vida inteiramente para Deus. Jesus Cristo é o centro da sua vida e tem controle total sobre todo o seu ser. Jesus Cristo domina seus pensamentos, afeições, linguajar, vontade e ações. Ele se tornou um participante da natureza de Deus, por isso existem duas naturezas no homem espiritual, mas a natureza divina é soberana.

O homem espiritual está habitualmente vivo para Deus e morto para o pecado e o ego. Ele é um servo de Deus e

alegremente, prazerosamente, reconhece e se submete ao Senhorio soberano de Jesus.

Jesus Cristo é intensamente real e precioso para o homem espiritual, e ele O considera, O ama, O serve, O adora e O louva. Esta condição não se deve a qualquer coisa dele mesmo, mas é verdadeira por causa da sua própria rendição sem reserva para a influência e operação do Espírito Santo, através de quem ele é habilitado para seguir, receber, amar e conhecer Cristo Jesus como seu Salvador e através de quem ele é preenchido com Sua vida. Seguramente este breve esboço do homem espiritual revela a vida vivida no plano mais alto.

Vamos seguir no estudo da vida no plano médio, que é

O HOMEM CARNAL

“Eu, porém, irmãos, não vos pude falar como a espirituais, e sim como a *carnais*, como a crianças em Cristo. Leite vos dei a beber, não vos dei alimento sólido; porque ainda não podíeis suportá-lo. Nem ainda agora podeis, porque *ainda sois carnis*. Porquanto, havendo entre vós ciúmes e contendas, não é assim que *sois carnis* e andais segundo o homem? Quando, pois, alguém diz: Eu sou de Paulo, e outro: Eu, de Apolo, não é evidente que *andais segundos homens*?” (I Co 3:1-4).

O homem carnal é um homem dividido, pertencendo a duas esferas.

O Relacionamento do Homem Carnal com Deus

O homem carnal é um cristão porque ele obteve filiação através da fé em Jesus Cristo como seu Salvador. Portanto ele

tem um correto relacionamento com Deus, **mas não entrou na possessão nem nos privilégios de um filho, e suas práticas não condizem com sua posição na família de Deus.**

O homem carnal tem o Espírito Santo habitando nele, mas Ele está constantemente sendo agravado e sufocado, e deste modo Ele tem poder interior e domínio restritos sobre a vida.

O homem carnal foi renovado através do novo nascimento, mas ele ainda é um “bebê em Cristo”. Ele se assenta na mesa do Senhor para partilhar da Sua abundância, mas não tem apetite nem capacidade para “alimento sólido”. Ele subsiste com “leite”. **Não é um homem maduro.** Ele realmente se tornou um com o Senhor Jesus, mas é um “adúltero” amando o mundo e cuidando muito mais do seu povo e prazeres do que de Jesus Cristo (Tg 4:4).

O homem carnal recebeu Cristo como seu Salvador, mas tem pouca ou nenhuma compreensão de uma vida de completa rendição e de plena apropriação de Jesus Cristo como seu Senhor e sua Vida. Ele sente uma necessidade de Cristo e deseja algum relacionamento com Ele, mas não está satisfeito nEle. Cristo tem um lugar em seu coração, mas não o de supremacia e preeminência.

A Condição do Homem Carnal

O homem carnal vive sua vida parcialmente para Deus e parcialmente para si mesmo. O Senhor Jesus está realmente no centro da sua vida, mas “o velho homem” geralmente está no trono. Há um controle dividido sobre a sua vida. Algumas vezes Cristo domina seus pensamentos, afeições, linguagem, desejos e ações, mas mais freqüentemente eles estão sob o domínio do ego. Duas naturezas estão lado a lado no homem

carnal, a divina e a carnal, e ele está sob a influência de ambas, mudando de acordo com sua entrega para uma ou para a outra. Ele está vivo para Deus espasmodicamente, mas também está vivo para o pecado, o ego e Satanás. Ele tenta viver em duas esferas, a celestial e a terrena – e falha em ambas.

O homem carnal está em uma condição miserável, e sua vida é sempre uma derrota ou desencorajamento, freqüentemente uma desesperança. Esta condição é devida à ignorância das coisas profundas de Deus, relutância em render-se sem reservas ao Senhor Jesus Cristo e incredulidade em apropriar-se de Cristo com todas as Suas graças e dons. Seguramente este breve esboço do homem carnal revela a vida vivida no plano médio (ver Diagrama 1).

Olhamos para o espelho de Deus. Você se viu? Estivemos no estúdio de Deus. Você viu sua fotografia? Vimos a vida humana em três planos. Em qual plano você está vivendo?

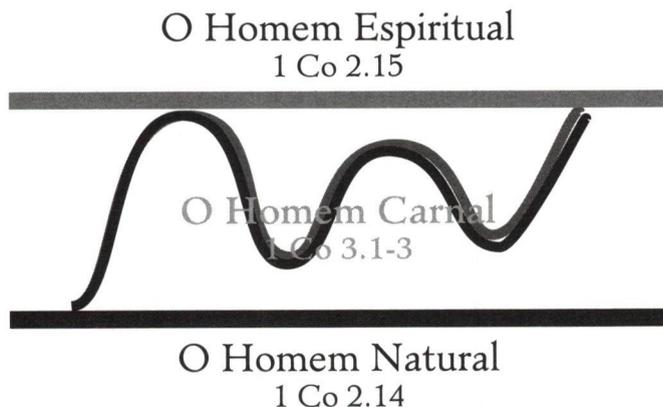


Diagrama 1
Vida nos três planos

*O primeiro homem
de Deus -
o primeiro Adão*

Quando observamos o dia-a-dia dos homens e mulheres vemos uma enorme diferença na qualidade das suas vidas. Imediatamente admitimos que as pessoas vivem em planos totalmente diferentes, e como consequência há uma considerável divergência em caráter e conduta. Devemos buscar a causa de tal disparidade. Qual ou de quem é a culpa?

Se reconhecemos Deus como o Criador de todas as coisas no Seu universo, então somos compelidos a pôr a responsabilidade de tal desigualdade tanto sobre Ele como sobre o homem. **Deve ser o resultado tanto da permissão de Deus como da escolha do homem.** Dizer que é devido a diferenças hereditárias, circunstâncias, ambiente ou oportunidades

das pessoas é pôr totalmente de lado a questão. Incontáveis pessoas têm se levantado das profundezas da miséria, analfabetismo, superstição, aflição e perseguição para a mais alta nobreza de caráter e conduta. Muitos têm caído da mais alta riqueza, educação, conforto, oportunidade e privilégio para a mais baixa profundidade do pecado e da vergonha. Sobre quem então poderia repousar a culpa por tal desigualdade na vida humana?

Será que Deus é responsável por isso? O único caminho justo para responder a esta questão é voltar para Seu próprio registro da criação e ler o que Ele diz sobre Seu primeiro homem, e determinar sobre que plano Ele pretendeu que o homem vivesse.

“Também disse Deus: *Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança; tenha ele domínio sobre os peixes do mar, sobre as aves dos céus, sobre os animais domésticos, sobre toda a terra e sobre todos os répteis que rastejam pela terra. Criou Deus, pois, o homem à sua imagem, à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou*” (Gn 1:26-27).

“Viu Deus tudo quanto fizera, e eis que *era muito bom. Houve tarde e manhã, o sexto dia*” (Gn 1:31).

Se a linguagem tem algum poder absoluto para expressar um pensamento, estas palavras claramente nos ensinam cinco coisas a respeito do primeiro homem de Deus:

- Que ele foi criado por Alguém que já existia.
- Que sua criação foi o resultado deliberado, direto, da vontade criativa de Deus.

- Que ele foi criado à imagem de Deus.
- Que ele foi declarado “muito bom”.
- Que a ele foi dado o domínio sobre toda a terra e constituído o cabeça de toda a criação terrestre.

DEUS CRIOU O HOMEM À SUA IMAGEM

O primeiro homem de Deus foi feito exatamente como Deus queria que todo homem fosse. Ele foi feito mediante um padrão. O primeiro homem veio diretamente das próprias mãos de Deus e trouxe uma imagem exata do seu Criador. “A idéia original da palavra em Hebreus [1.3, 4] traduzida como ‘imagem’ é a de *sombra*.” Então o primeiro homem de Deus era a sombra de Deus. Ele era semelhante a Deus. Mas em relação a quê?

Para responder a esta pergunta somos forçados a fazer outra. “O que era semelhante a Deus?” “Criou Deus o *homem*.” A declaração é feita sem nenhuma explicação prévia do próprio Deus; Ele aparece sobre as primeiras páginas da revelação como um Ser agindo independentemente na criação do universo e do homem sem explicação de Si mesmo e sem absoluta referência à Sua origem.

“Quem então criou Deus?” Como muitas mães tiveram de responder a esta pergunta! É, do mesmo modo, a primeira e maior questão que enfrenta o filósofo quando estuda os segredos do universo. Ao responder a esta questão corretamente a pessoa dá seu primeiro passo para conhecer quem é Deus.

As Escrituras dão para os homens e mulheres de fé uma resposta absolutamente satisfatória e final em palavras simples, mas sublimes: “No princípio Deus”. Deus nunca se tornou, pois Ele sempre foi. Deus é o grande “Eu Sou”. “Disse Deus a Moisés: Eu Sou o que sou. Disse mais: Assim

dirás aos filhos de Israel: Eu Sou me enviou a vós outros” (Êx 3:14). Deus não tem começo e não terá fim. De eternidade a eternidade Ele é Deus. “Pois em ti está o manancial da vida” (Sl 36:9). “Porque assim como o Pai tem vida em si mesmo, também concedeu ao Filho ter vida em si mesmo” (Jo 5:26). Deus é o Não-Criado, o Sempre Existente. Ele é o Eterno, o Infinito. Ele é o início de todos os inícios.

Isso, portanto, é o que Deus é. Mas se isso é o que Deus é, então em que aspecto o primeiro homem de Deus poderia ser considerado semelhante a Ele? Vamos continuar nesta nossa busca por um entendimento desta grande verdade. Embora Deus nunca explique a Si mesmo nas Escrituras, Ele revela a Si mesmo. Ele quer que o homem conheça quem e o que Ele é, pois se nós não tivermos este conhecimento nunca saberemos a intenção original de Deus para o homem, que foi feito à Sua imagem.

Vamos voltar para os primeiros 25 versículos do capítulo de abertura da Palavra de Deus e ver se encontramos alguma revelação dEle mesmo que traga luz sobre o tipo de semelhança que o primeiro homem traz de Deus. Lemos:

“Deus disse...”	“Deus fez...”
“Deus viu...”	“Deus pôs...”
“Deus dividiu...”	“Deus criou...”
“Deus chamou...”	“Deus abençoou...”

Cada uma dessas frases registra alguma coisa que Deus fez. **A ação externa é a expressão do ser interior.** O que alguém faz revela o que é.

- “Deus disse”, portanto Deus deve ter pensado.
- “Deus abençoou” portanto Deus deve ter amado.
- “Deus criou” portanto Deus deve ter desejado.

Gênesis 1:1-25 revela personalidade. Deus é uma Pessoa. Ele é uma Pessoa que pensa, ama e deseja.

Agora nós descobrimos duas coisas sobre Deus. Aprendemos que Deus é o Não-Criado, o Eterno, o Infinito, o Manancial da vida. E aprendemos que Ele é uma Pessoa que pensa, ama e deseja. A dedução que devemos fazer dessas duas coisas reveladas é que Deus é uma Pessoa que pensa, ama e deseja no plano não-criado, ilimitado, eterno da Vida divina.

Agora estamos prontos para responder à pergunta: “Em que aspecto o primeiro homem de Deus era como Deus?” Talvez devêssemos clarear nossos pensamentos sobre um ponto fundamental dizendo primeiro em que aspecto o primeiro homem de Deus não era como Ele.

“Então, *formou o SENHOR Deus ao homem do pó da terra e lhe soprou nas narinas o fôlego de vida, e o homem passou a ser alma vivente*” (Gn 2:7).

“O primeiro homem, formado da terra, é terreno; o segundo homem é do céu” (I Co 15:47).

Deus é o Criador do homem. O homem *passou a ser alma vivente*. O homem foi formado do pó da terra. Ele é da terra, terreno. Poderá ser claramente visto nestes versículos que Deus e Adão não eram seres de uma mesma ordem nem viviam no mesmo plano de vida.

Deus é *não-criado*, o homem é *criado*. Deus é *infinito*, o homem é *finito*. Deus é *celestial*, o homem é *terreno*. Deus é *divino*, o homem é *humano*. Entre o que Deus é na sua não-criada, essencial, divina existência e o que o homem é em sua criada, finita, humana existência há um abismo absolutamente intransponível. Deus não é super-homem, e o homem não é Deus inferior.

Em que aspecto então o primeiro homem de Deus era semelhante a Deus? No que o homem era a sombra de Deus? Era no maravilhoso dom da personalidade. O homem é uma pessoa como Deus é uma pessoa. Vamos investigar esta igualdade nos próximos capítulos de Gênesis.

Como uma pessoa Deus pensa e expressa seu pensamento em palavras revelando assim a verdade de que a inteligência é inerente à personalidade.

“Havendo, pois, o SENHOR Deus formado da terra todos os animais do campo e todas as aves dos céus, trouxe-os ao homem, para ver como este lhes chamaria; e o nome que o homem desse a todos os seres viventes, esse seria o nome deles. Deu nome o homem a todos os animais domésticos, às aves dos céus e a todos os animais selváticos; para o homem, todavia, não se achava uma auxiliadora que lhe fosse idônea” (Gn 2:19, 20).

Adão foi criado com o poder de pensar e expressar pensamentos com palavras. Adão tinha inteligência.

Como uma pessoa Deus amou e expressou Seu amor abençoando, revelando assim a verdade de que a emoção é inerente à personalidade. Deus fez Adão à Sua imagem.

“Disse mais o SENHOR Deus: Não é bom que o homem esteja só; far-lhe-ei uma auxiliadora que lhe seja idônea” (Gn 2:18).

Deus deu Eva a Adão para ser sua esposa e disse: “Por isso, deixa o homem pai e mãe e se une à sua mulher, tornando-se os dois uma só carne” (Gn 2:24).

Adão foi criado com poder para amar e expressar seu amor em fidelidade. Adão tinha emoção.

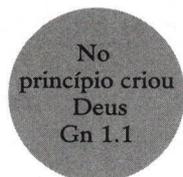
Como uma pessoa Deus desejava e expressava Seu desejo em ações revelando assim a verdade de que a vontade é inerente à personalidade. Deus fez Adão à Sua imagem.

“Vendo a mulher que a árvore era boa para se comer, agradável aos olhos e árvore desejável para dar entendimento, tomou-lhe do fruto e comeu e deu também ao marido, e ele comeu” (Gn 3:6).

Adão foi criado com o poder para exercer sua vontade e expressar essa vontade na escolha. Adão tinha volição.

O primeiro homem de Deus foi feito à imagem de Deus no sentido de ter uma personalidade moldada por Deus com poder para pensar, amar e desejar; mas com esta diferença: que Deus pensava, amava e desejava no plano não-criado, ilimitado, eterno da vida divina, enquanto Adão pensava, amava e desejava no plano criado, limitado, finito da vida humana. A vida intelectual, emocional e volitiva do primeiro homem de Deus era perfeita dentro de uma esfera limitada. Abaixo e acima disso estava a perfeição da personalidade de Deus dentro de uma esfera ilimitada (ver Diagrama 2).

O Deus Triuno



Vida não-criada

Primeiro Homem Adão



Vida criada

Diagrama 2

Vida não-criada e vida criada

A semelhança que o primeiro homem trazia de Deus pela igualdade na personalidade tornou possível a comunhão e a cooperação entre eles, enquanto a diferença de planos nos quais cada um vivia determinava a base do seu relacionamento. Deus era o Criador, Adão era a criatura. Deus era o Soberano, Adão era o súdito. Isso também definiu os limites da vida intelectual, emocional e volitiva de Adão; tudo deve estar dentro do domínio da soberania divina. A soberania de Deus expressa em Sua vontade divina era para ser a circunferência da vida humana de Adão. **Liberdade ilimitada no pensar, amar e desejar foram dados a ele. Mas uma condição tinha de ser satisfeita. Ele deveria pensar, amar e desejar dentro do círculo da vontade de Deus.**

Tal limitação não tinha o propósito de fazer de Deus um déspota glorificado: um Soberano que rege arbitrariamente sem pensar no bem-estar do Seu súdito. Ao contrário, a limitação era inteiramente beneficente. Tinha puramente o propósito de guardar o homem somente na esfera onde ele poderia permanecer perfeito, na qual ele poderia entrar na total e mais completa realização da possibilidade do seu ser, na qual, de fato, ele poderia permanecer em comunhão e cooperação com Deus.

Toda a Bíblia nos mostra que Deus pretendia que o homem se tornasse muito mais do que podemos vê-lo ser no primeiro homem não caído do Éden. **Adão foi feito à imagem de Deus mais a capacidade para filiação.** “O homem, como originalmente criado, não foi somente a imagem de Deus, mas também foi feito para viver em união com Deus, para que então toda sua limitação pudesse encontrar seu complemento na vida ilimitada do Eterno. É um grande erro imaginar que o homem, depois de criado, foi colocado em alguma posição onde ele deveria se levantar ou cair, de acordo com a capa-

cidade da sua própria personalidade. É melhor lembrar que ele foi criado à imagem de Deus, e então colocado em uma posição probatória através da qual ele teria de passar ileso para alguma grande forma de existência, se sua vida fosse vivida em união com Deus, que o tinha criado. No entanto, se ele escolhesse uma existência separada, e cortasse a si mesmo da união, nesse momento ele cairia.”¹

O que o primeiro homem de Deus deveria fazer? Ele deveria aceitar a limitação e viver sua vida em união com Deus, satisfeito em se deixar guardar dentro do círculo da vontade de Deus, ou deveria exercitar sua vontade na escolha contrária à vontade de Deus e então cortar-se a si mesmo da vida de Deus? Havia somente um meio de saber – por meio de um teste. Deus fez o teste.

“E plantou o SENHOR Deus um jardim no Éden, na direção do Oriente, e pôs nele o homem que havia formado. Do solo fez o SENHOR Deus brotar toda sorte de árvores agradáveis à vista e boas para alimento; e também a árvore da vida no meio do jardim e a árvore do conhecimento do bem e do mal” (Gn 2:8, 9).

“E o SENHOR Deus lhe deu esta ordem: De toda árvore do jardim comerás livremente, mas da árvore do conhecimento do bem e do mal não comerás; porque, no dia em que dela comeres, certamente morrerás” (Gn 2:16, 17).

“De toda árvore do jardim comerás livremente” – liberdade ilimitada de escolha dentro da vontade de Deus. “Mas da

¹ G. Campbell Morgan, *The Crises of the Christ* (A Crise de Cristo), p. 28. (Esta obra será publicada em breve por esta editora. N. do E.)

“árvore do conhecimento do bem e do mal não comerás”
– delimitação da escolha limitada pela vontade de Deus.

“E o SENHOR Deus lhe deu esta ordem: não...”. Aqui estava a Grande Divisão. Aqui estava a linha divisória entre a soberania do Criador e a sujeição da criatura. Tudo de um lado está dentro do círculo da vontade de Deus; tudo do outro lado estava fora do círculo da vontade de Deus. Tudo de um lado significava união com Deus; tudo do outro lado significava separação de Deus. Tudo de um lado significava **vida**; tudo do outro lado significava **morte**. Deus fez o teste. Adão tinha de fazer a escolha. Deus deu o mandamento. Adão poderia obedecer ou desobedecer.

Justamente aqui precisamos fazer uma pausa para ir mais a fundo no estudo da personalidade de Adão para ver se havia algo no seu interior que o impediria ou o ajudaria a fazer sua escolha. Deus fez Adão para que ele pudesse desejar viver totalmente dentro do círculo da Sua vontade e ter sempre a outra parte do seu ser em simpatia ativa com essa decisão? Na própria constituição do ser de Adão Deus colocou algo que poderia favorecer e nutrir uma completa e contínua obediência?

As Escrituras não dizem muito sobre a natureza tripla do homem, mas o que elas dizem é muito esclarecedor e indubitável. Ela nos diz como o homem veio a ser e o que ele é agora.

“Então, formou o SENHOR Deus ao homem do pó da terra e lhe soprou nas narinas o fôlego de vida, e o homem passou a ser alma vivente” (Gn 2:7).

As Escrituras nomeiam para nós as partes componentes do homem da maneira como ele foi criado por Deus.

“O mesmo Deus da paz vos santifique em tudo; e o vosso *espírito*, *alma* e *corpo* sejam conservados íntegros e irrepreensíveis na vinda de nosso Senhor Jesus Cristo” (I Ts 5:23).

Em Gênesis 2:7 Deus nos dá a ordem divina na criação das partes componentes do homem.

A Formação do Corpo Humano

“Então, formou o SENHOR Deus ao homem do pó da terra.” “O primeiro homem, formado da terra, é terreno.” A terra era para ser o lugar de residência do homem. A fim de que ele se comunicasse com o mundo externo no qual residia, o corpo do homem foi formado da terra e então equipado com cinco sentidos: visão, audição, paladar, tato e olfato. Por causa da sua conexão com a terra, o corpo é a parte mais inferior do homem, ainda que ele tenha o grande privilégio de ser a casa do espírito e de ser seu único canal para o mundo sensível. O corpo é a cidade de refúgio da personalidade humana.

A Emissão do Espírito Humano

“E lhe soprou nas narinas o fôlego de vida.” O Oleiro divino formou a estrutura humana e então soprou nela o fôlego de vida. O princípio desta vida que veio como uma emissão direta de Deus tornou-se o espírito humano. Alguém adequadamente disse: “O homem é pó soprado pela Deidade”.

O próprio Deus define o espírito humano nestas palavras: “O espírito do homem é a lâmpada do SENHOR, a qual esquadrinha todo o mais íntimo do corpo” (Pv 20:27). **O espírito é a parte mais elevada do ser humano. É a obra-prima**

de Deus na criação humana. É a parte do homem que tem relacionamento com o invisível, o mundo espiritual, que tem comunhão com Deus. Através do espírito o homem apreende, ama e adora Deus.

O Dr. A. T. Pierson disse: “O espírito recebe impressões do exterior e das coisas materiais através da alma e do corpo, mas ele mesmo pertence a um nível e domínio mais alto e está capacitado a um conhecimento direto de Deus por causa da relação com seus próprios sentidos e faculdades elevados. No seu estágio anterior à queda ele era como um elevado observatório com um panorama de um firmamento celestial”.² O espírito é a cidade principal da personalidade humana.

A Criação da Alma Humana

“E o homem passou a ser alma vivente.” Acima do corpo e abaixo do espírito fica a alma, o intermediário entre eles. Tem-se dito que em seu relacionamento com o corpo e sentidos corporais ela dever ser semelhante à câmara escura do fotógrafo. As impressões relativas ao mundo exterior recebidas dos sentidos são reunidas e conduzidas para esta câmara escura onde são reveladas em distintas expressões de pensamento, emoção e vontade.

Em seu relacionamento com o espírito e o mundo espiritual a alma deve ser assemelhada ao tribunal de julgamento. A evidência a respeito de Deus e das realidades espirituais, a qual o espírito encontra em sua busca no reino espiritual, é trazida para o tribunal da alma e então é aceita ou rejeitada.

² A. T. Pierson, *The Bible and Spiritual Life* (A Bíblia e a Vida Espiritual), p. 116.

O homem, então, é uma trindade; espírito, alma e corpo são as partes integrantes do seu ser trino. Na constituição do primeiro homem de Deus dois elementos independentes foram usados: o corporal e o espiritual, o material e o imaterial. Ambos eram essenciais porque o homem tinha de se relacionar com dois mundos: o visível e o invisível, o material e o espiritual. Ele foi feito primeiramente para Deus e para ter comunicação com Deus precisava ter um espírito capacitado para a comunhão e o relacionamento com o Espírito divino. Mas o homem foi colocado no universo material de Deus para poder ter relacionamento tangível com o mundo exterior das pessoas e coisas. Para isso ele deve ter um corpo capacitado para esse contato e comunicação. O homem deveria estar em perfeito, contínuo contato com a terra e o céu, com o eterno e o temporal, com o espiritual e o material.

Quando Deus colocou o espírito dentro do corpo, sua casa na terra, a união deles produziu uma terceira parte, e o homem se tornou uma alma vivente. A alma que une espírito e corpo deu ao homem individualidade, que foi a causa da sua existência como um ser distinto. A alma, consistindo de inteligência, emoção e vontade, tornou-se a parte central, a sede, por assim dizer, da existência do homem.

A alma atuava como o intermediário entre o espírito e o corpo; ela era o vínculo que os unia e o canal através do qual eles atuavam um sobre o outro. A alma então ficava a meio caminho entre dois mundos: através do corpo ela estava ligada ao visível, material e terreno; através do espírito ela ficava ligada ao invisível, espiritual e celestial. A ela foi dado o poder para determinar qual mundo poderia dominar o homem.

A grande importância deste tema na sua relação com as lições posteriores e o desejo intenso de que cada leitor possa ter um entendimento claro disso levou-me a citar parte do

livro de Andrew Murray, *The Spirit of Christ* (O Espírito de Cristo)³:

“O Espírito, ativando o corpo, fez do homem uma alma vivente, uma pessoa viva com consciência de si mesma. A alma era o lugar de encontro, o ponto de união entre corpo e espírito. Através do corpo, o homem, a alma vivente, estava relacionado com o mundo sensível exterior; podia influenciá-lo ou ser influenciado por ele. Através do espírito ele estava relacionado com o mundo espiritual e o Espírito de Deus, de onde ele teve sua origem; podia ser o recipiente e o ministro da sua vida e poder. Estando assim a meio caminho entre dois mundos, pertencendo a ambos, a alma tinha poder de determinar, escolher ou refugar os objetos que a circundavam e com os quais ela tinha relacionamento.

Na constituição destas três partes do homem natural o espírito, ligando-o com o Divino, era o mais elevado; o corpo, conectando-o com o sensível e animal, o mais baixo; intermediando estava a alma, parceira da natureza das outras, o elo que as une, e através da qual elas podem atuar uma com a outra. Como poder central seu trabalho era o de mantê-las na relação devida; manter o corpo, como o mais baixo, em sujeição ao espírito; ela mesma receber, através do espírito, como o mais elevado, do Espírito Divino o que estava esperando para sua perfeição; e passar até mesmo para o corpo, pelo qual ela pode ser participante da perfeição do Espírito, e tornar-se um corpo espiritual.

Os maravilhosos dons com os quais a alma estava dotada, especialmente aqueles do conhecimento e autodeterminação, ou mente e vontade, não passavam de molde ou vaso no qual a vida do Espírito, a substância real e a verdadeira

³ Este livro sera publicado em breve por esta editora (N. do E.).

vida Divina, deveria ser recebida e assimilada. Eles eram uma capacidade dada por Deus para fazer do conhecimento e da vontade de Deus sua propriedade. Fazendo isso a vida pessoal da alma teria se tornado cheia e possuída pela vida do Espírito, todo o homem teria se tornado espiritual.

Para compreender tudo o que foi dito, o espírito é o lugar da nossa consciência de Deus; a alma o lugar da nossa própria consciência; o corpo o lugar da nossa consciência do mundo. No espírito habita Deus; na alma o eu, e no corpo o sentido”.

De tudo isso está claro que a intenção original de Deus era que somente o espírito humano, através do qual o homem pode se relacionar com o Espírito de Deus e com o mundo espiritual, pudesse ser o elemento dominante na personalidade humana. O espírito deveria ser o soberano, e quanto mais ele permanecesse assim todo o ser permaneceria espiritual.

Mas enquanto o espírito humano deveria ser soberano no âmbito da personalidade humana, com a alma e o corpo rendidos ao seu domínio, ainda assim ele estava, por sua vez, sujeito a um poder mais elevado. O Dr. A. T. Pierson disse: “Uma lição óbvia na psicologia bíblica é a de que Deus evidentemente projetou o homem para que o espírito humano, habitado e dominado pelo Espírito Santo, mantivesse o homem em constante contato com Ele mesmo, e mantivesse em todas as coisas sua correta preeminência, dominando a alma e o corpo”⁴ (ver Diagrama 3).

Desta maneira vemos que o espírito humano deveria ser um soberano debaixo de um Soberano. Também deveria ser intermediário entre o eterno e o temporal, o celestial e o terreno. O espírito tinha suas janelas abertas para a direção celestial, a direção de Deus, e através da percepção espiritual, discernimento e visão estaria constantemente recebendo im-

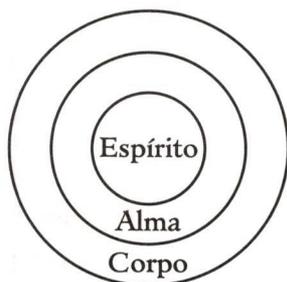
⁴ Op. cit., p. 123.

pressões espirituais, que deveriam ser enviadas para o exterior através da alma para o corpo. O espírito, através de uma contínua comunhão com o Espírito Santo, deveria ser um canal através do qual todo o ser do primeiro homem de Deus pudesse estar ligado à vida de Deus e então ser formado e preservado como ser espiritual.

Este breve estudo da natureza trina do primeiro homem de Deus, Adão, nos mostra que a sua personalidade humana era assim constituída para que ele pudesse sempre pensar, amar e desejar dentro do círculo da vontade de Deus. Ele poderia escolher viver debaixo da autoridade do seu Soberano divino. Não havia nada dentro dele para impedir a perfeita obediência à vontade de Deus.

Resta uma outra questão para ser respondida. Havia alguma coisa fora da sua vida para atrapalhar? O ambiente de Adão era conducente para a completa e contínua obediência à vontade de Deus?

O Adão sem pecado



“Muito Bom”

Gn 1.31

Diagrama 3

O Adão sem pecado

Deus colocou Seu homem perfeito em um ambiente perfeito. A imagem do jardim do Éden dada em Gênesis é a de um lugar no qual havia satisfação e suficiência para todas as necessidades do espírito, alma e corpo do homem. O Criador Se responsabilizou por encontrar generosamente todas as necessidades da Sua criatura. Até mesmo a breve explicação dada sobre a vida de Adão no Éden revela um perfeito ajuste com seu ambiente. A justiça dominava; portanto, resultava a paz. Não havia nada no seu ambiente para atrapalhar a perfeita obediência à vontade de Deus.

Deus não apenas colocou este homem perfeito em um ambiente perfeito, mas Seu próprio relacionamento com Adão era perfeito. Era um relacionamento tanto de comunhão como de cooperação.

Adão tinha comunhão com Deus. O homem foi feito para Deus. Há uma ampla autoridade nas Escrituras para esta afirmação em passagens como estas: Isaías 43:7, 21; Colossenses 1:16; Apocalipse 4:11.

O fato de o homem ter sido feito à imagem de Deus em sua vida intelectual, moral e volitiva mostra que Deus desejava comunhão com ele e o fez com capacidade para tal comunhão que não foi dada a nenhuma outra das Suas criaturas. As belas palavras em Gênesis 3:8, “quando ouviram a voz do SENHOR Deus, que andava no jardim pela viração do dia”, revelam Deus tomando a iniciativa em procurar a comunhão e camaradagem com Adão e Eva. Assim, o primeiro homem de Deus andou e conversou com Deus de amigo para amigo; ele estava apto para conhecer e desfrutar de Deus como uma pessoa com quem ele tinha algo em comum; ele estava em harmonia interior, espiritual com Deus.

O primeiro homem de Deus também cooperava com Deus nas Suas atividades governamentais. Adão era o vice-regente de Deus sobre todos os Seus trabalhos: ele era o instrumento executivo por nomeação divina para completar o desígnio divino. Deus fez de Adão Seu representante como um monarca visível de todas as coisas vivas. “Dominai sobre os peixes do mar, sobre as aves dos céus e sobre todo animal que rasteja pela terra” (Gn 1:27). Dentro da sua própria esfera ele foi feito soberano, subordinado somente a Deus.

Ainda há algo a ser dito a respeito do primeiro homem de Deus. Adão não era apenas um indivíduo, **mas era o governo central da raça humana**. Deus fez Seu primeiro homem o cabeça e representante do homem. O Bispo H. C. G. Moule⁵, em seu *Outline of Christian Doctrine* (Esboço da Doutrina Cristã), diz:

“Adão era um indivíduo verdadeiro, tão verdadeiro quanto Abel. Mas, diferentemente de seu filho, ele era, o que somente um outro Ser sempre foi, o Cabeça inteligente, moral de uma raça inteligente, moral; não somente o primeiro espécime de uma Natureza criada novamente, mas, de certa forma, a Primavera daquela natureza para sua posteridade, de modo que nele não somente o indivíduo, mas a raça humana poderia, em alguns aspectos muito importantes, ser tratada”.⁶

⁵ Você encontrará uma nota sobre a vida do Bispo H. C. G. Moule na obra *A Cruz: o Caminho para o Reino*, de Jessie Penn-Lewis, pp. 39 e 40, publicada por esta editora (N. do E.).

⁶ p. 168.

Adão, por nomeação de Deus, era a fonte da vida humana de toda a humanidade: o **cabeça da família humana**. Ele era o primeiro homem representante de Deus. Através dele Deus estabeleceu na criação a união com toda a raça humana. Então ele mandou Adão ser frutífero e se multiplicar.

O primeiro homem de Deus era perfeito; ele foi colocado em um meio ambiente perfeito e tinha uma comunhão perfeita com Deus. Reinava harmonia em seu interior, em todos os seus relacionamentos, tanto com as criaturas inferiores abaixo dele como com o soberano Criador acima dele. Havia todas as coisas dentro e fora da sua vida para promover a completa submissão à soberania de Deus e perfeita obediência a Sua vontade. Estaria ele satisfeito em permanecer um soberano sob um Soberano? Escolheria ele viver continuamente dentro do círculo da vontade de Deus? Permaneceria toda a sua personalidade debaixo do controle do Espírito divino e então manteria sua vida no plano espiritual? Se assim fosse, então através deste primeiro homem, feito à Sua própria imagem e controlado pelo Seu Espírito divino, Deus poderia povoar a terra com seres que poderiam também levar Sua semelhança, render-se à Sua soberania, servi-Lo com fertilidade e conviver em justiça e paz.

G. Campbell Morgan⁷, em *The Crises of the Christ* (A Crise de Cristo)⁸, expõe a posição de Adão perante Deus no seguinte parágrafo:

“A vontade finita está para ser testada, e ela resistirá ou cairá na medida em que ela se submete ou se rebela con-

⁷ O leitor poderá encontrar uma biografia desse autor no volume 2 desta obra, a ser publicada (N. do E.).

⁸ Este clássico será publicado em breve por esta editora (N. do E.).

tra a Vontade Infinita do Infinito Deus. Assim, o homem não-caído foi um ser criado à imagem e semelhança de Deus, vivendo em união com Deus, cooperando ativamente com Deus, tendo o ponto de limitação do seu ser marcado por um simples e definido mandamento dado sobre ele, promessas graciosas atraindo-o para aquilo que era elevado, de um lado, e uma sentença solene animando-o para aquilo que era o mais baixo, de outro. Ele era um soberano debaixo de um Soberano, independente, mas dependente. Ele tinha o direito da vontade, mas isso só poderia ser exercitado em perpétua submissão à elevada vontade de Deus”.⁹

“E o SENHOR Deus lhe deu esta ordem: ... da árvore do conhecimento do bem e do mal *não comerás*” (Gn 2:16,17).

⁹ p. 32.

*Vida no plano
mais baixo -
a entrada do pecado
no homem*

Deve ser evidente para toda pessoa atenta que a intenção de Deus para o homem é a vida no plano espiritual. No primeiro homem de Deus o Espírito divino tinha relacionamento direto com o espírito humano, e através dele como um canal podia então controlar todo o ser para torná-lo e mantê-lo espiritual.

→ Aquilo que era a intenção de Deus para Seu primeiro homem era também Seu propósito para toda a humanidade.

Mas a franqueza nos compele a admitir que hoje a esmagadora maioria da raça humana está vivendo no plano

mais baixo da vida – que é a do homem natural. Em todas as partes do mundo vemos homens desajustados com Deus, com seu semelhante e com si mesmos. Ódio, guerra, descontentamento, inquietude, crime, ilegalidade, anarquia predominam.

Qual é então a razão por tão terrível e trágica queda? A criação humana de Deus foi um fracasso colossal? Deus iniciaria algo que Ele não poderia executar? Ou precisamos encontrar uma razão para a presente condição da humanidade em algo fora de Deus? A Bíblia nos diz de que maneira o que Deus criou sem pecado e declarou “muito bom” se tornou pecaminoso e foi denunciado por Ele como “mau”? Um estudo bíblico da história do homem natural dá uma clara e completa explicação.

A CONDIÇÃO DO HOMEM NATURAL

“...naquele tempo, estáveis *sem Cristo*, separados da comunidade de Israel e estranhos às alianças da promessa, *não tendo esperança e sem Deus* no mundo” (Ef 2:12).

O apóstolo Paulo escreve para aqueles da igreja de Éfeso que estavam vivendo no plano espiritual, mas anteriormente tinham vivido no plano natural. “Naquele tempo” – quando você estava vivendo no plano mais baixo – “você estava sem Deus, sem Cristo e sem esperança.”

“E o testemunho é este: que Deus nos deu a vida eterna; e esta vida está no seu Filho. Aquele que tem o Filho tem a vida; aquele que não tem o Filho de Deus não tem a vida” (I Jo 5:11, 12).

A vida eterna está em Jesus Cristo, o Filho de Deus. Mas Efésios 2:12 diz que o homem natural esta “**sem Cristo,**” portanto **ele não deve ter vida eterna.** Deus oferece para todo homem o dom da vida eterna, a qual o homem tem poder para receber ou recusar. Recebê-la é abrir o caminho para o plano mais alto, o do homem espiritual; recusá-la é viver no plano mais baixo da vida, o do homem natural.

“Ele vos deu vida, *estando vós mortos nos vossos delitos e pecados*” (Ef 2:1).

O homem natural recusa o dom da vida eterna, por isso ele está “morto”. Toda pessoa que não recebeu do Pai o dom da vida eterna outorgada a ele em Cristo Jesus, o Filho, é descrito por Deus como “morto”.

Talvez o leitor pense imediatamente em algum parente ou amigo não-salvo que parece ter vida abundante, e ele contestará, negará, até mesmo o ressentir-se com esta declaração tem relação com sua condição. Esta pessoa pode ser um espécime com força e energia física. Ele pode ser um gigante intelectual, talvez um refinado estudante clássico, abundante em sabedoria e conhecimento do mundo. Ele pode ser um modelo de moralidade, vivendo sua vida pessoal, familiar e cívica no plano mais alto. Ele pode ser até mesmo religioso, assistindo ocasionalmente culto divino e contribuindo para a manutenção da igreja ou templo. Certamente a descrição de Deus do homem natural não cabe a ele pois ele é abundante em vida! Como pode ser tal homem descrito como “morto”? Nele parece haver abundância de vida em todo seu ser.

Mas deixe ser feito um teste em relação a seu espírito. Vimos que o espírito humano é o assento da consciência de Deus e que o no primeiro homem de Deus havia um direto e vital relacionamento entre o Espírito divino de Deus e o

espírito humano de Adão. O primeiro homem de Deus foi suscetível a Deus em comunhão e cooperação. Um homem espiritual se deleita em ser suscetível a toda ilimitada graça e amor de Deus para com ele. Seu amigo não salvo é *suscetível a Deus?*

Converse com ele sobre Deus e as coisas espirituais, e sua linguagem simples será estranha e ininteligível para ele, isto sem contar a verdade que você está tentando transmitir. Convide-o para ir à casa de Deus, e ele francamente lhe dirá que prefere o clube, o cinema ou as reuniões do sindicato. Dê-lhe uma Bíblia para ler, e ela parecerá insuportavelmente estúpida e insípida para ele e sem medida de comparação com o jornal ou o romance da moda. Convide-o para gastar uma tarde em sua casa em companhia do povo de Deus, e ele estará terrivelmente aborrecido e deslocado, não sabendo como agir ou o que dizer, e ansiando pela hora de ir embora. Fale com ele das suas necessidades espirituais, explique a ele sua condição e perigo, inste-o a receber Cristo como seu Salvador pessoal e aliar-se abertamente com o povo de Deus, e ele zombará da idéia ou se ressentirá.

Alguma coisa em algum lugar parece estar errada com o homem. Algo está errado com ele na área do seu espírito, pois não há resposta a tudo que é de Deus. Aparentemente não há consciência de Deus. Não há senso de necessidade de Deus; não há desejo por Deus. Algo dentro do homem está morto. Reina a morte no seu espírito.

ADÃO, A PORTA DE ENTRADA DO PECADO NA RAÇA HUMANA

Deus é o Autor de toda vida, e depois da Sua criação de todas as coisas vivas "*viu Deus tudo quanto fizera, e eis que era muito bom*" (Gn 1:31). Mas hoje a morte reina em todo lugar.

Nenhum ser vivo está isento do seu contato ou do seu toque. Há ruínas em todos os lugares. Certamente Deus não é o autor da morte. Então de onde ela veio? Deus não nos deixou em trevas nesta questão, mas em linguagem suficientemente simples para uma criança entender. Ele disse como a morte entrou no mundo das coisas vivas.

“Portanto, assim como por um só homem entrou o pecado no mundo, e pelo pecado, a morte, assim também a morte passou a todos os homens, porque todos pecaram”
(Rm 5:12).

Isto ensina claramente que a morte é um resultado, e o pecado é a causa. A morte veio por causa do pecado.

Mas como o pecado entrou no mundo? O *pecado entrou por um homem*. Então a responsabilidade pela entrada do pecado e da morte em Seu belo mundo não pode ser colocada sobre Deus, pois nas Suas próprias palavras Ele absolutamente Se absolve de tal encargo.

Mas quem seria o homem através do qual foi feita tão terrível devastação, tão horrível desastre para toda a raça humana? Deus nunca deixou uma alma honesta, autenticamente solícita, sem uma resposta satisfatória. Em Romanos 5:12 Deus diz claramente que toda a humanidade estava envolvida no desastre causado pelo pecado de um homem, assim ele deve ter sido um homem representativo, alguém em quem a raça humana estava latente. O contexto de Romanos 5:13-23 põe em acentuado contraste pecado e morte, salvação e vida, e analisa cada um na sua fonte em somente dois homens representativos de toda a história: Adão e Cristo. Um estudo desta passagem claramente revela que por meio de Adão, o primeiro homem de Deus, veio o pecado e a morte, e por

meio de Cristo, o segundo homem de Deus, veio a salvação e a vida.

Mas se alguém tem alguma questão em sua mente relativa a esta passagem Deus explica o caso evidente e inequivocamente:

{ “Porque, assim como, *em Adão, todos morrem*, assim também todos serão vivificados em Cristo” (I Co 15:22).

Adão é o homem por meio do qual o pecado entrou na raça humana. A consequência do pecado foi a morte. Mas vimos anteriormente que Adão foi criado sem pecado e que ele foi colocado em um ambiente e desfrutou de uma comunhão com Deus, e ambos conduziam a uma continuidade desse estado de inocência e comunhão.

Deste modo a própria questão conduz alguém a perguntar: “Como o pecado poderia entrar em tal homem com sua maldição maligna? Como a tragédia da morte atuou naquele belo jardim?” A história é contada no segundo e no terceiro capítulo de Gênesis. Esta porção da Palavra de Deus espiritualmente apreendida e humildemente aceita dá uma resposta que satisfaz todo crente verdadeiro e sincero.

Para responder à pergunta precisamos definir o que é pecado. O que Adão poderia fazer que poderia ser chamado de pecado? A resposta é simples. O único pecado que Adão poderia cometer era o de transgredir a lei divina de Deus, desejar desobedecer à vontade de Deus claramente revelada. Enquanto Adão continuou a desejar viver sua vida completamente dentro do círculo da vontade revelada de Deus ele não poderia pecar. Adão tinha o direito de desejar, mas ele somente poderia se manter sem pecado quando exercitasse sua vontade em submissão perpétua à vontade soberana de

Deus. Pecado, então, é desobediência consciente à vontade de Deus claramente revelada. Pecado é a proposital, deliberada, resistência de alguém à justa autoridade de um Soberano. “Pecado, na visão bíblica, consiste na insurreição da vontade da criatura da sua legítima aliança com a soberana vontade de Deus, e o estabelecimento de uma falsa liberdade, a substituição da vida de Deus pela vida do ego.”¹ Pecado como Deus mesmo define é “transgressão da lei” (I Jo 3:4). Deus chamou o pecado de Adão de “transgressão”.

Vamos ver dos próprios registros de Deus como o pecado entrou em Adão com sua maldição de morte.

“E o SENHOR Deus lhe deu esta ordem: De toda árvore do jardim comerás livremente, mas da árvore do conhecimento do bem e do mal *não comerás; porque, no dia em que dela comeres, certamente morrerás*” (Gn 2:16, 17).

“Vendo a mulher que a árvore era boa para se comer, agradável aos olhos e árvore desejável para dar entendimento, tomou-lhe do fruto e comeu e deu também ao marido, e ele comeu” (Gn 3:6).

Deus deu a Adão liberdade quase ilimitada. Mas um mandamento foi imposto. Mas uma transgressão foi possibilitada. De todas as árvores ele poderia comer livremente. Somente de uma árvore ele estava proibido de comer, e mesmo assim para esta proibição Deus deu uma razão benéfica. Adão estava em tentação. Ele comeu do fruto proibido. Ele desejou ter algo que Deus, por amor e razão benéfica, tinha desejado

¹ James Orr, *The Christian View of God and the World* (A Visão Cristã de Deus e do Mundo), p. 172.

que ele não tivesse. Por aquele único ato ele pecou porque o pecado é a transgressão da lei. Pela sua própria vontade Adão deliberadamente transgrediu um limite divinamente marcado; ele ultrapassou uma limitação divina claramente revelada.

SATANÁS, O ORIGINADOR DO PECADO NO UNIVERSO DE DEUS

Mas alguém pode perguntar: “Uma vez que Adão era um homem perfeito, com uma natureza sem pecado, vivendo em um ambiente perfeito e tendo perfeita comunhão com Deus, como ele poderia ser tentado a desobedecer?” Com tudo em sua própria personalidade e tudo em seu ambiente favorecendo sua completa e contínua obediência à vontade de Deus, de qual fonte poderia vir a tentação de desobedecer e a vontade própria? É uma questão legítima e demanda uma resposta dada por Deus.

“Mas a serpente, mais sagaz que todos os animais selváticos que o SENHOR Deus tinha feito, disse à mulher: É assim que Deus disse: Não comereis de toda árvore do jardim?”
(Gn 3:1).

“Mas a serpente, mais sagaz... disse à mulher...” Aqui temos palavras que só podem ser usadas em características, atitudes e atos que pertencem a uma personalidade, seja natural ou sobrenatural. Mas havia alguma outra pessoa no jardim junto do Senhor Deus e Seus dois seres criados, Adão e Eva? Evidentemente havia. Mas era alguém que aparentemente desejava ocultar sua identidade, então ele veio sob a cobertura enganosa da personificação. Então quem era essa outra pessoa?

A conversação entre a serpente e Eva registrada no capítulo três de Gênesis revela o duplo fato de que esta pessoa é um inimigo de Deus e que ela está lá no jardim para um propósito maligno. As Escrituras nos dão alguma chave pela qual esta astuta, malvada personalidade pode ser identificada? Sim, elas dão. Seu nome a identifica.

“E foi expulso o grande dragão, *a antiga serpente, que se chama diabo e Satanás*, o sedutor de todo o mundo, sim, foi atirado para a terra, e, com ele, os seus anjos” (Ap 12:9).

A Escritura Sagrada é uma unidade e a Escritura interpreta a Escritura. “A serpente” de Gênesis 3:1 não é outra senão “a antiga serpente, que se chama diabo e Satanás”, de Apocalipse 12:9 e 20:2.

Em Apocalipse 12:9 ele é revelado como um sedutor. Sua natureza o identifica. A Bíblia nos diz claramente que é este papel que ele estava representando no jardim do Éden em seu primeiro intercâmbio com a humanidade. As impressões digitais do arqui-sedutor são claramente discernidas no capítulo três de Gênesis.

“E Adão não foi iludido, *mas a mulher, sendo enganada*, caiu em transgressão” (I Tm 2:14).

“Mas receio que, assim como *a serpente enganou a Eva com a sua astúcia*, assim também seja corrompida a vossa mente e se aparte da simplicidade e pureza devidas a Cristo” (II Co 11:3).

Assim há evidência de que antes da criação de Adão e Eva havia no universo de Deus um ser que era tanto um

pecador como um traidor. A Palavra de Deus nos dá alguma luz sobre quem é ele e como chegou a tal condição?

Ezequiel 28:11-19 e Isaías 14:12-20 parecem dar esta chave. Um estudo cuidadoso e comparativo dessas duas passagens com outras Escrituras parece indicar muito claramente que aquele a quem se referem não é outro senão Satanás.

A passagem de Ezequiel revela a verdade a respeito da pessoa e posição original de Satanás. Ela declara que Satanás foi um ser criado e que ele foi criado perfeito. Ele era “cheio de sabedoria e formosura”, “perfeito em seus caminhos”, “o sinete da perfeição”.

Ele não somente era perfeito com respeito a sua pessoa, mas possuía uma posição muito elevada no serviço de Deus. Ele era “querubim da guarda unguento” e servia “no monte santo de Deus”. Talvez nenhum outro ser criado possuísse tão elevada posição ou estava tão intimamente unido a Deus.

Que ele tinha algum relacionamento e poder sobre o universo criado por Deus dados a ele pelo próprio Deus é visto nos títulos “príncipe deste mundo” (Jo 14:30) e “príncipe da potestade do ar” (Ef 2:2).

Que foi dada a ele uma alta posição de confiança da qual ele foi um traidor é muito evidente. Ele era um príncipe sobre um reino, pois por três vezes o Senhor Jesus o chamou de “o príncipe deste mundo”, e quando ele levou o Senhor para um alto monte e ofereceu-Lhe todos os reinos deste mundo com sua glória Jesus não contestou o direito que ele tinha de fazer tal oferecimento.

Mas Satanás, com todo poder e perfeição, ainda era um ser criado e, como tal, ele deve ser subserviente a seu Criador e permanecer dependente e obediente. As Escrituras, entretanto, do começo ao fim revelam Satanás como o

arqu inimigo de Deus. Ele é um rebelde franco e declarado. Ele não é súdito do reino da luz, mas é um soberano sobre o reino das trevas.

Quando e como esta rebelião contra Deus teve lugar? “O querubim ungido” que estava “no monte santo de Deus” pecou.

Deus { “Perfeito eras nos teus caminhos, desde o dia em que foste criado até que se achou iniquidade em ti. Na multiplicação do teu comércio, se encheu o teu interior de violência, e pecaste; pelo que te lançarei, profanado, fora do monte de Deus e te farei perecer, ó querubim da guarda, em meio ao brilho das pedras” (Ez 28:15, 16).

O pecado que levou Satanás a cair é notificado nas palavras “*elevou-se o teu coração por causa da tua formosura, corrompeste a tua sabedoria por causa do teu resplendor*” (Ez 28:17 a). Soberba leva à auto-exaltação, a qual é expressa em vontade própria.

Vamos agora examinar Isaías 14:12-20 e ver que grau de auto-exaltação Satanás alcançou na rebelião contra seu Criador e Soberano.

“Como caíste do céu, ó estrela da manhã [Lúcifer], filho da alva! Como foste lançado por terra, tu que debilitavas as nações!

Tu dizias no teu coração:

Eu subirei ao céu;

acima das estrelas de Deus exaltarei o meu trono

e no monte da congregação me assentarei...

subirei acima das mais altas nuvens e

SEREI SEMELHANTE AO ALTÍSSIMO” (Is 14:12-14).

Auto-exaltação levou à vontade própria, vontade própria levou à rebelião contra Deus, e Lúcifer, filho da alva, se tornou Satanás, pai da noite. No momento em que “o querubim ungido” disse em seu coração “eu subirei”, “exaltarei”, “assentarei”, “serei”, como oposição à vontade de Deus, o pecado teve início. No momento em que o súdito procurou destronar o Soberano dizendo “serei semelhante ao Altíssimo” o pecado começou a operar no universo. Mas isso não terminou por aí. O pecado que começou no monte santo de Deus foi transportado para dentro do jardim do Éden.

SATANÁS, O ENGANADOR E O TENTADOR, NO ÉDEN

Satanás, o inimigo declarado de Deus, está lá. Este espírito apóstata é a quarta pessoa no jardim do Éden. E qual é a sua missão? Ele está lá com um definido, deliberado, diabólico propósito de tentar Adão e Eva a fazer justamente o que ele mesmo havia feito – através de um ato de vontade própria passar para fora do círculo da vontade de Deus, para destronar Deus pela entronização do eu. Ele está lá para ganhar recrutas para as suas fileiras rebeldes; ganhar súditos para seu reino de trevas e morte.

É instrutivo seguir as astutas maquinações deste diabólico estrategista, como ele obtém sucesso em tentar Adão e Eva por meio da dúvida, desobediência e deslealdade. Deus permita que isso possa lançar a iluminação necessária sobre o caminho da tentação pelo qual algum leitor possa estar passando.

Vamos perguntar e responder três questões:

- 1-• Qual foi a intenção de Satanás em tentar Adão e Eva?

- 2 • Qual foi o método de Satanás para se aproximar deles?
- 3 • Como ele alcançou êxito?

1- A intenção de Satanás, vamos lembrar, foi se exaltar até o lugar de soberania e autoridade de Deus e assegurar para si mesmo o louvor dos seres criados por Deus, o qual pertencia somente a Deus. Então ele estava no Éden para conduzir Adão e Eva para longe de Deus, persuadi-los à desobediência e deslealdade, que automaticamente os lançariam do Reino de Deus para o seu próprio reino. Para alcançar isso ele não precisava incitá-los ao pecado grosseiro ou vício; um ato de desobediência poderia realizar seu propósito. Ele precisava apenas destruir a confiança em Deus e levá-los a desacreditar e desobedecer-Lhe.

2- O método de aproximação de Satanás foi muito hábil e sutil. Não foi um método de guerra declarada contra Deus, mas o de minar a fé em Deus através da propaganda maligna. Satanás não veio em franca contestação da soberania de Deus sobre Seus seres criados, mas procurou desacreditar Deus sob o ponto de vista deles gerando o descontentamento com as suas circunstâncias e apresentando-lhes uma falsa Utopia, esperando assim instigar uma revolta contra Deus.

Seu método não mudou desde aquele dia até hoje. Ele está atacando a mesma coisa e usando o mesmo método que usou há 4.000 anos. A semente original do descontentamento e desobediência semeada no jardim do Éden deu fruto e está produzindo uma terrível colheita em todas as partes do mundo hoje. Igrejas e capelas estão sendo demolidas; Bíblias estão sendo picadas em pedaços; demonstrações anticristãs estão sendo encenadas; ameaças estão sendo feitas para destronar Deus em Seu próprio universo. Por trás de toda esta sutil,

eficiente, destrutiva propaganda está a inteligência superior do primeiro bolchevique² espiritual, que começou sua revolução mundial no jardim do Éden.

3 Para cumprir seu propósito ali ele pôs diante de Eva a isca de uma condição de vida muito melhor do que aquela que eles gozavam sob o beneficente, amoroso estatuto de Deus, e garantindo-a insistentemente por meios ilegítimos, revolucionários. Satanás precisava alcançar o espírito de Adão e Eva e de alguma forma quebrar a conexão entre o divino e o humano. Ele fez isso oferecendo o mesmo conhecimento que “os deuses” possuíam. Através do espírito humano iluminado pelo Espírito divino eles conheciam Deus, tal conhecimento era um “sumum bonum” [bem supremo, do latim] de benefício e bênção. Mas Satanás insinuou que havia mais para ser conhecido que Deus estava intencional e injustamente retendo deles. Eles não estavam tendo seus direitos.

Para alcançar o espírito ao qual não tem acesso Satanás precisava alcançar a alma. A emoção precisava ser estimulada para desejar a árvore do conhecimento do bem e do mal, que poderia tornar alguém sábio. Seus olhos precisavam ser abertos para ver como a árvore era agradável e pudessem cobiçar seu fruto.

Então um apelo indireto foi feito para a alma através dos sentidos. Satanás abriu a porta do ser mais interior de Eva através do corpo. A árvore era boa para comer, então ele tentou Eva a comer do fruto proibido.

Todas as partes da personalidade humana tinham sido minadas por esta propaganda satânica. Satanás tinha apelado a todo o homem, espírito, alma e corpo, mas seu método de

² Pertencente ao Partido Bolchevique, liderado por Lênin, que protagonizou a Revolução Russa de 1917 (N. do E.).

aproximação tinha sido da periferia para o centro; do corpo, através da alma, para o espírito.

Vamos examinar a Palavra de Deus para ver como Satanás alcançou seu intento.

“Disse à mulher: *É assim que Deus disse*: Não comereis de toda árvore do jardim?” (Gn 3:1 b).

Uma insinuação sutil está escondida nestas palavras, que foram planejadas pelo tentador para provocar suspeita sobre a bondade de Deus. “Deus realmente lhe disse que você não poderia comer de todas as árvores deste jardim? Não foi o jardim feito para você? Você não está trabalhando para adorná-lo? Então você não tem direito ao seu fruto?” O diabo não veio imediatamente a Eva com uma acusação evidente, de que Deus era cruel, mas meramente com uma insinuação sutil. Ele sabia que a harmonia reinava no jardim do Éden e que Adão e Eva eram perfeitamente ajustados um ao outro, ao seu meio ambiente e a Deus. Satanás lançou mão da única arma que ele podia no ambiente externo deles e a usou para causar ruptura no relacionamento deles com Deus. O objetivo de Satanás era de primeiro criar dúvida e então ganhar um ponto de apoio ao trazer perturbação à harmonia interior da essência moral de Eva.

A resposta de Eva mostrou que a questão insinuante do diabo tinha tido o efeito desejado. Ela confessou a bondade de Deus em garantir a eles a liberdade para comer o fruto das árvores do jardim e admitiu uma única restrição. Ao fazer isso ela omitiu da graciosa promessa de Deus as palavras “todas” e “livremente” e adicionou à proibição as palavras “nem a toqueis”, revelando assim uma secreta condescendência na insinuação da serpente contra a bondade de Deus. A dúvida

sobre a bondade de Deus estava operando em seu coração, então o diabo ficou confiante.

Eva não somente declarou a restrição feita sobre sua liberdade, mas também a advertência explícita de Deus de punir com a morte em caso de desobediência, modificando-a, porém, ao trocar a Palavra de Deus “certamente morrerás” por “para que não morrais”. Então Satanás fez uma forte, chocante declaração, uma completa contradição à Palavra de Deus: “É certo que não morrereis”. Isto foi imediatamente seguido pelo seu apelo final e fatal.

“Porque Deus sabe que no dia em que dele comeres se vos abrirão os olhos e, como Deus, sereis conhecedores do bem e do mal” (Gn 3:5).

A audaz blasfêmia, a enganosa astúcia, o encantamento sedutor da sua mentira açucarada tinham os méritos da fonte de onde vinham. Satanás subentendeu nesta declaração que Deus estava maliciosamente privando o homem do conhecimento ao qual ele não somente tinha direito de possuir, mas o elevaria a uma posição exaltada até aqui jamais imaginada.

“Abrir-se-vos-ão os olhos e sereis conhecedores.” O desejo de saber não era legítimo? Não era legítima a ambição por auto-aperfeiçoamento através da busca e aquisição do conhecimento? Sem dúvida Eva tinha sido diariamente conduzida a um maior e mais completo conhecimento de Deus e de Seu universo, e se agora, apenas por comer do fruto do conhecimento do bem e do mal, ela pudesse imediatamente obter um conhecimento tão ilimitado quanto o próprio Deus e estar segura de que a pena de morte de Deus não pudesse ser decretada, por que não deveria comê-lo?

Satanás alcançou o auge da maldade quando disse: “Eu serei como o Altíssimo”, e agora, de alguma forma modificada, apropriada para a inocência do casal puro, ele os tentou para uma aspiração similar: “Sereis como Deus”. Ele estendeu a eles a sedutora possibilidade do avanço no conhecimento até mesmo para o plano do divino e invisível.

No apelo de Gênesis 3:5, o tentador atacou toda a personalidade da mulher: intelecto, emoção e vontade. “Não seja tão tolo para crer na palavra de Deus quando ela é tão evidentemente contra todo direito e razão; não seja tão ingênuo para ser passado para trás em alguma coisa que você legitimamente deveria ter; não seja tão covarde que você tema declarar sua própria vontade neste assunto.

Deste modo se vê que por trás do método do diabo está uma calúnia lançada sobre o caráter de Deus. O homem foi feito para questionar a bondade da lei. Apelando para a inteligência do homem, o inimigo inventou uma calúnia, que foi calculada para mudar a atitude da sua emoção, e então capturar a fortaleza final, a saber, sua vontade. Ele declarou que a natureza intelectual do homem foi impedida de se desenvolver por esta limitação. Através desta declaração ele criou na mente do homem uma dúvida quanto à bondade do Deus que fez a lei, e deste modo pôs em perigo a ligação da vontade a Deus, enquanto a chamou para um lugar de atividade exterior, e contrária à vontade de Deus.”³

O PECADO DE ADÃO E EVA E SEU EFEITO SOBRE ELES

Alguma réplica tinha de ser feita a tal apelo. A vontade precisava aceitar ou rejeitar tal acusação contra Deus. Não existia

³ G. Campbell Morgan, op. cit., p. 33.

um terreno neutro. Eva precisava se posicionar a favor ou contra Deus. “*Deus disse*” e “*a serpente disse*”, e disseram coisas completamente contraditórias. Eva ouviu a voz de Satanás mais do que a de Deus. Ela creu na mentira do diabo mais do que na verdade de Deus. “A serpente enganou a Eva com a sua astúcia” (II Co 11:3 a), e ela comeu do fruto proibido. Adão ouviu a voz de Eva mais do que a de Deus. Eva seduziu seu marido através da sua afeição, e ele comeu do fruto proibido. Ele era a pessoa a quem Deus tinha dado o comando. Comer do fruto era uma transgressão deliberada da lei divina.

“Vendo a mulher que a árvore era boa para se comer, agradável aos olhos e árvore desejável para dar entendimento, tomou-lhe do fruto e comeu e deu também ao marido, e ele comeu” (Gn 3:6).

“E a Adão disse: Visto que atendeste a voz de tua mulher e comeste da árvore que eu te ordenara não comesses, maldita é a terra por tua causa; em fadigas obterás dela o sustento durante os dias de tua vida” (Gn 3:17).

Adão e Eva tinham o direito dado por Deus de escolher e o poder para escolher a direção de Deus. Eles exercitaram o direito de escolha e escolheram a Satanás. No momento da escolha eles saíram do círculo da vontade de Deus e entraram no campo da vontade própria. Eles destronaram Deus e entronizaram o eu. Aquele ato, aquela escolha, aquela decisão, foi pecado. Satanás triunfou, o pecado entrou, seguiu-se a ruína.

O pecado penetrou na parte mais íntima do ser de Adão, o espírito, o lugar de encontro entre o homem e Deus. E qual foi o resultado? O resultado exato que Deus tinha predito

– MORTE. Para apreender a magnitude do pecado, alguém precisa saber o significado da morte.

E o que é morte? A senhora McDonough, em *God's Plan of Redemption* (O Plano de Deus para a Redenção), dá uma resposta clara e útil. “A definição científica da morte nos ajuda a compreender seu significado. É o seguinte: ‘Morte é a desarmonia com o ambiente’. A seguinte ilustração ajudará a entender o assunto. Eis um olho de um ser humano, aparentemente apto para ver qualquer objeto colocado diante dele; os objetos da natureza, banhados pela luz brilhante do sol, o cercam, mas não há resposta do olho. Ele não vê, pois o nervo ótico está cortado. Ele está morto para a beleza diante dele.

Eis uma pessoa cujos ouvidos estão completamente ensurdecidos. Pássaros estão cantando, sinos estão tocando, vozes falando, mas esses ouvidos não respondem às ondas sonoras que estão levando melodia aos outros ouvidos que estão abertos para recebê-los. Eles estão mortos para o som.

No mesmo dia da desobediência de Adão e Eva o *pecado cortou o delicado conhecimento intuitivo de Deus no espírito deles*. Eles falharam em corresponder a Ele, que era a sua Presença Circundante. Eles estavam mortos para Deus... o processo da morte estabelecido no espírito dos nossos primeiros pais foi rapidamente manifestado através de todo o homem interior, e depois de um tempo a possibilidade de dissolução do corpo, o qual tinha estado inativo enquanto o homem permanecia obediente e dependente antes da queda, tornou-se uma realidade.”⁴

A morte em seu duplo aspecto, espiritual – a separação do espírito do homem do Espírito divino de Deus – e físico

⁴ Mary McDonough, *God's Plan of Redemption* (O Plano de Deus para a Redenção), p. 33.

– a separação do espírito e do corpo do homem –, veio pelo pecado. Uma partícula de verdade estava misturada com a mentira da serpente.

“Abriram-se, então, os olhos de ambos; e, *percebendo que estavam nus*, coseram folhas de figueira e fizeram cintas para si. Quando ouviram a voz do SENHOR Deus, que andava no jardim pela viração do dia, *esconderam-se da presença do SENHOR Deus, o homem e sua mulher*, por entre as árvores do jardim” (Gn 3:7, 8).

Seus olhos realmente foram abertos, mas para ver o quê? Sua própria nudez. Ambos adquiriram conhecimento, mas do quê? De seu próprio pecado e vergonha. Eles entraram em uma nova autoconsciência, pois naquele único ato de pecado eles perderam a consciência de Deus. Seu novo conhecimento adquirido serviu somente para produzir um senso de vergonha, de tal forma que eles se consideraram incapazes de estar na presença de Deus e temeram encontrá-Lo. A hora do crepúsculo de comunhão com Deus foi despojada de toda sua doçura e satisfação pelo senso de vergonha e pecado. A ávida resposta para Deus foi mudada por uma busca de um refúgio para longe de Deus. O pecado separou o homem de Deus, e a separação de Deus, que é Vida, é morte.

A morte física era o evidente, ainda que remoto, resultado do pecado. O julgamento sobre Adão incluiu a maldição da morte física.

“No suor do rosto comerás o teu pão, até que tornes à terra, pois dela foste formado; *porque tu és pó e ao pó tornarás*” (Gn 3:19).

Desde o dia em que Adão pecou a semente da morte, física estava em seu corpo, e finalmente seu resultado foi colhido em plenitude.

“Os dias todos da vida de Adão foram novecentos e trinta anos; e morreu” (Gn 5:5).

Deste modo vemos a sentença de morte, tanto espiritual como física, dada por Deus como resultado do pecado.

O EFEITO DO PECADO DE ADÃO SOBRE A RAÇA HUMANA

Vimos o efeito desastroso do pecado de Adão e Eva sobre eles mesmos. A questão que surge naturalmente é: “Ele teve efeito sobre mais alguém? Podemos rastrear o pecado na família humana até o primeiro pecado no primeiro homem, seu primeiro aliado?” Vamos raciocinar de trás para diante.

O Pecado É um Fato

O homem é um pecador. Alguém precisa somente estar vestido de si mesmo por apenas um dia para ter prova suficiente desta afirmação. Mas se ele for relutante em admitir a evidência dada em seus próprios pensamentos, sentimentos, desejos, palavras e atos, deixe-o ouvir as fofocas de uma pequena cidade, ou ler no jornal diário os acontecimentos de uma cidade ou grande metrópole. O homem é um pecador. Contradizer a realidade do pecado não é somente desacreditar na Palavra de Deus e fazê-Lo um mentiroso, mas é desacreditar da sua própria experiência e observação.

“Se dissermos que não temos pecado nenhum, *a nós mesmos nos enganamos*, e a verdade não está em nós” (I Jo 1:8).

“Se dissermos que não temos cometido pecado, *fazemo-lo mentiroso*, e a sua palavra não está em nós” (I Jo 1:10).

O Pecado É um Fato Universal

Todo homem é um pecador. Não há exceção a esta regra, exceto o Homem Cristo Jesus. A Palavra de Deus diz: “Não há nenhum homem que não tenha pecado”.

“Como está escrito: *Não há justo, nem um sequer*” (Rm 3:10).

“Todos se extraviaram, a uma se fizeram inúteis; *não há quem faça o bem, não há nem um sequer*” (Rm 3:12).

Todo homem verdadeiramente honesto sabe e admite que é um pecador. Certa vez alguns escribas e fariseus que se consideravam virtuosos trouxeram ao Senhor Jesus uma mulher pega no ato do adultério. Para tentá-Lo, para poderem acusá-Lo, perguntaram se poderiam cumprir a lei de Moisés apedrejando-a. Em resposta o Senhor Jesus disse: “Aquele que entre vós está sem pecado, atire uma pedra contra ela”. E “sendo convencidos pelas suas próprias consciências, eles se foram um a um”. Quem entre os leitores deste livro está “sem pecado”? Os homens diferem no grau de pecado, mas não no fato do pecado. Muitos homens são naturalmente bondosos, generosos, cordiais e amáveis, mas “não há nenhum justo”.

Todo Homem É um Pecador Antes de Pecar

O pecado é muito mais que um ato; é um estado, uma natureza, uma disposição, uma tendência. O pecado é uma realidade interior antes de ser uma manifestação exterior. O pecado é um desejo antes de ser uma ação.

“Então, a cobiça, depois de haver concebido, dá à luz o pecado; e o pecado, uma vez consumado, gera a morte” (Tg 1:15).

Quem não viu um bebê dar vazão ao temperamento, vontade própria, obstinação e raiva antes mesmo de falar ou andar! Os homens nascem em pecado. Todos nós somos “por natureza filhos da ira” [Ef 2.1-3]. A humanidade herdou uma natureza pecaminosa.

Pelo desígnio de Deus Adão era o cabeça da família humana. Ele era a semente da raça humana, e todas as gerações vindouras estavam nele. Adão não era somente um homem, mas era o útero da humanidade. Como precursor da raça humana, ele também era seu representante.

Portanto o pecado de Adão não foi somente dele. Toda a humanidade foi vitalmente afetada por ele. O pecado de Adão colocou o veneno do pecado na semente humana; o resultado foi a ruína moral e espiritual da raça humana, coletivamente e individualmente. Adão foi criado sem pecado. Por um ato de sua própria vontade ele se tornou um pecador. “O que conseqüentemente o homem se tornou, os homens são.”

“Quem da imundícia poderá tirar coisa pura?” (Jó 14:4). “O que é nascido da carne é carne; e o que é nascido do Espírito é espírito” (Jo 3:6). Adão caiu e por aquela queda recebeu uma natureza corrupta. Então ele teve filhos à sua própria

semelhança (Gn 5:3). Eles herdaram sua natureza pecaminosa, e assim o veneno do pecado passou através de toda a raça humana até todos os homens estarem envolvidos.

“Portanto, assim como por um só homem entrou o pecado no mundo, e pelo pecado, a morte, assim também a morte passou a todos os homens, porque todos pecaram” (Rm 5:12).

“Porque, como, *pela desobediência de um só homem, muitos se tornaram pecadores*, assim também, por meio da obediência de um só, muitos se tornarão justos” (Rm 5:19).

Pela desobediência de Adão todos os homens foram feitos pecadores, e a sentença de morte repousou sobre todos.

A deterioração espiritual e a morte tiveram início imediatamente após a queda de Adão, e o abismo no qual a raça humana logo desceu está revelado nas seguintes palavras:

“Então, disse o SENHOR: O meu Espírito não agirá para sempre no homem, *pois este é carnal*” (Gn 6:3).

“Viu o SENHOR que a maldade do homem se havia multiplicado na terra e que era continuamente mau todo desígnio do seu coração; então, se arrependeu o SENHOR de ter feito o homem na terra, e isso lhe pesou no coração” (Gn 6:5, 6).

A deterioração física começou imediatamente depois da queda de Adão, e a morte e a decadência foram o resultado final. Adão viveu e morreu. O triste relato do capítulo cinco de Gênesis mostra que a semente da morte implantada em Adão

foi transmitida para sua posteridade até todo ser humano ter de pagar a taxa da morte.

O EFEITO DO PECADO DE ADÃO SOBRE A ORDEM SOCIAL

No jardim do Éden, antes da entrada do tentador, vemos a ordem social como Deus pretendeu que ela fosse. Adão e Eva eram perfeitos e estavam vivendo em perfeita harmonia com Deus; portanto havia perfeita harmonia entre eles. Piedade e santidade foram seguidas por justiça e paz.

Mas o pecado entrou no espírito humano e feriu seu relacionamento com o Espírito divino. Imediatamente o homem foi lançado fora da harmonia com Deus, e o resultado foi a *impiedade*.

O pecado entrou na personalidade humana e reinou sobre todas as partes dela. Todo o ser do homem foi lançado na confusão e no conflito. O homem saiu da harmonia consigo mesmo, e o resultado foi a *maldade*.

O pecado entrou no relacionamento humano que Deus tinha estabelecido entre o homem e a mulher e produziu atrito. Eles foram lançados fora da harmonia mútua, e o resultado foi a *injustiça*. Cada um pecou comendo o fruto proibido, mas ambos não quiseram levar a culpa por ele. Eva tentou Adão, porém Adão, de sua própria e livre vontade, ouviu a voz de sua mulher e desobedeceu ao mandamento de Deus. Quando foi levado a enfrentar seu pecado, Adão encenou o papel de um camponês covarde e responsabilizou tanto Deus como Eva pela sua maldade.

“Então, disse o homem: *A mulher que me deste por esposa, ela me deu da árvore, e eu comi*” (Gn 3:12).

O pecado, que havia introduzido a desordem na relação com Deus e em sua própria personalidade, agora a introduziu no relacionamento entre pessoas companheiras. O atrito entre homem e homem teve início na ordem social de Deus.

“A ruptura ascendente trouxe a ruptura transversal. Esta é a trágica crise do Éden. Ela nos atinge mais intimamente hoje. A escuridão e a influência maligna da crise do Éden atiraram sua sombra escura sobre toda a raça humana, e sobre toda vida, desde então.”⁵

Sua sombra escura lançou trevas sobre o primeiro lar. O pecado dos primeiros pais visitou a primeira criança. Caim, o filho mais velho, matou seu irmão Abel. O atrito entre os pais frutificou em assassinato entre irmãos. O desajustamento na ordem social de Deus que começou no Éden continuou e cresceu rapidamente em atrito pessoal, familiar, cotidiano, nacional e internacional, e hoje todo o mundo está em ebulição, uma multidão que se debate em descontentamento, inveja, ganância, desconfiança, ciúme, ódio e vingança.

O EFEITO DO PECADO DE ADÃO SOBRE O UNIVERSO MATERIAL

O efeito destrutivo, debilitante do pecado foi sentido no universo material; a terra foi amaldiçoada para sempre por causa do pecado de Adão.

⁵ S. D. Gordon, *Quiet Talks on the Crisis and After* (Conversa Discreta sobre a Crise e sua Conseqüência), p. 56.

“E a Adão disse: Visto que atendeste a voz de tua mulher e comeste da árvore que eu te ordenara não comesses, *maldita é a terra por tua causa*; em fadigas obterás dela o sustento durante os dias de tua vida.

Ela produzirá também cardos e abrolhos, e tu comerás a erva do campo.

No suor do rosto comerás o teu pão...” (Gn 3:17-19).

Doravante o solo deverá ser relativamente estéril, e o homem não será mais abençoado pela sua espontânea, pródiga abundância, mas com o suor de seu rosto deverá trabalhar pacientemente e sofrer muito as necessidades da vida.

O EFEITO DO PECADO DE ADÃO SOBRE DEUS

Enquanto o pecado de Adão trouxe sofrimento e tristeza incalculáveis para ele mesmo e para sua posteridade, a Pessoa mais envolvida e injustiçada pelo pecado foi Deus. A derrota do Seu propósito para a raça humana e o destronamento dEle mesmo no Seu próprio universo foi o alvo duplo de Satanás na tragédia do Éden. Por trás da tentação estava o tentador. “A queda começou no céu. O pecado entrou na casa de Deus antes de invadir a do homem. Cristo sentiu seu agulhão antes de o homem sentir sua punhalada.”⁶ O pecado estabelecido no Éden criou imediatamente duas questões vitais e conduziu Deus a um novo relacionamento tanto com o tentador como com o tentado, com o pecador e com Satanás.

⁶ Patterson, *The Grater Life and Work of Christ* (A Grandiosa Vida e Obra de Cristo), p. 82.

O fato em questão entre Deus e o primeiro homem de Deus foi a união de Deus com a raça humana. Na criação, através de Adão, Deus se tornou unido com a humanidade. Mas agora, devido ao pecado, aquela união tinha inevitavelmente de ser quebrada. Deus, que é absolutamente santo, nunca poderia aprovar nem desculpar o pecado, muito menos viver na sua presença. O pecado precisa ser punido e o pecador banido. Adão e Eva, por caírem na tentação, tornaram-se pecadores. Deus, que tinha sido seu benéfico Criador, seu generoso Provedor, seu Companheiro íntimo, à luz da sua transgressão à Sua santa lei deve assumir um relacionamento diferente daquele que Ele tinha com eles e com a raça humana latente neles.

Deus não poderia permanecer santo e justo a menos que o pecado fosse punido de acordo com seu merecimento e de alguma maneira satisfazer totalmente Sua santidade. Quando deu a ordem a respeito de comer do fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal, Ele declarou claramente a pena se o mandamento fosse desobedecido. Para ser verdadeiro Consigo mesmo Ele deve agora cobrar aquela pena pelo pecado deles. Ele deve se tornar o Juiz e pronunciar sobre eles a maldição que o pecado merece.

Mas Ele fez a raça humana para Si mesmo e Sua própria glória. Ele não poderia de bom grado permanecer à parte e condená-la à destruição ou à separação eterna de Si mesmo, pois Ele a amou com amor eterno. A santidade de Deus O forçou a se tornar um Juiz, mas Seu amor O constrangeu a ser Redentor. Se a Sua união com a raça humana foi quebrada pela desobediência do primeiro homem, Ele poderia mandar um outro Homem para restabelecê-la pela Sua obediência. Se a raça humana foi arruinada pelo pecado do primeiro homem, ela poderia ser redimida pela salvação que o segundo Homem

traria. Deste modo Deus assumiu um duplo relacionamento com Adão e Eva em seu pecado: de Juiz e de Redentor. Foi feita a promessa de um Salvador e a declaração de um julgamento. Tanto a promessa como a declaração devem ser cumpridas.

Assim vemos Deus no Éden procurando o pecador, que, por causa de seu senso de culpa e vergonha, trazendo o medo como sua conseqüência, estava escondido dEle.

"E chamou o SENHOR Deus ao homem e lhe perguntou: Onde estás?" (Gn 3:9).

Que maravilhosa revelação da infinita, abundante graça de Deus! Um Deus ofendido, injustiçado procurando um pecador culpado, impiedoso! O Senhor Deus tomando a iniciativa para trazer Adão e Eva de volta para Si mesmo! E isto é a cena de abertura do contínuo desenrolar do infinitamente gracioso tratamento de Deus com a humanidade decaída desde aquela hora até hoje.

Deus então trouxe Adão e Eva face a face com o fato e a culpa do seu pecado e deu-lhes uma grande oportunidade para confessá-lo. Mas ao invés da confissão de um coração contrito, quebrantado, veio uma outra, covarde e indiferente, misturada a muita dissimulação e troca de responsabilidade.

Novamente as riquezas insondáveis da graça de Deus brilharam ao dar Sua promessa de um Salvador. "Este te ferirá a cabeça, e tu lhe ferirás o calcanhar" Ele predisse para aqueles pecadores culpados prontamente banidos da Sua presença, de modo que abriria para eles e para a humanidade um caminho de acesso a Ele mesmo através do sofrimento de outro.

Tendo agora dado vazão à Sua infinita misericórdia e amor na promessa graciosa de um Salvador, Deus fez plena

justiça à Sua natureza santa e Sua lei santa pronunciando a condenação sobre o pecado deles. O Deus de toda graça tornou-Se o Juiz do pecador. Suor, sofrimento e dor são as terríveis conseqüências do pecado. Então veio a sentença de morte, pois “o salário do pecado é a morte” [Rm 6.23], e o banimento da presença de Deus.

“No suor do rosto comerás o teu pão, até que tornes à terra, pois dela foste formado; porque tu és pó e ao pó tornarás” (Gn 3:19).

“O SENHOR Deus, por isso, o lançou fora do jardim do Éden, a fim de lavar a terra de que fora tomado. E, expulso o homem, colocou querubins ao oriente do jardim do Éden e o refulgir de uma espada que se revolia, para guardar o caminho da árvore da vida” (Gn 3:23, 24).

Tendo tratado o pecador com graça, Deus agora trata Satanás com ira. Nesse caso a misericórdia não poderia ser manifestada. A questão entre Deus e Satanás foi mais séria. Na tentação do Éden Satanás contestou o direito de Deus de posse e domínio sobre Sua própria criação. Através da conformação deles com o pecado Deus perdeu a soberania sobre o mundo e a humanidade. Tal insulto e traição devem ser tratados de acordo com o seu merecimento.

A PROFECIA DE UM CONFLITO E O PRONUNCIAMENTO DA SENTENÇA

O próprio Deus declara uma guerra a este arqu-rebelde, contra quem Ele lutará até o fim e por quem não mostrará

misericórdia. Deus profetiza um longo conflito e pronuncia uma sentença eterna.

“Porei inimizade entre ti e a mulher, entre a tua descendência e o seu descendente. Este te ferirá a cabeça, e tu lhe ferirás o calcanhar” (Gn 3:15).

De acordo com esta sentença de inimizade eterna, não haverá suspensão temporária da pena.

*Vida em um plano
mais baixo -
O controle do pecado
sobre o homem*

O pecado é um déspota, e a Bíblia mostra muito claramente que o homem ficou debaixo da lei despótica do pecado. O pecado não somente “entrou” e “abundou”, mas também “reinou” no homem (Rm 5:12, 20, 21). Ele vive debaixo de uma tríplice escravidão, da qual é impossível se livrar.

Ele é escravo do pecado.

“Replicou-lhes Jesus: Em verdade, em verdade vos digo: todo o que comete pecado é *escravo* do pecado” (Jo 8:34).

Ele é escravo do eu (ego).

“E ele morreu por todos, para que os que vivem *não vivam mais para si mesmos*, mas para aquele que por eles morreu e ressuscitou” (II Co 5:15).

Ele é escravo de Satanás.

“...mas também o retorno à sensatez, livrando-se eles dos laços do diabo, *tendo sido feitos cativos por ele para cumprirem a sua vontade*” (II Tm 2:26).

O homem natural é escravo impotente do pecado, do eu e de Satanás.

A RUÍNA OCASIONADA PELO PECADO NA PERSONALIDADE HUMANA

Não somente *todos os homens* foram puxados para dentro do redemoinho do pecado, mas *todo o homem* foi arruinado por sua poluição. A personalidade do homem foi corrompida no seu próprio centro, e a raiz seca do pecado contaminou todo seu ser do centro para a periferia. A morte soprou sobre o espírito, alma e corpo sua fumaça destrutiva. O pecado atacou silenciosamente o ser humano, aquele belo ser criado à imagem de Deus, e deixou seu rastro mortal em toda parte, desfigurando-o até que apenas um traço da Divindade poderia ser encontrado. O pecado causou uma guerra civil no interior da personalidade humana.

O *pecado fez do espírito humano um compartimento morto*. O hálito do sopro da morte tocou primeiro o espírito do homem. O pecado fechou as janelas do espírito para Deus e tornou-o um compartimento morto. O pecado separou o relacionamento do espírito humano com o Espírito divino.

“Obscurecidos de entendimento, *alheios à vida de Deus* por causa da ignorância em que vivem, pela dureza do seu coração” (Ef 4:18).

O pecado também destronou o espírito humano como soberano sobre a personalidade do homem e o fez cativo, e não somente isto, mas até mesmo um escravo. Alma e corpo foram saturados com o pecado e conduzidos à sujeição do controle do pecado. Cada qual reivindica e busca um direito igual no controle do homem. O efeito imediato do pecado foi a completa inversão do relacionamento entre o espiritual e o físico na natureza humana. Ocorreu a queda do homem do plano espiritual para o plano natural.

“Na queda a alma recusou o controle do espírito e se tornou um escravo do corpo com seus apetites. O homem se tornou carne; o espírito perdeu seu lugar de controle previamente determinado e se tornou pouco mais que um poder dormente; ele não era mais o principal controlador, mas o cativo que se debate. E o espírito agora está em oposição à carne, que é o nome da vida da alma e do corpo juntos em sua sujeição ao pecado.”¹

Assim, o homem “que é nascido da carne” é carne. Ele é da terra, terreno, e dominado pela carne em vez do espírito. O espírito humano está escurecido, amortecido e destronado.

O *pecado fez da alma humana uma ruína*. O pecado invadiu o domínio da alma e apoderou-se da vida intelectual, emocional e volitiva.

¹ Murray, op.cit., p. 34.

A Mente do Homem Foi Cegada

“Mas, se o nosso evangelho ainda está encoberto, é para os que se perdem que está encoberto, nos quais *o deus deste século cegou o entendimento dos incrédulos*, para que lhes não resplandeça a luz do evangelho da glória de Cristo, o qual é a imagem de Deus” (II Co 4:3, 4).

“Todas as coisas são puras para os puros; todavia, para os impuros e descrentes, nada é puro. Porque *tanto a mente como a consciência deles estão corrompidas*” (Tt 1:15).

“E a vós outros também que, outrora, *éreis estranhos e inimigos no entendimento* pelas vossas obras malignas” (Cl 1:21).

O primeiro homem de Deus foi feito com a capacidade de conhecer a Deus, e alguém não pode deixar de crer que se Adão tivesse continuado a viver sua vida inteiramente dentro do círculo da vontade de Deus esta capacidade teria sido ampliada e enriquecida. Mas por ele ter procurado obter conhecimento [independente de Deus] Deus determinou que ele não teria. Por aquele único ato de vontade própria ele colocou seu intelecto fora do círculo da vontade de Deus. Ele tinha o conhecimento do mal, mas não tinha a sabedoria e o poder para resisti-lo. Como resultado o pecado forjou tal ruína na mente do homem que Deus foi compelido a dizer “que a maldade do homem se havia multiplicado na terra e que era continuamente mau todo desígnio do seu coração” (Gn 6:5). Ele até chama o mal de bem e o bem de mal.

Separada de Deus, a mente do homem se tornou tão obscurecida que seu pensamento é materialista. “Deus é es-

pírito; e importa que os seus adoradores o adorem em espírito e em verdade” (Jo 4:24). Deus é eterno e espiritual e nunca pode ser apreendido pelo que é meramente temporal e natural. À parte da vida de união e comunhão com Deus a ação do intelecto humano está totalmente sob o domínio das coisas materiais.

Separada de Deus, a mente do homem se tornou tão obscurecida que seu pensamento é sensual. A alma, sem a ajuda do espírito, em seu conflito com o pecado, está aberta à contínua e terrível tentação através do corpo.

Separada de Deus, a mente do homem se tornou tão obscurecida que seu pensamento é racionalista. Estando fora da vontade de Deus, seu pensamento está inevitavelmente fora do pensamento de Deus. Sua sabedoria não é a sabedoria de Deus: de fato Deus traça uma linha divisória bem clara entre Sua sabedoria e a do homem natural.

“Onde está o sábio? Onde, o escriba? Onde, o inquiridor deste século? Porventura, *não tornou Deus louca a sabedoria do mundo?*”

Visto como, na sabedoria de Deus, *o mundo não o conheceu por sua própria sabedoria*, aprouve a Deus salvar os que crêem pela loucura da pregação” (I Co 1:20, 21)

A sabedoria do homem natural tem sua fonte nele mesmo. Ele rejeita qualquer coisa e todas as coisas que não podem ser apreendidas e explicadas pela sua própria razão desamparada.

“Ora, *o homem natural não aceita as coisas do Espírito de Deus*, porque lhe são loucura; e não pode entendê-las, porque elas se discernem espiritualmente” (I Co 2:14).

O pecado torceu e perverteu de tal modo o intelecto do homem natural e Satanás cegou tanto a sua mente que ele muitas vezes pensa que sabe mais do que Deus. A soberba leva-o a exaltar a sua própria mentalidade num grau tão extenso que, se Deus diz alguma coisa que seu minúsculo intelecto e sua débil razão não podem compreender, então ele declara que Deus está dizendo “tolice”. Ele atrevidamente proclama ser fábula a sagrada verdade de Deus, um mito terreno a eterna Palavra de Deus. Sua diligência para sondar o oceano da verdade de Deus com sua pequenez de mente é patética, e seu arrogante método de deixar de lado a revelação sobrenatural de Deus quando ela é contrária à sua razão saturada de pecado é realmente deplorável.

O Coração do Homem Foi Corrompido

“Enganoso é o coração, mais do que todas as coisas, e desesperadamente corrupto; quem o conhecerá?” (Jr 17:9).

“Porque de dentro, do coração dos homens, é que procedem os maus desígnios, a prostituição, os furtos, os homicídios, os adultérios, a avareza, as malícias, o dolo, a lascívia, a inveja, a blasfêmia, a soberba, a loucura. Ora, todos estes males vêm de dentro e contaminam o homem” (Mc 7:21-23).

Que fotografia do coração humano! Sim, ela é verdadeira porque foi tirada pelo Fotógrafo divino, “que sabe o que estava no homem”. Quem pode olhar para esta terrível fotografia e outras dadas pela mesma autoridade divina, tais como Romanos 1:29-32, Gálatas 5:17-21, Salmos 14:1-3, e não qualificar o caso do homem como absolutamente incorrigível exceto se de algum modo aconteça um milagre?

O homem foi feito para amar Deus com toda sua mente, coração, força e alma. Seu coração foi criado com a capacidade de responder ao amor de Deus com amor. O homem foi feito para amar seus semelhantes. Deus deseja que o homem ame seu semelhante como a si mesmo.

Mas qual é a condição no mundo de hoje quanto ao relacionamento do homem com Deus e com seu semelhante? É terrível, mas tragicamente verdadeira, a predição que Deus fez na Sua Palavra da condição do mundo presente.

“Sabe, porém, isto: nos últimos dias, sobrevirão tempos difíceis, *pois os homens serão egoístas*, avarentos, jactanciosos, arrogantes, blasfemadores, desobedientes aos pais, ingratos, irreverentes, desafeiçoados, implacáveis, caluniadores, sem domínio de si, cruéis, inimigos do bem, traidores, atrevidos, enfatuados, *mais amigos dos prazeres que amigos de Deus*” (II Tm 3:1-4).

Quando o homem caiu em tal estado de maldade, como está descrito nessa passagem? No momento em que o primeiro homem de Deus deu um passo para fora da vontade de Deus pela sua própria escolha voluntária e carregou toda a raça humana com ele, naquele momento ele destronou Deus e entronizou o eu em seus próprios afetos. A partir daí o homem legou para si mesmo o ter sido inerente e incuravelmente egoísta.

A Vontade do Homem Foi Pervertida

Desejar fazer a vontade de Deus é o maior privilégio do homem, sua mais divina prerrogativa. Viver inteiramente dentro da vontade de Deus é ter justiça, paz e harmonia reinando em

todo lugar. Esta era a intenção de Deus no Seu universo. Todos os seres angelicais, bem como o homem, foram feitos para ser súditos obedientes de Deus o Criador. Mas em Satanás a soberba conduziu para a vontade própria; a vontade própria para a rebelião; a rebelião para a rejeição da autoridade; e a rejeição da autoridade para a ilegalidade. Satanás, tendo dado um passo para fora da vontade de Deus e se tornado um rebelde, tentou Adão e Eva para fazerem o mesmo. Eles se renderam à sua tentação, e desde então a vontade da raça humana tem estado fora do trilho principal.

Mas se o homem não tem desejado submeter-se à vontade de Deus, que é sempre bondosa, beneficente e amável, certamente ele não irá se submeter à vontade de seu semelhante, que geralmente é egoísta, tirânico e despótico. Assim o mundo da política, comércio, indústria, educação e até mesmo da religião é dividido pelas linhas demarcadas pela ingenuidade da mente imperiosa que deseja satisfazer sua inextinguível sede de poder sobre a vida de outros homens ou sua sede insaciável pelas possessões de outros homens. Uma descrição de inspiração celestial do pecado perverso produzido pela vontade do homem e do grau de ilegalidade que o comanda é dada nestes versos:

“Naqueles dias, não havia rei em Israel; *cada qual fazia, o que achava mais reto aos seus olhos*” (Jz 17:6).

“Por isso, o pendor da carne é inimizade contra Deus, *pois não está sujeito à lei de Deus, nem mesmo pode estar*” (Rm 8:7).

G. Campbell Morgan, em *The Crises of the Christ* (A Crise de Cristo), resume a ruína forjada na alma do homem pela queda de Adão da seguinte maneira:

“Portanto, na parte espiritual da sua natureza, o homem, pela queda, se torna dessemelhante a Deus, visto que sua inteligência opera totalmente no âmbito material, enquanto a sabedoria divina é espiritual, e por isso explica todos os fatos materiais; sua emoção atua a partir de princípios de amor-próprio, enquanto o amor divino sempre opera no princípio do amor por outros; e sua vontade reivindica seu direito de domínio na base da paixão, enquanto a vontade divina insiste na obediência, através da determinação de servir o mais elevado interesse dos outros”.

O Pecado Fez do Corpo Humano um Campo de Batalha

O pecado não invadiu somente o domínio do espírito e da alma, mas também o do corpo e fez daquilo que estava planejado para ser o lar apropriado do espírito o seu cárcere. Aquilo que deveria tender ao espiritual tornou-se sensual. Aquilo que Deus propôs ser o canal através do qual o espírito do homem poderia tocar o mundo exterior e trazer bênçãos para ele tornou-se instrumento através do qual Satanás alcançou o espírito com sua corrupção. O corpo tornou-se a estação de radiodifusão de Satanás.

“Mas vejo, nos meus membros, outra lei que, guerreando contra a lei da minha mente, *me faz prisioneiro da lei do pecado que está nos meus membros*” (Rm 7:23).

Na exortação de Paulo àqueles que receberam Cristo como Salvador – *“não reine, portanto, o pecado em vosso corpo mortal, de maneira que obedeçais às suas paixões”* (Rm 6:12) – ele sugere que o corpo do homem natural tem sido o território

do pecado. Os membros do corpo tornaram-se ferramentas e instrumentos do pecado.

“Nem ofereçais cada *um os membros do seu corpo ao pecado, como instrumentos de iniquidade*; mas ofereci-vos a Deus, como ressurretos dentre os mortos, e os vossos membros, a Deus, como instrumentos de justiça” (Rm 6:13).

“Porque, quando vivíamos segundo a carne, as paixões pecaminosas postas em realce pela lei *operavam em nossos membros*, a fim de frutificarem para a morte” (Rm 7:5).

O corpo do homem poluído pelo pecado é corrupto, desonrado e fraco e espera libertação da escravidão sob a qual ele geme (Rm 8:23).

“Pois, na verdade, *os que estamos neste tabernáculo gememos angustiados*, não por querermos ser despidos, mas revestidos, para que o mortal seja absorvido pela vida” (II Co 5:4).

A MANIFESTAÇÃO DO PECADO NO HOMEM NATURAL

O pecado começou a fazer sua obra mortal no centro do ser de Adão. Este centro, sua natureza humana, tornou-se pecador. O pecado tornou-se sua atmosfera nativa. O pecado tornou-se seu governo, seu principal estímulo. A fonte principal de seus pensamentos, emoções, atitudes, instintos e propósitos foi corrompida pelo pecado.

A palavra que comumente usamos hoje para expressar esta raiz pecaminosa é eu (ego). O centro do homem natural é o *eu*. As Escrituras nos dão outro nome. A natureza corrupta, a tendência congênita para o mal em todos os homens

recebida como herança dos nossos primeiros pais é chamada "velho homem".

"Não mintais uns aos outros, uma vez que vos despistes do *velho homem* com os seus feitos" (Cl 3:9).

Mas o homem não é uma criatura silenciosa, inativa. Seus pensamentos são expressos em palavras; seus instintos são traduzidos em ações; assim, se a fonte é corrupta, então aquilo que flui dela também será corrupto. Esta natureza interior manifesta-se em atos exteriores. O desejo escondido do "velho homem" vem à tona em ações. A cobiça torna-se roubo; o engano torna-se falsidade; o pensamento impuro e o desejo manifestam-se em pecados da carne; a falta de perdão e o ódio cristalizam-se em vingança e assassinato; o temor torna-se inquietação; as sombras de desconfiança, em preocupação; a aversão degenera em calúnia; a impaciência torna-se resmungo; a insatisfação e o descontentamento vestem-se com murmuração e queixa; a justiça própria torna-se mania de censura; a soberba assume a cor da jactância; a inveja torna-se difamação; a ambição arma-se para a guerra; o egoísmo cresce em opressão; e o ciúme procura finalizar seu tormento em suicídio ou homicídio.

Esta verdade se faz muito plena na Bíblia na clara distinção entre *pecado* e *pecados*.

"Se dissermos que *não temos pecado* nenhum, a nós mesmos nos enganamos, e a verdade não está em nós. Se confessarmos *os nossos pecados*, ele é fiel e justo para nos perdoar os pecados e nos purificar de toda injustiça" (I Jo 1:8, 9).

Leon Tucker, no seu *Studies in Romans* (Estudos de Romanos), classifica a diferença da seguinte maneira:

- “O pecado é o caráter, os pecados são a conduta.
- O pecado é o centro, os pecados são a circunferência.
- O pecado é a raiz, os pecados são os frutos.
- O pecado é o produtor, os pecados são os produtos.
- O pecado é o antepassado, os pecados são os seus descendentes.
- O pecado é a fonte, os pecados são a sua fluidez.
- O pecado é o que somos, os pecados são o que fazemos”.

O pecado então é a própria velha natureza; os pecados são as manifestações da velha natureza.

Esta fotografia da devastação do pecado na vida do homem natural é extraordinariamente escura, mas um completo e sério estudo da Palavra de Deus sobre este assunto, associado a uma observação honesta da vida humana como ela é, deve convencer um homem de mente aberta, humilde que ela é uma fotografia verdadeira. Isso não significa que toda pessoa cometeu cada um desses pecados. Há uma diferença no grau de pecado manifestado no homem natural, mas não no caso do pecado inerente. Deus, que sabe o que é o homem, diz: “Não há justo, nem um sequer” (Rm 3:10). Isso significa que todo homem é um pecador na visão de Deus e que todo o mundo é culpado diante dEle (Rm 3:19). Isso significa que o homem que foi feito à imagem de Deus tornou-se carne.

O DESTINO DO HOMEM NATURAL

Deus e o pecado não podem habitar juntos; eles não podem estar no mesmo lugar, na mesma hora, pois são mutuamente exclusivos. Eles são totalmente opostos. Talvez você esteja

agora sentado em uma sala cheia de luz; passaram umas poucas horas e ela ficou cheia de trevas. Para onde foi a luz? Ela foi substituída por trevas. Outra vez passam umas poucas horas e a sala é cheia de luz. Para onde foram as trevas? Elas foram substituídas pela luz. Luz e trevas não podem habitar juntas; elas são totalmente opostas; elas se excluem mutuamente.

“Ora, a mensagem que, da parte dele, temos ouvido e vos anunciamos é esta: que *Deus é luz, e não há nele trevas nenhuma*. Se dissermos que mantemos comunhão com ele e andarmos nas trevas, mentimos e não praticamos a verdade” (I Jo 1:5-6).

“Pois, outrora, *éreis trevas*, porém, agora, *sois luz no Senhor*; andai como filhos da luz” (Ef 5:8).

Deus é luz, o pecado é trevas; portanto Deus deve substituir o pecado ou o pecado substituir Deus. Deus e o pecado não podem ficar no mesmo lugar ao mesmo tempo, pois se excluem mutuamente.

O pecado separou Adão de Deus e o fez desejar se esconder da presença de Deus. O pecado separou Deus de Adão e O obrigou a pronunciar a sentença de morte e o expulsou do jardim do Éden.

Se Deus não pode habitar com o pecado no pecador na Terra, Ele também não pode habitar com o pecado no pecador no Céu. Assim, se o homem natural persistir em seu pecado e rejeitar o caminho da salvação que Deus providenciou em Jesus Cristo, por esta mesma escolha ele se exclui da presença de Deus por toda a eternidade. Sua própria injustiça irá então deixá-lo fora do Reino de Deus.

“Ou não sabeis que os *injustos não herdarão o reino de Deus?*”
(I Co 6:9).

“*Nela, nunca jamais penetrará coisa alguma contaminada, nem o que pratica abominação e mentira, mas somente os inscritos no Livro da Vida do Cordeiro*” (Ap 21:27).

Vamos agora resumir a verdade que estudamos exaustivamente. O primeiro homem de Deus, Adão, não tinha pecado; ele foi criado em um plano à imagem de Deus no plano da vida humana. Ele foi feito com a capacidade para a vida em um plano mais alto, o espiritual, e com o poder de escolher esse estilo de vida. Deus fez o homem com a face voltada para as coisas de Deus. A vontade de Deus era tanto o centro como a circunferência da sua vida: conseqüentemente ele viveu em justiça e paz por causa do perfeito ajustamento com Deus, com ele mesmo e com todas as coisas criadas.

Mas Adão escolheu desobedecer ao mandamento de Deus. Ele usou seu poder para escolher a Satanás e colocou sua vida voluntariamente sob a soberania de Satanás. Ele passou da esfera de justiça, luz e vida de Deus para a esfera do pecado, trevas e morte de Satanás. Ele destronou Deus e entronizou o eu. Ele deixou de ser espiritual e passou a ser carnal. O pecado tornou-o um pecador com sua face voltada para as coisas de Satanás e sua conduta inclinada para as coisas inferiores. A vontade própria tornou-se tanto o centro como a circunferência da sua vida; conseqüentemente ele vive em impiedade, injustiça e discórdia porque houve desajuste com Deus, consigo mesmo e com todos os seres criados.

Adão era o pai dos filhos. Ele não era meramente uma criação individual de Deus, mas foi designado o ca-beça da raça humana. Todas as más conseqüências do pecado nele foram transmitidas para todos os homens, e assim por natureza todos os homens são culpados e corrompidos. A conseqüência mais terrível do pecado, entretanto, não foi a ruína moral e espiritual da raça hu-mana, mas a rejeição da divindade de Deus no Seu próprio universo.

Esta visão da origem e conseqüências do pecado, embora seja tão claramente ensinada na Palavra de Deus, não é aceita por todos. Hoje em muitos púlpitos o peca-do é tratado muito suavemente, se não completamente ignorado. No entanto todos sabem que a humanidade está saturada com pecado e que o pecado está realmente no topo de todas as dificuldades do mundo. Mas muitas pessoas estão relutantes em admitir a natureza real do pecado. Elas o tratam como uma doença superficial da pele em vez de um câncer maligno.

Os homens estão relutantes em admitir a verdade da avaliação de Deus do homem natural, de que se for abandonado a si mesmo ele é desesperadamente, in-curavelmente mau. Eles põem a culpa no ambiente ou nas circunstâncias limitadas para justificar sua conduta imprópria, e por buscar melhorar essas condições exter-nas e permitirem-se grandes oportunidades através da educação e da cultura crêem que podem ser envolvidos naquilo que Deus pretendia que eles fossem.

Tais pensamentos se devem a uma fundamental concepção errônea do que é o pecado. A essência do pri-meiro pecado no Éden é claramente definida na Palavra

de Deus e ela é a essência de todo pecado desde aquele dia até hoje.

“Todo aquele que pratica o pecado também transgride a lei, porque *o pecado é a transgressão da lei*” (I Jo 3:4).

A excessiva pecaminosidade do pecado de Adão repousa no fato de que ele foi a alta traição da criatura contra o Criador, do súdito contra o Soberano. Desta maneira, na realidade é tudo pecado. O homem natural é um bolchevique espiritual.

O homem não é somente culpado e corrompido, mas é rebelde e sem lei. Ele não é somente separado de Deus pelo pecado, mas é irreconciliável pela inimizade. Na opinião de Deus ele é um pecador, um inimigo, um fora-da-lei (ver Diagrama 4).

O Adão pecador



“Nenhum Bem”

Gn 7:18

Diagrama 4
O Adão pecador

Deus e Satanás

em conflito

Que o mal existe neste mundo ninguém pode negar. As forças do mal estão em ação em incontáveis formas e através de diversos canais. Um poder do mal opera em todo lugar trabalhando inteligentemente para a degeneração da humanidade e para a derrota de Deus. No mundo há uma oposição agressiva a Deus e ao Seu propósito.

O poder é o produto da personalidade, portanto o reconhecimento da presença do poder necessita da identificação da presença de uma personalidade que o origina e direciona.

Em nenhum lugar da Bíblia o mal é tratado como uma mera abstração. Uma mentira é a linguagem de um mentiroso.

“Então, disse Pedro: *Ananias, por que encheu Satanás teu coração, para que mentisses ao Espírito Santo, reservando parte do valor do campo?*” (At 5:3).

Um assassinato é um desejo realizado por um assassino.

“...não segundo *Caim, que era do Maligno e assassinou a seu irmão...*” (I Jo 3:12).

Ananias era o porta-voz e Caim era a ferramenta de alguém. Por trás da personalidade humana estava uma personalidade sobrenatural. O mal deles era o poder revelado de alguém escondido.

A Bíblia nos diz que esse alguém mal existe. Cristo é a autoridade para afirmar que existe alguém mal, e este é o diabo.

“A todos os que ouvem a palavra do reino e não a compreendem, *vem o maligno* e arrebatou o que lhes foi semeado no coração” (Mt 13:19).

“O *inimigo que o semeou é o diabo*; a ceifa é a consumação do século, e os ceifeiros são os anjos” (Mt 13:39).

As forças de Deus também estão em ação. O poder do bem opera em todo lugar inteligentemente para a regeneração da humanidade e para a exaltação de Deus. No mundo há uma oposição agressiva a Satanás e ao seu propósito.

Em nenhum lugar da Bíblia o bem é declarado como uma mera abstração. Ele é invariavelmente o produto da

personalidade. Cristo é a autoridade para afirmar que existe alguém bom, e este é Deus.

“Outra parábola lhes propôs, dizendo: O reino dos céus é semelhante a *um homem que semeou boa semente no seu campo*” (Mt 13:24).

“E ele respondeu: *O que semeia a boa semente é o Filho do Homem*” (Mt 13:37).

“Respondeu-lhe Jesus: Por que me chamas bom? *Ninguém é bom, senão um, que é Deus*” (Lc 18:19).

O mal é a antítese do Bem. As Escrituras expõem Satanás como o maior inimigo de Deus e do homem. Isto é claramente visto nos nomes e títulos dados a ele.

Ele é chamado de “Satanás”, que quer dizer oponente ou adversário. Este título é dado a ele 56 vezes [na Bíblia] e invariavelmente o revela como o oponente de Deus e adversário do homem.

“Então, Jesus lhe ordenou: *Retira-te, Satanás*, porque está escrito: Ao Senhor, teu Deus, adorarás, e só a ele darás culto” (Mt 4:10).

“Sede sóbrios e vigilantes. O diabo, *vosso adversário*, anda em derredor, como leão que ruge procurando alguém para devorar” (I Pe 5:8).

Ele é chamado “o diabo”, que significa caluniador ou acusador. Este título ocorre 35 vezes na Bíblia e o mostra como o caluniador de Deus e o acusador do homem.

“O inimigo que o semeou é o diabo; a ceifa é a consumação do século, e os ceifeiros são os anjos” (Mt 13:39).

“Então, ouvi grande voz do céu, proclamando: Agora, veio a salvação, o poder, o reino do nosso Deus e a autoridade do seu Cristo, pois foi expulso o acusador de nossos irmãos, o mesmo que os acusa de dia e de noite, diante do nosso Deus. (Ap 12:10).

O diabo difama Deus para o homem (Gn 3:1-7) e o homem para Deus (Jó 1:9-12; 2:1-7).

Ele é chamado de “o maligno”.

“A todos os que ouvem a palavra do reino e não a compreendem, vem o maligno e arrebatou o que lhes foi semeado no coração” (Mt 13:19).

Ele não é somente a personificação do mal, “o maligno”, mas é a fonte do mal nos outros.

“Aquele que pratica o pecado procede do diabo, porque o diabo vive pecando desde o princípio. Para isto se manifestou o Filho de Deus: para destruir as obras do diabo” (I Jo 3:8).

O diabo é um mentiroso e não pode falar a verdade. Ele é um assassino e está empenhado na ruína e destruição dos homens. Ele foi o primeiro pecador; portanto ele é o antepassado dos pecadores.

“Vós sois do diabo, que é vosso pai, e quereis satisfazer-lhe os desejos. Ele foi homicida desde o princípio e jamais se

firmou na verdade, porque nele não há verdade. Quando ele profere mentira, fala do que lhe é próprio, porque é mentiroso e *pai da mentira*" (Jo 8:44).

Ele é chamado de "o tentador". Ele tentou o Filho do Homem e tenta todos os homens.

"Então, *o tentador*, aproximando-se, lhe disse: Se és Filho de Deus, manda que estas pedras se transformem em pães" (Mt 4:3).

"Foi por isso que, já não me sendo possível continuar esperando, mandei indagar o estado da vossa fé, temendo que *o Tentador* vos provasse, e se tornasse inútil o nosso labor" (I Ts 3:5).

Ele é chamado de "o enganador". Ele engana indivíduos e nações. Ele começou seu trabalho maligno no Éden enganando Eva.

"E foi expulso o grande dragão, a antiga serpente, que se chama diabo e Satanás, *o enganador de todo o mundo*, sim, foi atirado para a terra, e, com ele, os seus anjos" (Ap 12:9).

"E Adão não foi iludido, *mas a mulher, sendo enganada*, caiu em transgressão" (I Tm 2:14).

No princípio da revelação divina lemos a profecia do conflito entre Satanás e Deus e desde então toda página é um desenrolar do seu progresso em direção do fim divinamente

designado, a completa e absoluta derrota de Satanás, a eterna e perfeita vitória de Deus.

O INÍCIO DO CONFLITO

Que um Deus bom criou todas as coisas boas é uma suposição lógica de como o caráter de Deus deve ser expresso em Suas obras. Mas quando Deus diz que toda a Sua criação era “muito boa”, então a afirmação é elevada do domínio da suposição para o do fato.

Deus, então, não criou o mal nem criou o maligno na qualidade de maligno. Então de onde veio o maligno? Como o “querubim ungido” tornou-se o “diabo”, “o maligno”, “o tentador”, “o enganador”? Como o belo arcanjo que ocupava o mais alto posto no céu tornou-se o diabólico traidor que será lançado no fundo do inferno? Como ele, que “habitava na verdade”, pôde se tornar um apóstata e “o pai da mentira”?

Já vimos que isso aconteceu porque ele disse:

“Eu subirei *ao céu*.

Acima das estrelas de Deus exaltarei *o meu trono*.

No monte da congregação me *assentarei*.

Subirei acima das mais altas nuvens.

Serei semelhante ao Altíssimo”.

Toda palavra desta desafiadora, presunçosa declaração é o verdadeiro sopro da traição e anarquia. Lúcifer não quer mais ser um súdito e um príncipe sobre o mundo; ele está determinado a não ser mais um subordinado, mas um soberano.

Deus não poderia tolerar tal ação independente; Ele não poderia aprovar tal desaforo à Sua soberania sobre o universo ou Seu controle moral dos seres criados. Tal traição levou Satanás e Deus a um conflito mortal.

AS CONSEQÜÊNCIAS DO CONFLITO

A morte foi lançada. Desse momento em diante Satanás foi disputar com Deus a possessão da Terra e de tudo o que nela há; levantou-se como um rival pretendente à soberania do mundo e à adoração do homem. Ele estabeleceria seu próprio reino. Deus, com um propósito que entenderemos conforme prosseguirmos com a revelação do Seu plano maravilhoso de redenção, permite que Satanás vá em frente com seu plano malvado.

Dois Soberanos

Existem agora no universo dois reinos separados e distintos: o Reino de Deus e o reino de Satanás. Dois Soberanos reivindicam a autoridade sobre o Céu e a Terra.

Pela Sua autoridade de Criador Deus é o justo Senhor de todas as coisas que foram criadas por Ele e para Ele. Deus nunca perdeu nenhum ser criado, angelical ou humano, em qualquer lugar do Seu universo. Ele mantém a possessão de todo o universo eternamente.

“Eis que os céus e os céus dos céus são do SENHOR, teu Deus, a terra e tudo o que nela há” (Dt 10:14).

“Ao SENHOR pertence a terra e tudo o que nela se contém, o mundo e os que nele habitam” (Sl 24:1).

O Reino de Deus é o governo central, o único governo reconhecido por Deus e as hostes espirituais no céu e na Terra. Ele é composto de todas as inteligências morais, angelicais ou humanas, celestiais ou terrenas, de todos os séculos e de todas as regiões, as quais prontamente se colocam dentro do círculo da vontade divina e que em suas próprias liberdades escolhem reconhecer e aceitar Deus como seu Soberano. O Reino de Deus engloba todo o universo sobre o qual Deus é entronizado como Soberano absoluto.

O Senhor Jesus ensina que existe tal Reino de Deus e quem são os qualificados para serem seus cidadãos.

“Ali haverá choro e ranger de dentes, quando virdes, *no reino de Deus*, Abraão, Isaque, Jacó e todos os profetas, *mas vós, lançados fora*. Muitos virão do Oriente e do Ocidente, do Norte e do Sul e tomarão lugares à mesa no reino de Deus” (Lc 13:28,29).

“Respondeu Jesus: Em verdade, em verdade te digo: *quem não nascer da água e do Espírito não pode entrar no reino de Deus*” (Jo 3:5).

Deus declara com clareza as credenciais essenciais para entrar no Seu Reino.

“Ouvi, meus amados irmãos. Não escolheu Deus os que para o mundo são pobres, para serem *ricos em fé e herdeiros do reino* que ele prometeu *aos que o amam?*” (Tg 2:5).

Contudo, por mais inconcebível que possa parecer, existe também no universo de Deus um reino de Satanás. O

Senhor Jesus ensina que existe tal reino. Em uma ocasião, quando expulsou um demônio, alguns do povo O acusaram de expulsar demônios por Belzebu, o chefe dos demônios. Jesus fez a seguinte réplica, na qual colocou o reino de Satanás e o Reino de Deus em um contraste muito nítido:

“E, sabendo ele o que se lhes passava pelo espírito, disse-lhes: Todo reino dividido contra si mesmo ficará deserto, e casa sobre casa cairá. Se também Satanás estiver dividido contra si mesmo, como *subsistirá o seu reino*? Isto, porque dizeis que eu expulso os demônios por Belzebu. E, se eu expulso os demônios por Belzebu, por quem os expulsam vossos filhos? Por isso, eles mesmos serão os vossos juízes. Se, porém, eu expulso os demônios pelo dedo de Deus, certamente, *é chegado o reino de Deus sobre vós*” (Lc 11:17-20).

Deus reconhece que Satanás estabeleceu um reino e que ele se assenta em um trono feito por ele mesmo.

“Conheço o lugar em que habitas, *onde está o trono de Satanás*, e que conservas o meu nome e não negaste a minha fé, ainda nos dias de Antipas, minha testemunha, meu fiel, o qual foi morto entre vós, onde Satanás habita” (Ap 2:13).

Cristo nunca reconheceu Satanás como rei, mas por três vezes Ele o chamou de “o príncipe deste mundo”.

“Chegou o momento de ser julgado este mundo, e agora *o seu príncipe será expulso*” (Jo 12:31).

Deus também reconheceu que Satanás teve sucesso em obter a adoração para si, pois Ele o chamou de “o deus deste século”.

“Nos quais o deus deste século cegou o entendimento dos incrédulos, para que lhes não resplandeça a luz do evangelho da glória de Cristo, o qual é a imagem de Deus” (II Co 4:4).

Existe ainda outro título dado a ele nas Escrituras que nos mostra Satanás não somente obtendo e exercitando um grande poder na Terra entre os homens, mas que ele também conduziu sua rebelião contra Deus no Céu e garantiu seguidores entre a hoste angelical.

“Nos quais andastes outrora, segundo o curso deste mundo, segundo o príncipe da potestade do ar, do espírito que agora atua nos filhos da desobediência” (Ef 2:2).

“Porque a nossa luta não é contra o sangue e a carne, e sim contra os principados e potestades, contra os dominadores deste mundo tenebroso, contra as forças espirituais do mal, nas regiões celestes” (Ef 6:12).

É evidente, então, que através da sua traição e da desobediência de Adão Satanás obteve uma conquista temporária da Terra, que se tornou uma província revoltosa no universo de Deus. Satanás é o soberano sobre os governos rebeldes; é um governo contra o governo. Ele é composto de todas as inteligências morais, angelicais ou humanas, celestiais ou terrenas, de todos os séculos e de todas as regiões, as quais estão fora do círculo da vontade divina e continuam se sujeitando a

Satanás. O reino de Satanás engloba todo o mundo do gênero humano que está sem o Senhor Jesus Cristo.

Duas Esferas

Em um número recente da revista *National Geographic* há uma foto notável. Ela é uma vista tomada de um hidroavião, a uma altura de mil e setecentos metros, de dois rios, o Negro e o Amazonas, se encontrando e se misturando. A foto revela dois cursos distintos, cada um identificado pela sua cor. As águas do Negro são negras, as do Amazonas amarelas, e mesmo no lugar onde elas se encontram pode ser vista a nítida linha colorida da separação.

Um olhar sobre a humanidade a partir do ponto de vista dos seres celestiais pode ver neste mundo duas trajetórias distintas de vida, a natural e a espiritual, ambas facilmente identificadas pela sua cor. As águas da natural são negras, as da espiritual amarelas, e mesmo no lugar onde elas se encontram e se misturam, seja nos negócios, na sociedade ou no lar, pode ser vista a nítida linha colorida da separação.

O Negro e o Amazonas têm fontes diferentes e cada um compartilha por todo seu curso da cor da água da nascente. O natural e o espiritual na vida humana vêm de duas fontes distintas e cada um compartilha por todo seu curso da qualidade de vida da sua nascente.

Existem duas esferas nas quais toda a humanidade está dividida; uma é a esfera do pecado e a outra é a esfera da justiça. Essas duas esferas são identificadas por três características notáveis: a esfera do pecado pelas trevas, morte e desordem; a esfera da justiça pela luz, vida e liberdade. Satanás é o soberano na esfera do pecado e Cristo é o Soberano na esfera da justiça.

Muitas passagens das Escrituras declaram que existem estas duas esferas de vida e que Cristo Jesus morreu e ressuscitou para tirar os homens de uma e conduzi-los para outra. Estudaremos somente três passagens. Na defesa de Paulo diante de Agripa ele expôs sua comissão dada por Deus como um ministro e missionário dos gentios. Deus disse a Paulo exatamente o que Ele esperava que ele fizesse.

“Livrando-te do povo e dos gentios, para os quais eu te envio, para lhes abrires os olhos e *os converteres das trevas para a luz e da potestade de Satanás para Deus*, a fim de que recebam eles remissão de pecados e herança entre os que são santificados pela fé em mim” (At 26:17, 18).

Aqueles homens para quem Paulo pregou eram cegos, obscurecidos, atados, e ele foi enviado para que eles pudessem ser iluminados e livres. Eles tinham de ser convertidos de algo para Algo, eles tinham de ser convertidos de alguém para Alguém.

“Ele nos libertou do *império das trevas e nos transportou para o reino do Filho do seu amor*” (Cl 1:13).

O crente foi *resgatado do domínio de Satanás e transferido para o Reino de Deus*.

“Pois, outrora, *éreis trevas*, porém, agora, *sois luz* no Senhor; andai como filhos da luz” (Ef 5:8).

Existem esses dois nítidos contrastes e esferas distintamente marcadas nas quais os homens vivem, e cada leitor neste momento está em uma ou outra dessas esferas.

Duas Sementes

Com a apostasia de Adão Satanás pensou ter vencido o primeiro passo na derrota e destronamento de Deus. Um terrível conflito começou. Deus não minimizou sua gravidade ameaçadora, mas no princípio do conflito Ele triunfalmente reivindicou a vitória sobre Seu inimigo.

“Porei inimizade entre ti e a mulher, *entre a tua descendência e o seu descendente. Este te ferirá a cabeça, e tu lhe ferirás o calcanhar*” (Gn 3:15).

Esta promessa profética contém a declaração de guerra de Deus. Uma batalha está para ser combatida até o fim entre duas sementes. A questão em jogo é a soberania de Deus. O objetivo imediato no conflito é a redenção e a reconciliação da raça humana arruinada através do pecado. O objetivo final é a restauração para Deus da indivisível soberania sobre todo o Seu universo; em outras palavras, o decreto do Reino de Deus.

Existe inimizade entre as duas sementes – a semente da serpente e a semente da mulher. A semente de Satanás delineada através das Escrituras é o Anticristo; a semente da mulher é Cristo. Todas as profecias das Escrituras convergem na direção dessas duas pessoas, que se opõem em um conflito final.

Satanás sabe que Jesus Cristo é “a semente da mulher.” É a Ele que o diabo odeia. Mesmo antes desta primeira profecia messiânica divulgada no Éden os ataques rancorosos de Satanás têm sido contra a Pessoa e a obra do Senhor Jesus. Desde o momento em que Deus disse “porei inimizade entre ti e a mulher, entre a tua descendência e o seu descendente.

Este te ferirá a cabeça, e tu lhe ferirás o calcanhar” até Cristo, o Salvador, cumprir aquela profecia no brado do Calvário – “tudo está consumado” –, Satanás empreendeu incessante batalha contra a *Pessoa* do Senhor Jesus.

A história do Antigo Testamento revela as repetidas tentativas para destruir a linhagem através da qual “a semente da mulher” viria, evitando assim a encarnação. Sendo conduzido ao fracasso pela intervenção protetora de Deus, tentou então matar o Cristo menino no nascimento. Ao falhar nisto, tentou frustrar o cumprimento do propósito eterno de Deus em Seu Filho persuadindo o Senhor Jesus no deserto a declarar Sua independência de Deus. Derrotado em seu apelo direto, ele usou meios indiretos para afastá-Lo da Cruz do Calvário. Ele usou tanto os inimigos como os amigos de Cristo como suas ferramentas. Ele instigou Seus inimigos a matá-Lo, e repetidas tentações foram lançadas sobre Sua vida. Ele usou Seus amigos para dissuadi-Lo do sacrifício voluntário de Si mesmo como o Salvador do mundo. Sua derrota em todas estas variadas tentativas o enfureceram em um ataque sobre o espírito, alma e corpo do Filho do Homem no Getsêmani, seu último esforço fútil para bloquear o caminho do Calvário. Jesus foi para a cruz, morreu e ressuscitou da sepultura: a semente da mulher esmagou a cabeça da serpente.

Tendo falhado em ferir a *Pessoa* do Senhor Jesus Satanás tem se ocupado, através dos séculos passados, em tentar mutilar Sua *obra*. Ele fez isso enganando os homens e cegando suas mentes e assim conduzindo-os a descrer e negar a verdade do Evangelho. Ele espera assim atrasar o cumprimento final da profecia a respeito da sua própria grande derrota.

Desde o momento do pronunciamento desta profética promessa Deus fez constante progresso em seu cumprimento.

No jardim do Éden ela foi *anunciada*; na manjedoura em Belém ela foi *realizada*; na Cruz do Calvário ela foi *consumada*; e no Monte das Oliveiras ela foi *atestada*.

O Reino pertence a Deus. Satanás mantém sua reivindicação somente como um traidor e usurpador. Cristo veio, viveu, morreu, ressuscitou, ascendeu ao Céu e virá novamente para que Ele possa assentar sobre Seu trono e reinar (At 2:30) até que todos os inimigos sejam conquistados (At 2:35) e tudo seja posto outra vez debaixo da soberania divina do Deus trino (I Co 15:22-28).

No Éden o destino fatal de Satanás é claramente anunciado. "Este te ferirá a *cabeça*." Será um golpe fatal, que efetiva sua derrota final, destronamento e destruição. A sentença pronunciada sobre o diabo em Gênesis 3:14-15 é uma sentença eterna: o fim para ele é o tormento eterno no lago de fogo preparado para ele e seus anjos (Mt 25:41).

Na manjedoura em Belém o destino fatal de Satanás foi realizado. A encarnação do Senhor dos Céus significa o começo do fim de Satanás, e ele sabe disso. Por isso é que ele se opôs ao nascimento do menino Cristo e agora nega a verdade do sopro de Deus no nascimento virginal. Sua destruição foi realizada quando Deus manifesto em Cristo entrou aberta e agressivamente no campo de ação para liderar Suas forças na vitória.

Sobre a Cruz do Calvário o destino fatal de Satanás foi consumado. Lá seu julgamento foi selado. O propósito eterno de Deus no Cristo Salvador foi realizado. Desde então os Céus olham para o diabo como um inimigo derrotado. Cristo, antevendo Sua morte na Cruz, considerou-a como a hora e o lugar da derrota do diabo: "Chegou o momento de ser julgado este mundo, e agora o seu príncipe será expulso" (Jo 12:31).

Mas não será atestado o destino fatal de Satanás até que o Senhor Jesus venha dos Céus sobre o Monte das Oliveiras em toda Sua majestade e glória. Então a sentença pronunciada sobre ele no Éden será executada. Através da permissão de Deus o príncipe traidor ainda controla o reino de Satanás, mas quando Deus completar Seu propósito eterno em Cristo Jesus então o julgamento de Deus sobre Satanás será finalmente executado.

Súditos nos Dois Reinos

Desde o momento em que Satanás estabeleceu seu próprio reino ele está ocupado recrutando súditos e mobilizando suas forças para batalhar. Hoje ele tem uma hoste satânica numerosa nas regiões celestiais, na Terra e no inferno.

As Escrituras falam do “diabo e seus anjos”. Isso nos diz que existem anjos que pecaram.

“Então, o Rei dirá também aos que estiverem à sua esquerda: Apartai-vos de mim, malditos, para o fogo eterno, *preparado para o diabo e seus anjos*” (Mt 25:41).

“*E a anjos, os que não guardaram o seu estado original, mas abandonaram o seu próprio domicílio, ele tem guardado sob trevas, em algemas eternas, para o juízo do grande dia*” (Jd 6).

Como “o príncipe da potestade do ar” e “príncipe dos demônios” Satanás controla uma vasta hoste de seres espirituais nas regiões celestiais. Os “demônios” ou “espíritos malignos” que estão a serviço de Satanás são provavelmente aqueles que estiveram debaixo do seu controle quando ele

era “o querubim ungido” e o seguiram em sua rebelião contra Deus. A população celeste com estas hostes espirituais da maldade, que estão unidas na mais completa organização, consiste de principados e potestades sobre os quais está a inteligência do controlador do mundo. O quartel-general desta vasta organização, o trono de Satanás (Ap 2:13), está acima da Terra, e a esfera de atuação desta hoste satânica está sobre a Terra e na atmosfera que a envolve.

“Chegada a tarde, trouxeram-lhe muitos *endemoninhados*; e ele meramente com a palavra expeliu os *espíritos* e curou todos os que estavam doentes” (Mt 8:16).

“Porque a nossa luta não é contra o sangue e a carne, e *sim contra os principados e potestades, contra os dominadores deste mundo tenebroso, contra as forças espirituais do mal, nas regiões celestes*” (Ef 6:12).

Satanás também é o controlador da ordem satânica na Terra. Ele é chamado de “príncipe deste mundo”. A posteridade da semente de Satanás é encontrada não somente entre os anjos e demônios, mas entre os homens. A semente da serpente pode ser delineada de Gênesis a Apocalipse. Eles são homens e mulheres que escolheram viver em suas vontades próprias do que viver na vontade de Deus, que recusam a soberania de Deus sobre suas vidas, que, em orgulho e justiça própria, rejeitam Jesus Cristo como seu Salvador. Caim é o primeiro a ser mencionado como a semente da serpente.

“Não segundo Caim, *que era do Maligno* e assassinou a seu irmão; e por que o assassinou? Porque as suas obras eram más, e as de seu irmão, justas” (I Jo 3:12).

O Senhor Jesus reconheceu a descendência da serpente no amor-próprio, na vontade própria, no ódio e na rejeição dos fariseus do Seu tempo e não hesitou em chamá-los pelos seus nomes corretos.

“Serpentes, raça de víboras! Como escapareis da condenação do inferno?” (Mt 23:33).

Em outra ocasião, falando com aqueles que O rejeitaram, Ele revelou o ancestral espiritual deles, o diabo, e disse que eles eram súditos a serviço dele. *“Vós sois do diabo, que é vosso pai, e quereis satisfazer-lhe os desejos” (Jo 8:44 a).*

Em um outro momento Jesus chamou os não-salvos de “filhos do maligno”. Ele lhes contou a parábola do joio e do trigo e eles pediram uma explicação.

“O campo é o mundo; a boa semente são os filhos do reino; o joio são os filhos do maligno” (Mt 13:38).

Deus tem uma multidão de hostes nos Céus, no paraíso e na Terra que são Seus súditos. A semente de Deus pode ser rastreada desde Gênesis a Apocalipse e inclui todos aqueles que desde o começo da história humana foram resgatados do reino de Satanás e transferidos para Deus através da fé no sacrifício redentor do Filho. Abel foi o primeiro dos heróis da fé.

“Pela fé, Abel ofereceu a Deus mais excelente sacrifício do que Caim; pelo qual obteve testemunho de ser justo, tendo a aprovação de Deus quanto às suas ofertas. Por meio dela, também mesmo depois de morto, ainda fala” (Hb 11:4).

Por todos os séculos passados os homens continuaram a oferecer estes “mais excelentes sacrifícios” que requerem o derramamento de sangue, expressando assim suas necessidades e fé no Salvador que estava por vir.

Então o Salvador veio e fez um sacrifício pelos pecados através do derramamento do Seu próprio sangue. Desde então, através da pregação do Evangelho multidões de todas as nações e povos da Terra renunciaram suas cidadanias no reino de Satanás e se tornaram súditos no Reino de Deus.

“Ele nos libertou do império das trevas e nos transportou para o reino do Filho do seu amor” (Cl 1:13).

Acrescentada a esta vasta multidão de súditos de Deus sobre a Terra estão as inumeráveis hostes de anjos nos Céus cujo deleite está em adorar sem cessar o Cordeiro que foi morto.

“Vi e ouvi uma voz de muitos anjos ao redor do trono, dos seres viventes e dos anciãos, cujo número era de milhões de milhões e milhares de milhares, proclamando em grande voz: Digno é o Cordeiro que foi morto de receber o poder, e riqueza, e sabedoria, e força, e honra, e glória, e louvor” (Ap 5:11, 12).

Dois Sistemas

Satanás tem um propósito, um projeto e um programa. Seu propósito é “ser igual ao Altíssimo”, seu projeto é estabelecer um reino em oposição ao Reino de Deus, seu programa é melhorar as condições do mundo e as circunstâncias da humanidade de modo que os homens estejam satisfeitos em

permanecer como seus súditos e não tenham desejo pelo Reino de Deus.

Satanás tem sido representado na maioria das literaturas do mundo como o espírito maligno do inferno. Ele tem sido caracterizado como uma abominável criatura com chifres e cascos, revelando em tudo isso que era cruel, depravado e sujo. Mas ele é exatamente o oposto de tudo isso. Ele nunca quis ser o deus do inferno, mas o Deus dos Céus. Foi o julgamento de Deus sobre seu pecado que o fez rei do mais profundo do abismo. Ele é o inspirador e instigador dos mais altos padrões desse ímpio e auto-suficiente mundo da raça humana. Seu propósito era e ainda é ser e fazer sem Deus o que Deus é e faz. Vamos sempre ter em mente que o propósito de Satanás era destronar Deus em Seu universo e nos corações dos homens e então tomar Seu lugar. Para ter sucesso na sua tentativa Satanás não deve tentar ser diferente de Deus, mas como Deus. Para inclinar os corações dos homens para ele mesmo como um soberano e atrair seus corações para ele em adoração ele precisa imitar a Deus. Para anular a obra de Cristo Satanás precisa falsificá-la o máximo possível.

Seu projeto estava alinhado com seu propósito. Ele deixaria sua posição de subordinado no Reino de Deus e estabeleceria seu próprio reino. Seu fundamento seria o *eu*. Vontade própria, amor-próprio, interesse próprio, suficiência própria constituiriam sua pedra de esquina. A ilegalidade, a revolta contra o senhorio de Deus, a irreverência, a recusa em adorar a Deus seriam a sua superestrutura.

Satanás sabia que tal projeto teria de ser protegido por um programa inteligente. Nem mesmo o homem natural se submeteria conscientemente à soberania de Satanás ou se prostraria e o adoraria. Por isso o programa de Satanás des-

de o princípio tem sido uma ilusão. Satanás tem procurado manter o homem natural satisfeito consigo mesmo e com o mundo no qual ele vive. Isto não é uma tarefa fácil como ela pode parecer. O espírito do homem nunca pode ser satisfeito a não ser em Deus, de quem ele veio e por quem ele foi criado. Algo no pior dos homens, em determinados momentos e sob algumas circunstâncias, clama por Deus. O homem vive e labuta com suor, sofrimento e dor. Seu espírito, alma e corpo clamam por libertação da carga de intolerância.

À luz deste conhecimento Satanás armou um programa inteligente. Ele uniu todos os seus súditos em uma enorme federação mundial para a reforma e melhoria do mundo. Isto seria alcançado através de um plano cuidadosamente elaborado para a promoção da educação, cultura, moralidade e paz sobre toda a Terra. Os relacionamentos humanos – internacional, civil, social, familiar e pessoal – estão inegavelmente em uma terrível confusão, mas através de conferências de paz, alianças de nações e cortes internacionais os desajustes poderiam ser corrigidos; através dos movimentos de educação em massa e programas de serviço social as condições civis e sociais poderiam melhorar; através do processo de um novo pensamento que promovesse a autocultura e a auto-repressão a guerra civil dentro da própria personalidade do homem teria fim e então uma relação mais amigável com aqueles com quem ele estava ligado por laços de sangue e de amizade seria estabelecida. Deste modo Satanás teria êxito em enganar o homem fazendo-o pensar que o Reino de Deus viria sobre a Terra.

Satanás sabe que existe somente um Deus verdadeiro e que Jesus Cristo é o Seu Filho que Ele enviou para ser Salvador (Tg 2:19, Mt 8:39). Mas ele impediria os homens de conhecer esta verdade. Do mesmo modo que ele deve

impedi-los de sentir qualquer necessidade de Deus. Então seu programa precisa prover a perfeita satisfação da alma e do corpo do homem para que seu espírito possa ser mantido em trevas e mortificado. Assim, o programa de Satanás inclui todas as coisas concebíveis que possam servir para recreação, conforto, benefício e satisfação no âmbito físico, intelectual, afetivo, estético, moral, e até mesmo na natureza religiosa do homem.

Além disso, seu programa deve prover para o homem um ambiente exterior que se iguale a esta necessidade interior. A Terra está amaldiçoada, mas Satanás precisa fazer o que ele puder para remover o efeito da maldição. O homem nunca estará satisfeito a menos que a Terra seja o mais confortável, prazeroso lugar para viver. Desse modo, o plano de Satanás é tornar este mundo muito atrativo e então organizar a sociedade humana para que possa estar tão ocupada com suas atividades e prazeres que os homens não pensarão em Deus.

Homens honestos, sérios e dispostos verão através deste fino véu e estarão preocupados com o desajuste do mundo. Mas Satanás comprometerá tais homens na tarefa de reparação da ruína que ele mesmo provocou. Eles darão milhões e milhões de dólares, alguns darão até mesmo suas próprias vidas, para a execução da tarefa pensando que estão comprometidos no serviço de Deus. Satanás drogará os homens com o palpável e transitório e assim os separará do celestial e eterno.

Esta vasta federação de espíritos malignos e homens maus está organizada em um sistema astuto do qual Satanás é o espírito governante. Ele determina seus princípios, dirige suas políticas, decide sobre seu programa e trama a sua propaganda. Este sistema satânico é "o mundo". O Senhor

Jesus revelou seu nome e sua natureza em Sua mensagem de despedida aos Seus discípulos e lhes disse claramente qual seria sua atitude para com Ele. A atitude deste sistema para com Jesus Cristo, que é um ódio absoluto, a qualifica como satânica.

“Se o mundo vos odeia, sabeí que, *primeiro do que a vós outros, me odiou a mim*. Se vós fôsseis do mundo, o mundo amaria o que era seu; como, todavia, não sois do mundo, pelo contrário, dele vos escolhi, por isso, *o mundo vos odeia*” (Jo 15:18-19).

“Eu lhes tenho dado a tua palavra, e *o mundo os odiou, porque eles não são do mundo*, como também eu não sou. *Eles não são do mundo*, como também eu não sou” (Jo 17:14,16).

Deus diz que este sistema satânico é inerentemente “perverso”, desesperadamente “corrupto”, completamente “contaminado”, irreconciliavelmente odioso.

“O qual se entregou a si mesmo pelos nossos pecados, para nos *desarraigaiar deste mundo perverso*, segundo a vontade de nosso Deus e Pai” (Gl 1:4).

“Pelas quais nos têm sido doadas as suas preciosas e mui grandes promessas, para que por elas vos torneis co-participantes da natureza divina, livrando-vos *da corrupção das paixões que há no mundo*” (II Pe 1:4).

“Portanto, se, depois de terem escapado *das contaminações do mundo* mediante o conhecimento do Senhor

e Salvador Jesus Cristo, se deixam enredar de novo e são vencidos, tornou-se o seu último estado pior que o primeiro” (II Pe 2:20).

“Se o mundo vos odeia, sabeis que, primeiro do que a vós outros, me odiou a mim” (Jo 15:18).

Deste modo Deus declara sua avaliação do “mundo”. Ele fala com a mesma clareza a respeito das suas obras.

“Não pode o mundo odiar-vos, mas a mim me odeia, porque eu dou testemunho a seu respeito de *que as suas obras são más*” (Jo 7:7).

Este sistema satânico, “o mundo”, é como um polvo colossal que lançou miríades de tentáculos para agarrar todas as fases da vida humana e atraí-las para si mesmo. Suas garras estão sobre a vida coletiva humana nos lares, mercados, escolas, política, até mesmo em suas igrejas. Ele penetrou em todos os relacionamentos da vida individual, pessoal, familiar, social, nacional e internacional.

“O mundo”, que é a sociedade humana a qual Deus abandonou, é o laço de Satanás para capturar os homens e mantê-los em escravidão. “O que a teia é para a aranha, o que a isca é para o pescador, o que o chamariz é para o caçador, assim o mundo é para Satanás um meio de capturar os homens.” “O mundo” é a pata do diabo com a qual ele golpeia os homens; é o aliado do diabo no combate contra Deus para o controle soberano dos homens.

Mas há alguma coisa dentro dos homens que corresponde a Satanás e ao seu sistema? Na Bíblia lemos que eles têm uma cumplicidade cujo nome é “a carne”.

“Porque, quando *vivíamos segundo a carne*, as paixões pecaminosas postas em realce pela lei operavam em nossos membros, a fim de frutificarem para a morte” (Rm 7:5).

“Assim, pois, irmãos, somos devedores, *não à carne* como se constringidos a *viver segundo a carne*. Porque, *se viverdes segundo a carne*, caminhais para a morte; mas, se, pelo Espírito, mortificardes os feitos do corpo, certamente, vivereis” (Rm 8:12-13).

Nas Escrituras a palavra “carne” tem muitos significados, mas nos versos mencionados ela é usada no sentido ético e significa todo o homem natural, espírito, alma e corpo, vivendo em sua própria vontade e alienado da vida de Deus. Carne é o que o homem se tornou por causa da queda. É o homem “sem Deus” (Ef 2:12).

A “carne” manifesta nada mais do que antagonismo a Deus e provocação da autoridade. É irrevogavelmente oposta a Deus e Sua lei.

“Por isso, o *pendor da carne é inimizade contra Deus*, pois *não está sujeito à lei de Deus, nem mesmo pode estar*” (Rm 8:7).

Portanto a “carne” é o material na raça humana sobre o qual Satanás trabalha para manter o homem como parte de seu sistema. Esta trindade do mal, o mundo, a carne e o diabo, está organizada em uma combinação diabólica contra Deus e Seus santos.

Satanás tem um plano inteligentemente arquitetado, mas Deus tem um propósito divinamente lavrado. O propósito de Deus precedeu o plano de Satanás; o propósito de Deus antecipou o plano de Satanás; o propósito de Deus anulou o

plano de Satanás; o propósito de Deus foi formado na eternidade passada e alcançado na eternidade futura. “Deus estava em Cristo reconciliando o mundo com Ele mesmo.”

Cristo Jesus foi Aquele através do qual o propósito de Deus foi cumprido. Ele constantemente falou de Si mesmo como alguém que foi enviado do Céu pelo Pai para fazer a vontade do Pai, não a Sua própria vontade. Ele não pertencia à Terra, mas ao Céu, e estava aqui somente para cumprir uma missão especial.

“Porque eu desci do céu, não para fazer a minha própria vontade, e sim a vontade daquele que me enviou. E a vontade de quem me enviou é esta: que nenhum eu perca de todos os que me deu; pelo contrário, eu o ressuscitarei no último dia. De fato, a vontade de meu Pai é que todo homem que vir o Filho e nele crer tenha a vida eterna; e eu o ressuscitarei no último dia” (Jo 6:38, 40).

Jesus negou qualquer participação ou relacionamento com o sistema satânico chamado “o mundo”.

“Eles não são do mundo, como também eu não sou” (Jo 17:16).

“Já não falarei muito convosco, porque aí vem o príncipe do mundo; e ele nada tem em mim” (Jo 14:30).

De fato Ele declarou que este sistema satânico tinha uma atitude imutável em relação a Ele – de um inflexível ódio que enfim se esgotaria na Sua crucificação.

“Se o mundo vos odeia, sabeis que, primeiro do que a vós outros, me odiou a mim” (Jo 15:18).

“Lembrai-vos da palavra que eu vos disse: não é o servo maior do que seu senhor. *Se me perseguiram a mim*, também perseguirão a vós outros; se guardaram a minha palavra, também guardarão a vossa” (Jo 15:20).

Não há nada nas Escrituras que indique que Deus faz qualquer tentativa para mudar ou converter “o mundo”. O Senhor Jesus admite francamente que “o mundo inteiro jaz no maligno” (I Jo 5:19) e está sob o controle de Satanás.

O propósito de Deus em Cristo é de chamar os homens para fora do mundo: para libertá-los do amor por ele, até mesmo crucificá-los para o mundo e o mundo para eles.

“Se vós fôsseis do mundo, o mundo amaria o que era seu; como, todavia, não sois do mundo, *pelo contrário, dele vos escolhi*, por isso, o mundo vos odeia” (Jo 15:19).

“*Não ameis o mundo nem as coisas que há no mundo. Se alguém amar o mundo, o amor do Pai não está nele*” (I Jo 2:15).

“Mas longe esteja de mim gloriar-me, senão na cruz de nosso Senhor Jesus Cristo, *pela qual o mundo está crucificado para mim, e eu, para o mundo* (Gl 6:14).

A Escritura torna inconfundivelmente claro para a mente espiritual o propósito de Deus nesta era, que é chamar indivíduos de todas as nações, raças, povos e línguas, os quais, através da fé no sacrifício redentor de Jesus Cristo na cruz, se tornem uma parte verdadeira dEle e Ele deles. Ele chama este organismo vivo de Seu corpo, a Igreja.

“Ele é a cabeça do corpo, da igreja. Ele é o princípio, o primogênito de entre os mortos, para em todas as coisas ter a primazia” (Cl 1:18).

O propósito de Cristo nesta era é chamar para fora do mundo e em união com Ele mesmo aqueles “achados nele antes da fundação do mundo”, os quais se tornaram um povo santo, celestial, preparados para serem membros do corpo do qual o santo Cristo no Céu é o Cabeça.

“...assim como nos escolheu nele antes da fundação do mundo, para sermos santos e irrepreensíveis perante ele; e em amor...” (Ef 1:4).

“E pôs todas as coisas debaixo dos pés, e para ser o cabeça sobre todas as coisas, o deu à igreja, a qual é o seu corpo, a plenitude daquele que a tudo enche em todas as coisas” (Ef 1:22, 23).

“Ora, vós sois corpo de Cristo; e, individualmente, membros desse corpo” (I Co 12:27).

Do ponto de vista de Deus “o mundo” e “a Igreja” são totalmente opostos. “O mundo” é uma vasta organização de toda a massa de seres humanos incrédulos que estão debaixo da liderança de Satanás. “A Igreja” é um organismo invisível de todos os verdadeiros crentes que estão debaixo do Cabeça, Cristo. Estes dois estão em conflito sobre a Terra e se opõem um ao outro como instrumentos de Satanás e de Cristo em suas tentativas de obter e manter a posse e o controle dos homens.

Como Deus obtém resposta ao Seu apelo para que os homens saiam do mundo e entrem na comunhão com

Cristo? Ele tem um associado nesta tarefa? Veremos nos próximos capítulos que esta é a obra do Espírito Santo, que acende de novo a vida no espírito humano e então vem morar nele¹.

“Dar-vos-ei coração novo e porei dentro de vós espírito novo; tirarei de vós o coração de pedra e vos darei coração de carne. Porei dentro de vós o meu Espírito e farei que andeis nos meus estatutos, guardeis os meus juízos e os observeis” (Ez 36:26, 27).

“Vós, porém, não estais na carne, mas no Espírito, se, de fato, o Espírito de Deus habita em vós. E, se alguém não tem o Espírito de Cristo, esse tal não é dele” (Rm 8:9).

A CONSUMAÇÃO DO CONFLITO

O propósito eterno de Deus na redenção do homem está em processo gradual de cumprimento desde que foi formado, e cada século que passa o aproxima mais da sua consumação. A essência do plano redentor de Deus foi um Salvador. Este Salvador deveria vir através da semente de uma mulher. Deus deveria se tornar homem. Então Deus escolheu um povo e o separou para que através dele o Salvador viesse “segundo a carne”. Na plenitude dos tempos Cristo veio, viveu, morreu e ressuscitou. A redenção do homem foi consumada.

¹ Você encontra um amplo e detalhado comentário sobre esse assunto na obra *Não Ameis o Mundo*, de Watchman Nee, publicada por esta editora (N. do E.).

“São israelitas. Pertence-lhes a adoção e também a glória, as alianças, a legislação, o culto e as promessas; deles são os patriarcas, e *também deles descende o Cristo, segundo a carne*, o qual é sobre todos, Deus bendito para todo o sempre. Amém!” (Rm 9:4, 5).

Em seguida era necessário uma Palavra escrita para proclamar este maravilhoso Evangelho para os pecadores em todos os lugares. Assim Deus escolheu e separou um povo através do qual a Palavra escrita deveria vir.

“Antes de tudo, vos entreguei o que também recebi: que Cristo morreu pelos nossos pecados, *segundo as Escrituras*, e que foi sepultado e ressuscitou ao terceiro dia, *segundo as Escrituras*” (I Co 15:3, 4).

“Qual é, pois, a vantagem do judeu? Ou qual a utilidade da circuncisão? Muita, sob todos os aspectos. *Principalmente porque aos judeus foram confiados os oráculos de Deus*” (Rm 3:1, 2).

Através dos israelitas, povo escolhido de Deus, Ele deu tanto a Palavra encarnada como a Palavra escrita ao mundo.

A próxima ação de Deus foi pregar este Evangelho através de Seus próprios ministros e missionários por toda parte do mundo para que todos os homens em todos os lugares tivessem a oportunidade de olhar para o Filho e crer nEle.

“E disse-lhes: Ide por todo o mundo e pregai o evangelho a toda criatura” (Mc 16:15).

Quando este trabalho tiver sido completado, para alegria de Deus, e a Noiva estiver pronta para o Noivo, o Senhor

Jesus Cristo virá outra vez para tomar Sua propriedade para Si mesmo e estabelecer Seu reino sobre a Terra.

Este é o começo do fim de Satanás. Ele será preso e lançado no abismo por mil anos. Então será solto por um pouco de tempo. Ele irá tentar as nações e ajuntá-las para a batalha contra o Senhor, provando assim sua inalterável e imutável atitude de vontade própria e oposição a Deus (Ap 20:1-3,7-9).

Então vem o julgamento final e completo de Deus sobre ele. Ele é jogado no lago de fogo e enxofre para ser atormentado dia e noite para sempre (Ap 20:10).

Cristo Jesus, tendo consumado o plano completo de Deus para redimir os homens e reconciliar todas as coisas nEle mesmo, agora restaura a absoluta, indivisível soberania de Deus sobre todo o Seu universo.

“E, então, virá o fim, *quando ele entregar* o reino ao Deus e Pai, quando houver destruído todo principado, bem como toda potestade e poder. *Porque convém que ele reine até que haja posto todos os inimigos debaixo dos pés.* Quando, porém, todas as coisas lhe estiverem sujeitas, então, o próprio Filho também se sujeitará àquele que todas as coisas lhe sujeitou, *para que Deus seja tudo em todos*” (I Co 15:24-25, 28).

Falsas e fúteis tentativas para salvação

Na Sua Palavra Deus ensinou uma verdade que está além de qualquer controvérsia. É a de que o pecado criou um terrível abismo entre Ele e o homem. O homem pode ignorar ou fechar os olhos para o pecado, pode tratá-lo levemente, ele pode até ser tão tolo para negar sua realidade, mas isso não modifica o fato inalterável de que o pecado existe e que ele o separa de Deus. Deus não trata o pecado levemente. Deus o odeia, Deus o condena. “O pecado não expiado deve ser uma barreira insuperável entre o pecador e Deus.”

Se o homem natural é conduzido para o favor e comunhão com Deus, é evidente que alguma coisa deve ser feita com o pecado. O primeiro passo do homem para retornar para Deus deve ser uma consciência que se aprofunda na convicção

do pecado. Assim, a pergunta que ocorre a toda pessoa que desperta de sua condição de pecado e de suas conseqüências é a mesma daquela que ocorreu ao carcereiro filipense: “O que eu devo fazer para que seja salvo?” (At 16:30).

A NATUREZA DA SALVAÇÃO

Vamos analisar a pergunta do carcereiro. Primeiro: “O que eu devo fazer para que seja salvo?”. Quem é o “eu”? Um homem perdido escravizado pelo pecado, pelo eu e por Satanás; um homem cego cuja mente foi obscurecida pelo deus deste mundo, cujos olhos estão fechados para a beleza e a glória de Deus; um homem morto alienado da vida de Deus.

Segundo: “O que eu devo fazer para que seja *salvo*?”. Ele não perguntou o que deveria fazer para ser reformado ou reparado ou polido novamente, mas para ser salvo. A pergunta que ele fez é: “Como eu, um homem escravizado, posso ter diligência, um homem cego, ter visão, um homem morto, ter vida”?

Terceiro: “O que eu devo *fazer* para que seja salvo?” O que um escravo amarrado pode fazer para ser livre? Ou o que pode um homem cego fazer para ganhar visão? Ou o que pode um homem morto fazer para se tornar vivo?

Vamos responder à pergunta do carcereiro definindo o tipo de salvação que irá satisfazer plenamente as necessidades do pecador. *Deve ser uma salvação que Deus possa aceitar como inteiramente suficiente e satisfatória.* Deus é Aquele que foi ofendido e muito ferido pelo pecado. Pelo seu pecado Adão perdeu todo o direito de se relacionar com Deus, e somente Deus é quem pode dizer por qual meio e de que maneira o relacionamento com o homem pecador pode ser restaurado. O homem não tem fundamento sobre o qual ele possa se

aproximar de Deus. Se Deus sempre recebe o homem natural isso deve ser sobre algum fundamento onde ele se confessa um perdido, desesperado, pecador. “Entre ele e Deus está o intranponível golfo da inabilidade moral. Entre ele e Deus está a barreira do julgamento penal.” Somente Deus pode determinar como esse precipício será transposto e essa barreira removida.

Deve ser uma salvação que trata efetivamente com o pecado e todas as suas conseqüências. Essa salvação deve descartar o pecado e dar ao homem uma nova natureza, sem a qual não haverá base para o estabelecimento de um relacionamento com Deus. Essa salvação deve destruir os pecados do homem e suas conseqüentes culpas. Os pecados cometidos não podem ser anulados somente por uma expressão de tristeza ou por uma promessa de melhoria em uma resolução de Ano Novo ou por “uma mudança de vida”.

Deve ser uma salvação que cumpra a sentença de morte sobre o pecador. A lei de Deus é santa e não pode ser menosprezada. Os julgamentos de Deus são justos e devem ser cumpridos. Deus disse: “A alma que pecar, essa morrerá”. A pena precisa ser paga; o julgamento deve ser executado. Qualquer salvação que salva deve levar em conta o pagamento dessa pena e a execução desse julgamento.

Deve ser uma salvação que completa a derrota, destronamento e destruição de Satanás. O julgamento de Deus sobre Satanás, que trouxe o pecado para o universo, deve ser executado tão fielmente quanto o julgamento de Deus sobre o pecador. Deus disse que a semente da mulher iria esmagar a cabeça da serpente. Esta é uma parte da promessa original da salvação. A vitória final de Cristo necessita da completa derrota de Satanás. Assim deve ser a natureza de qualquer salvação que salva plenamente.

FALSAS E FÚTEIS TENTATIVAS DO HOMEM PARA SALVAÇÃO

Mas existem aqueles que, recusando aceitar a avaliação de Deus do homem natural, negam a necessidade de qualquer mudança neles de maneira radical e revolucionária. Eles se deleitam em exaltar a carne e negam o fato evidente de que a natureza humana está em ruína total, embora sejam compelidos a admitir que ela necessita de restauração. Eles crêem e ensinam que a natureza humana é imperfeita porque está em processo de formação. Mas dê um ambiente apropriado, uma educação liberal e a chance de fazer o melhor daquilo que ele já possui, e o homem, pelo seu próprio desenvolvimento natural, finalmente alcançará a Divindade e ganhará um lugar no Reino de Deus. Em outras palavras, salvação não é por graça, mas por crescimento; ela depende mais de uma evolução da vida interior do que de uma comunicação de vida exterior.

Existem até aqueles que no púlpito e no seminário teológico ensinam que o homem natural não está morto, mas doente; não é pecaminoso, mas fraco; não está caído, mas desfalecido; e eles tentam a renovação através da cultura ética, reforma social e da educação maciça enquanto ridicularizam a necessidade de redenção através da obra de expiação do Salvador crucificado e da regeneração através do poder do Espírito.

Seu tipo de pregação é muito bem resumida na palavra de um proeminente pregador, que disse: "Faça a sua parte, e Deus certamente fará a dEle. Negar que um homem é perdoado quando ele se desvia do mal e pede perdão seria negar o caráter moral de Deus." Neste tipo de ensinamento o homem se torna seu próprio salvador, e salvação nada mais é que um débil senso de sentimento que resulta em leves mudanças na conduta as quais Deus precisou para colar Seu selo de remissão.

Este tipo de pensamento e ensino guia os homens por caminhos fúteis de salvação e repousam sobre falsas esperanças. Se o significado de salvação é o que indicamos nestas páginas, então o meio da sua consumação deve ser sobrenatural. Mas o homem é sempre propenso a pôr a sua confiança no puramente natural, nele mesmo.

Quando os olhos de Adão e Eva foram abertos para o mal e eles compreenderam seu pecado e vergonha, em vez de buscarem a Deus, confessarem seu pecado e conhecerem sua condição de perdidos, fizeram aventais de folhas de figueira para cobrir sua nudez (Gn 3:7). Daquele dia até hoje o homem natural tem estado na mesma tarefa tola, fútil de tentar cobrir seu pecado e culpa com alguma roupa de sua própria confecção, a qual ele crê ser aceitável a Deus.

Mas nenhuma vestimenta que o homem natural providencie para a carne será agradável a Deus. Não importa de que material ela é feita ou quão bonita, ajustada e durável possa parecer para o mundo, ela murchará, da mesma forma que os aventais de folhas de figueira de Adão e Eva, diante da justiça e santidade de Deus.

“Fez o Senhor Deus vestimenta de peles para Adão e sua mulher e os vestiu” (Gn 3:21).

Através deste ato Deus reconheceu que a vergonha de Adão e Eva não era infundada e que eles precisavam de uma cobertura; mas Ele também mostrou a total imperfeição daquela que eles tinham feito para si mesmos, a falta de compreensão da enormidade e crueldade de seu pecado contra Ele e da natureza da salvação requerida para restaurá-los à Sua comunhão.

Dêus disse: “No dia em que dela comeres, certamente morrerás”. Eles comeram. “O salário do pecado é a morte.” Se

eles não morreram, alguém aceitável a Deus deveria morrer em lugar deles. Este é o significado de salvação. Mas Deus já tinha dado a promessa do Salvador Substituto. A semente da serpente *feriria* o calcanhar da semente da mulher. A vestimenta de pele com a qual o Senhor Deus vestiu Adão e Eva foi obtida pela morte de animais, pelo derramamento de sangue. Por este ato gracioso de Deus o meio de salvação foi simbolizado; a morte do Seu próprio Filho amado foi representada publicamente. Deus mesmo forneceu as peles, Deus fez as vestes, Deus os vestiu com vestimentas aceitáveis.

Vamos agora examinar alguns aventais de folhas de figueira com os quais o homem natural está tentando fazer-se aceitável a Deus e preparado para o Céu.

Salvação pelo Caráter

“Caráter – feito em casa” são os dizeres sobre a porta da vida de um homem justo aos seus próprios olhos. Ele tem de admitir fraquezas e falhas, mas não chama pecado de *pecado* nem admite que ele tem alguma grande necessidade. Não há nada nele tão errado que ele não possa corrigir por si mesmo se lhe for dado tempo, um ambiente apropriado e amplas oportunidades. O homem justo aos seus próprios olhos pensa que ele já começa com alguma coisa muito boa, alguma coisa que tem até a verdadeira essência da divindade nela. Seu negócio é tornar esta coisa boa gradualmente melhor.

Neste processo de auto-aperfeiçoamento o homem justo aos seus próprios olhos se compara consigo mesmo e fica muito satisfeito; ele também se compara com outros homens e, como o fariseu de Lucas 18:9-14, fica mais do que satisfeito. Ele se felicita e até mesmo elogia suas virtudes para Deus. Mas há uma medida que ele esqueceu de tomar. Ele nunca colocou sua vida de justiça própria ao lado da limpa, imacula-

da, impecável vida do Filho do Homem para ver quão infinitamente distante ele se encontra da justiça que Deus aceita. Ele ignora o fato de que a absoluta justiça de Deus demanda nada menos do que a absoluta justiça em todos aqueles que são aceitáveis a Ele, e essa é uma exigência que nenhum ser humano poderá cumprir por ele mesmo.

Algum dia, quando este homem estiver em pé diante do Senhor Jesus Cristo, o outrora oferecido, mas rejeitado Salvador, agora seu Juiz, ele esperará que essa justiça produzida pelo homem seja aprovada por Ele, para declará-la tão boa quanto qualquer coisa que o Senhor tenha feito, e deixá-lo entrar no Céu para habitar eternamente na presença de um Deus absolutamente justo.

Uma vez eu estava falando com um amigo sobre sua necessidade de um Salvador. Ele era um homem de ideais esplêndidos, padrões elevados e princípios excelentes. Era culto, amável, moral e, do ponto de vista humano, vivia o que o mundo recomendaria como uma vida altamente respeitável. Quando eu impus a necessidade de receber o Senhor Jesus Cristo como seu Salvador, ele disse: "Por que eu preciso que alguém morra por mim? Não quero que o sangue de alguém seja derramado por mim!" A raiz daquela resposta era a justiça própria. Aquele jovem estava confiando ser salvo pelo caráter. Deus olha para todos aqueles "que confiam que são justos em si mesmos" e diz:

"Não há justo, nem um sequer, não há quem entenda, não há quem busque a Deus; todos se extraviaram, à uma se fizeram inúteis; não há quem faça o bem, não há nem um sequer" (Rm 3:10-12).

E da justiça que foi tão cuidadosamente cultivada Ele dá Sua avaliação através da boca dos Seus profetas:

“Mas todos nós somos como o imundo, e todas as nossas justiças, como trapo da imundícia; todos nós murchamos como a folha, e as nossas iniquidades, como um vento, nos arrebatam” (Is 64:6).

Fiar-se na justiça própria como a base da salvação é totalmente inútil. Deus declara abertamente que Sua ira contra isso será revelada.

“Porquanto, desconhecendo a justiça de Deus e procurando estabelecer a sua própria, não se sujeitaram à que vem de Deus” (Rm 10:3).

“A ira de Deus se revela do céu contra toda impiedade e perversão dos homens que detêm a verdade pela injustiça” (Rm 1:18).

Quão diferente é o justo aos seus próprios olhos, o homem que se fez por si mesmo, de alguém que teve um vislumbre dAquele que é Santo e de Sua justiça!

“Então, disse eu: ai de mim! *Estou perdido!* Porque sou homem de lábios impuros, habito no meio de um povo de impuros lábios, e os meus olhos viram o Rei, o SENHOR dos Exércitos!” (Is 6:5).

“Eu te conhecia só de ouvir, mas agora os meus olhos te vêem. Por isso, *me abomino* e me arrependo no pó e na cinza” (Jó 42:5, 6).

“Fiel é a palavra e digna de toda aceitação: que Cristo Jesus veio ao mundo para salvar os pecadores, *dos quais eu sou o principal*” (I Tm 1:15).

A última citação vem dos lábios de um homem que poderia, caso alguém pudesse, ter confiado em sua própria justiça como base suficiente de aceitação por Deus. Com perfeita sinceridade ele disse de si mesmo que “ao tocar a justiça que vem da lei ele estava sem culpa”. Contudo, depois de ver o Senhor da glória ele estava convencido da tolice e futilidade de tal confiança na carne. A partir daquele momento ele tinha um desejo que o consumia, “para ganhar a Cristo e ser achado nele, não tendo justiça própria, que procede de lei, senão a que é mediante a fé em Cristo, a justiça que procede de Deus, baseada na fé” (Fp 3:9). A única justiça que faz qualquer homem aceitável a Deus é a justiça de Deus pela fé em Jesus Cristo.

“...justiça de Deus mediante a fé em Jesus Cristo, para todos [e sobre todos] os que crêem; porque não há distinção, pois todos pecaram e carecem da glória de Deus” (Rm 3:22, 23).

Ninguém cujos olhos tenham visto o Rei, o Senhor dos Exércitos, e tenha contrastado sua própria pecaminosidade com Sua santidade terá um fragmento de esperança da aceitação de Deus através de seu próprio caráter. O homem que confia em qualquer justiça em si mesmo como sua base de salvação e recusa a justiça imputada por Cristo como dom gratuito de Deus somente comprova a Palavra de Deus, que o deus deste mundo cegou sua mente para que a luz do Evangelho glorioso de Cristo, que é imagem de Deus, não possa brilhar em seu coração.

Salvação pela Educação

Outra ponte que o homem tenta erigir sobre o enorme abismo produzido pelo pecado entre Deus e o homem é o da educação. A ignorância devido à falta de oportunidade é julgada como a causa de muitas das tristezas, sofrimentos e conflitos

no mundo. O clamor é: "Dê a cada um uma educação e então elevem padrões, suscitem ideais e mudem o meio ambiente. Desse modo cria-se um desejo por melhores condições de vida e uma vida melhor acontecerá". Hoje há homens e mulheres inteligentes proclamando que o que é necessário para a salvação dos indivíduos e das nações é uma educação maciça. Conhecimento tornou-se cura para o pecado.

Tal argumento é pura falácia. Porque *saber* é só um fragmento da responsabilidade do homem no tocante à vida e é de longe a parte mais fácil da tarefa. A vida nos desafia a *fazer*, sobretudo a *ser*. O conhecimento é de nenhum valor até que ele tenha sido transformado em caráter e conduta. De fato a Bíblia nos diz em uma de suas mais solenes palavras que a menos que o conhecimento seja transformado ele se torna um pecado incontestável. "Aquele, pois, que sabe fazer o bem e não o faz comete pecado" (Tiago 4:17).

A educação algumas vezes tem até mesmo conduzido a uma deterioração do caráter e conduta. Ela tem aberto novas avenidas no pecado e ensinado aos homens grandes engenhosidades nos caminhos do mal. Ela não só tem tornado os homens mais egoístas, mais orgulhosos, mais avarentos, como também os tem colocado em posições onde seu egoísmo, ambição e cobiça poderiam ter toda razão na investida contra outros menos favorecidos.

Hoje em certos círculos ouvimos muito sobre educação religiosa, e muitas pessoas acreditam ser este o medicamento suficiente para as necessidades do mundo. Se educação religiosa significa ensinar a Palavra de Deus sob a direção e operação do divino Mestre, o Espírito Santo, com o propósito de assegurar a regeneração e renovação do homem, então ela é de fato uma das maiores e mais profundas necessidades do mundo. Mas se ela significa o anseio do homem natural de estudar os ensinamentos de Cristo e aprender Seus princípios

de vida para homens como indivíduos e como membros da sociedade para que, através da obediência a Seus ensinamentos, da aplicação dos Seus princípios e da imitação do Seu exemplo, possa haver uma reconstrução da sociedade humana e um aperfeiçoamento dos erros sociais, então ela é absolutamente tolice e coisa fútil. O homem natural poderia saber o conteúdo dos ensinamentos de Deus de Gênesis a Apocalipse e ainda assim não ter poder, e mais, não ter desejo de obedecer-lhes. Ele poderia estar completamente familiarizado com todos os princípios cristãos para o governo do homem em seu relacionamento pessoal, social e cívico e ainda falhar em aplicá-los em sua própria vida.

Ouvi um grupo de estudantes que falavam alto e longamente sobre o egoísmo e ganância nos altos postos do governo de seu país. Eles participaram do movimento patriótico para tirar esses homens de seus cargos. Ainda assim eles mesmos eram culpados de receberem suborno dos seus colegas que tinham confiado a eles a tarefa de comprar comida sob um esquema independente em operação no colégio. Na pequena esfera de suas atividades eles fizeram exatamente o que os funcionários públicos tinham feito na grande esfera de suas atividades. Qualquer sistema de educação religiosa que meramente esclarece ao homem natural os ensinamentos dos princípios de Jesus Cristo e diz como os aplicar na vida de outros colegas é totalmente inadequado.

A Bíblia é o único livro didático dado ao homem sobre salvação do pecado, e de capa a capa não existe um vislumbre de esperança de salvação através da educação ou de qualquer coisa que meramente objective o aperfeiçoamento do homem natural. De fato Deus nos diz claramente no primeiro e no segundo capítulo de I Coríntios que é "a sabedoria" do homem natural que o impede de aceitar o único caminho de salvação, Cristo crucificado. A educação, se é verdadeiramente cristã,

pode ser um dos agentes usados por Deus para criar o desejo por salvação, mas ela nunca pode suprir a dinâmica que torna a salvação possível.

Salvação pelas Obras

Um homem procura por salvação pelo caráter ou pelo que ele *é*; outro confia na educação ou no que ele *sabe*; enquanto um terceiro a busca no serviço ou no que ele *faz*. Ele crê que pode ser salvo pelas boas obras. Ele vem a Deus com confiança em si mesmo e diz: “O que devo fazer para que possa executar as obras de Deus?”.

Deus responde sua pergunta fazendo outra que ensina que o homem natural não pode fazer boas obras que realizam sua salvação.

“Pode, acaso, o etíope mudar a sua pele ou o leopardo, as suas manchas? *Então, poderíeis fazer o bem, estando acostumados a fazer o mal*” (Jr 13:23).

Por favor, note que Deus não diz: “Pode o etíope maquiagem sua pele?”. Isso ele tem feito. A questão é: “Pode o etíope *mudar* sua pele?”. A inferência natural é que ela pode ser mudada da sua cor natural para outra. Isso pode ser feito?

Suponha que uma menina da Etiópia venha pela primeira vez para o meio de um grupo de meninas loiras. Ela nunca tinha visto outra cor de pele a não ser a negra. Ela deseja que sua pele se torne clara e decide fazer alguma coisa para conseguir-lo. Obtendo água e sabão ela começa a ensaboar sua face e a esfregar vigorosamente. O processo termina quando ela vai triunfantemente para o espelho esperando ver uma grande mudança. Ao contrário, ela se confronta com a mesma pele negra, somente um pouco mais bem polida. Ela conclui que

não tinha feito o bastante, que falhou em usar água e sabão ou músculos suficientes, então repete o processo aumentando o uso de sabão, água e força. Mas a segunda tentativa termina em um pouco mais de desapontamento. *Mudar* sua pele está além do seu poder.

“*Pode*, acaso, o etíope mudar a sua pele?” Somos compelidos a responder a pergunta de Deus, pois Sua resposta para nós depende dela. *Se* o etíope *pode* mudar sua pele, então o homem natural estará apto para *fazer* alguma coisa para mudar seu coração pecaminoso, estará apto para fazer o bem aquele que sempre está acostumado a fazer o mal. Mas se o etíope não pode mudar sua pele, então o que podemos concluir a respeito do poder do homem natural para mudar seu coração mal? A Palavra de Deus dá a resposta conclusiva.

“Pelo que ainda que te laves com salitre e amontoes potassa, continua a *mácula da tua iniquidade perante mim*, diz o Senhor Deus” (Jr 2:22).

Através do auto-aperfeiçoamento, autodisciplina e auto-esforço muitos homens e mulheres têm sido capazes de completar certa reforma íntima em si mesmos, a qual os tem feito mais aceitáveis para eles mesmos e para o mundo, mas ninguém tem sido capaz de se fazer sempre justo, e sem justiça nenhum homem é aceitável a Deus.

Um outro caminho pelo qual o homem natural tenta sua própria salvação é fazer alguma coisa *para* Deus que seja aceitável.

Este foi o erro de Caim, sim, foi mais, foi o pecado de Caim. Por que a oferta de Abel foi aceita e a de Caim não foi aceita? (Gn 4:4,5). Porque Abel percebeu que era um pecador, e a oferta que levou para Deus deveria confessar aquele fato e ser um reconhecimento da sua necessidade de outro para

limpá-lo. Caim, pelo contrário, levou uma oferta que não revelava senso do pecado, mas de completa auto-suficiência. Ele ofereceu o *seu* melhor, o trabalho de *suas* mãos, o fruto de *sua* labuta. Ele não precisava da ajuda de ninguém. E ele esperava que Deus aceitasse seu presente, a oferta de um pecador ainda em seus pecados, e saldasse seu débito. Caim não foi até Deus “pela fé” (Hb 11:4), mas “pelas obras”.

Não existe período mais arcaico ou pagão do ensinamento moderno do que a doutrina proclamada de modo geral pelo mundo hoje de que nós podemos nos tornar aceitáveis a Deus pelas boas obras, que somos salvos pelo serviço. De fato é verdade que, se somos salvos, nós serviremos; mas é totalmente falso que somos salvos porque servimos.

Os judeus no tempo do nosso Senhor que eram relutantes em reconhecê-Lo como seu Messias e aceitá-Lo como seu Salvador foram a Ele com a questão: “O que podemos fazer para executar as obras de Deus?”. A resposta do Senhor Jesus é muito significativa. “Esta é a obra de Deus, que creiais naquele que ele enviou.” Mas esta “boa obra” eles obstinadamente se recusaram “fazer”.

O que Deus queria não era que eles fizessem alguma coisa para Ele, mas aceitassem o que Ele tinha feito por eles. A pedra fundamental da salvação não é o que o homem dá a Deus, mas o que Deus dá ao homem; não é o que o homem oferece a Deus, mas o que ele recebe de Deus.

“Ora, ao que trabalha, o salário não é considerado como favor, e sim como dívida. *Mas, ao que não trabalha, porém crê* naquele que justifica o ímpio, *a sua fé lhe é atribuída como justiça*” (Rm 4:4, 5).

“...que nos salvou e nos chamou com santa vocação; *não segundo as nossas obras*, mas conforme a sua própria deter-

minação e graça que nos foi dada em Cristo Jesus, antes dos tempos eternos...” (II Tm 1:9).

Os fariseus se consideravam os profetas da religião. Jejuavam e oravam; pagavam o dízimo e “construíam os túmulos dos profetas e adornavam os sepulcros dos justos.” Faziam incontáveis boas obras, e ainda assim Jesus os chamou de “hipócritas” e o apóstolo Paulo orou para que eles pudessem ser “salvos”. Então neste presente século muitos estão enganados pensando que estão salvos porque servem a mesa na ceia da igreja; atuam como presidente do comitê de finanças para se mostrar um grande dirigente; ou inventam esquemas para o aperfeiçoamento físico e social do ser humano.

Salvação através de boas obras, tanto para Deus como para o homem, é puro paganismo. Tenho uma amiga na China cuja querida avó era uma budista fervorosa. Aos sessenta e seis anos de idade ela levantava todas as manhãs às quatro horas e ficava até o meio-dia sem comida para cumprir os ritos da sua adoração pagã. Ela caminhava longas distâncias até o templo, queimava seu feixe de incenso e acendia suas velas, despendia seu dinheiro. Seus dias eram totalmente gastos em obras religiosas, porém aos sessenta e seis anos ainda era uma ignorante, supersticiosa, idólatra, mulher perdida. Mas nem um pouquinho mais perdida do que um homem ou mulher, mesmo que vestido com barrete e toga, que oferece ao Salvador que morreu na cruz para redimi-lo “a pedra” da filantropia, boas obras e serviço social, em vez do “pão” de fé, adoração e culto.

Salvação pela religião

Alguém disse que “o homem é incuravelmente religioso”. Outro escreveu de uma forma tão bela: “Deus criou o homem como um profundo e eterno vazio. A alma no seu mais alto

sentido é uma imensa capacidade para Deus, mas vazia sem Deus". Com toda segurança é verdade que o homem foi feito por Deus, e seu coração nunca pode ser completamente satisfeito até estar satisfeito nEle. É igualmente verdade que Deus fez o homem não somente à Sua semelhança, mas também com a capacidade de ter comunhão com Ele, sim, até mesmo para filiação. Por essa razão o coração de Deus nunca pode estar completamente satisfeito a menos que este relacionamento com o homem seja realizado e desfrutado.

O homem natural não pode nem satisfazer nem agradar a Deus (Rm 8:7). Portanto Deus nunca poderia desfrutar da sua presença mesmo que fosse possível para ele estar na presença de um Deus santo. Alguma coisa precisava ser feita por Deus para tornar o homem aceitável a Ele.

Desde o dia em que o pecado entrou na raça humana, Deus tem trabalhado para alcançar homens e mulheres, um por um, de volta para Ele mesmo. Ele enviou Seus mensageiros, profetas e apóstolos, para abrir os olhos dos pecadores e "os converter das trevas para a luz e do poder de Satanás a Deus". Ao mesmo tempo, o maligno está igualmente ocupado em cegar a mente dos homens "para que lhes não resplandeça a luz do evangelho da glória de Cristo, o qual é a imagem de Deus" (II Co 4:4).

A vereda de Satanás não é totalmente suave. Duas forças estão trabalhando contra ele. Uma é o instinto religioso no homem. Ele clama por alguma coisa que ele sabe que precisa. Ele sente sua insuficiência em momentos de tentação, sofrimento e tristeza; freqüentemente seu coração busca por socorro e conforto em um mais forte que o seu. Ele não pode deixar pessoas amadas passarem longe dos olhos e entrar em contato sem um insistente desejo de saber onde elas foram e se tudo está bem. Aquela insatisfação na alma do homem que clama por um Deus desconhecido é totalmente contrária a Satanás.

O segundo obstáculo para o maligno é o Espírito Santo. O Seu trabalho é convencer o pecador, revelar o amor de Deus em Cristo e atrair o coração do pecador em fé e amor a Deus.

Justamente aqui o maligno revela seu pior lado. Ele sietará aquela inextinguível realidade no homem natural que anela um objeto de adoração e a tomará para si mesmo. Ele iludirá os homens para que pensem que podem ser salvos pelo sistema religioso que ele os inspira a construir.

Ao contrário da salvação da qual Jesus Cristo é a fonte, o sistema satânico não é um e o mesmo para todos os homens igualmente, independentemente de família, raça, educação, privilégio ou meio ambiente. Esta religião feita pelo homem, inspirada por Satanás, tem vários nomes e variados métodos, cada uma apropriada para o tipo e temperamento do homem que nela crê. Há um tipo para o ignorante e iletrado; outro para o educado e erudito; um para o simples e supersticioso; outro para o sábio e culto; um para os pobres; outro para os prósperos.

Há um sistema religioso para os idólatras. Satanás é um arquienganador, e sua prática de ilusão é vista em sua mais cruel e maliciosa forma na adoração a ídolos. Mesmo neste século Satanás ainda mantém sob seu poder milhões e milhões de homens veneradores de deuses de sua própria fabricação. Eles foram levados a crer numa mentira e então foram imersos em densas trevas.

Há um sistema religioso para os ritualistas. Para cumprir Seu propósito eterno em Cristo, Deus chamou antes um povo dentre as nações através do qual a semente da mulher viria. Os judeus foram separados como o povo de Deus pelo ritual da circuncisão. A isso Deus adicionou os pactos e a lei, e assim a adoração e o culto dos judeus eram baseados em um ritualismo designado e dignificado por Deus. Através das diversas ordenanças e sacrifícios do ritualismo judaico Deus familiarizou os judeus com a idéia da redenção. Então Deus

levantou um profeta que previu a vinda do Messias, que seria seu Redentor. Na plenitude dos tempos o Salvador nasceu. A necessidade de sacrifícios passou porque o próprio Sacrifício ofereceu-Se a Si mesmo.

Mas os intérpretes da lei, os mais ardentes religiosos dos dias de Jesus, ao invés de recebê-Lo O rejeitaram. E por quê? Porque eles permitiram que as ordenanças religiosas fossem mais importantes em suas vidas do que a ordem redentora de Deus. Eles exaltaram o ritualismo acima da justiça e substituíram oração por penitência, dízimo por confiança e jejum por fé.

Existem outros grandes sistemas religiosos no mundo de hoje nos quais o Cristo real da Bíblia, o Redentor dos Evangelhos, é dissimulado por causa das ordenanças e cerimônias nas quais não existe poder salvador, e através das quais incontáveis pessoas são enganadas pensando que são aceitáveis a Deus.

Há um sistema religioso para os racionalistas. Como vimos, o pronunciamento da maldição sobre Satanás e a promessa de salvação através de Cristo após a queda precipitou um conflito, que nunca cessou; hoje está sendo empreendido mais violentamente do que nunca.

Para frustrar a execução da maldição e o cumprimento da promessa Satanás tentou por todos os meios concebíveis destruir a semente da mulher. Na cruz do Calvário ele se considerou triunfante, mas o verdadeiro lugar desta sua suposta vitória foi o lugar do seu julgamento e o presságio da sua sentença final. Cristo ressuscitou, a Vítima tornou-Se o Vitorioso. Cristo Jesus retornou para a glória de onde Ele tinha vindo. Ele foi para além do alcance do maligno. Não há maneira pela qual Satanás possa outra vez tocar ou tentar a pessoa do adorável Senhor. Como então ele continuaria o conflito? Agora que ele não podia focalizar o veneno do seu ódio sobre a Palavra encarnada, sobre o que ele o focalizaria?

A revelação deste conflito está exposta em um livro. A Palavra encarnada retornou para a casa de Seu Pai, mas a Palavra escrita ainda está sobre a Terra. Nela a derrota do maligno e a vitória de Cristo estão gravadas em grande estilo. O caminho da salvação através da morte expiatória e a triunfante ressurreição do Senhor da glória estão escritos em letras vivas de Gênesis a Apocalipse. *Este é o Evangelho*. Este Evangelho o maligno odeia com todo o ódio que o pai do ódio é capaz. Então é contra este que ele agora irá dirigir seu ataque. Daqui em diante o conflito se centralizará em torno do Evangelho de Cristo.

O Evangelho está na Bíblia e a Bíblia está no mundo. Ela tem sido impressa em centenas de línguas e tem ido aos cantos mais distantes da Terra. Muitos milhões de cópias dela têm sido vendidos anualmente mais do que qualquer outro livro. Os homens em todo lugar estão lendo a Bíblia e crendo no Evangelho. Ao ser salvos por ela são tirados do domínio de Satanás e removidos do seu império.

O que ele pode fazer para impedir seu progresso e seu poder? Destruí-la? Ele tentou isso e falhou. A Bíblia não é impressa somente em papel, mas foi gravada no coração humano pelo Espírito de Deus, por isso se toda cópia impressa da Bíblia no mundo for destruída, uma nova cópia poderá ser feita do seu verdadeiro depósito no coração humano.

Talvez, então, Satanás pudesse ridicularizar a Bíblia e deter seu progresso e poder pelo escárnio. Ele também tentou isso e falhou. Ele usou alguns dos mais brilhantes homens do mundo como seus pregadores de infidelidade e ateísmo. Hoje eles estão em seus túmulos e suas palavras estão esquecidas enquanto a Bíblia vive em mais poder do que nunca.

Mas não existe um caminho mais efetivo para negar a Bíblia e impedir os pecadores de receber o benefício e a bênção da salvação que ela oferece? Sim, existe, e Satanás está fazen-

do uso dele nestes dias em medida continuamente crescente. Deus nos disse que a manobra mais sutil do maligno no conflito é se tornar pregador e com a Bíblia como seu livro didático para forjar a partir dela seu próprio evangelho. Quando Satanás descobriu que atacar a Palavra escrita fora dela falhou, então ele começou a atacar dentro dela. Como Cristo usa homens para pregar Seu Evangelho, então Satanás encontraria homens que consentiriam em se tornar “seus ministros”.

“Pois os tais são falsos apóstolos, obreiros fraudulentos, transformando-se em apóstolos de Cristo. E não é de admirar, porque *o próprio Satanás se transforma em anjo de luz*. Não é muito, pois, que os *seus próprios ministros se transformem em ministros de justiça*; e o fim deles será conforme as suas obras” (II Co 11:13-15).

Qual seria o evangelho de Satanás e onde ele começaria? O Evangelho de Deus é um Evangelho de graça e começa em Gênesis, capítulos um a três. Mas como Satanás poderia aceitar esses três capítulos como provenientes do coração e da mão de Deus contendo a revelação da obra perfeita de Deus na criação do universo e do homem; a invasão de um inimigo – ele sendo esse inimigo; a introdução do pecado na obra perfeita de Deus; a terrível consequência na queda de Adão e Eva; a terrível maldição de Deus sobre ele mesmo, sobre o homem e sobre a Terra; a preciosa promessa de um Salvador e a gloriosa profecia de sua própria derrota pela morte na cruz? Com certeza ele não poderia aceitar esses capítulos, pois neles está a origem de todo o Evangelho da salvação do homem.

Ele destruiria seu próprio propósito se fizesse algo tão corajoso e barulhento como deliberadamente cortar esses capítulos da Bíblia. Mas o arquiinimigo está totalmente preparado para enfrentar as situações críticas. Ele pregará um

evangelho que reserva o direito de interpretação da Palavra de Deus de acordo com os ditames da razão. Ele insistirá sobre uma fé que é racional.

É sempre difícil para a razão aceitar qualquer coisa além de seu próprio alcance. Deus pensa e trabalha no plano da vida não criada, divina, ilimitada, sobrenatural. O homem pensa e trabalha no plano da vida criada, humana, limitada, natural. O racionalista recusa reconhecer qualquer tipo de linha divisória entre ele mesmo e seu Criador. Conseqüentemente ele recusa aceitar qualquer coisa, até mesmo Deus, que vai além da sua razão. Assim, não importa em que o racionalista crê, sua religião deve estar no seu próprio plano de vida – o natural.

Desse modo, o sistema religioso é planejado para servir. Um evangelho é fabricado, “o qual é um outro evangelho” (Gl 1:6), uma imitação inteligente e maligna. Satanás sabe que ele deve inspirar o homem a criar uma religião que anule completamente a revelação de Deus da criação e da queda do homem, caso contrário como ele pode refutar a promessa do Salvador e a profecia de sua própria derrota definitiva através da vitória gloriosa de Cristo no Calvário e Seu retorno triunfante como Rei?

Conseqüentemente, a doutrina básica do sistema religioso racionalista é a evolução. O homem não veio diretamente da mão de Deus – um trabalho perfeito que o próprio Deus declarou ser “muito bom”. O primeiro homem de Deus não foi criado à imagem de Alguém infinitamente mais alto do que ele, mas foi envolvido por algo infinitamente mais baixo do que ele. Este algo o envolveu através de vários estágios pelo processo natural até que o homem foi produzido. Assim, a parte de Deus na produção do homem não foi a de um Criador, mas de um supervisor semidivino ou um feitor “das forças naturais residentes”. Em outras palavras, o *sobrenatural* na criação do homem foi eliminado através da evolução. Assim

é a criação do homem neste evangelho artificial, inspirado por Satanás.

E como esse evangelho do racionalista trata com o pecado? O pecado está no mundo. O pecado está no homem. Como o racionalista conta a sua origem e o que ele diz sobre seu fim? Ele evita completamente o assunto negando com muita calma a necessidade de alguém ter tal conhecimento.

Li recentemente um capítulo de *O Pecado e seu Perdão*, escrito por um notável pregador, que diz:

“De onde veio o pecado? Qual foi sua origem? Como ele entrou no universo de Deus? Esta é uma questão para a qual nenhuma resposta satisfatória jamais foi dada... Jesus é desapontador no Seu modo de abordar o assunto do pecado humano. Ele nunca disse nada sobre a origem do maligno. Ele deixou este problema tão obscuro como era antes da Sua vinda. Parece que Ele tinha como certo que a origem do maligno é um problema para ser pensado e resolvido em algum outro mundo que não este... Não é necessário para nós sabermos nem o começo do mal ou o fim dele; é suficiente saber que o pecado é uma carga para o coração de Deus, e que Deus proveu um caminho de libertação”.

Tal deliberada evasão é equivalente a uma completa negação. Qualquer homem honesto, cuja mente não foi cegada pelo deus deste mundo, só poderia crer, a partir da leitura do terceiro capítulo de Gênesis e do quinto de Romanos, que o pecado veio a este mundo através de Adão, que se rendeu à vontade de Satanás. Portanto, o pecado teve sua origem no maligno. Jesus, longe de deixar isso obscuro, lançou uma

torrente de luz sobre a questão quando disse que o maligno era “um homicida *desde o princípio* e o *pai* da mentira” (Jo 8:44).

Porém não é somente o pecado que está no mundo, mas Cristo também está no mundo. E Ele está no mundo primeiramente como um Salvador. Ele se tornou um Salvador indo para a cruz. Sua obra neste mundo como Salvador é atrair pecadores a Ele para salvação. “E eu, quando for levantado da terra, atrairei todos a mim mesmo.” Seu poder de atração é imenso e permeia a humanidade hoje. Quando o Senhor Jesus Cristo é recebido por alguém como Salvador, consentido como Senhor e apropriado como Vida, então o poder do maligno sobre aquela vida é quebrado. O maligno sabe muito bem disso. Então o que ele irá fazer com Cristo no sistema religioso que ele inspirou os homens a criar e no evangelho que ele os inspirou a pregar?

Satanás não pode anular totalmente a Cristo, pois até mesmo o mais simples veria que qualquer sistema religioso que pretende ser baseado na Bíblia e chama a si mesmo de cristandade precisa dar algum espaço a Cristo. É uma coisa irritante fazer isso, mas por motivos táticos o maligno é obrigado a pregar a Cristo em seu “evangelho, que é outro evangelho”. Mas ele consentirá que “seus ministros de justiça” preguem Jesus Cristo como o Salvador da culpa, punição e poder do pecado através da Sua morte substitutiva na cruz, de Sua ressurreição física e de Sua ascensão ao céu como o homem-Deus, o Sumo Sacerdote intercessor? Nunca! Fazer isso seria permitir a pregação de seu próprio sermão fúnebre, cumprindo Gênesis 3:15. Mas ele irá pregar Jesus como o maior mestre do mundo, seu mais puro exemplo, seu líder mais ético, seu mais poderoso reformador. Ele apelará para o homem natural ainda em seu pecado e inimizade, ainda debaixo da condenação e da sen-

tença de morte, para obedecer aos ensinamentos de Cristo, imitando Seu exemplo, seguindo Sua liderança e submetendo-se a Sua reforma. Uma semelhante caricatura do Cristo real é encontrada no sistema religioso racionalista.

A verdadeira cristandade está estabelecida sobre o sobrenatural. Dois *atos sobrenaturais* são a sua base. O primeiro é a criação sobrenatural do homem pelo divino Criador, cujo trabalho perfeito foi arruinado por um inimigo através da introdução do pecado. O segundo é a regeneração sobrenatural do homem realizada pela graça de Deus através do nascimento sobrenatural, vida, morte, ressurreição, ascensão e exaltação do Seu Filho.

Racionalismo, Liberalismo, Modernismo ou qualquer outro que queira se denominar assim está estabelecido sobre o natural. Dois *enganos* são a sua base. O primeiro é a formação do homem através da evolução, por cujo processo natural ele continuará a crescer do imperfeito para o perfeito. O segundo é a reforma natural do homem completada através do autodesenvolvimento com a ajuda de um Jesus humano, cuja vida terrena serviu de exemplo para ser imitada, cujos ensinamentos provêem uma regra para uma vida reta e cujos princípios constituem um guia para a superação do maligno e o gradual melhoramento da vida individual e coletiva.

Há, então, um sistema religioso feito pelo homem, mas inspirado por Satanás. É um sistema que elimina o sobrenatural. Agora estou falando do sistema, e não do homem que o aceita: do modernismo, e não do modernista. Existem vários degraus e graus de fé e de incredulidade nestes que aderem a esse falso sistema religioso. Alguns que se denominam modernistas foram educados e alimentados nas verdades fundamentais da cristandade evangélica e há agora nas suas crenças uma estranha mistura do falso e do verdadeiro. Nosso propósito ao

escrever isso não é julgar nenhum homem, mas advertir aqueles que estejam colocando sua esperança de salvação nesse sistema religioso artificial e inspirado por Satanás.

Existe um evangelho de Satanás e um Evangelho de Cristo; um é a exata antítese do outro. O evangelho de Satanás não tem lugar para a graça de Deus. O evangelho de Satanás inverte a avaliação de Deus do homem natural. Ele não admite que o homem em si mesmo é desesperadamente incurável e incorrigível, ainda que tenha de dizer que ele ainda é imperfeito. A principal doutrina desse evangelho é que a dignidade do homem natural pode ser incrementada e por meio dela o homem tomará para si a glória. O evangelho de Satanás admite as necessidades do homem natural por vestimentas espirituais, mas ensina aos homens que essas vestimentas podem ser feitas por eles mesmos e os insta que as tomem emprestadas da vida terrena de Jesus e então façam as vestimentas que se ajustem a eles mesmos. No evangelho de Satanás o pecador não suplica penitentemente a Deus que o salve, mas polidamente requer que Deus o ajude a salvar-se a si mesmo e então endosse o que ele fez.

No Evangelho de Cristo não há lugar para nada além da graça de Deus, pela qual a salvação é provida para que o pecador a aceite pela fé como um presente. O Evangelho de Deus declara que o homem natural é um pecador, um rebelde e um transgressor e está separado de Deus e condenado por Deus. No Evangelho de Deus o pecador admite que esta é a sua posição e seu estado diante de Deus e está absolutamente impotente para mudá-los e por isso está desesperado. Ele vai a Deus em verdadeira penitência e clama a Deus por salvação. A principal doutrina do Evangelho de Deus é o infinito mérito do Seu Filho e o eficaz valor da Sua obra consumada de redenção. O Evangelho de Deus declara o desamparo

espiritual do homem natural e sua inabilidade para estar na presença de Deus a não ser vestido com vestes de justiça de Seu Filho, que Ele graciosamente concedeu a todo aquele que O receberá por fé.

Em qual Evangelho *você* está crendo? Há somente um Evangelho que é o poder de Deus para a salvação. Qualquer coisa que tire um jota da verdade desse Evangelho é “outro evangelho”, até mesmo o evangelho de Satanás.

“Pois não me envergonho do *evangelho* , porque é o poder de Deus para a salvação de todo aquele que crê, primeiro do judeu e também do grego...” (Rm 1:16).

“Admira-me que estejais passando tão depressa daquele que vos chamou na graça de Cristo *para outro evangelho* , o qual não é outro, senão que há alguns que vos perturbam e *querem perverter o evangelho de Cristo* . Mas, ainda que nós mesmos ou um anjo vindo do céu vos pregue *outro evangelho* que vá além do que vos temos pregado, *seja anátema* . Assim como já dissemos, e agora repito, *se alguém vos prega evangelho que vá além daquele que recebestes, seja anátema* ” (Gl 1:6-9).

Temos sido defrontados com a pergunta “o que devo fazer para ser salvo?” e nos esforçamos para respondê-la. Creio que está claro que a salvação não consiste em alguma coisa que o homem faz por si mesmo ou o que a educação e o meio ambiente fazem por ele. Nem consiste em alguma coisa que ele faz por Deus ou pelo homem. A salvação também não é o simples fato de uma mudança na forma de viver. Ela não significa a elevação da vida natural do homem a um estado superior de vida ainda no plano natural. Enquanto ele se man-

tiver no plano natural ele é um perdido, não importa quão culto, educado, moral ou mesmo religioso ele seja.

A salvação não é a obra do homem para Deus, mas a obra de Deus para o homem. A salvação nos chama para depositar a nossa fé não no que o homem é ou faz, mas no que Cristo é e fez. O primeiro assunto importante da salvação não é que tipo de vida o homem vive, mas o que é seu relacionamento com Deus. Então seu primeiro tratamento não é com o bem no homem, mas com o mal. A salvação não tenta melhorar a posição e o estado do homem natural através da reforma, mas ela o transfere para uma esfera totalmente nova de vida através da regeneração.

Qualquer tentativa de salvar o homem natural pelo caráter, educação, boas obras ou religião provará ser totalmente fútil porque ela falhou em tratar efetivamente com aquela trindade do mal – o pecado, o ego e Satanás. Qualquer coisa que deixa o homem “em Adão”, “na carne” e sob “o poder de Satanás” não é salvação e não é aceitável a Deus.

Querido leitor, qual caminho você vai tomar?

Você tentará orgulhosa e arrogantemente se salvar ou aceitará humilde e penitentemente a salvação providenciada para você em Outro?

Você irá pelo caminho de Caim, que apresentou a Deus como um sacrifício o melhor fruto do seu jardim e o melhor produto do seu trabalho, ou irá pelo caminho de Abel, que reconheceu sua necessidade de um Salvador e aceitou pela fé o sacrifício de Deus?

Você tentará assegurar acesso e aceitabilidade com Deus no campo das boas obras ou descansará na obra consumada do Filho de Deus?

Você tentará melhorar a velha natureza pecaminosa que é sua herança em Adão ou compartilhará pela fé da nova natureza divina que Deus concedeu em Cristo?

Você tentará conformar seu caráter e conduta com os padrões do sistema mundano de Satanás ou se renderá a Cristo para ser transformado em Sua imagem por meio de ser cheio do Espírito Santo?

Você seguirá o caminho de Satanás ou o de Deus? Da sua resposta para estas perguntas depende sua felicidade presente e seu destino eterno.

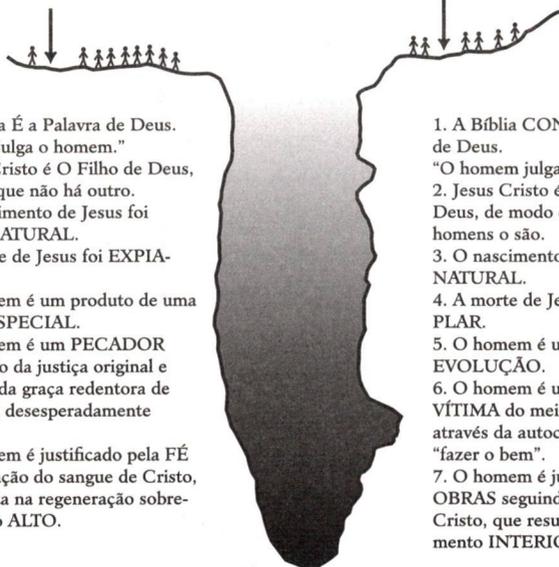
Sem terreno intermediário, somente um abismo

“A fé que uma vez foi dada aos santos.” (Jd 3)

Teologia Liberal

1. A Bíblia É a Palavra de Deus. “O Livro julga o homem.”
2. Jesus Cristo é O Filho de Deus, de modo que não há outro.
3. O nascimento de Jesus foi SOBRENATURAL.
4. A morte de Jesus foi EXPIATÓRIA.
5. O homem é um produto de uma criação ESPECIAL.
6. O homem é um PECADOR apostatado da justiça original e separado da graça redentora de Deus está desesperadamente perdido.
7. O homem é justificado pela FÉ pela expiação do sangue de Cristo, que resulta na regeneração sobrenatural do ALTO.

1. A Bíblia CONTÉM a Palavra de Deus. “O homem julga o livro.”
2. Jesus Cristo é UM Filho de Deus, de modo que todos os homens o são.
3. O nascimento de Jesus foi NATURAL.
4. A morte de Jesus foi EXEMPLAR.
5. O homem é um produto da EVOLUÇÃO.
6. O homem é uma infortunada VÍTIMA do meio ambiente, mas através da autocultura pode “fazer o bem”.
7. O homem é justificado pelas OBRAS seguindo o exemplo de Cristo, que resulta no desenvolvimento INTERIOR.



A ponte sobre o abismo

Deus e o primeiro homem de Deus gozavam de doce e íntima comunhão até que eles foram separados pelo pecado. Como poderia este grande, intransponível abismo que o pecado fez entre Deus e o homem ser transposto? Por causa da verdadeira natureza do caso o homem não poderia fazer nada, mesmo que ele quisesse, pois o pecado fechou todos os acessos possíveis a Deus. Certamente, se tivesse alguma coisa para ser feita, Deus teria de fazê-la.

Mas o que Deus poderia fazer? O pecado de Adão introduziu um problema terrível, algo que não afetou só a relação pessoal de Deus com o homem, mas Seu relacionamento governamental com todo o universo; não somente isso, mas afetou até mesmo Seu próprio caráter pessoal.

O pecado de Adão foi uma anarquia espiritual; foi resistência à autoridade de Deus; desobediência ao comando de Deus; rebelião contra a lei de Deus. Como Deus poderia tratar o pecado? Ele poderia puni-lo e pronunciar o julgamento sobre ele? Ou Ele poderia perdoá-lo e ignorá-lo? Se Deus falhasse em tratar justamente com tal caso flagrante de desobediência e deslealdade, como Ele poderia manter a ordem pela obediência à lei em qualquer outra parte do Seu universo? A administração governamental de Deus sobre o universo foi envolvida nesta dificuldade estupenda.

Mas a rebelião de Adão criou um problema ainda maior que este. Por ela a santidade de Deus foi ultrajada; Sua justiça negada; Sua veracidade questionada; Sua piedade suspeitada; Sua Palavra descrida; Seu comando desobedecido; Seu amor rejeitado. Seguramente tal tratamento merecia uma ação drástica. Por que então Ele não abandonou Adão e Eva totalmente e os deixou e a sua posteridade com as conseqüências de seu pecado?

Ele não o fez porque não poderia. "Deus é amor", e "o amor nunca falha". O amor de Deus é um amor eterno que nada pode extinguir, nem mesmo o pecado. Tremendo, horrível como o pecado é, ele não é suficientemente poderoso para derrotar o propósito de Deus na criação do homem. O homem não só foi criado *por* Deus, mas *para* Deus. O homem foi feito para a comunhão com Deus, muito mais, para a perfeita filiação. Separado de um vivo, amoroso relacionamento com o homem Deus nunca estaria satisfeito. Deus, que é amor, não poderia lançar fora o pecador no seu pecado e ainda ser amor. As reivindicações do amor de Deus precisam ser satisfeitas.

Mas "Deus é luz" e "nele não há treva alguma". Como a luz não pode ter comunhão com as trevas, assim a santidade não pode comungar com o pecado. Um Deus santo não pode

ter relacionamento íntimo com um homem pecador. Deus e o pecado não podem habitar juntos. As necessidades de um Deus santo precisam ser satisfeitas tão fielmente quanto as necessidades de Seu amor.

“Falamos de lei e amor, de verdade e graça, de justiça e misericórdia, e enquanto o pecado não existe, não há controvérsia entre nenhum deles. Se não existe pecado, lei e amor nunca estão fora de harmonia um com o outro; verdade e graça andam sempre de mãos dadas; justiça e misericórdia cantam um hino comum. Se a lei for quebrada, o que o amor pode fazer? Se a verdade for violada, como a graça pode operar? Na presença do crime, como a justiça e a misericórdia podem se encontrar? Este é o problema dos problemas. Não é um problema entre Deus e os anjos. É um problema entre Deus e Ele mesmo.”¹

Vamos pensar profundamente neste grande problema criado pelo pecado de Adão. Como Ele satisfaria as exigências tanto de Seu amor como de Sua santidade? Sua santidade precisa condenar o pecado e mandar embora o pecador. Seu amor precisa abrir os braços para o pecador e fazê-lo voltar. Um Deus santo não pode tolerar o pecado, um Deus amoroso não pode mandar embora o pecador. Deus não poderia desistir do pecador, mas o que Ele faria com o pecado? A atitude de Deus para com o pecado poderia revelar Seu verdadeiro caráter exatamente tanto quanto Sua atitude para com o pecador.

Poderia o pecado de Adão não somente separar Deus e o homem, mas até trazer divisão na própria pessoa de Deus?

¹ G. Campbell Morgan, op. cit., p. 125.

“O pecado, quer como previsto pelo Criador, ou como se tornou presente no nosso mundo, criou uma contradição na pessoa perfeita de Deus, criou uma nova exigência ética para Deus e para o universo, tanto que para a legítima expressão de cada uma ou de ambas as polaridades (santidade e amor) em questão era necessária uma nova reconciliação, isto é, uma reconciliação do relacionamento moral oposto no próprio ser de Deus. Por um lado, como devemos crer, o caráter auto-afirmativo da pureza divina deve instigar desprezo contra o pecado, e por outro lado, a clemência divina, que da parte de Deus anela conceder Sua própria natureza santa para Suas criaturas, poderia constrangê-Lo a esquecer e purificar aquele pecado.”²

O que, então, Deus poderia fazer que fosse ao mesmo tempo consistente com Sua santidade e conciliatório com Seu amor? O que poderia misericordiosamente, e ainda justamente, transpor aquele terrível abismo entre Ele mesmo e o homem?

A PONTE SOBRE O ABISMO

Uma perfeita reconciliação foi realizada no íntimo da pessoa de Deus por uma síntese da Sua santidade e de Seu amor, por meio da qual as exigências de ambas foram satisfeitas. A santidade e a justiça de Deus O compelem a pronunciar a maldição sobre a serpente, o homem, a mulher e até mesmo sobre a Terra. Deus disse: “No dia em que dela comeres

² H. C. Mabie, *The Divine Reason of the Cross* (A Razão Divina da Cruz), cap. III, p. 54.

certamente morrerás”. A Palavra de Deus é verdade e é de eternidade a eternidade; a justiça de Deus O força a trazer Seu julgamento sobre o pecado.

“Mas o amor de Deus pôs uma rosa rara, perfumada, eterna no meio dos espinhos.” Exatamente no centro do pronunciamento daquela terrível maldição registrada em Gênesis 3:14-19 está a promessa graciosa, maravilhosa de salvação através de um Salvador.

“Porei inimizade entre ti e a mulher, entre a tua descendência e o seu descendente. Este te ferirá a cabeça, e tu lhe ferirás o calcanhar” (Gn 3:15).

A santidade e o amor de Deus estão fundidos nesta preciosa promessa, e deste cadinho de ouro emerge A CRUZ DO SENHOR JESUS CRISTO e se estende pelo intransponível abismo que o pecado criou entre Deus e o homem. “A reconciliação foi afetada pela reconciliação sofredora, auto-suprida por Deus em Cristo. ‘Misericórdia e verdade estão reunidas juntas; justiça e paz se beijaram.’ Por esta razão a contradição no Ser divino foi dissolvida.”

Antes de Adão e Eva deixarem o jardim do Éden a promessa se tornou um caminho de salvação para toda a raça humana, que tinha sido mergulhada em uma ruína moral e espiritual através do pecado. Não era o caminho do homem, mas de Deus – Salvação através de um Salvador.

A CRUZ NO ETERNO PROPÓSITO DE DEUS

Mas bem aqui podemos perguntar – e reverentemente: “O pecado de Adão e Eva pegou Deus de surpresa, e Ele tinha

pensado em um caminho de escape para o homem depois de sua queda?”. Aqui chegamos ao ápice da infinita graça de Deus. Possa o Espírito Santo conceder ao leitor entendimento espiritual para compreender “qual é a largura, e o comprimento, e a altura, e a profundidade e conhecer o amor de Cristo, que excede todo o entendimento”.

Não, o pecado de Adão não pegou Deus de surpresa, nem foi o caminho da redenção de Deus um pensamento posterior. Deus sabia, antes mesmo da fundação do mundo e da criação do homem, da triste e trágica devastação que o pecado iria operar na raça humana. Deus tinha antecipado a queda e estava pronto para ela.

A Cruz que deveria cruzar o abismo criado pelo pecado foi estabelecida em amor na eternidade passada antes de ser estabelecida na promessa no Éden ou na história do Calvário.

“O movimento redentor divino, *no propósito anterior à criação*, uma vez determinado, nunca foi detido até que se expressou vitoriosamente na linguagem do Calvário... A expiação, em princípio e em Deus, é sem data, mas para ter efeito no homem é histórica, ainda que sem data... Redenção, então, em grande escala, é qualquer coisa menos uma reflexão tardia, um mero apêndice para tornar bom um desastre inesperado que surpreendeu o universo de Deus. Tanto o pecado como a redenção foram previstos desde o início.”³

Havia uma Cruz estabelecida no Céu antes de ter sido estabelecida na Terra. A expiação para o pecado do homem tornou-se visível, efetiva e histórica no Calvário, foi formada

³ H. C. Mabie, *op.cit.*, cap. II.

em propósito e em princípio no coração do Deus Trino, Pai, Filho e Espírito Santo, na eternidade passada.

“...e adorá-lo-ão todos os que habitam sobre a terra, aqueles cujos nomes não foram escritos no Livro da Vida do *Cordeiro que foi morto desde a fundação do mundo*” (Ap 13:8).

“...assim como *nos escolheu, nele, antes da fundação do mundo*, para sermos santos e irrepreensíveis perante ele; e em amor...” (Ef 1:4).

“...sendo este entregue *pelo determinado desígnio e presciência de Deus*, vós o matastes, crucificando-o por mãos de iníquos...” (At 2:23).

“...que nos salvou e nos chamou com santa vocação; não segundo as nossas obras, mas conforme a sua própria determinação e graça *que nos foi dada em Cristo Jesus, antes dos tempos eternos...*” (II Tm 1:9).

O que essas palavras significam senão que no conselho do Deus Trino na eternidade passada a terrível tragédia no Éden foi prevista e, desde então, o maravilhoso plano de salvação através da obra redentora do Filho foi formado, pelo qual Deus, em Cristo, deveria reconciliar com Ele mesmo uma perdida e pecadora raça?

REVELAÇÃO DA REDENÇÃO

A Bíblia é o Livro da Redenção. Seu único tema desde o início até o final é *salvação através de um Salvador*.

“E, começando por Moisés, discorrendo por todos os Profetas, *expunha-lhes o que a seu respeito constava em todas as Escrituras*” (Lc 24:27).

“A seguir, Jesus lhes disse: São estas as palavras que eu vos falei, estando ainda convosco: importava se cumprisse *tudo o que de mim está escrito na Lei de Moisés, nos Profetas e nos Salmos*” (Lc 24:44).

Através de toda a lei, dos salmos e dos profetas, Deus está revelando para o homem Seu plano de salvação através de um Salvador. Pelos sacrifícios do Antigo Testamento Ele prefigura o supremo Sacrifício. Pela narração escrita e pelas promessas proféticas Ele prenunciou Aquele que é “o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo”.

A história de Sua vida com o registro das Suas palavras e obras; Sua morte, ressurreição e ascensão como registrado nos Evangelhos; Seus feitos continuados na história de Atos; a profunda revelação dEle mesmo como o vivo, vitorioso, glorificado Senhor nas Epístolas; e a promessa e profecia da volta do Rei em Apocalipse; tudo tem um só propósito básico, a saber, revelá-Lo, não como fundador de uma nova ordem religiosa, nem como um propagador de um novo código ético, nem como um mestre de princípios morais, nem como o reformador do meio ambiente externo do homem, mas para Se revelar como o Salvador da humanidade. O Pai anunciou a vinda de Seu Filho como a vinda de um Salvador.

“Ela dará à luz um filho e lhe porás o nome de Jesus, *porque ele salvará o seu povo dos pecados deles*” (Mt 1:21).

“...é que hoje vos nasceu, na cidade de Davi, o *Salvador*, que é Cristo, o Senhor” (Lc 2:11).

Jesus não veio somente para ensinar, pregar ou curar. Ele veio para SALVAR. Jesus Cristo veio com um propósito que Ele mesmo colocou nestas palavras:

“Porque o Filho do Homem veio *buscar e salvar* o perdido”
(Lc 19:10).

Ele veio para construir uma ponte sobre o abismo que o pecado tinha criado entre Deus e o homem. Ninguém mais e nada mais poderia fazê-lo.

O segundo homem de Deus - o último Adão

Três coisas são claras: o homem não pode se salvar, Deus tem de se encarregar de salvá-lo e Jesus Cristo é o meio. As questões continuam: que método Deus usa na recuperação das ruínas ocasionadas na humanidade? Ele tentaria reparar a ruína na velha criação ou a substituiria por uma criação totalmente nova? Ele restabeleceria a velha ordem da humanidade ou inauguraria uma ordem radicalmente nova?

A raça foi arruinada pelo homem, portanto ela deve ser redimida pelo homem. O primeiro homem falhou em cumprir a intenção original de Deus na criação, então um segundo Homem deveria vir, o qual teria êxito em cumpri-la. A velha ordem da qual o primeiro Adão era o cabeça caiu em ruína, então uma nova ordem de homens redimidos sob a liderança do último Adão deveria ser iniciada. A sentença de morte caiu

sobre toda a humanidade através da desobediência do primeiro Adão; ela deve ser suspensa pela obediência de outro Adão, cuja obra seria tão perfeita que Ele poderia ser corretamente chamado de “o último Adão”, pois nenhum outro jamais seria necessário. A redenção feita através do último Adão é colocada em acentuado contraste com a ruína efetuada pelo primeiro Adão em Romanos 5:12-21.

O Primeiro Homem
O Primeiro Adão

O Segundo Homem
O Último Adão

“Por um só homem”

Desobediência Pecado Vida Julgamento	}	Ruína	Redenção	{	Obediência Graça Vida Justificação
-----------------------------------------------	---	-------	----------	---	---------------------------------------------

A NECESSIDADE DE UM MEDIADOR

Deus, então, redimirá o homem através de um Homem. O que então será requerido de um Redentor? Lembre-se de que o pecado causou uma terrível ruptura entre Deus e o homem. Deus está moralmente impossibilitado de ter comunhão com o pecador, e o pecador está moralmente impossibilitado de ter acesso a Deus. Se alguma reconciliação real está para ser efetivada entre eles há a necessidade de um Mediador, alguém que se colocaria entre Deus e o homem. Tal Mediador precisa ser alguém aceito e confiável para ambas as partes, alguém que compartilhe tanto a natureza de Deus como a natureza do homem, alguém que na obra de reconciliação representaria

tanto a Deus como o homem igualmente, alguém que satisfaria todas as exigências de Deus sobre o homem e do homem sobre Deus. Em outras palavras, um verdadeiro Mediador deve ser um Deus-homem. O Salvador dos homens precisa ser um Deus-homem. Cristo Jesus, o Mediador, é o DEUS-homem. Ele não é o homem-DEUS. Ele não é o homem que se tornou Deus, mas Deus que se tornou homem. Ele não é um homem que, por um propósito especial e em um tempo especial, foi investido de Divindade, mas Ele é Deus, que por um propósito especial e em um tempo especial foi investido de humanidade. Ele sempre foi Deus: Ele se tornou homem.

“Havendo Deus, outrora, falado, muitas vezes e de muitas maneiras, aos pais, pelos profetas, nestes últimos dias, nos falou pelo Filho, a quem constituiu herdeiro de todas as coisas, pelo qual também fez o universo. Ele, que é o resplendor da glória e a expressão exata do seu Ser, sustentando todas as coisas pela palavra do seu poder, depois de ter feito a purificação dos pecados, assentou-se à direita da Majestade, nas alturas...” (Hb 1:1-3).

Palavras não poderiam ensinar mais claramente que Cristo Jesus, o Salvador, o Deus nomeado Mediador, é Deus. Ele é o Filho eterno, o Criador, o sustentador do universo e de tudo que há nele. Ele é o Filho que é o começo, a continuação e a consumação de todas as coisas. Ele é o Filho, o esplendor da glória do Pai e a essência da Sua Pessoa. Ele é o Filho eterno que disse de Si mesmo: “Antes que Abraão existisse, eu sou” (Jo 8:58); que declarou: “Vim do Pai e entrei no mundo; todavia, deixo o mundo e vou para o Pai” (Jo 16:28); e na véspera de voltar para Seu Pai orou: “...e, agora, glorifica-me, ó Pai, contigo mesmo, com a glória que eu tive junto de ti, antes que houvesse mundo” (Jo 17:5).

Somente Deus poderia representar Deus nesta mediação. Tanto na criação como na redenção o Pai trabalha no

e através do Filho. “Deus em Cristo estava reconciliando o mundo com ele.” Cristo Jesus, o Mediador entre Deus e o homem, é Deus, o Filho eterno, “o Senhor do céu”.

Mas onde Deus poderia encontrar alguém que qualificaria como o DEUS-homem? Muito certamente não seria entre os filhos dos homens, nem entre a hoste angelical do Céu, pois eles não são Deus nem homem. Um e somente Um, até mesmo no Céu, poderia ser cogitado para tão elevada tarefa – o Filho eterno de Deus.

Mas como Ele poderia ser um Mediador para o homem? É fácil ver como o Senhor do Céu poderia representar um Deus santo, mas Ele poderia ser um legítimo e justo representante imparcial do homem pecador? Se tal reconciliação demandava um Mediador divino-humano, como Ele poderia qualificar alguém que foi por toda a eternidade passada o santo Filho de Deus?

Exatamente aqui chegamos ao lugar onde a mente humana tem de reconhecer sua limitação, onde o raciocínio humano é silenciado, onde a compreensão humana confessa a derrota, pois somos levados acima de tudo o que é humano, terreno e natural – acima – acima – acima –, para o reino do que é divino, celestial e sobrenatural, para a maravilhosa graça de Deus. Nada senão a graça de Deus poderia ter providenciado tal Mediador divino-humano, poderia ter concebido a idéia de um Deus-homem.

Outra vez somos conduzidos de volta ao pensamento que teve lugar no conselho eterno da Divindade enquanto o Onisciente Pai, Filho e Espírito Santo olhavam para o universo que tinham para fazer, para o homem que tinham de criar, e previram a tragédia no Éden com todas as suas terríveis conseqüências. Então ali o Deus Trino olhou de eternidade para eternidade e arquitetou detalhadamente no pensamento e planejou tudo o que iria ter lugar entre “no princípio, criou Deus os céus e a terra” (Gn 1:1) e “vi novo céu e nova terra, pois o primeiro céu e a primeira terra passaram...”

(Ap 21:1). Foi então ali determinado que o Filho eterno de Deus, o Alfa e o Ômega, “o Primeiro e o Último, o Princípio e o Fim” (Ap 22:13), poria de lado por um breve espaço de tempo Sua glória, e “tornando-se em semelhança de homens... tornando-se obediente até a morte, e morte de cruz” (Fp 2:6-8), para que Ele, ao retornar para a glória “conduzindo muitos filhos à glória” (Hb 2:10), estivesse para sempre com o Senhor. Lá na glória da eternidade a graça de Deus formou o maravilhoso plano de redenção, pelo qual o eterno Filho de Deus se tornaria o Filho do Homem encarnado, o Mediador divino-humano, o Deus-homem, aquele de quem tanto Deus como o homem iriam precisar quando o pecado entrasse na raça humana e separasse o homem de Deus. Cristo Jesus é o Mediador divinamente providenciado.

“Porquanto há um só Deus e um só Mediador entre Deus e os homens, Cristo Jesus, homem...” (I Tm 2:5).

Em nenhum livro da Bíblia a pessoa de Cristo Jesus, o Deus-homem e Sua obra como Mediador divino-humano, está mais claramente demonstrada do que na Epístola aos Hebreus. Nela podemos trazer de volta à glória o desdobramento da verdade em relação a Sua gloriosa pessoa e seguir do Céu para a Terra e da Terra para o Céu como resultado de Sua obra graciosa como Redentor.

Consideraremos Sua obra nos capítulos seguintes. Que agora possamos concentrar nosso pensamento na Sua pessoa. Quem é Ele?

O Mediador divino-humano – o Eterno Filho de Deus – “O Senhor do Céu”

“O primeiro homem, formado da terra, é terreno; o segundo homem é do céu” (I Co 15:47).

“No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o *Verbo era Deus*. Ele estava no princípio com Deus” (Jo 1:1-2).

O Mediador divino-humano – o Encarnado Filho de Deus – “O Verbo se fez carne”

“No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o *Verbo era Deus*” (Jo 1:1)

“E o Verbo se fez carne e habitou entre nós, cheio de graça e de verdade, e vimos a sua glória, glória como do unigênito do Pai” (Jo 1:14).

“O Verbo se fez carne.”

“A declaração é espantosa, esmagadora. Das distâncias infinitas à finita proximidade; do incompreensível ao compreensível; do método de expressar a própria personalidade apreciável só pela Deidade ao método de expressar a própria personalidade compreensível ao humano.”¹ Cristo Jesus, o Mediador, é o DEUS-*homem*. O Céu veio para a Terra. No primeiro capítulo de Hebreus, o Mediador é divino. Ele é chamado “Senhor”, “Deus”, “o Filho”. No segundo capítulo de Hebreus, Ele é humano. Ele é chamado “Jesus”, “irmão”, “sumo sacerdote”. No capítulo um Ele é tão distante de nós como os céus são da Terra; Ele está totalmente separado de nós; Ele está em uma classe sozinho; Ele é o Inacessível, o Incompreensível, o Incomparável. No capítulo dois Ele está no nível da nossa humanidade, Ele se humilhou para vir para o nosso plano de vida humana.

¹ G. Campbell Morgan, op. cit. p. 73.

“...vemos, todavia, *aquele que, por um pouco, tendo sido feito menor que os anjos, Jesus, por causa do sofrimento da morte, foi coroado de glória e de honra, para que, pela graça de Deus, provasse a morte por todo homem*” (Hb 2:9).

No capítulo dois Ele é um conosco, Ele participou nossa humanidade, Ele verdadeiramente Se tornou parte de nossa carne e sangue.

“Pois, *tanto o que santifica como os que são santificados todos vêm de um só*. Por isso, é que ele não se envergonha de lhes chamar irmãos” (Hb 2:11).

“Visto, pois, que os filhos tem participação comum de carne e sangue, *destes também ele, igualmente, participou, para que, por sua morte, destruísse aquele que tem o poder da morte, a saber, o diabo*” (Hb 2:14).

No capítulo dois Ele é o afável, simpático, conhecido Filho do Homem: o Gracioso, Gentil.

“Por isso mesmo, convinha que, *em todas as coisas, se tornasse semelhante aos irmãos, para ser misericordioso e fiel sumo sacerdote nas coisas referentes a Deus e para fazer propiciação pelos pecados do povo. pois, naquilo que ele mesmo sofreu, tendo sido tentado, é poderoso para socorrer os que são tentados*” (Hb 2:17-18).

Somente o Homem poderia representar o homem nesta mediação. Cristo Jesus, o Mediador entre Deus e o homem, é Homem: o Filho Encarnado, “o Verbo que se fez carne”.

Do começo ao fim das Escrituras esta história é contada: Cristo Jesus, o mediador entre Deus e o homem, é Deus; o Filho Eterno; o Senhor do Céu; o Alfa e o Ômega. Cristo

Jesus, o Mediador entre Deus e o homem, é *Homem*; o Filho Encarnado; o Homem da Galiléia; a Criança de Belém.

COMO O FILHO ETERNO SE TORNOU O FILHO ENCARNADO

Que Cristo Jesus foi um Mediador divino-humano não é somente um fato de revelação, mas também de história. Não somente as palavras das Escrituras, mas a data no nosso calendário nos diz que em certo ponto do tempo “a Palavra se fez carne e habitou entre nós”.

“...é que *hoje vos nasceu, na cidade de Davi, o Salvador, que é Cristo, o Senhor. E isto vos servirá de sinal: encontrareis uma criança envolta em faixas e deitada em manjedoura*” (Lc 2:11-12).

“Cristo, o Senhor” – “uma criança”! - “o Salvador” – “envolto em faixas”! – O Criador do universo – “deitado em uma manjedoura”! – O Autor e Sustentador da vida – “nasceu”! – O Pai da Eternidade – começou a contar Sua vida em dias e semanas e anos! – Um Deus-Homem! É um fato de revelação e de história surpreendente, estupendo, sublime. Neste fato estamos face a face com o milagre dos milagres, o mistério dos mistérios.

Muitos perguntaram: “Como pode ser isso?” “Como o Filho Eterno de Deus se tornaria o Filho do Homem Encarnado?” “Como o não criado Senhor da glória nasceu um bebê em Belém?” A resposta é dada claramente na anunciação do anjo para José e Maria.

“Enquanto ponderava nessas coisas, eis que lhe apareceu, em sonho, um anjo do Senhor, dizendo: José, filho de Davi, não temas receber Maria, tua mulher, *porque o que nela foi gerado é do Espírito Santo*” (Mt 1:20).

“Mas o anjo lhe disse: Maria, não temas; porque achaste graça diante de Deus. Eis que conceberás e darás à luz um filho, a quem chamarás pelo nome de Jesus. (...) Então, disse Maria ao anjo: Como será isto, pois não tenho relação com homem algum? Respondeu-lhe o anjo: *Descerá sobre ti o Espírito Santo, e o poder do Altíssimo te envolverá com a sua sombra; por isso, também o ente santo que há de nascer será chamado Filho de Deus*” (Lc 1:30, 31, 34, 35).

Talvez nada na santa Palavra de Deus desafie o homem para uma maior reverência, profunda humilhação, fé sublime do que este divino registro da entrada sobrenatural de Deus na vida humana. Assim, para o homem de fé verdadeiramente humilde, reverente, adorador não há dificuldade de aceitar a afirmação da revelação de que através da operação sobrenatural de Deus, o Espírito Santo, a Virgem Maria deu à luz “àquela pessoa santa chamada o Filho de Deus”. Ele lê e aceita essas duas anunciações sem fazer nenhum esforço para explicar a essência desse mistério porque ele humildemente reconhece que isso transcende todo o entendimento humano.

Ele vê em Cristo Jesus, o Deus-homem, a Deidade essencial e a humanidade real, verdadeiro Deus e verdadeiro Homem. Ele alegremente reconhece o sobrenatural na pessoa do Senhor Jesus Cristo. Ele não busca uma maneira de considerar tal resultado fora de um princípio adequado. Uma vida sobrenatural requer um nascimento sobrenatural. Assim ele alegremente aceita como verdade a revelação divina de Deus de que na origem do Deus-homem havia de ser encontrada a cooperação da Deidade e da humanidade. Ele crê que Jesus Cristo, o Deus-homem, foi “concebido pelo Espírito Santo, nascido da Virgem Maria”, como a igreja evangélica tem crido através dos séculos.

Deste modo o nascimento sobrenatural do Senhor Jesus é a conexão entre a eternidade e o tempo, entre o Céu

e a terra, entre a Deidade e a humanidade, entre Deus e o homem. Através da concepção sobrenatural veio para este mundo uma Pessoa como nunca havia vivido nele antes ou jamais vive desde então. NEle há deidade essencial e humanidade essencial, cada uma na sua totalidade e integridade. Ele é o “Filho de Deus, a Palavra do Pai, primogênito do eterno Pai, verdadeiro e eterno Deus, da mesma substância que o Pai. Sendo assim, Ele tomou a natureza humana no ventre da abençoada Virgem, da sua substância, e assim duas Naturezas completas e perfeitas, quer dizer, a Divindade e a Humanidade, foram unidas em uma Pessoa, para nunca ser dividida, que é Cristo, verdadeiro Deus e verdadeiro Homem”.²

Tudo o que Deus é, Cristo Jesus é. Tudo o que o homem antes da queda era, Ele é. Nada que pertença à Divindade ou à pureza humana estava faltando nEle. A natureza divina e a humana estão manifestas em Sua personalidade ímpar. Tanto Deus como o homem estão igualmente representados nos elementos consistentes da personalidade do Deus-homem.

Mesmo que o Deus-homem seja uma unidade em quem Deus e o homem se encontram em uma união harmoniosa de naturezas, ainda assim a raiz da Sua maravilhosa personalidade é Deus. Por toda a eternidade Ele era Deus. Em um momento do tempo Ele se tornou Homem. “O Filho de Deus veio das eternidades. O Filho do Homem começou Seu Ser.” “No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus.” A Divindade de Cristo Jesus é básica e primária. “O Verbo se tornou carne” e “nasceu neste dia na cidade de Davi um Salvador - um Bebê enrolado em faixas”. A humanidade de Cristo Jesus é adotada e conseqüentemente secundária, embora essencial. Na união entre Deus e o homem Deus é fator dominante. “A encarnação é a humanização da divindade e não deificação

² H. C. G. Moule, *Outlines of Christian Doctrine* (Esboço da Doutrina Cristã), p. 57.

da humanidade.” O Deus-homem é “Deus... manifestado em carne” (I Tm 3:16).

Na seguinte porção clássica da Escritura temos uma revelação muito clara e bela da pessoa do Deus-homem e o processo pelo qual Ele se tornou assim e o seu propósito.

“Tende em vós o mesmo sentimento que houve também em Cristo Jesus, *pois ele, subsistindo em forma de Deus, não julgou como usurpação o ser igual a Deus; antes, a si mesmo se esvaziou, assumindo a forma de servo, tornando-se em semelhança de homens; e, reconhecido em figura humana, a si mesmo se humilhou, tornando-se obediente até a morte, e morte de cruz*” (Fp 2:5-8).

Ele era o Filho Eterno, “subsistindo em forma de Deus” e “igual a Deus”. Mas diante da tragédia do Éden e da necessidade da redenção do homem Ele não considerou o ser igual a Deus algo em que se apegar, mas pelo ato sublime do esvaziamento Ele se qualificou para ser o Salvador do mundo. Mesmo não se despiando da Sua natureza essencial como Deus, Ele se tornou o Filho Encarnado, “assumindo a forma de servo, tornando-se em semelhança de homens”, e se submeteu a não manifestar temporária as Suas prerrogativas divinas.

“Ele a si mesmo se esvaziou.” Ele fez isso ao permitir que a glória e a majestade essencial da Sua pessoa divina fossem temporariamente cobertas e escondidas pela carne, pondo voluntariamente Seus muitos atributos, onipotência, onisciência e onipresença, temporariamente sob limitações e se colocando debaixo da soberana vontade do Pai Celestial e sob o controle do Espírito Santo.

“O esvaziamento indica rejeitar uma forma de manifestação, na qual todos os fatos de igualdade com Deus foram evidentemente revelados, e aceitar outra forma de manifestação,

na qual o fato da igualdade com Deus precisa ser escondida por um tempo, pela necessária submissão do humano ao divino... A Palavra passou do governo para a obediência, da cooperação independente na igualdade da Divindade para a submissão dependente à vontade de Deus.”³

“Ele a si mesmo se humilhou.” Deus tomou a forma de homem, o Senhor da glória se humilhou para uma verdadeira união com a natureza humana. Na sua humilhação Ele suportou todo sofrimento concebível, a culminação que foi Sua morte cruel na Cruz como um criminoso condenado.

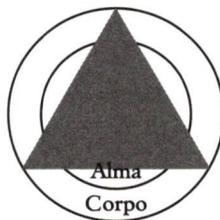
Sua auto-humilhação voluntária e esvaziamento de Si mesmo tinham um propósito. “Ele foi obediente até a morte, e morte de cruz” para que através de Sua mediação divina Ele se tornasse um todo-suficiente Salvador da humanidade (ver Diagrama 5).

Deus
O Filho Eterno



O Senhor do céu
1 Co 15.47

Deus
O Filho Encarnado



A Palavra se fez carne
Jo 1.14

Diagrama 5

Deus - manifestado em carne

³ G. Campbell Morgan, op. cit., pp. 76-77.

*Quatro vãos na ponte
da salvação -
Encarnação*

Deus, no Seu infinito amor, empreendeu a restauração da humanidade e a reconciliação de todas as coisas em Si mesmo através da mediação de Cristo Jesus. É a salvação através de um Salvador.

Se a completa salvação do homem é eficazmente concluída, cinco coisas devem ser feitas.

Primeira: O homem precisa ser restaurado para um relacionamento com Deus de tal modo que seria possível o cumprimento da intenção original, divina na sua criação.

Segunda: A questão do pecado deve ser plena e finalmente decidida. O pecado precisa ser tratado com relação a sua culpa, pena, poder e presença.

Terceira: A propiciação e reconciliação precisam ser efetuadas de tal modo que removeria a barreira de separação entre Deus e o homem e daria a toda pessoa a oportunidade da restauração do favor e companheirismo de Deus.

Quarta: Uma nova ordem de seres humanos precisa ser inaugurada para substituir a velha ordem que está em ruína e rejeição.

Quinta: Satanás, a causa original e instigador contínuo do pecado no homem, precisa ser derrotado e destronado. A soberania de Deus sobre todas as coisas precisa ser totalmente restaurada.

Para realizar tal salvação Deus ergueu uma ponte de quatro vãos sobre o abismo gerado pelo pecado. Cada vão é parte integral do todo. Sem um vão a ponte seria incompleta e inadequada. Os quatro vãos são: encarnação, crucificação, ressurreição e ascensão. A encarnação é o primeiro vão na ponte da salvação.

Os profetas de Deus tinham predito que deveria haver uma encarnação.

“Portanto, o Senhor mesmo vos dará um sinal: eis que a virgem conceberá e dará à luz um filho e lhe chamará Emanuel” (Is 7:14).

“Porque um menino nos nasceu, um filho se nos deu; o governo está sobre os seus ombros; e o seu nome será: Maravilhoso Conselheiro, Deus Forte, Pai da Eternidade, Príncipe da Paz” (Is 9:6).

No momento em que o pecado manchou o coração da humanidade Deus deu a promessa de um Salvador. Através de todos os séculos aqueles que, como Simeão e Ana, estavam zelosamente aguardando o Advento puderam ouvir

os passos do Senhor da glória em Seu caminho do céu para a Terra.

Na plenitude dos tempos Ele veio. “Jesus nasceu em Belém de Judá nos dias do rei Herodes.” “Deus manifestado em carne” foi o primeiro passo de Deus no cumprimento da Sua promessa profética no Éden.

A intenção original de Deus na criação do homem foi um ser feito à Sua própria imagem. Por causa do pecado o homem perdeu todo conhecimento verdadeiro, tanto de Deus como de si mesmo, como Deus pretendia que ele fosse.

Vivendo em um mundo de homens pecaminosos, o pecador não tem ninguém melhor para se comparar do que ele mesmo. Assim ele se mediu consigo mesmo e com outros como ele mesmo, e o resultado foi autocomplacência e auto-suficiência. Deixado à sua própria sorte, não existe desejo por algo melhor, pois não existe senso de necessidade. Em sua obscuridade e degradação moral e espiritual o homem está incapacitado de conhecer corretamente tanto Deus como a si mesmo. Por esta razão é claramente evidente que se o homem está para ser restaurado para o favor de Deus ele precisa de uma dupla revelação: uma revelação de Deus como Ele é, e de si mesmo como ele é e como Deus pretende que ele seja.

REVELAÇÃO – O PROPÓSITO PRELIMINAR NA ENCARNAÇÃO

Deus deu esta dupla revelação em Cristo Jesus, o Deus-homem. Somente o Filho poderia revelar correta e autorizada-mente o Pai porque somente Ele viu o Pai.

“Ninguém jamais viu a Deus; o *Deus unigênito*, que está no seio do Pai, é quem o revelou” (Jo 1:18).

“Tudo me foi entregue por meu Pai. Ninguém conhece o Filho, senão o Pai; e ninguém conhece o Pai, senão o Filho e aquele a quem o Filho o quiser revelar” (Mt 11:27).

Mas como poderia o Filho tornar conhecido aos pecadores sobre a Terra a inefável beleza, o amor infinito, o valor imensurável do Pai no Céu se Ele permanecesse no seio do Pai? Havia somente um caminho pelo qual o grito da geração da “humanidade órfã”, “mostra-nos o Pai”, poderia ser respondido, e era pelo caminho da encarnação. Este é o caminho que o Senhor Jesus tomou, e Ele disse para aqueles que O viram sobre a Terra que quando O vissem veriam o Pai.

“Disse-lhe Jesus: Filipe, há tanto tempo estou convosco, e não me tens conhecido? *Quem me vê a mim vê o Pai*; como dizes tu: Mostra-nos o Pai?” (Jo 14:9).

No Filho encarnado o Pai eterno curvou-Se ao nível do poder do homem para que este pudesse compreendê-Lo. “Jesus é Deus soletrando a Si mesmo em uma linguagem que os homens podem entender.”

Na pessoa gloriosa e na obra graciosa do Filho Deus foi manifestado. O que o Filho era Deus é. Seu caráter e conduta na Terra é uma reflexão espelhada do Seu Pai no Céu. Abençoando os pequeninos e ordenando-lhes a virem a Ele; entrando no regozijo da festa de casamento e no banquete festivo; pranteando com as desoladas irmãs na sepultura do irmão; buscando a companhia de pessoas semelhantes no lar em Betânia; falando com uma mulher rejeitada no poço de Jacó; alimentando a multidão faminta que O tinha seguido no deserto; dando visão aos olhos do homem que nasceu cego; limpando o templo dos cambistas avarentos; denunciando a hipocrisia e a justiça própria dos incrédulos fariseus; sofrendo

no Getsêmani; morrendo no Calvário; em todos estes ministérios o Deus invisível se tornou inteligível aos homens.

No entanto, Jesus Cristo não veio somente para revelar Deus para o homem, mas para revelar o homem a ele mesmo. O pecado cegou o homem tanto para o valor de Deus quanto para sua própria insignificância. Mas no homem Cristo Jesus Deus revelou para a humanidade Seu Homem perfeito, o Ideal divino. NEle o homem não somente encontrou tudo o que poderia querer em Deus, mas tudo o que Deus poderia querer no homem. O que o Deus-homem era na Terra é o que Deus deseja que todo ser humano seja. “Nele vemos em forma perfeita o que o homem é segundo o conceito divino.” Comparando sua vida com a do homem Cristo Jesus cada um pode ver a profundidade do pecado no qual caiu e o peso da santidade para a qual pode ascender.

A dupla revelação no Deus-homem de Deus como Ele é e do homem como ele pode ser é certamente o propósito preliminar na encarnação, mas não o principal. Se o homem natural não alcançou nada além desta revelação ela muito pouco bem fará a ele. Em primeiro lugar, como a sua mente cega poderia compreendê-la, seu coração obscurecido aceitá-la, sua vontade preconcebida atuar sobre ela? E se ele pudesse compreender, aceitar e atuar sobre esta revelação de Deus e de si mesmo dada em Jesus, para onde ela o conduziria? Tal revelação não toca a questão do pecado exceto para revelar a que profundidade o homem caiu. Em nenhum sentido ela pode resolver isso. Ela somente conduziria o desperto pecador a uma maior consciência de condenação e a uma profunda experiência de desesperança.

REDEÇÃO – O PROPÓSITO PRINCIPAL NA ENCARNAÇÃO

A revelação em si mesma não é uma razão suficiente para a encarnação. Deus não se manifestou em carne para zombar dos

pecadores ao dar-lhes um exemplo de uma vida perfeita a qual eles, por si mesmos, não conseguiriam imitar. O Deus-homem é um exemplo para o santo seguir, mas não para o pecador.

Além disso, Jesus Cristo não veio para divulgar ensinamentos que o homem natural poderia obedecer. Também não veio para a Terra para torná-la um lugar mais confortável e habitável para o pecador através de reformas sociais que Ele poderia efetuar. Nem veio como o fundador de uma nova religião, o líder espiritual de outra seita, que poderia ir um passo além das outras religiões ressuscitando a velha criação e levantando a raça humana através de um desenvolvimento gradual para uma mais elevada realização moral e espiritual.

Jesus Cristo claramente concebeu Sua missão neste mundo pecaminoso para ser aquele que é um Salvador. As Escrituras sempre falam da encarnação em conexão com o pecado e com o propósito de Deus na redenção. Redenção é o propósito principal na encarnação. Cristo veio para salvar pecadores como você e eu.

“Porque o Filho do homem veio buscar e salvar o perdido”
(Lc 19:10).

“...vindo, porém, a plenitude do tempo, Deus enviou seu Filho, nascido de mulher, nascido sob a lei, para resgatar os que estavam sob a lei, a fim de que recebêssemos a adoção de filhos” (Gl 4:4-5).

“Sabeis também que ele se manifestou para tirar os pecados, e nele não existe pecado” (I Jo 3:5).

A encarnação é indubitavelmente o primeiro vão na ponte da salvação de Deus. Mas em que aspecto o cumprimento do propósito redentor de Deus é iniciado na encar-

nação? Que parte ela tem na restauração do homem para o favor e companheirismo de Deus?

Já havíamos determinado as duas conseqüências da queda: a falha total do primeiro homem de Deus em cumprir a intenção original de Deus na Sua criação; a ruína total da velha ordem da humanidade na qual Adão era o cabeça. O primeiro Adão falhou tanto como um homem quanto como um homem representativo. Por meio do seu pecado a união de Deus com ele mesmo e através dele com toda a raça humana estabelecida na criação foi quebrada. Isto deve ser restaurado. O pecado injetou no homem uma natureza má que o torna hostil a Deus. Ele precisa ser reconciliado. A salvação demanda reconciliação, e reconciliação deve ser seguida pela conformidade. A salvação do ponto de vista de Deus não significa simplesmente a restauração dos homens da culpa, pena e poder do pecado, mas a restauração para a semelhança de Deus, até a conformidade da imagem do Seu Filho. Não é somente a libertação negativa de um estado de alienação e hostilidade para com Deus, mas é uma entrada positiva em um estado de justiça e santidade em Deus.

Para realizar tal salvação uma inteiramente nova união com a humanidade precisa ser feita, e essa união precisa ser baseada em naturezas similares para que tanto Deus como o homem possam encontrar sua plena satisfação e máxima bem-aventurança em tal relacionamento. Seria impossível para Deus permitir, ou para o homem desfrutar, tal união já que o homem tinha somente uma natureza má. Para o homem desfrutar da comunhão com Deus ele precisa ter uma natureza igual à de Deus. Mas como ele poderia se tornar um participante da natureza divina? Aqui descobrimos a dimensão da graça de Deus. Aqui a graça de Deus em sua mais elevada altura se curva para a necessidade do homem em sua mais profunda baixeza. Para que o homem pudesse

se tornar participante da natureza divina Deus precisaria se tornar participante da natureza humana. Para condenar o pecado na carne Deus precisaria enviar Seu próprio Filho em semelhança de carne pecaminosa.

“Visto, pois, que os filhos têm participação comum de carne e sangue, destes também ele, igualmente, participou, para que, por sua morte, destruísse aquele que tem o poder da morte, a saber, o diabo” (Hb 2:14).

“Pois ele, evidentemente, não socorre anjos, mas socorre a descendência de Abraão. Por isso mesmo, convinha que, em todas as coisas, se tornasse semelhante aos irmãos, para ser misericordioso e fiel sumo sacerdote nas coisas referentes a Deus e para fazer propiciação pelos pecados do povo” (Hb 2:16-17).

“Porquanto o que fora impossível à lei, no que estava enferma pela carne, isso fez Deus enviando o seu próprio Filho em semelhança de carne pecaminosa e no tocante ao pecado; e, com efeito, condenou Deus, na carne, o pecado” (Rm 8:3).

O ato do Filho de Deus de se tornar participante da nossa natureza é a encarnação. Esta é seguida em breve pela Sua morte, ressurreição e ascensão, por meio das quais podemos nos tornar participantes da Sua natureza. Por essa razão na encarnação encontramos a pedra de esquina da nova união entre Deus e o homem. Mas vamos mais além em seu significado.

Deus estava diante de duas necessidades em qualquer plano efetivo de salvação: enviar um segundo Homem que pudesse cumprir Sua intenção original na criação do homem; prover outro Adão que pudesse atuar como representante da

raça humana como o Cabeça de uma nova ordem. O Homem Cristo Jesus cumpre ambas as necessidades. Ele é o segundo Homem de Deus.

“O primeiro homem, formado da terra, é terreno; o *segundo homem é do céu*” (I Co 15:47).

Ele é o último Adão de Deus.

“Pois assim está escrito: O primeiro homem, Adão, foi feito alma vivente. O *último Adão, porém, é espírito vivificante*” (I Co 15:45).

No Deus-homem Deus fez uma nova união com a raça humana; o resultado final dessa união é uma nova raça de homens redimidos dos quais Jesus Cristo é o Cabeça.

Entretanto, para se qualificar plenamente como o último Adão nesta obra mediadora de redenção, o segundo Homem de Deus precisa ter êxito onde Seu primeiro homem falhou e precisa ter êxito sob as mesmas circunstâncias e limitações. O primeiro homem falhou na Terra; o segundo Homem precisa ter êxito na Terra. O primeiro homem tinha uma natureza tripartite sujeita às limitações humanas. O segundo Homem precisa ter uma natureza tripartite sujeita às limitações humanas. O primeiro homem foi tentado exteriormente por Satanás na dúvida, desobediência e infidelidade. O segundo Homem precisa ser tentado da mesma forma, pela mesma pessoa, para fazer as mesmas coisas. Se o segundo Homem de Deus tiver êxito onde o primeiro homem de Deus falhou, então poderá se qualificar como o último Adão para se tornar o Redentor da raça humana e o Cabeça de uma nova ordem de seres.

Vamos ver como na encarnação o segundo Homem de Deus atendeu a cada um desses requisitos.

A Palavra eterna se fez carne e habitou entre nós. O Filho único deixou o seio do Pai na glória para nascer de uma virgem em uma manjedoura em Belém. Um Salvador nasceu na cidade de Davi. O Senhor dos céus veio à Terra.

O segundo Homem de Deus era humano, sujeito às limitações humanas. A humanidade de Cristo teve início onde a nossa começou e passou por todos os estágios da vida humana, da infância à idade adulta. Cristo teve uma linhagem humana.

“...com respeito a seu Filho, o qual, segundo a carne, veio da descendência de Davi” (Rm 1:3).

“Da descendência deste [Davi], conforme a promessa, trouxe Deus a Israel o Salvador, que é Jesus” (At 13:23).

O Filho de Deus se tornou o Filho do Homem pelo nascimento humano. Ele foi “um menino envolto em faixas”. Maria era a sua mãe.

“Mas o anjo lhe disse: Maria, não temas; porque achaste graça diante de Deus. *Eis que conceberás e darás à luz um filho, a quem chamarás pelo nome de JESUS*” (Lc 1:30-31).

Ele foi um “menino” sujeito à lei normal de desenvolvimento, vivendo em uma casa com irmãos e irmãs e crescendo debaixo da instrução e disciplina do Seu lar, como outros meninos cresciam.

“*Crescia o menino e se fortalecia, enchendo-se de sabedoria; e a graça de Deus estava sobre ele*” (Lc 2:40).

Ele foi “um homem”, e como um filho e irmão no lar, como um vizinho e negociante na comunidade, como um

cidadão da nação cumpriu todos os deveres e satisfaz todas as obrigações que estes relacionamentos humanos requeriam. Cristo Jesus não foi somente “feito em semelhança de homens”, mas em Sua vida terrena foi “encontrado em forma de homem” (Fp 2:7-8). “Por isso mesmo, convinha que, em todas as coisas, se tornasse semelhante aos irmãos” (Hb 2:17). Em todas as coisas o Filho do Homem não era apenas humanamente perfeito, mas era perfeitamente humano.

O segundo Homem de Deus tinha uma natureza humana tripartite.

“Então, Jesus clamou em alta voz: Pai, nas tuas mãos entrego o *meu espírito*! E, dito isto, expirou” (Lc 23:46).

“Então, lhes disse: *A minha alma* está profundamente triste até a morte; ficai aqui e vigiai comigo” (Mt 26:38).

“...pois, derramando este perfume sobre o *meu corpo*, ela o fez para a meu sepultamento” (Mt 26:12).

O segundo Homem de Deus tinha espírito. Ele estava sempre aberto para Deus e para o céu. Ele amava Seu Pai e se alegrava no mundo, na palavra e na vontade de Seu Pai. A comunhão com Seu Pai era Sua suprema alegria e sempre viveu na consciência da presença do Pai (Jo 8:29) e na alegria do sorriso do Pai (Mt 17:5). Em Jesus o espírito humano estava sempre em ajuste perfeito com o Espírito de Deus e dominava tanto Sua alma como Seu corpo.

O segundo homem de Deus tinha alma. O último Adão pensava, amava e desejava como o primeiro Adão tinha feito. Sua familiaridade com as Santas Escrituras mostra como Ele tinha lido e ponderado os escritos sagrados. Suas parábolas se baseavam na natureza ou nos eventos da vida humana para

revelar o caráter que dirigia Sua mente. Ele amava as pessoas e se alegrava na comunhão com elas. Ele era capaz de intensa simpatia e sentimento, de grande indignação e raiva, de profunda alegria e contentamento, de apurada apreciação e gratidão. Jesus tinha uma alma na qual era manifestada uma poderosa capacidade de pensar, amar e desejar.

O segundo Homem de Deus tinha corpo. Ele era feito “em semelhança de carne pecaminosa”. A mulher samaritana reconheceu que Ele era judeu. Maria Madalena pensou que Ele era um jardineiro. Aqueles que O viram e ouviram na sinagoga em Nazaré enquanto se maravilhavam diante de Suas graciosas palavras O tomavam somente como o filho de José. Ele comeu, dormiu, andou e viveu como qualquer outro homem. Embora no Seu semblante, conversação e comportamento se encontrasse aquilo que Sua impecabilidade e santidade produzia, o qual O tornava diferente de todos os homens, em sua forma física não havia nada que O diferenciasse.

O segundo Homem de Deus não era somente humano, mas estava sujeito a todas as enfermidades e limitações da humanidade. Jesus teve fome, sede, dormiu, chorou, se vestiu, se condeou, sofreu e morreu. “Não há uma nota no grande órgão da nossa humanidade que, quando tocado, não encontre uma vibração compassiva no poder, âmbito e alcance da pessoa do nosso Senhor, a não ser, é claro, a discórdia dissonante do pecado.”

“Porque convinha que aquele, por cuja causa e por quem todas as coisas existem, conduzindo muitos filhos à glória, aperfeiçoasse, por meio de sofrimentos, o Autor da salvação deles. Pois, tanto o que santifica como os que são santificados, todos vêm de um só. Por isso, é que ele não se envergonha de lhes chamar irmãos” (Hb 2:10-11).

Finalmente, o segundo Homem de Deus foi tentado exteriormente por Satanás na dúvida, desobediência e infidelidade.

Quando Satanás disse “eu quero” para Deus, pondo sua vontade de criatura em oposição à do seu Criador, ele quebrou a lei não escrita de que no universo de Deus pode existir somente uma vontade, que é a vontade do Criador de todas as coisas. A ilegalidade então se tornou um fato no reino celestial. Ela entrou no mundo e começou a correr pelas veias da vida humana quando o primeiro homem de Deus quebrou a lei de Deus e desobedeceu ao mandamento de Deus.

A partir daquele dia e através dos séculos, até que os anjos cantassem o primeiro cântico natalício sobre a manjedoura em Belém, nunca existiu um homem que fosse perfeitamente obediente a Deus, que tivesse guardado totalmente a lei de Deus. Os homens se voltaram para seus próprios caminhos e fizeram aquilo que era certo aos seus próprios olhos. Mesmo entre aqueles que pela fé seguiram o Senhor não havia um que vivesse apenas e tão-somente na vontade de Deus.

Mas pela encarnação entrou na vida humana um segundo Homem em quem a humanidade foi outra vez posta à prova; um último Adão em quem a raça humana teve sua única e final esperança de restauração com Deus.

O primeiro homem, Adão, e toda a raça humana latente nele caíram em ruína e rejeição pela desobediência. Agora Deus enviou um segundo Homem, um último Adão, que pode levar a raça humana para a restauração e reconciliação sob uma condição de obediência. Ele deve, entretanto, ser obediente do começo até o fim da vida; obediência em todo tempo, e em todas as coisas, sob todas as circunstâncias, em todos os limites, a despeito de todas as conseqüências; obediência, ademais, não meramente na letra, mas no espírito; obediência a toda a vontade de Deus como a regra unilateral de vida; tal obediência que torne a vontade de Deus o centro

de Sua vida, a circunferência, e tudo dentro dela. A regra sentimental de todo o Seu ser deve ser “a vontade de Deus – nada mais, nada menos, nada além disso”.

“Porque, como, pela desobediência de um só homem, muitos se tornaram pecadores, assim também, *por meio da obediência de um só, muitos se tornarão justos*” (Rm 5:19).

O Filho do Homem estaria habilitado para se qualificar como Salvador sob essas condições? Ele escolheria, dentre todas as coisas, a vontade de Deus?

Ao vir para o mundo Cristo Jesus declarou que o propósito da encarnação era fazer a vontade de Seu Pai.

“Porque eu desci do céu, *não para fazer a minha própria vontade, e sim a vontade daquele que me enviou*” (Jo 6:38).

Parte da Sua humilhação em se tornar o Filho do Homem foi Sua voluntariedade em deixar o lugar de igualdade em soberania como Deus para tomar o lugar de subordinação em subserviência como homem. A vontade do Pai era o prazer do Filho; era o verdadeiro alimento da Sua vida.

“Disse-lhes Jesus: *A minha comida consiste em fazer a vontade daquele que me enviou e realizar a sua obra*” (Jo 4:34).

Ele veio, viveu, trabalhou, tudo com um propósito e uma paixão – fazer a vontade do Pai. E qual era a vontade do Pai em relação à raça humana e à encarnação do Seu Filho?

“De fato, *a vontade de meu Pai é que todo homem que vir o Filho e nele crer tenha a vida eterna; e eu o ressuscitarei no último dia*” (Jo 6:40).

A vontade de Deus era que todo pecador visse em Seu Filho um Salvador e cresse nEle como aquele de quem o Pai pôde revogar a sentença de morte e ressuscitá-lo com a vida eterna nEle.

Satanás sabia que essa era a vontade do Pai; também sabia que Jesus Cristo se renderia a Si mesmo sem reservas ao Pai para realizar essa vontade. Seu desejo satânico, sua diabólica determinação, era, se possível, impedir o Filho do Homem de fazer a vontade do Pai. A mais insignificante sombra de questionamento a respeito da bondade do Seu Pai seria dúvida; falhar em guardar a santa lei de Deus, mesmo em um ponto, seria desobediência; o mais simples desvio do desejo para a vontade própria seria infidelidade, e o segundo Homem de Deus, Seu último Adão, seria desqualificado para se tornar o Salvador do mundo e o Cabeça de uma raça de santos, homens celestiais. Que Ele seria tentado por Satanás do centro para a circunferência da Sua vida, sim, que Seu Pai até permitiria tal tentação, seria facilmente compreensível até mesmo se as Escrituras não o expusessem tão claramente.

“Porque não temos um sumo sacerdote que não possa compadecer-se das nossas fraquezas; antes, *foi ele tentado em todas as coisas, à nossa semelhança, mas sem pecado*” (Hb 4:15).

“Pois, *naquilo que ele mesmo sofreu, tendo sido tentado, é poderoso para socorrer os que são tentados*” (Hb 2:18).

“Porque convinha que aquele, por cuja causa e por quem todas as coisas existem, conduzindo muitos filhos à glória, *aperfeiçoasse, por meio de sofrimentos, o Autor da salvação deles*” (Hb 2:10).

Para se qualificar como Salvador dos homens e o Cabeça de uma raça de homens redimidos, o Homem Cristo Jesus deve ser um vitorioso sobre as tentações humanas, uma por uma.

Através dos trinta anos de vida particular como uma criança, um menino e um jovem, sem dúvida Ele foi tentado muitas e muitas vezes a duvidar da bondade do Pai, a desobedecer à lei do Pai e ser infiel à vontade do Pai. No lar, na bancada de carpinteiro, nos diversos contatos com a vida da comunidade encontrou um ataque diário das tentações comuns do homem. Que Ele passou por estes anos de obscuridade com Sua humanidade imaculada e sem mancha é amplamente atestado pela voz do Pai falando estas palavras de absoluta aprovação no Seu batismo: "Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo". Como um Homem Jesus viveu em particular uma vida não somente de absoluta impecabilidade, mas uma vida que era totalmente obediente à vontade de Deus.

Ele emergiu da privacidade para a vida pública e se comprometeu com Seus três anos de ministério público. Ele publicamente proclamou a Si mesmo como o Messias. Mas antes de fazer isso ocorreu um evento de tremendo significado. No rio Jordão Jesus foi batizado por João. Este foi Seu primeiro ato de identificação com o pecado da humanidade, foi o passo preliminar para se tornar o Substituto dos pecadores.

Multidões iam até João para serem batizadas, confessando seus pecados. Jesus foi para ser batizado. Ele não tinha pecado para confessar e não tinha desobedecido à lei de Deus para se arrepender. Mas ali nas margens do Jordão o segundo Homem de Deus publicamente reconheceu e aceitou Sua responsabilidade como o Salvador do mundo ao se identificar a Si mesmo com o pecado do mundo. O último Adão, através

de Seu batismo, entregou-Se a Si mesmo para levar todas as conseqüências da quebra da lei por parte dos pecadores. Em Seu batismo o Homem Cristo Jesus começou a ser contado com os transgressores e começou a obra de substituição pessoal que terminou no Calvário.

Imediatamente depois do Seu batismo Seu ministério público começou e lemos: “A seguir, foi Jesus levado pelo Espírito ao deserto, *para ser tentado pelo diabo*”. Como um homem Jesus encontrou os múltiplos testes através das tentações incidentais na vida particular e em todas Ele saiu Vencedor. Mas agora, como o Filho do Homem, está para passar pelo teste decisivo de toda a Sua vida em um conflito pessoal com o próprio maligno. A salvação do homem não consiste em libertação da tentação, mas em libertação da possessão e poder do tentador. A derrota total e destruição do maligno fizeram parte da obra de Cristo como Salvador. Jesus Cristo estava comprometido em salvar a humanidade do pecado *no todo*; isso requereria que Ele voltasse para a origem do pecado no homem e confrontasse e conquistasse seu instigador. Para tal tarefa e para tal teste “foi Jesus levado pelo Espírito ao deserto”.

Neste conflito no deserto o Deus-homem está lá não somente como um homem, mas como o Filho do Homem, não somente como um indivíduo, mas como o Representante da humanidade. Satanás está lá não somente como um inimigo pessoal da “semente da mulher”, mas como o inimigo declarado de Deus e da raça humana. A inimizade profetizada no Éden teve ali o seu cumprimento concreto; o conflito previsto, que seguia em secreto por séculos e teve seu cumprimento manifesto no Calvário, está representado no presente combate aberto e cristalizado no deserto. O maligno não tolerou mais esconder sua identidade através da personificação, mas está exposto como o maligno, e seus propósitos são abertamente

revelados. Lá no deserto o destruidor da raça humana enfrenta o Salvador da raça humana em um decisivo e terrível conflito. Isto irá provar por todas as eras vindouras quem é o vencido e quem é o Vencedor.

Satanás tentou Adão com o propósito de ganhar a soberania sobre ele e assegurar sua adoração. Ele tentou o primeiro homem de Deus no jardim do Éden em um ponto em que ele poderia ser desobediente e encontrou sucesso marcante. Ele saiu vencedor. Adão fez uma escolha pessoal contra a escolha de Deus. Ele atuou independentemente de Deus e, fazendo isso, deu um passo para fora da vontade de Deus e adentrou em sua própria vontade.

No deserto, Satanás, impelido pelo mesmo propósito, tentou o segundo homem de Deus empregando o mesmo método e operando para o mesmo fim. Um estudo cuidadoso da grande tentação (Mt 4:1-11) mostrará que Satanás fez três ataques separados por três possibilidades distintas, mas com um único propósito: atrair para si o Deus-homem no desejo e na ação fora da vontade de Deus; induzi-Lo a fazer uma escolha pessoal contrária à vontade de Deus; persuadi-Lo a agir independentemente. O supremo esforço em cada ataque era o de desalojar o Deus-homem do centro da vontade de Deus e conduzi-Lo à infidelidade ao Seu Pai.

A tentação no deserto foi o teste decisivo não somente para Cristo, mas também para Satanás. Se Satanás pudesse apenas triunfar sobre o último Adão como ele fez com o primeiro, ele seria vitorioso por todo tempo por vir. Então ele ofereceu-Lhe no deserto tudo o que tinha ganhado no jardim, até mesmo os reinos deste mundo, se Ele somente se prostrasse e o adorasse. Então ele realmente teria destronado Deus, e o desejo satânico de ser "como o Altíssimo" teria se realizado. A única esperança de salvação do homem teria findado, pois Cristo é o último Adão.

O primeiro homem de Deus exercitou seu direito de decidir e decidiu por Satanás. Ao segundo Homem de Deus também foi dado o mesmo direito de decidir e o poder para decidir por Deus. Ele exercitou o direito de decidir e escolheu decidir por Deus. O primeiro Adão tornou-se a vítima do pecado e de Satanás; o último Adão tornou-Se o Vitorioso sobre o pecado e Satanás.

A pergunta que com certeza nos forçamos fazer é: “Foi como Deus ou como homem que o Deus-homem triunfou sobre Satanás?” Talvez inconscientemente possamos nos confortar nas derrotas por pensar que Ele usou da prerrogativa e poderes da Divindade e que Sua vitória foi ganha por meios além do alcance do homem. Se isso for verdade, todo o benefício da experiência do deserto para a humanidade está perdido, e ela foi somente uma vitória pessoal e não uma vitória racial que o Deus-homem ganhou. Somente Ele teria vantagem nela, mas não teria sido significativa para você e para mim, pois se Ele recorreu à Divindade e ao poder divino não disponível para nós, então Seu triunfo sobre o pecado e Satanás não tem utilidade para nós.

Isso, entretanto, foi exatamente o que o maligno queria que Ele fizesse e exatamente o que Ele com firmeza se recusou fazer. Satanás tentou-O a usar Seu poder como o Filho de Deus. “Ele se recusou a usar as prerrogativas e os poderes da Divindade de um modo diferente daquele que seria possível para qualquer outro homem. Ele não enfrentou tentação ou vitória no campo da Sua Divindade, mas na Magnificência de Sua pura, forte Humanidade, testada por trinta anos na vida particular habitual e por quarenta dias na solidão do deserto. Jesus estava no deserto como representante do Homem.”¹

¹ G. Campbell Morgan, op. cit., p. 170.

O último Adão ganhou sua vitória precisamente onde o primeiro Adão falhou. As Escrituras revelam dois elementos fundamentais na vitória do Deus-homem no deserto. O primeiro é o controle soberano do Espírito Santo sobre todo o Seu ser, espírito, alma e corpo. O segundo é a Sua obediência implícita à Palavra de Deus.

“A seguir, foi Jesus levado pelo Espírito ao deserto, para ser tentado pelo diabo” (Mt 4:1).

Deus, o Espírito Santo, guiou-O no deserto para ganhar esta vitória racial. A tentação no deserto não foi um acidente; não foi nem mesmo uma obra do maligno; foi parte do plano. A tentação exterior não pegou Jesus despercebido; Ele estava preparado para esta crise. Em Sua vida terrena era o primogênito, dirigido, liderado, cheio e fortalecido pelo Espírito Santo. Embora tivesse todas as atribuições da Divindade, mesmo como o segundo homem de Deus, voluntariamente se submeteu a uma vida de limitações humanas para que Ele pudesse ser tentado em todos os pontos como nós somos e conquistar a vitória sobre a tentação por meio do único caminho pelo qual podemos conquistar a vitória. Então Ele voluntariamente se colocou sob o controle do Espírito Santo, e viveu Sua vida e fez Sua obra somente no poder do Espírito Santo.

A tentação do último Adão no deserto foi uma investida contra toda a Sua personalidade. Satanás abordou Jesus pela “concupiscência da carne”, pela “concupiscência dos olhos” e pela “soberba da vida”, mas não encontrou ponto vulnerável nEle. O espírito humano em Jesus dominava tanto a alma como o corpo porque ele, por sua vez, estava entregue totalmente ao Espírito de Deus. As partes constituintes da maravilhosa personalidade de Jesus estavam em perfeita harmonia umas com as outras porque toda Sua vida foi vivida em correto

relacionamento com Deus. Por esta razão, quando Satanás se aproximou “não encontrou nada nEle”. Foi uma vitória conquistada pela submissão ao controle dominante do Espírito Santo. Tal vitória pode ser sua e minha diariamente.

O segundo fator no triunfo do Deus-homem foi Sua obediência a Deus e o uso da Palavra de Deus. No Éden o primeiro homem de Deus foi derrotado porque ouviu a voz do diabo em vez da voz de Deus; creu nas mentiras do diabo em vez da verdade de Deus. No deserto o segundo Homem de Deus foi vitorioso porque ouviu a voz de Deus em vez de Satanás; creu na Palavra de Deus em vez da mentira do diabo. Mais do que isso, Ele usou aquela Palavra de Deus como uma arma contra o diabo e somente com ela repeliu o triplo ataque.

“Jesus, porém, respondeu: *Está escrito*: Não só de pão viverá o homem, mas de toda palavra que procede da boca de Deus” (Mt 4:4).

“Respondeu-lhe Jesus: *Também está escrito*: Não tentarás o Senhor, teu Deus” (Mt 4:7).

“Então, Jesus lhe ordenou: Retira-te, Satanás, *porque está escrito*: Ao Senhor, teu Deus, adorarás, e só a ele darás culto” (Mt 4:10).

“Com isto, o deixou o diabo”, pois a vitória foi ganha. Foi a vitória da perfeita obediência à vontade de Deus revelada na Palavra de Deus. Tal vitória pode ser sua e minha diariamente.

A vitória conquistada no Deserto sobre o tentador não só foi perfeita como também permanente. Foi um teste decisivo tanto para Satanás como para Cristo. Daquele momento em diante o diabo nunca mais abordou Cristo da mesma

forma, e Cristo sempre tratou Satanás e seus emissários como um Vencedor trata o vencido.

Mas a tentação no deserto foi o teste da humanidade, como também o de Cristo. Deus estava dando ao homem outra chance, uma última chance. Portanto a vitória foi a vitória da humanidade. O Senhor Jesus estava lá como o segundo Homem de Deus qualificado para se tornar o Salvador do homem e como o último Adão preparado para ser o Cabeça de uma nova raça de homens. “O Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo” precisa ser sem mancha. Satanás usou todas as possibilidades de abordagem e todos os métodos de ataque para fazê-Lo pecar e vencer Sua sujeição, mas ele falhou totalmente. O Filho do Homem retornou deste violento conflito ileso, imaculado, limpo. Em todos os pontos em que o primeiro homem falhou, o segundo Homem teve sucesso; em todo lugar em que o primeiro Adão encontrou derrota, o último Adão conquistou vitória. A luta contra o pecado, o ego e Satanás foi completamente ganha. Sua pureza O qualificou como Salvador. A vitória no deserto foi mais do que pessoal, ela foi racial; ela foi a sua vitória e a minha, se quisermos.

A impecabilidade, no entanto, é uma condição negativa de vida, e Deus requer mais do que isso. Para a mais completa comunhão Consigo Ele exige algo positivo, até mesmo a perfeição da santidade. Assim Cristo passou pelo deserto para viver uma vida perfeita – perfeita em Suas palavras, Seu caminhar, Suas maneiras e obra. A perfeição marcou todas as coisas em Seu caráter e conduta. Ele mesmo testificou tanto o negativo como o positivo para a perfeição da Sua vida quando disse: “Porque aí vem o príncipe do mundo; e *ele nada tem em mim*” (Jo 14:30); e: “E aquele que me enviou está comigo, não me deixou só, porque eu faço sempre *o que lhe agrada*” (Jo 8:29). Ele não era somente Alguém puro, mas era Alguém perfeito.

A perfeição da Sua vida era a perfeição da obediência, da firmeza, da imutável submissão à vontade do Seu Pai. Quando Ele se esvaziou a Si mesmo da Sua igualdade com o Pai e cedeu o lugar de soberania para o de subserviência, Ele rendeu completamente Seu direito de falar, agir, querer independentemente de Seu Pai.

“Porque eu não tenho falado por mim mesmo, mas o Pai, que me enviou, esse me tem prescrito o que dizer e o que anunciar. E sei que o seu mandamento é a vida eterna. As coisas, pois, que eu falo, como o Pai mo tem dito, assim falo” (Jo 12:49, 50).

“Então, lhes falou Jesus: Em verdade, em verdade vos digo que o Filho nada pode fazer de si mesmo, senão somente aquilo que vir fazer o Pai; porque tudo o que este fizer, o Filho também semelhantemente o faz” (Jo 5:19).

“Adiantando-se um pouco, prostrou-se sobre o seu rosto, orando e dizendo: Meu Pai, se possível, passe de mim este cálice! Todavia, não seja como eu quero, e sim como tu queres” (Mt 26:39).

Sua obediência foi a obediência do Deus-homem; do Mediador divino-humano, do segundo Homem representante de Deus. Portanto não foi devido a qualquer dos atributos divinos do Filho de Deus, mas foi uma obediência do Filho do Homem aprendida através do sofrimento e da aflição, através da tentação e da tribulação, porque Ele passou pela senda da completa humanidade.

“...embora sendo Filho, aprendeu a obediência pelas coisas que sofreu e, tendo sido aperfeiçoado, tornou-se o Autor

da salvação eterna para todos os que lhe obedecem...”
(Hb 5:8, 9).

“Porque convinha que aquele, por cuja causa e por quem todas as coisas existem, conduzindo muitos filhos à glória, *aperfeiçoasse, por meio de sofrimentos, o Autor da salvação deles*” (Hb 2:10).

Foi uma obediência que não findou simplesmente na perfeição da beleza moral e graça espiritual na vida diária, mas uma que O guiou para tomar o cálice do sofrimento, até mesmo sua borra. Ela O constrangeu, até mesmo O compeliu a ser obediente até a morte, mesmo a morte de Cruz, porque esta era a vontade do Pai. Ele foi elevado à completa estatura da perfeição da santidade em Deus, o Pai, pela Sua perfeita obediência como o Filho encarnado.

Na pessoa do Deus-homem a unidade quebrada entre Deus e o homem que foi restabelecida. Para qual propósito? Para nenhum outro a não ser restaurar no homem a imagem de Deus, desfigurada e arruinada pelo pecado. Na santidade do Homem perfeito a humanidade pecaminosa tem não somente a revelação do que Deus pretende que o homem seja, mas também uma garantia do que o homem pode se tornar. Deus estava em Cristo reconciliando o mundo Consigo mesmo para que Ele pudesse elevar o homem do que ele é para o que Deus é.

“Porque, se nós, quando inimigos, fomos reconciliados com Deus mediante a morte do seu Filho, muito mais, estando já reconciliados, *seremos salvos pela sua vida*” (Rm 5:10).

Deus propôs a inauguração de uma nova ordem de seres que deverão ser tanto celestiais e santos como puros e per-

feitos como Ele é; uma raça de homens redimidos que serão “conformados à imagem do Seu Filho”. Não desanimado pela obra trágica do pecado, Deus propôs realizar Sua intenção original de que o homem fosse como Ele mesmo. A nova união que Deus fez com a humanidade na encarnação é Sua garantia do cumprimento de tal propósito. Ele se humilhou para uma verdadeira identificação com a natureza humana, e por aquela humilhação levou a natureza humana a uma verdadeira identificação com a natureza divina.

RECONCILIAÇÃO – O PLENO PROPÓSITO NA ENCARNAÇÃO

A revelação de Deus em Cristo para o homem e a redenção do homem por Deus em Cristo foram indubitavelmente o propósito preliminar e principal de Deus na encarnação. Mas eles não exaurem as excedentes riquezas da graça de Deus na salvação nem completam Seu propósito em enviar Seu único Filho primogênito ao mundo.

O pecado despojou tanto a raça humana como o universo natural. O pecado produziu caos no lugar do cosmos. Tanto o céu como a Terra sofreram pelo pecado.

Cristo, o Filho, é o Alfa e o Ômega. Ele é a meta de todas as coisas no universo de Deus, pois Ele é o princípio. Cristo Jesus é o primogênito de toda a criação; por Ele todas as coisas estão em harmonia e nEle todas as coisas serão congregadas. O propósito eterno de Deus em Cristo Seu Filho será consumado na reconciliação de todas as coisas no céu e na Terra nEle mesmo.

“...e que, havendo feito a paz pelo sangue da sua cruz, *por meio dele, reconciliasse consigo mesmo todas as coisas, quer sobre a terra, quer nos céus*” (Cl 1:20).

“...de fazer convergir nele, na dispensação da plenitude dos tempos, todas as coisas, tanto as do céu como as da terra” (Ef 1:10).

A encarnação, então, é o primeiro vão na ponte da salvação, o primeiro grande movimento em direção à restauração do homem a Deus e em direção à reconciliação de todas as coisas no universo de Deus. Não é de admirar que os anjos do céu cantaram na primeira manhã do nascimento de Jesus. O nascimento do Senhor Jesus foi o início do cumprimento da promessa profética de Gênesis 3:15. Foi o primeiro passo para a derrota do arquiniimigo de Deus; a primeira vitória no conflito duradouro; o começo do fim do pecado. Tanto para os anjos como para nós foi “o ponto central a partir do qual, dali por diante, todos os eventos seriam medidos. Tanto para o Céu como para a Terra foi o ponto de contagem de todo tempo, e mais, pois a.C. e d.C. são a extensão da eternidade”² (ver Diagrama 5).

² A. Patterson, *The Greater Life and Work of Christ* (A Grande Vida e Obra de Cristo), p. 130.

*Quatro vãos na ponte
da salvação -
Crucificação*

A encarnação trouxe Deus para o homem, mas ela não poderia trazer o homem para Deus. O primeiro vão na ponte da salvação exige um segundo. Na encarnação Deus ainda não tinha tratado com a questão do pecado. Ele não poderia ir adiante através da revelação da Sua própria vida pura, perfeita para então mostrar aos homens o que eles deveriam ser. O pecado, a insuperável barreira entre Deus e o homem, continuaria, e Satanás, o arquiinimigo de Deus, o tentador e sedutor dos homens, ainda manteria a raça humana em seu controle. Os homens nem mesmo sabiam o quanto eles são pecadores; suas mentes obscurecidas não tinham a noção da atitude real de Deus em

relação ao pecado, nem entendiam a terrível certeza das suas inexoráveis conseqüências.

A vida e o ensinamento de Cristo Jesus agitaram o coração de alguns para desejar algo melhor e buscá-Lo como Doador, mas a maioria daqueles que O viam e O escutavam foram indiferentes a Ele, e não poucos até mesmo O odiaram. Tivesse Ele somente vivido Sua vida pura, santa e morrido uma morte natural Ele teria sido conservado como relíquia na memória de alguns poucos entre os escolhidos, almas raras que apreciaram Seu valor.

Que alguma coisa a mais do que a vida, mesmo que santa, do Senhor Jesus era necessária para salvar as almas dos homens é patente, algo que pudesse tratar adequadamente com o pecado e todas as suas conseqüências, algo com poder para derrotar e destruir o maligno, algo com a semente germinante de uma vida santa, celestial. O mundo está repleto de líderes e reformadores. Sua necessidade fundamental é de um Salvador enviado por Deus, Alguém que pode tratar com o pecado de tal forma a trazer satisfação para Deus e salvação para o homem.

A MORTE É O ALVO DA ENCARNAÇÃO

A encarnação não era um fim, mas um meio para o fim. Em si mesma não tinha valor redentor, mas ela pavimentou o caminho da Sua morte, que sozinha tem valor redentor. Ela não poderia nunca dar um fim no pecado, mas deu ao mundo um Salvador. Nosso Senhor e todos os escritores do Novo Testamento apontaram para a morte de Cristo como o alvo da encarnação. Ele não nasceu meramente como um Homem, mas como um Salvador. Ele não veio somente para viver, mas para salvar, e para salvar Ele deve morrer.

“Ela dará à luz um filho e lhe porás o nome de JESUS, porque ele salvará o seu povo dos pecados deles” (Mt 1:21).

“...é que hoje vos nasceu, na cidade de Davi, o Salvador, que é Cristo, o Senhor” (Lc 2:11).

O Filho eterno tornou-Se o Filho encarnado para que pudesse dar Sua vida como o Filho crucificado. Ele Se tornou o Filho do Homem para que pudesse morrer pela raça humana.

“...tal como o *Filho do Homem*, que não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por muitos” (Mt 20:28).

Ele tomou um corpo na encarnação para que pudesse sacrificá-lo na crucificação. Ele entrou em um corpo sobrenaturalmente preparado para Ele, o qual nenhum pecado tinha manchado e sobre o qual a morte não tinha direito, para que pudesse oferecê-lo como um sacrifício voluntário a Deus, para que através da morte pudesse destruir aquele que tinha o poder da morte, isto é, o diabo. “O corpo foi preparado não tanto para o nascimento, mas para o ferimento” (Gn 3:15).

“Por isso, ao entrar no mundo, diz: Sacrifício e oferta não quiseste; antes, um corpo me formaste...” (Hb 10:5).

“Nessa vontade é que temos sido santificados, mediante a oferta do corpo de Jesus Cristo, uma vez por todas” (Hb 10:10).

“Visto, pois, que os filhos têm participação comuns de carne e sangue, destes também ele, igualmente, participou,

para que, por sua morte, destruísse aquele que tem o poder da morte, a saber, o diabo” (Hb 2:14).

Cristo Jesus não veio ao mundo somente para morrer, mas Ele sabia que veio para esse propósito. Desde o princípio do Seu ministério público o Filho do Homem teve uma antecipação de “uma hora” que estava para vir – uma hora que de alguma forma significativa seria a culminação do Seu ministério. “O senso de algo trágico em Seu destino estava presente na mente de Jesus.”

Vamos delinear Sua antecipação desta hora através do Evangelho de João.

“Mas Jesus lhe disse: Mulher, que tenho eu contigo? Ainda não é chegada a minha hora” (Jo 2:4).

Esta palavra foi dita em uma ocasião alegre no princípio de Seu ministério público quando Ele era popular, quando as pessoas O recebiam e O seguiam.

“Disse-lhes, pois, Jesus: O meu tempo ainda não chegou; mas o vosso sempre está presente” (Jo 7:6).

Uma grande multidão daqueles que tinham se alimentado com os pães e peixes O seguia quando Ele foi a Cafarnaum pelo mar. Ele usou a ocasião para proferir o maravilhoso discurso registrado no capítulo seis do evangelho de João, onde Ele reivindica ser o Pão da Vida enviado pelo Pai para dar a Sua vida pela vida do mundo. Vida sem morte era possível para todos, mas na verdade somente na vida daquele que “come sua carne e bebe seu sangue”. A mensagem da Cruz foi prenunciada nestas palavras. Era um discurso duro até

mesmo para Seus discípulos, e muitos deles voltaram e não andaram mais com Ele. A reivindicação do Messias e Salvador enraiveceu os judeus além da medida e instilou um pouco mais de ódio nos seus corações de modo que eles procuravam matá-Lo. Mas Jesus estava imperturbável, simplesmente disse: “O meu tempo *ainda não chegou*”. Ele sabia muito bem que viria o tempo em que o ódio deles se expandiria sobre Ele de uma maneira cruelmente maligna.

Esta expressão é usada três vezes no capítulo sete do evangelho de João. A festa judaica dos tabernáculos estava próxima, e o Senhor Jesus estava consciente da conspiração da parte dos judeus para matá-Lo, então disse aos discípulos:

“Subi vós outros à festa; eu, por enquanto, não subo, porque *o meu tempo ainda não está cumprido*” (Jo 7:8).

Quão significativas são estas palavras “*está cumprido*”. A sombra da Cruz já tinha vindo sobre Sua vida. Desde aquele tempo em diante Ele caminharia sempre na sua profunda escuridão.

Nesta festa o Senhor Jesus entrou em conflito aberto com os judeus sobre a questão da origem autorizada da Sua doutrina. Outra vez Ele fez reivindicações que os inflamaram ainda mais, de modo que podemos ler:

“Então, procuravam prendê-lo; mas ninguém lhe pôs a mão, *porque ainda não era chegada a sua hora*” (Jo 7:30).

O mesmo fato se repetiu quando o Senhor Jesus ensinou no templo (João 8:20). Jesus cresceu em popularidade com o povo. Ele fez reivindicações ainda mais ousadas pela Divindade e pelo Messiado e provou a verdade de Suas

palavras pelas maravilhas das Suas obras. Ao homem cego de nascença é dada visão. Lázaro é ressuscitado da morte. Os líderes religiosos da época são compelidos a reconhecer a singularidade do Seu poder e eles temiam sua influência sobre o povo. Eles francamente confessam que “o mundo vai após ele” e declaram abertamente que isso tem de ser interrompido imediatamente. A hora está mais próxima.

Justamente nesta hora, quando os judeus estão ferozmente censurando e se opondo, algo muito significativo acontece. Uma delegação de gregos, gentios, veio adorá-Lo. Todas as coisas convergem para mostrar a Cristo que “a hora” que Ele tanto tem esperado agora está perto. Então, quando André e Filipe Lhe trouxeram a mensagem dos gregos, com calma majestosa e controle nobre Ele replicou: “É chegada a hora...”.

Até este tempo Ele não tinha explicado o que Ele queria dizer ao repetir freqüentemente as palavras “minha hora”. Muitas vezes Ele predisse Sua morte e ressurreição, mas os discípulos não compreenderam Sua fala. Nesta ocasião, entretanto, Ele falou mais explicitamente.

“Respondeu-lhes Jesus: *É chegada a hora* de ser glorificado o Filho do Homem. Em verdade, em verdade vos digo: *se o grão de trigo, caindo na terra, não morrer, fica ele só; mas, se morrer, produz muito fruto*” (Jo 12:23, 24).

“Agora, está angustiada a minha alma, e que direi eu? Pai, *salva-me desta hora? Mas precisamente com este propósito vim para esta hora.* (...) Chegou o momento de ser julgado este mundo, e agora o seu príncipe será expulso. *E eu, quando for levantado da terra, atrairei todos a mim mesmo.* Isto dizia, *significando de que gênero de morte estava para morrer*” (Jo 12:27, 31-33).

O intervalo agora era muito pequeno. Nenhum simples evento daquela última semana pegou o Senhor Jesus de surpresa. Ele sabia que Sua hora tinha chegado. Em Sua última conversação e oração com os discípulos Ele antecipou Seu êxodo deste mundo e Seu retorno ao Pai no Céu.

“Vim do Pai e entrei no mundo; *todavia, deixo o mundo e vou para o Pai*” (Jo 16:28).

“Tendo Jesus falado estas coisas, levantou os olhos ao céu e disse: *Pai, é chegada a hora; glorifica a teu Filho, para que o Filho te glorifique a ti...*” (Jo 17:1).

Quando o Senhor disse essas palavras, foi com Seus discípulos para um lugar chamado Getsêmani. Lá Sua alma começou a ficar muito entristecida e oprimida, ainda mais quando deixou a companhia dos Seus discípulos e ficou só com Seu Pai para orar. Prostrando sobre Sua face clamou:

“... Meu Pai, se possível, *passa de mim este cálice!* *Todavia, não seja como eu quero, e sim como tu queres*” (Mt 26:39).

Voltando para os Seus discípulos e encontrando-os dormindo, Ele, ainda sobrecarregado de tristeza, foi uma segunda vez e orou:

“...Meu Pai, *se não é possível passar de mim este cálice sem que eu o beba, faça-se a tua vontade*” (Mt 26:42).

Outra vez Ele voltou aos discípulos e encontrou-os dormindo e outra vez os deixou para orar. Então retornou a eles pela última vez e disse:

“Ainda dormis e repousais! Eis que *é chegada* a hora, e o Filho do Homem está sendo entregue nas mãos dos pecadores” (Mt 26:45).

Nunca na história do homem tal angústia de espírito e agonia da alma foi suportada como aquela do Filho do Homem quando Ele foi para o Calvário pelo caminho do jardim do Getsêmani. A misericórdia do Céu encobriu o Sofredor do olhar pasmo dos homens e nos deixou somente a tríplice súplica da Sua oração para indicar a natureza e a profundidade do sofrimento.

Duas expressões na Sua oração nos levam à verdadeira essência da Sua angústia: “passe de mim este cálice” e “é chegada a hora”. Certamente as duas trazem algum relacionamento íntimo uma com a outra. Mas o que é o temido “cálice” que deve ser bebido? O que é a inevitável “hora” há muito prevista e agora se aproximando? Ele não interpretou o significado desta freqüentemente usada expressão quando disse “o Filho do Homem está sendo entregue nas mãos dos pecadores”? Disto e dos eventos que se seguiram em uma sucessão rápida “a hora” não poderia ser outra senão a hora da Sua morte.

Mas por que Ele temeria aquilo ou recuaria diante da sua aproximação? Porém uma ou duas horas antes Ele tinha dito: “Mas, agora, vou para junto daquele que me enviou”. A morte não deveria ser para Ele uma hora de gloriosa liberação de uma vida cercada pelo pecado, sofrimento e tristeza? Não seria a hora do revestimento com toda Sua majestosa grandiosidade e glória? Acima de tudo não seria o retorno para a bem-aventurança da imediata, íntima comunhão com Seu Pai? Se Ele tivesse morrido uma morte como a de qualquer outro homem, então ela teria sido de fato uma gloriosa liberação. Se

a morte tivesse sido para Ele meramente o evento culminante em uma vida de perfeição imaculada, então ela teria sido uma graciosa coroação. Alguma explicação adequada precisa ser encontrada para Seu temor da aproximação daquela “hora” que significava tomar um “cálice” amargo.

Porém uma outra questão deve seguramente pressionar alguém que viu o Filho da maneira que Ele está refletido nas páginas dos quatro Evangelhos e que iniciou um estudo de Sua vida incomparável, pura com algum grau de apreciação e apreensão espiritual. A questão é: “Por que Jesus Cristo precisou morrer?”. A Escritura é muito clara na sua afirmação do que é a morte e quem morre.

“...porque o salário do pecado é a morte...” (Rm 6:23).

“Portanto, assim como por um só homem entrou o pecado no mundo, e pelo pecado, a morte, assim também a morte passou a todos os homens...” (Rm 5:12).

“A alma que pecar, essa morrerá...” (Ez 18:20).

A morte é a conseqüência do pecado: é o pecador quem morre. E Jesus Cristo morreu! A irresistível lógica deste fato coloca diante de alguém duas alternativas. Ou Jesus era um pecador como todos os outros homens e Sua morte como a deles foi o pagamento dos Seus próprios pecados, ou então Ele morreu uma morte diferente da morte de todos os outros homens e por uma razão inteiramente fora da Sua própria vida.

Jesus Cristo era um pecador? A morte veio a Ele como uma pena dos Seus próprios pecados? Mesmo os Seus mais severos inimigos no tempo em que Ele viveu e em todos os

tempos seguintes nunca O acusaram de pecado. Ele disse uma vez a um grupo que estava se opondo e rejeitando-O: “Quem dentre vós me convence de pecado?”. Porém ninguém O acusou. Até mesmo Pilatos disse que não podia encontrar nenhuma falta nEle. Deus testemunhou a absoluta impecabilidade e santidade da Sua vida mesmo antes do Seu nascimento dizendo, através do anjo, para Maria: “O *Santo* que de ti deverá nascer, será chamado de Filho de Deus”. Depois de viver em um mundo onde era continuamente cercado pelo pecado e corrupção Deus outra vez testemunhou através daqueles que conheceram Seu caráter e conduta sob todas as circunstâncias que Ele “*não pecou*” (I Pe 2:22); “Nele não há pecado” (I Jo 3:5); Ele “*não conheceu o pecado*” (II Co 5:21). No Seu caráter, conversação e conduta era o Santo de Deus “*sem mancha e sem mácula*”. Então se a morte é o salário do pecado, ela não teria direito sobre Jesus Cristo.

Então por que Jesus Cristo morreu? Quão tolo e fútil é procurar em algum lugar a resposta para tal questão senão na divina revelação de Deus. Nela é dada uma resposta absolutamente suficiente e totalmente satisfatória.

“Antes de tudo, vos entreguei o que também recebi: *que Cristo morreu pelos nossos pecados, segundo as Escrituras*” (I Co 15:3).

“Todos nós andávamos desgarrados como ovelhas; cada um se desviava pelo caminho, mas o *Senhor fez cair sobre ele a iniquidade de nós todos*” (Is 53:6).

“Certamente, *ele tomou sobre si as nossas enfermidades e as nossas dores levou sobre si*; e nós o reputávamos por aflito, ferido de Deus, e oprimido. Mas *ele foi traspassado pelas*

nossas transgressões e moído pelas nossas iniquidades; o castigo que nos traz a paz estava sobre ele, e pelas suas pisaduras fomos sarados” (Is 53:4, 5).

“...Carregando ele mesmo em seu corpo, sobre o madeiro, os nossos pecados, para que nós, mortos para os pecados, vivamos para a justiça; por suas chagas, fostes sarados” (I Pe 2:24).

Em todas essas passagens “morte” e “pecado” são mostrados em uma relação mútua inextricável, mas é invariavelmente a morte de Cristo e o pecado dos homens.

Palavras não poderiam tornar mais claro que Jesus Cristo não morreu por causa de alguma coisa nEle mesmo, mas por causa de alguma coisa em nós; não foi o salário do Seu pecado, mas do nosso, que Ele pagou sobre a Cruz. Foi o *nosso* pecado que Ele removeu; *nosso* pecado que Ele carregou; *nossas* iniquidades que foram postas sobre Ele. A morte não tinha direito sobre Ele; então a morte que Ele morreu foi por causa de outros e para realizar algo por eles que eles estavam inabilitados para realizar por si mesmos. Obviamente a morte de Cristo teve o propósito de assumir a questão do pecado e tratar com ela de modo a trazer salvação para o homem.

Mas isso poderia tratar com o pecado de maneira a trazer satisfação para Deus? Deus tem uma inalterável, irrevogável atitude com relação ao pecado a qual é muito claramente revelada no Seu julgamento sobre ele. “O salário do pecado é a morte.” A morte é a expressão da implacável condenação de Deus para o pecado. “A morte é a dívida do homem em relação ao pecado.” A morte de Cristo trata com este julgamento divino sobre o pecado de uma forma que foi satisfatória para Deus? Deus diz que sim.

“Pois o amor de Cristo nos constrange, julgando nós isto: *um morreu por todos; logo, todos morreram. E ele morreu por todos*, para que os que vivem não vivam mais para si mesmos, mas *para aquele que por eles morreu e ressuscitou*” (II Co 5:14, 15).

O duplo relacionamento do pecador com Deus, o Juiz divino e Deus, o gracioso Salvador, pode ser declarado da seguinte maneira:

“O salário do pecado é a morte”,

“Todos pecaram”,

“Assim também a morte passou a todos os homens”.

MAS

“Um morreu por todos”,

“Logo, todos morreram”.

A morte é a sentença racial. Em Adão todos morreram porque em Adão todos pecaram. A morte é o julgamento de Deus sobre o pecado, e ele repousa igualmente sobre todos os homens. Não há como escapar da execução deste julgamento divino porque é o decreto de um Deus santo, e portanto é inalterável. O pecado e a morte estão inextricavelmente entrelaçados: o pecador deve morrer.

Mas o Deus santo é também um Deus de amor. Embora não possa mudar Sua atitude em relação ao pecado e Seu julgamento sobre ele sem negar Sua própria natureza, contudo Seu amor, com perfeita consistência, pode criar algum escape para o pecador, desde que tudo o que Ele faça mantenha unidade em Seu próprio ser divino. Isso necessita satisfazer completamente a exigência de Sua lei santa.

Qual, então, seria essa exigência? Que um Substituto adequado, apto a satisfazer a total penalidade da lei, pudesse voluntariamente se oferecer para tomar o lugar do pecador e morrer a morte do pecador.

Mas onde poderia ser encontrado um substituto adequado? Somente “um cordeiro sem mancha nem mácula” poderia ser aceito como uma oferta para o pecado. Somente alguém absolutamente impecável poderia ser o Substituto dos pecadores. Isso requeria alguém que em si mesmo tivesse cumprido todas as exigências da lei santa de Deus para pagar a pena do pecador por uma lei violada. Só havia um que sempre viveu tal vida na Terra, e Ele era o Filho de Deus encarnado.

Ele poderia Se oferecer voluntariamente como Substituto dos pecadores e assim assumir toda responsabilidade pela remoção da pena, do poder e da presença do pecado no homem sabendo, como Ele sabia, que a pena do pecado era a morte, que o poder do pecado significava a angústia do sofrimento na consumação na crucificação e que a presença do pecado envolve até mesmo a separação de Deus? ¹

Sim, Ele poderia fazê-lo. Para o justo propósito de Se tornar o Substituto dos pecadores o Filho eterno tornou-Se o Filho encarnado. Mas nós não descobrimos nesta verdade o segredo do Seu temor daquela “hora”, Seu recuo diante do “cálice”? Não era a morte que Ele temia, mas a morte da Cruz, que era “o salário do pecado”. O que mais poderia significar a súplica repetida três vezes para o Pai remover “o cálice” a não ser que, na morte que Ele estava para morrer como Substituto dos pecadores, todo o pecado de toda a

¹ Um tratado útil a esse respeito, pelo qual estou agradecida, é encontrado em *Atonement and Law* (Expição e lei), de Armour.

raça de pecadores com toda sua mácula e mau cheiro estaria sobre Ele? Não é de admirar que a alma do imaculado Filho de Deus tenha gritado de agonia no pensamento!

Mas a opressão e a perversidade do pecado do mundo não eram todo o “cálice”. O pecado separa de Deus. Deus não pode ficar na presença do pecado, mesmo quando esse pecado está sobre Seu próprio Filho amado. No jardim o Filho do Homem encara esta terrível conseqüência de ser Salvador. Ele poderia assumir *essa* conseqüência do pecado por causa dos pecadores? Ele, que através de toda a eternidade descansou em glória na íntima comunhão do seio do Pai e que em Sua vida na Terra desfrutou a vívida consciência da presença permanente de Seu Pai, poderia concordar com a inevitável, mesmo que momentânea, separação do Seu Pai que a presença do pecado do mundo causaria sobre Ele? A morte é a separação de Deus, e a separação de Deus é o inferno (II Ts 1:7-9).

Este, então, é “o cálice” que Ele poderia não beber se existisse alguma outra forma possível para cumprir a vontade do Pai na salvação do homem. Este é “o cálice” que causou a agonia da alma no Getsêmani – uma agonia tão terrível que Seu suor era, por assim dizer, grandes gotas de sangue caindo no chão; uma agonia tão terrível que O levou de volta três vezes para o Pai para clamar por livramento; uma agonia tão intensa que um anjo enviado do céu apareceu para fortalecê-Lo. Este é “o cálice” que causou a intolerável agonia de espírito, que tirou do sofredor do Calvário aquele brado do coração ferido: “Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?”. Ele poderia beber *aquele* “cálice”? Sim, ainda que fosse da vontade do Pai e não houvesse outra forma pela qual o pecado poderia ser tratado para a satisfação de Deus e salvação do homem. Ele, que tinha sido obediente à vontade

de Seu Pai em todos os momentos da Sua vida terrena, seria “obediente até a morte, e morte de Cruz”.

Evidentemente não havia outra forma, pois “falava ele ainda, e eis que chegou Judas, um dos doze, e, com ele, grande turba com espadas e porretes”. Em rápida sucessão seguiu-se a traição, prisão e julgamento do Senhor Jesus e então a crucificação do Senhor da glória.

A “hora” chegou. O evento profetizado e prenunciado por séculos aconteceu; “o mais estupendo evento na história do homem, o único evento na história de Deus”. O meio-dia, não somente do tempo, mas da eternidade, chegou; realmente ela era a hora central na vida tanto do céu como da terra. “O Filho de Deus morreu pelas mãos dos homens. Este fato maravilhoso é o centro moral de todas as coisas. Uma eternidade passada não conheceu outra futura; uma eternidade futura não conhecerá outra passada. Aquela morte foi o momento decisivo do mundo.”²

A morte de Jesus Cristo é o fato central da cristandade. É a própria batida do seu coração; seu sangue de vida. Sem ela a cristandade não existiria. Sua riqueza não repousa na vida que Ele viveu, mas na morte que Ele morreu. Sua morte não foi a culminação da vitoriosa, obediente, santa vida, mas sua coroação. Sua encarnação foi, porém, a pavimentação do caminho para a morte. Sua morte foi a meta da encarnação.

Não é meramente o fato de que Cristo morreu que é vital, mas que Ele *morreu a morte de Cruz*. A profecia de Gênesis 3:15 previa um ferimento, e foi no ferimento do calcanhar da semente da mulher que a promessa da salvação do pecador foi achada. Os sacrifícios do Antigo Testamento feitos a

² Sir Robert Anderson, *The Gospel and Its Ministry* (O Evangelho e seu Ministério), p. 12.

favor dos pecados ano após ano requeriam o sangue de bodes e bezerras. Esses sacrifícios e este sangue aspergido eram a sombra do sacrifício perfeito do Filho de Deus, que derramou Seu sangue de vida no Calvário para a salvação dos pecadores. Embora os profetas do passado nos dissessem algo sobre as circunstâncias em que ocorreria o nascimento de Jesus Cristo, contudo a carga das suas mensagens era de Alguém que seria “ferido”, “esmagado”, “castigado”, “oprimido”, “afligido”. Pela boca de todos os profetas Deus profetizou que Cristo sofreria. Repetidas vezes o Senhor Jesus disse aos discípulos “que lhe era necessário seguir para Jerusalém e sofrer muitas coisas dos anciãos, dos principais sacerdotes e dos escribas, ser morto e ressuscitado no terceiro dia”. No caminho de Emaús, quando Ele caminhava e falava com dois discípulos que Lhe contavam a tragédia da Sua crucificação, disse-lhes:

“Porventura, não *convinha* que o Cristo padecesse e entrasse na sua glória?” (Lc 24:26).

O tema de toda a Bíblia é o *Cordeiro morto* antes da fundação do mundo. “Corte a Bíblia em qualquer lugar e ela sangrará; ela está vermelha de verdades redentoras.” Um Cristo sofrido, crucificado foi o Cristo pregado pelos apóstolos, e para eles Seus sofrimentos eram um fator vital na salvação dos pecadores por causa da sua natureza expiatória. Paulo, testificando diante do rei Agripa, pregou um Cristo sofredor:

“Mas, alcançando socorro de Deus, permaneço até o dia de hoje, dando testemunho, tanto a pequenos como a grandes, nada dizendo, senão o que os profetas e Moisés disseram haver de acontecer, isto é, *que o Cristo devia padecer* e, sendo o primeiro da ressurreição dos mortos, anunciaria a luz ao povo e aos gentios” (At 26:22, 23).

Pedro nos disse que foi através da expiação vitoriosa, sofredora de Cristo que os homens foram levados de volta para Deus:

“Pois também Cristo morreu, uma única vez, pelos pecados, o justo pelos injustos, para conduzir-vos a Deus; morto, sim, na carne, mas vivificado no espírito” (I Pe 3:18).

João ensinou que não havia poder purificador exceto no sangue de Cristo vertido no Calvário:

“O sangue de Jesus seu Filho nos purifica de todo pecado” (I Jo 1:7).

Pecadores respeitáveis se congregarão na igreja hoje para ouvir ministros pregarem a vida de Jesus; muitos até mesmo não são contrários a ouvir um sermão ocasional da morte de Cristo, contanto que aquela morte seja pregada somente como um grande exemplo de amor sacrificial, ou como um evento culminante em uma vida de obediência, ou como um ato de martírio por uma boa causa. Mas nesta era há uma recusa comum da parte do homem no banco da igreja, e da parte dos homens do púlpito, uma rejeição manifesta do ensinamento bíblico, evangélico a respeito da morte *na Cruz*. A razão para isto se tornará mais clara enquanto prosseguimos com nosso estudo.

A CRUZ DE CRISTO – O GRANDE DIVISOR

A Cruz de Cristo faz uma separação clara entre as duas esferas, a esfera da morte, trevas e desordem, e a esfera da vida, luz e liberdade, e desafia os pecadores a decidirem em qual

delas eles se propõem viver. A Cruz de Cristo é o campo de batalha no qual o conflito entre Satanás e Deus pela soberania das vidas humanas está sendo travado e compele os homens a ficarem ao lado de Deus ou contra Deus. A Cruz de Cristo marca a linha limite entre o reino de Satanás e o Reino de Deus e chama os súditos de um para saírem e se tornarem súditos do outro. A Cruz de Cristo encontra homens vivendo no plano do natural e abre um caminho para viverem no plano do espiritual e então os atrai para entrarem pela porta aberta. A Cruz de Cristo é o Grande Divisor: ela separa os homens em duas classes, os não-salvos e os salvos.

“Certamente, a palavra da cruz é loucura para os que se perdem, *mas para nós, que somos salvos, poder de Deus*” (I Co 1:18).

A CRUZ DE CRISTO – A DUPLA EXPOSIÇÃO

A Cruz de Cristo é o lugar de exposição. Ali, como em nenhum outro lugar, é revelado o ódio do homem por Deus e o amor de Deus pelo homem. Na Cruz o pecado é visto em seu pior estado e o amor é visto em seu mais alto grau. Tanto o pecado do homem como o amor de Deus encontram seu clímax no Calvário. Ali a hediondez de um e a glória de outro são apresentados em pronunciado contraste.

“...sendo este entregue pelo determinado desígnio e presciência de Deus, *vós o matastes, crucificando-o por mãos de iníquos*” (At 2:23).

A desesperada, desprezível fraqueza do coração humano foi descoberta no Calvário. Toda rebelião, desejo próprio e

inimizade do homem natural encontraram vazão neste único ato. Na crucificação do Santo o pecado saiu para o campo aberto e revelou sua intimidade.

“... este... vós o matastes, crucificando-o por mãos de iníquos.” O pecado pregou o Salvador em uma Cruz e por isso expôs ao mundo sua desagradável hediondez. Os pecadores mancharam suas mãos com o sangue do seu Salvador e por isso revelaram o comprimento e a largura, a altura e a profundidade da infâmia do pecado.

Entretanto, o pecado do homem não poderia ultrapassar o amor de Deus. Nem o pecado poderia derrotar Deus por pegá-Lo despercebido. Antes daquele monstro com cabeça de serpente ter levantado sua cabeça em rebelião contra Deus Ele completou sua derrota. “... sendo este entregue pelo determinado desígnio e presciência de Deus.” No desígnio eterno de Deus a Cruz de Cristo foi estabelecida *em amor* antes de o homem ser feito ou de o mundo ser criado. Na morte expiatória do bem-amado Filho na Cruz do Calvário Deus estava totalmente preparado para assumir a responsabilidade pelo pecado e todas as suas conseqüências. Deus, o Pai, soletrou em letras maiúsculas sobre a Cruz Seu inquestionável amor pelos pecadores.

A Cruz de Cristo não somente revela o amor do Pai, mas também o amor do Filho. No lamento sobre Jerusalém, na parábola do filho pródigo, no olhar carinhoso para a negação de Pedro e na patética pergunta a Judas, o traidor, Jesus mostrou Seu pesar pelo pecado e a riqueza do Seu coração amoroso pelo pecador. Mas somente na entrega da Sua vida impecável na morte como o Substituto dos pecadores podemos ver o brilho perfeito de Seu infinito, ilimitado amor. Com a mais perfeita compreensão do que era o pecado do homem, por um lado, e do que era o propósito de Deus com

respeito ao pecado, por outro, e da dívida do pecador para com Deus, então veio da mais profunda humanidade impecável de Cristo um perfeito Amém para o julgamento justo de Deus contra o pecado e uma voluntariedade para conduzir aquele julgamento.

A Cruz de Cristo é o coração de Deus ferido pelo pecado. Ela diz para você e para mim que o Deus que mais julga e pune o pecado salvará e perdoará o pecador. Ela nos revela a insondável profundidade do amor de Deus.

“Mas Deus prova o seu próprio amor para conosco pelo fato de ter Cristo morrido por nós, sendo nós ainda pecadores” (Rm 5:8).

“Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo o que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna” (Jo 3:16).

“...graça a vós outros e paz, da parte de Deus, nosso Pai, e do [nosso] Senhor Jesus Cristo, o qual se entregou a si mesmo pelos nossos pecados, para nos desarraigat deste mundo perverso, segundo a vontade de nosso Deus e Pai...” (Gl 1:3, 4).

A CRUZ DE CRISTO – O LUGAR DA VITÓRIA

Deus tem somente um problema no Seu universo – o pecado. Todos os demais problemas de qualquer natureza emanam dele. O suor do trabalho opressivo, o sofrimento dos corações partidos, a tristeza dos desajustes esmagadores do mundo, todos têm seu início no pecado. Deus tem somente um inimigo no universo – Satanás. Todas as outras inimizades, seja entre

anjos ou homens, têm sua fonte básica nele. Para recuperar Sua justa soberania sobre o mundo e na raça humana Deus teve uma dupla vitória para vencer. Esta dupla vitória foi ganha através do Salvador Jesus Cristo. Salvação do pecado e de todas as suas conseqüências, libertação de Satanás e de todos os seu aliados foram ganhas para o pecador na Cruz.

A passagem clássica do Antigo Testamento que revela Jesus Cristo como Aquele que carrega o pecado é Isaías cinquenta e três:

“Certamente, ele tomou sobre si as nossas enfermidades e as nossas dores levou sobre si; e nós o reputávamos por aflito, ferido de Deus e oprimido. (...) Todos nós andávamos desgarrados como ovelhas; cada um se desviava pelo caminho, mas o Senhor fez cair sobre ele a iniquidade nós de todos. (...) Ele verá o fruto do penoso trabalho da sua alma e ficará satisfeito; o meu Servo, o Justo, com o seu conhecimento, justificará a muitos, porque as iniquidades deles levará sobre si. Por isso, eu lhe darei muitos como a sua parte, e com os poderosos repartirá ele o despojo, porquanto derramou a sua alma na morte; foi contado com os transgressores; contudo, levou sobre si o pecado de muitos e pelos transgressores intercedeu” (Is 53:4, 6, 11, 12).

O Novo Testamento está repleto da mesma verdade:

“No dia seguinte, viu João a Jesus, que vinha para ele, e disse: Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo” (Jo 1:29).

“...assim também Cristo, tendo-se oferecido uma vez para sempre para tirar os pecados de muitos, aparecerá segunda

vez, sem pecado, aos que o aguardam para salvação” (Hb 9:28).

Jesus Cristo enfrentou o problema que o pecado criou e o resolveu ao tomar sobre Si mesmo toda a responsabilidade por ele. Quando Ele entrou na vida humana e como o Filho do Homem tornou-Se o elo entre Deus e a raça arruinada, comprometeu-Se a tornar-Se o responsável pelo pecado e seus efeitos.

O pecado havia trazido sobre o homem quatro terríveis conseqüências pelas quais Cristo, como Aquele que carrega o pecado, assumiu a responsabilidade. A primeira é a culpa. Todo o mundo é culpado diante de Deus (Rm 3:19). Todo o homem é corrompido e depravado. Como essa culpa deve ser removida, Deus fez de Cristo pecado e então O tratou como pecado.

“Aquele que não conheceu pecado, ele o fez pecado por nós; para que, nele, fôssemos feitos justiça de Deus” (II Co 5:21).

A segunda é a morte. “O salário do pecado é a morte.” A sentença de morte repousou sobre toda a raça humana. Como o último Adão, Jesus Cristo assumiu toda a responsabilidade pelo pecado do primeiro Adão e suas conseqüências. Portanto, Ele executou a sentença de morte sobre os pecadores por meio de Sua própria morte.

“Porque Cristo, quando nós ainda éramos fracos, morreu a seu tempo pelos ímpios” (Rm 5:6).

A terceira conseqüência do pecado é a maldição. O pecado é ilegalidade, e a pena pela lei quebrada é a maldição.

Jesus Cristo conhecia a justiça no julgamento de Deus sobre o pecado e voluntariamente ofereceu-Se para assumir esta responsabilidade em favor dos pecadores.

“Cristo nos resgatou da maldição da lei, fazendo-se ele próprio maldição em nosso lugar (porque está escrito): Maldito todo aquele que for pendurado em madeiro” (Gl 3:13).

A quarta conseqüência do pecado é a ira de Deus. Deus odeia o pecado. A santidade de Deus requer que Ele tome alguma ação contra o pecado. Então Deus foi compelido a decretar que o pecado excluiria os pecadores de Sua presença através do tempo e da eternidade. Aqui outra vez Jesus Cristo assumiu a responsabilidade pela presença do pecado nos homens e na Cruz do Calvário tomou toda a força da ira de Deus contra ele até o ponto da separação consciente da presença do Seu Pai.

“Logo, muito mais agora, sendo justificados pelo seu sangue, seremos por ele salvos da ira” (Rm 5:9).

Por se tornar Aquele que carrega o pecado, Jesus Cristo enfrentou e resolveu plenamente o problema do pecado. “Na Sua morte todas as coisas que o pecado conferiu a nós tornaram-se Suas... todas as coisas do pecado, exceto sua pecaminosidade.”³

A Cruz de Cristo é o ponto de partida de Deus para a vitória sobre Satanás e todos os seus aliados. Deus é Aquele que mais foi ferido pelo pecado. “Satanás estava pondo a faca no coração de Deus através da mão de Adão.” Assim, qualquer tratamento efetivo com o pecado precisa voltar à sua causa

³ James Denney, *The Death of Christ* (A Morte de Cristo).

primeira e qualquer vitória permanente para Deus precisa ser uma derrota esmagadora para Satanás.

A primeira maldição pronunciada depois da queda foi sobre a serpente. A maldição da serpente e a Cruz do Salvador são inextricavelmente entretecidas. A profecia contendo a maldição prevê um duplo ferimento. “Esta te ferirá a cabeça, e tu lhe ferirás o calcanhar.”

Homens e mulheres são ensinados que o registro da queda no capítulo três de Gênesis é somente um mito e que só pessoas incultas acreditam nisso hoje. Esta é realmente uma mentira do diabo, e ele tem uma razão muito boa para dizer isso. Pela morte de Cristo sua cabeça foi esmagada, sua sentença foi selada. A Cruz de Cristo despojou aquele usurpador satânico de todo vestígio de reivindicação justa para o mundo e de todo o domínio sobre qualquer homem ou mulher que confia plenamente no sangue reconciliador do Salvador e se entrega ao Senhorio de Jesus. O clamor de Cristo na vitória da Cruz do Calvário – “está consumado” – foi o ressoar da morte de Satanás. A vitória sobre o diabo começou no deserto, continuou no Getsêmani, culminou no Calvário. A hora da morte de Cristo foi a hora da derrota de Satanás.

“Chegou o momento de ser julgado este mundo, e *agora o seu príncipe será expulso*” (Jo 12:31).

A morte na Cruz privou o diabo do seu poder e o tornou inoperante.

“Visto, pois, que os filhos têm participação comum de carne e sangue, destes também ele, igualmente, participou, *para que, por sua morte, destruísse aquele que tem o poder da morte, a saber, o diabo*” (Hb 2:14).

A morte de Jesus Cristo significou uma vitória plena e decisiva de Deus sobre todos os principados e potestades em rebelião contra Ele. Ela separa o crente das potestades das trevas.

“...tendo cancelado o escrito de dívida, que era contra nós e que constava de ordenanças, o qual nos era prejudicial, removeu-o inteiramente, encravando-o na cruz; e, despojando os principados e as potestades, publicamente os expôs ao desprezo, triunfando deles na cruz” (Cl 2:14, 15).

O diabo tem dois aliados ativos, agressivos no seu trabalho diabólico de manter o pecador vivendo na vontade própria e rebelião contra Deus: o “mundo” e a “carne”. Para a vitória sobre ambos Deus deu ampla provisão na Cruz de Cristo.

“Mas longe esteja de mim gloriar-me, senão na cruz de nosso Senhor Jesus Cristo, pela qual o mundo está crucificado para mim, e eu, para o mundo” (Gl 6:14).

“E os que são de Cristo Jesus crucificaram a carne, com as suas paixões e concupiscências” (Gl 5:24).

Na Cruz de Cristo o pecador que verdadeiramente a deseja encontra libertação completa do diabo e de todos os seus embaraços. O reinado de Satanás sobre ele pode acabar ali se ele busca libertação por meio da Cruz.

A CRUZ DE CRISTO – UM LUGAR DE ENCONTRO DIVINAMENTE PROVIDENCIADO

Na visão de Deus, o pecado tornou todo homem injusto (Rm 3:10-12) e por assim fazê-lo criou um abismo intrans-

ponível entre um Deus justo e um pecador injusto. Ele fez mais do que isso: desqualificou totalmente o homem para fazer qualquer coisa para transpor esse abismo, e dessa forma colocou sobre Deus toda a responsabilidade de construir um caminho de acesso à Sua presença e de prover um lugar de encontro entre Ele e o pecador.

Mas como poderia um Deus reto ser justo e o justificador dos pecadores (Rm 3:26)? Como poderia Deus manter Sua santidade no Seu tratamento com o pecado e ao mesmo tempo manifestar Sua graciosidade em misericórdia para com o pecador? Como poderia Deus providenciar tal lugar de encontro e não negar a Si mesmo através da concessão?

Diante de Deus estava uma lei que era santa e justa. Ela era a expressão do Seu próprio caráter; a essência da Sua própria natureza. Ignorar ou perdoar a rebelião e a desobediência do homem, como evidenciada naquela quebra da lei, seria negar-Se a Si mesmo. Deus não poderia fazê-lo; Ele deve ser sincero Consigo mesmo, então precisa tratar o pecado como pecado e lidar com ele como tal. O pecado deve ser condenado, e sua merecida punição infligida.

“Mesmo Deus não pode mudar o caráter de justiça alterando ou diminuindo, no mais leve grau, sua santa exigência. O que é feito para a satisfação do Seu amor ao salvar qualquer um que Sua justiça condena deve ser feito integralmente em virtude de tudo que Sua justiça poderia sempre requerer.”⁴

Diante de Deus não foi somente uma quebra da lei, mas uma quebra do relacionamento, uma quebra do vínculo

⁴ L. S. Chafer, *Salvation* (Salvação), p. 27.

de amor que uniu a raça humana a Ele. Diante dEle também estava a necessidade desesperada daqueles que Ele amou com um amor eterno, a condição insatisfeita daqueles que eram preciosos em Sua opinião. Diante dEle estava Seu próprio coração ferido e abandonado pela partida do filho pródigo para uma terra distante.

Considerando o pecador em seu relacionamento com Deus, sua necessidade fundamental é a de um caminho de acesso e aceitação de Deus, apesar da sua culpa. Considerando Deus em Seu relacionamento com o pecador, Sua necessidade fundamental é a de um caminho para garantir favor e comunhão com o pecador, apesar da Sua santidade. Um lugar de encontro entre um Deus justo e um pecador injusto é a exigência feita por meio da justiça de Deus. Mas ela é capaz de equilibrar esta necessidade, pois na Sua morte na Cruz do Calvário Jesus Cristo se tornou a propiciação pelos pecados do mundo.

“...e ele é a propiciação pelos nossos pecados e não somente pelos nossos próprios, mas ainda pelos do mundo inteiro” (I Jo 2:2).

“...a quem Deus propôs, no seu sangue, como propiciação, mediante a fé, para manifestar a sua justiça por ter Deus, na sua tolerância, deixado impunes os pecados anteriormente cometidos; tendo em vista a manifestação da sua justiça no tempo presente, para ele mesmo ser justo e o justificador daquele que tem fé em Jesus” (Rm 3:25, 26).

Para um cristão espiritualmente disposto, que tem uma compreensão do terrível abismo que o pecado criou entre ele e seu Deus, a verdade que circunda a palavra “propiciação” é inexprimivelmente preciosa. Mas para o homem natural, que

vive em orgulho, rebelião e auto-satisfação, ela é insuportavelmente ofensiva.

“Propiciação” significa um lugar de misericórdia ou cobertura, um lugar de encontro divinamente providenciado. Nos tempos do Antigo Testamento, no Dia da Expição o sumo sacerdote levava o sangue do cordeiro sacrificial para dentro do Santo dos Santos e com ele aspergia o lugar de misericórdia. Dentro da arca, sob a cobertura do sangue, estava a lei quebrada. O sangue aspergido no lugar de misericórdia provia um lugar de encontro entre Deus e o pecador, onde alguém culpado podia vir a Deus sem lembrança de suas ofensas passadas e sem temor do julgamento e onde o Santo podia receber o pecador sem compromisso e ainda sem condenação. “Um Deus santo podia justamente encontrar um homem pecador e um homem pecador podia destemidamente encontrar um Deus santo.”

Deus enviou Seu Filho bem-amado para ser tal propiciação por todos os pecadores culpados em todo o mundo. Através do precioso sangue do Cordeiro de Deus vertido na Cruz do Calvário tal cobertura para o pecado e para a lei quebrada foi provida. Em Sua morte Jesus Cristo honrou a lei santa de Deus por suportar integralmente a punição infligida ao pecador por quebrá-la. Por esta razão no Senhor crucificado o pecador achou um lugar de encontro com Deus e um caminho de acesso para o Seu favor e comunhão.

A CRUZ DE CRISTO – UM PONTO DECISIVO DIVINAMENTE PREPARADO

Uma dupla barreira separa Deus e o pecador. O pecado induziu o homem a estar ofendido com Deus tão verdadeiramente quanto induziu Deus a estar ofendido para com o homem. A Cruz de Cristo teria falhado em tratar adequadamente

com o pecado se somente removesse o motivo da ofensa em seu aspecto relacionado com Deus e não o removesse em seu aspecto relacionado com o homem.

E isto é exatamente o que a Cruz de Cristo faz. “Nós amamos porque ele nos amou primeiro” (I Jo 4:19). “Pela graça sois salvos, mediante a fé.” A graça de Deus construiu uma ponte de salvação antes mesmo de um único pecador tomar a iniciativa para cruzá-la. A graça tomou Deus no jardim no final do dia para buscar os dois primeiros pecadores e oferecer-lhes a graciosa promessa de salvação através de um Salvador antes mesmo de Ele tratar justamente com seus pecados pronunciando sobre eles o julgamento de maldição. Até mesmo na promessa profética dada no Éden Deus estava em Cristo reconciliando o mundo Consigo mesmo. Deus tomou a iniciativa de realizar a reconciliação ao entregar Seu Filho para morrer.

“Porque, se nós, quando inimigos, fomos reconciliados com Deus mediante a morte do seu Filho, muito mais, estando já reconciliados, seremos salvos pela sua vida...” (Rm 5:10).

“E a vós outros também que, outrora, éreis estranhos e inimigos no entendimento pelas vossas obras malignas, agora, porém, vos reconciliou no corpo da sua carne, mediante a sua morte, para apresentar-vos perante ele santos, inculpáveis e irrepreensíveis...” (Cl 1:21,22).

“Ora, tudo provém de Deus, que nos reconciliou consigo mesmo por meio de Cristo e nos deu o ministério da reconciliação” (II Co 5:18).

O Filho de Deus suportou o sofrimento e a vergonha da Cruz para que por meio deles pudesse dizer a um mundo de

pecadores que viraram as costas para Deus que Deus os ama com amor eterno. Quando o pecador vê o Salvador sofrendo, o justo pelo injusto, quando ele vê Cristo crucificado pelos seus pecados, morrendo *sua* morte, suportando *sua* punição, então seu coração se comove, sua rebelião é removida, toda sua atitude para com Deus é mudada de inimizade para amor, de alienação para comunhão, de indiferença para devoção, de temor para fé, de vergonha para paz.

Em Cristo crucificado Deus proveu a propiciação e a reconciliação, o que tornou possível a remoção da barreira de separação entre Deus e o homem e abriu um misericordioso e também justo caminho de acesso e aceitação; deste modo deu a todo homem que se beneficiará da graça de Deus a oportunidade para completa restauração do favor e comunhão com Deus.

A CRUZ DE CRISTO – O FIM DA VELHA CRIAÇÃO E O COMEÇO DA NOVA

Pela propiciação e reconciliação consumada na morte de Cristo foi feita a provisão adequada para uma mudança no relacionamento entre o pecador e Deus, a qual produz uma mudança radical na posição do pecador perante Deus. Mas há também provisão para uma mudança em sua condição? O homem natural é escravo, “vendido à escravidão do pecado” (Rm 7:14).

Onde o pecado abundou superabundou a graça. A graça ilimitada de Deus não foi intimidada pela condição desamparada e desesperada do pecador. O direito de Deus de proprietário da criação ainda permanece, embora tenha sido perdido por Ele através da rendição do homem à soberania de outro. Mas Deus poderia descer ao mercado de escravo do

pecado e comprar de volta aquilo que era dEle mesmo. Ele poderia então tirar o pecador para fora da esfera de Satanás, para fora do mercado de escravo do pecado, e torná-lo livre na liberdade gloriosa de uma nova vida em Cristo.

Deste modo a redenção exigiu um resgate. Ela requereu uma vida por uma vida. “A vida está no sangue.” Redimir a raça da escravidão do pecado envolveu o pagamento de um preço que não foi nada menos do que o precioso sangue do imaculado Cordeiro de Deus. Para comprar de volta Sua propriedade Deus pagou o precioso preço do Seu próprio sangue.

“Atendei por vós e por todo o rebanho sobre o qual o Espírito Santo vos constituiu bispos, para pastoreardes a igreja de Deus, *a qual ele comprou com o seu próprio sangue*” (At 20:28).

“...sabendo que não foi mediante coisas corruptíveis, como prata ou ouro, que fostes resgatados do vosso fútil procedimento que vossos pais vos legaram, *mas pelo precioso sangue, como de cordeiro sem defeito e sem mácula, o sangue de Cristo*” (I Pe 1:18,19).

“...e entoavam novo cântico, dizendo: Digno és de tomar o livro e de abrir-lhe os selos; porque foste morto *e com o teu sangue compraste para Deus* os que procedem de toda tribo, língua, povo e nação...” (Ap 5:9).

Porém Deus não foi ao mercado de escravo do pecado somente para comprar o pecador cativo, mas também para trazê-lo para fora daquela velha esfera de escravidão e torná-lo livre em uma nova esfera de liberdade. Ele não só poderia conduzi-lo para fora do Egito, mas poderia trazê-lo para Ca-

naã. Cristo Jesus não poderia somente se tornar o Salvador do pecador, mas poderia ser o Senhor e a Vida do crente. Na Cruz de Cristo Deus rejeitou a velha ordem da humanidade caída, pecadora, “vendida à escravidão do pecado” pela desobediência do primeiro Adão para poder levantar uma nova ordem de seres santos, celestiais redimidos do pecado pela obediência do último Adão.

A morte de Cristo na Cruz não só redime, mas recria; não só provê completa emancipação da velha vida, mas a entrada abundante na nova.

“Disse Moisés ao povo: Lembrai-vos deste mesmo dia, *em que saístes do Egito, da casa da servidão; pois com mão forte o Senhor vos tirou de lá; portanto não comereis pão levedado*” (Êx 13:3).

“Quando o Senhor te houver introduzido na terra dos cananeus, como te jurou a ti e a teus pais, quando ta houver dado...” (Êx 13:11).

“...o qual a si mesmo se deu por nós, a fim de *remir-nos de toda iniquidade e purificar, para si mesmo, um povo exclusivamente seu, zeloso de boas obras*” (Tt 2:14).

A CRUZ DE CRISTO – O LUGAR DE DECISÃO QUE DETERMINA O DESTINO

“A Cruz de Cristo mediu a distância moral entre Deus e o homem e os deixou tão distantes quanto o trono do céu e as portas do inferno.”⁵

⁵ Sir Robert Anderson, op. cit., p. 25.

As Escrituras trazem amplo testemunho da verdade solene destas palavras.

Mas glória a Deus, pois é igualmente verdade que a Cruz de Cristo mediu a distância, a largura, a altura e a profundidade do amor de Deus na dádiva do Redentor, que fechou as portas do inferno e abriu as portas do Céu para todos os que crerão.

Assim como o pecado através de Adão foi universal, a salvação através de Jesus Cristo deve ser potencial para todos. Onde o pecado abundou a graça abundou muito mais e abriu um caminho de volta a Deus para todo pecador. A ponte da salvação proveu um caminho que leva para fora da velha esfera e conduz para a nova todos aqueles que se reconhecerem pecadores necessitados de um Salvador.

“Porquanto a graça de Deus se *manifestou salvadora a todos os homens...*” (Tt 2:11).

“Porquanto há um só Deus e um só Mediador entre Deus e os homens, Cristo Jesus, homem, *o qual a si mesmo se deu em resgate por todos: testemunho que se deve prestar em tempos oportunos*” (I Tm 2:5,6).

“*Todos nós* andávamos desgarrados como ovelhas; *cada um* se desviava pelo caminho, mas o Senhor fez cair sobre ele a iniquidade *de nós todos*” (Is 53:6).

“...vemos, todavia, aquele que, por um pouco, tendo sido feito menor que os anjos, Jesus, por causa do sofrimento da morte, foi coroado de glória e honra, para que, *pela graça de Deus, provasse a morte por todo homem*” (Hb 2:9).

Deus, em carinhosa compaixão, afaga todo pecador e tem pena de seu pecado. Seu grande coração desejoso de amor alcança até o canto mais remoto do Seu universo e busca atrair todo coração para Ele através do Seu Filho.

“Isto é bom e aceitável diante de Deus, nosso Salvador, o qual deseja que todos os homens sejam salvos e cheguem ao pleno conhecimento da verdade” (I Tm 2:3, 4).

“Ora, é para esse fim que labutamos e nos esforçamos sobremodo, porquanto temos posto a nossa esperança no Deus vivo, *Salvador de todos os homens*, especialmente dos fiéis” (I Tm 4:10).

“Não retarda o Senhor a sua promessa, como alguns a julgam demorada; pelo contrário, ele é longânimo para convosco, *não querendo que nenhum pereça, senão que todos cheguem ao arrependimento*” (II Pe 3:9).

Para que todos os homens tenham a oportunidade adequada para conhecer o caminho da salvação de Deus Ele mandou os discípulos levarem o Evangelho até os confins da Terra, pregando-o a toda criatura.

“...mas recebereis poder, ao descer sobre vós o Espírito Santo, e sereis minhas testemunhas tanto em Jerusalém como em toda a Judéia e Samaria e até os confins da terra” (At 1:8).

“E disse-lhes: Ide por todo o mundo e *pregai o evangelho a toda criatura*” (Mc 16:15).

Deus ordena a todo pecador que ouve o Evangelho que se arrependa e volte para Ele.

“Ora, não levou Deus em conta os tempos da ignorância; agora, porém, manda notifica aos homens que todos, em toda parte, se arrependam...” (At 17:30).

Deus convida todo pecador a vir a Ele e promete vida eterna a todo aquele que verdadeiramente crer e receber Seu Filho.

“Todo aquele que o Pai me dá, esse virá a mim; e o que vem a mim, de modo nenhum o lançarei fora” (Jo 6:37).

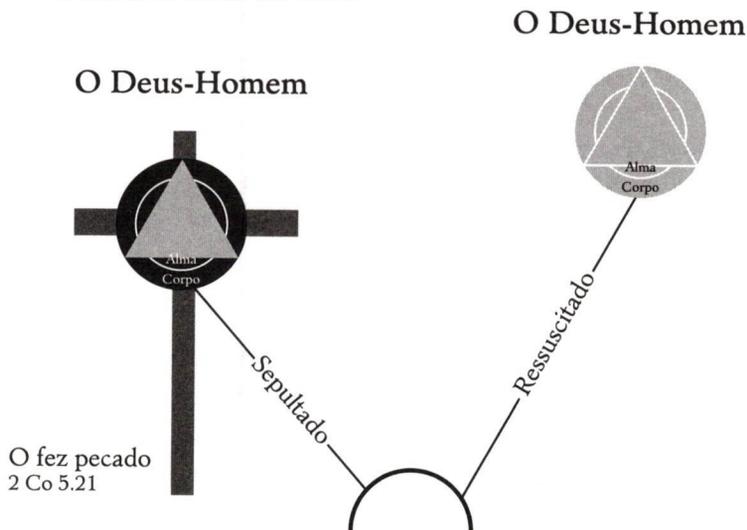
“Porque Deus amou ao mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna” (Jo 3:16).

Incontáveis pecadores através das eras têm recusado a graça de Deus manifestada em Sua salvação e têm rejeitado Cristo, o Salvador, mas a morte de Cristo na Cruz do Calvário abriu um caminho de volta para Deus a todos os homens em todos os lugares. “Nenhum homem é perdido por falta de uma reconciliação, ou porque existe qualquer outra barreira no caminho da sua salvação senão sua própria vontade livre e muito fraca.”

Caro leitor, de qual lado da Cruz de Cristo você está vivendo? Seu relacionamento com o Cristo crucificado determinará seu destino (ver Diagrama 6).

Mas este homem

Depois de ter oferecido um sacrifício
pelos pecados para sempre assentou-se
à direita de Deus. Hb 10.12



O Deus-Homem – crucificado, ressuscitado e ascendido

*Quatro vãos na ponte
da salvação -
Ressurreição*

Tendo aceitado que a encarnação e a crucificação são vãos necessários na ponte da salvação, alguém é guiado para a aceitação da ressurreição como o terceiro vão ou tudo o que foi ganho através dos outros dois será perdido.

A íntima relação entre estas três verdades fundamentais, sua inquebrável conexão de fato, é apresentada muito maravilhosamente no sermão de Pedro no dia de Pentecostes registrado em Atos 2:22 a 36. A ressurreição do Senhor Jesus Cristo é mostrada como a vindicação essencial da Sua encarnação e crucificação. Sem a ressurreição os outros dois vãos na ponte da salvação seriam fúteis; através da ressurreição toda

reivindicação que Deus fez com respeito à pessoa e obra do Seu Filho foi vindicada e realizada.

Vamos compreender o cenário destas palavras. Um tremendo evento teve lugar. Foi um evento pós-ressurreição. O ressuscitado, ascendido, exaltado Cristo havia derramado o Espírito Santo, que encheu todos os crentes e compeliu cada um a comunicar em outra língua a maravilhosa obra de Deus, de modo que pessoas de todas as nações que se reuniam em Jerusalém naquele tempo os ouviram falar em sua própria língua. A multidão estava confusa e maravilhada e pedia uma explicação.

O apóstolo Pedro deu a explicação em um sermão cujo tema era a ressurreição de Cristo. Ele trata disto tanto em retrospecto como em suas conexões. O derramamento do Espírito Santo que eles viram e ouviram foi prometido, mas estava condicionado à realização do eterno propósito de Deus que Ele havia proposto em Cristo, Seu Filho (Ef 3:11), e ao cumprimento do Seu plano divino. De acordo com aquele propósito e plano seria o ressurreto, exaltado Cristo quem derramaria o Espírito Santo.

“A este Jesus Deus ressuscitou, do que todos nós somos testemunhas. Exaltado, pois, à destra de Deus, tendo recebido do Pai a promessa do Espírito Santo, derramou isto que vedes e ouvis” (At 2:32, 33).

O derramamento do Espírito Santo foi um fato consumado atestado não somente pela pequena companhia de crentes, mas pelos judeus devotos de todas as nações. O derramamento do Espírito Santo foi a prova de que Cristo ressuscitou dos mortos. Agora que consideramos o cenário das palavras, vamos estudar os seus significados.

A RESSURREIÇÃO – UMA VINDICAÇÃO ESSENCIAL

“Varões israelitas, atendei a estas palavras: *Jesus, o Nazareno, varão aprovado por Deus* diante de vós com milagres, prodígios e sinais, os quais o próprio Deus realizou por intermédio dele *entre vós*, como vós mesmos sabeis...”
(At 2:22).

Nestas palavras o apóstolo Pedro registra a satisfação de Deus na pessoa e obra do Filho encarnado. Ele enviou Seu Filho ao mundo para viver uma vida como nenhum outro jamais havia vivido e fazer uma obra como nenhum outro jamais havia feito. Ele viveu a vida e fez a obra e recebeu a absoluta aprovação do Pai.

Vamos esclarecer qual era a tarefa na qual o Pai colocou Seu Filho. Estando no mesmo nível de Divindade, o Pai e o Filho trabalharam juntos para criar o universo e a raça que estava para habitá-lo. Nesta criação perfeita o pecado entrou primeiro por um ser celestial e então por um ser humano. A morte, trevas e desordem seguiram o rastro do pecado e lançaram tudo no mundo de Deus para fora da harmonia com Ele. Deus também foi destronado tanto em Seu mundo como no coração dos homens.

Assim como o Pai e o Filho trabalharam juntos na criação da raça, eles também trabalharam juntos para sua regeneração. Deus, em Cristo, reconciliaria o mundo consigo mesmo. Como o pecado entrou no mundo pelo primeiro homem de Deus, a salvação entraria pelo segundo homem de Deus.

Para este fim o Filho eterno se tornaria o Filho encarnado. O segundo Homem começaria exatamente onde o primeiro homem começou, com uma vida perfeita, uma

natureza humana, um relacionamento direto com Deus pelo Espírito Santo, o direito e o poder para desejar Deus, mas Ele começaria em um mundo onde todas as coisas trabalhariam para arrastá-Lo para a derrota e a destruição. Neste mundo Ele deve viver uma vida como nenhum outro havia vivido – uma vida de santidade imaculada, de incessante vitória e resoluta obediência. Ela deve ser uma vida literalmente “sem mácula, nem ruga, nem coisa semelhante”, pura ou pelo nato desprezo interior ao desejo de pecar ou do consentimento a qualquer tentação exterior para pecar. Deve ser uma vida do centro para a circunferência totalmente vivida na íntima vontade de Deus.

Através de um Homem santo Deus poderia estabelecer uma nova união com a raça humana e através de um Mediador sem pecado Deus abriria um caminho de reconciliação e redenção para o pecador rebelde.

O apóstolo Pedro, no sermão de Pentecostes, testemunhou o fato de que o Filho encarnado viveu tal vida sobre a Terra. Três vezes Deus tinha até mesmo aberto o céu e falado para todos que ouviriam as palavras de divina satisfação na perfeição do Seu Filho. Mas o mundo não considerou isso de muito valor ou deu a isso a devida honra. Muitos O rejeitaram; alguns até mesmo ousaram chamá-Lo de impostor e blasfemo. Um testemunho público e vindicação aberta da satisfação do Pai na perfeição do Filho eram essenciais. Isto foi dado por Deus na ressurreição.

A RESSURREIÇÃO – UMA VITÓRIA CONSUMADA

“...a este que vos foi entregue pelo determinado conselho e presciência de Deus, tomando-o vós, o crucificastes e matastes pelas mãos de injustos...” (At 2:23).

Na tarefa de reconciliação e redenção do mundo Deus Se obrigou a tratar plena e finalmente com o pecado e todas as suas conseqüências. Todo homem era um pecado, e a maior necessidade do pecador é de um Salvador.

Na encarnação Deus providenciou um potencial Salvador no Santo que sempre foi um Vencedor em todo lugar. Mas é preciso tornar este potencial Salvador eficaz para a salvação do homem. A vitória pessoal de Cristo precisa se tornar uma vitória racial se ela beneficia o pecador. Mas o único caminho pelo qual o benefício da vitória de Cristo sobre o pecado poderia ser concedido ao pecador era a culpa, penalidade e julgamento do pecado serem levados pelo Salvador. Se o pecador fosse tomar o lugar de santidade, vitória e obediência de Cristo, Cristo deve tomar o lugar de pecado, morte e julgamento do pecador. Se algum pecador fosse salvo, Cristo deve receber sobre Ele mesmo o pecado de todos os pecadores e tomar sua plena responsabilidade. Para pagar a dívida do pecado o Autor da vida morreu. Em profundo e insondável mistério da Cruz Seu Espírito foi separado de Deus e foi ao Hades, e foi separado do Seu corpo, que foi para a sepultura (At 2:27).

O Filho eterno se tornando o Filho encarnado deu ao mundo um Homem perfeito; o Filho encarnado se tornando o Filho crucificado deu à raça humana um Salvador perfeito. Ele foi vitorioso na tentação do deserto, na luta do Getsêmani e finalmente no conflito do Calvário. Mas e agora? Ele jaz sepultado em uma tumba, e uma pedra sela Sua sepultura. Ele foi finalmente conquistado? Sua vitória foi somente uma vitória aparente? O mundo tem transmitido para si apenas o exemplo de uma vida perfeita, sem pecado, impossível de ser seguida, e a memória de um bom mas inútil sacrifício pelo pecado? O Autor, Preservador e Sustentador de toda vida teria

sucumbido na morte, e os louros da vitória, depois de tudo, iriam pertencer àquele “que tinha o império da morte, isto é, o diabo”? Este certamente seria o caso se o Deus-homem permanecesse na sepultura.

Mas isto é inconcebível. Cristo disse que Ele não daria somente Sua vida, mas a tomaria de volta (Jo 10:17, 18). E Ele ressuscitou da morte. A morte nunca poderia deter aquele que disse: “Eu sou a ressurreição e a vida; quem crê em mim, ainda que esteja morto, viverá...” (Jo 11:25).

“A morte não poderia deter sua vítima –
Jesus, meu Salvador,
Ele rompeu as barras –
Jesus, meu Senhor!
Da sepultura Ele ressuscitou,
Com um poderoso triunfo sobre Seus inimigos;
Ele ressuscitou como um Vencedor do domínio das trevas,
E Ele vive para sempre com os Seus santos para reinar.
Ele ressuscitou! Ele ressuscitou! Aleluia, Cristo ressuscitou!”

A vitória sobre a morte foi completa.

“Onde está, ó morte, o teu aguilhão? Onde está, ó inferno, a tua vitória? Ora, o aguilhão da morte é o pecado, e a força do pecado é a lei. *Mas graças a Deus, que nos dá a vitória por nosso Senhor Jesus Cristo*” (I Co 15:55-57).

A vitória da ressurreição reúne em seu abraço todas as outras vitórias em Sua vida e morte e deu a elas significado e poder. As vitórias da encarnação e da crucificação foram amal-

gamadas na vitória; vitória perfeita, poderosa, permanente sobre o triunvirato do inferno: o pecado, a morte e Satanás.

A RESSURREIÇÃO – O SELO DIVINO

“...ao qual Deus ressuscitou, soltas as ânsias da morte, pois não era possível que fosse retido por ela” (At 2:24).

Sobre a vida do Homem perfeito e a obra do Redentor perfeito, Deus, o Pai, pôs Seu selo divino de aprovação e apreciação ao levantar o Deus-homem da morte. Cristo Jesus clamou da Cruz “está consumado”, e não foi o clamor de uma vítima de Satanás, mas de um Vencedor sobre Satanás; não de um derrotado pela morte, mas o clamor de um Vencedor da morte. Naquele clamor de vitória Cristo mostrou que Ele antecipava Sua ressurreição; Ele contava com o Pai para ressuscitá-Lo da morte. Ele tinha o direito de presumir que Seu Pai agisse assim? Muito seguramente.

Para Sua vida de perfeição como o segundo Homem de Deus o Pai colocou Seu selo de aprovação tanto em Seu batismo como na Sua transfiguração ao abrir os céus e dizer: “Este é o meu filho amado, em quem me comprazo”. O Pai poderia permanecer em silêncio agora? Não haveria testemunho da satisfação do Pai na completa suficiência do sacrifício do Filho sobre a Cruz do Calvário para salvar os homens? Para Cristo morrer sobre a Cruz como um perfeito Salvador Deus poria Seu selo ao abrir a tumba e levantar Seu Filho da morte, expressando assim em linguagem mais eloqüente do que palavras Sua satisfação com a obra redentora do Salvador e sua suficiência para a salvação do pecador.

“Sobre toda a virtude de Sua vida, o valor da Sua morte e a vitória do Seu conflito, Deus coloca o selo à vista do céu, da terra e do inferno quando O ressuscita da morte.”¹

“A ressurreição é o ‘Amém’ do Pai à exclamação do Filho: ‘Está consumado’.”

A RESSURREIÇÃO – UM PENHOR SEGURO

O corpo que foi especialmente preparado para Ele na encarnação (Hb 10:5), que foi deixado na morte sobre a Cruz (Hb 10:10), foi agora ressuscitado e saiu da tumba.

“Mas o anjo, respondendo, disse às mulheres: Não tenhais medo; pois eu sei que buscai a Jesus, que foi crucificado. Ele não está aqui, *porque já ressuscitou*, como tinha dito. *Vinde e vede o lugar onde o Senhor jazia*” (Mt 28:5, 6).

“Depois, disse a Tomé: Põe aqui o teu dedo e *vê as minhas mãos*; chega a tua mão e *põe-na no meu lado*; não seas incrédulo, mas crente” (Jo 20:27).

Tanto na ressurreição como na encarnação Ele ainda era o Deus-homem. Ele levantou da sepultura naquela primeira manhã de Páscoa com o corpo que tomou na encarnação, que foi pregado na Cruz na morte, que foi colocado por José na tumba, que foi preservado da corrupção e depois de três dias foi ressuscitado da morte. Naquele corpo Ele apareceu aos discípulos provando para eles Sua identidade pela marca dos cravos em Suas mãos e pés e a marca da lança no Seu lado.

¹ G. Campbell Morgan, op. cit., p. 364.

Naquele corpo Ele ascendeu ao Céu e assenta-se até hoje à direita do Pai recebendo a adoração de incontável multidão de todas as famílias, línguas, povos e nações que são redimidos para Deus pelo sangue do Cordeiro morto no Calvário.

Naquele corpo glorificado, ainda que com cicatrizes, Ele viverá por todos os tempos, a lembrança visível para os pecadores redimidos das “abundantes riquezas da sua graça, pela sua benignidade para conosco em Cristo Jesus”.

Embora o corpo do Deus-homem ressuscitado fosse o mesmo corpo, ainda assim era um corpo transformado. Da verdade revelada em Filipenses 3:20, 21 e I Coríntios 15:42-50 está claro que o corpo que Cristo Jesus tinha na ressurreição era um corpo glorificado, incorruptível, poderoso, espiritual, celestial. As limitações da Sua vida terrena eram aquelas da Sua natureza humana, as limitações decorrentes para a humilhação à qual Ele voluntariamente se submeteu. Mas na ressurreição Ele lançou fora todos estes grilhões da carne.

“Seu nascimento marcou a autolimitação voluntária de Sua Divindade em Sua descida até nossa raça na Sua encarnação. Sua ressurreição marcou Sua ascensão dessas limitações e Seu retorno à Sua glória inicial. Era o corredor pelo qual Ele passou para a retomada do ilimitado poder da Sua Divindade.”²

A ressurreição de Jesus Cristo é o penhor seguro da ressurreição do crente. Quando confortava Marta sobre seu irmão Lázaro, que havia morrido quatro dias antes, Jesus disse: “Eu sou a ressurreição e a vida; quem crê em mim, *ainda*

² A. E. Wood, *The Person and the Work of Jesus Christ* (A Pessoa e a Obra de Jesus Cristo), p. 56.

que esteja morto, viverá". Assim como a profecia de Cristo sobre Sua própria ressurreição foi literalmente cumprida, assim verdadeiramente também será cumprida esta promessa a Marta com respeito à ressurreição de todo crente. A ressurreição dEle, que é o Cabeça do corpo, fez a ressurreição de todo membro do corpo não somente certa, mas essencial.

"Mas, agora, Cristo ressuscitou dos mortos e foi feito as primícias dos que dormem. Porque, assim como a morte veio por um homem, também a ressurreição dos mortos veio por um homem. Porque, assim como todos morrem em Adão, *assim também todos serão vivificados em Cristo*. Mas cada um por sua ordem: Cristo, as primícias; *depois, os que são de Cristo, na sua vinda*" (I Co 15:20-23).

E assim como Ele ressuscitou com um corpo glorificado, incorruptível, poderoso, espiritual, celestial, assim também nós. "E, assim como trouxemos a imagem do terreno, assim traremos também a imagem do celestial" (I Co 15:49).

"Mas a nossa cidade está nos céus, donde também esperamos o Salvador, o Senhor Jesus Cristo, *que transformará o nosso corpo abatido, para ser conforme o seu corpo glorioso*, segundo o seu eficaz poder de sujeitar também a si todas as coisas" (Fp 3:20, 21).

A RESSURREIÇÃO – UM NOVO COMEÇO

"E ele é a cabeça do corpo da igreja; *é o princípio e o primogênito dentre os mortos*, para que em tudo tenha a preeminência..." (Cl 1:18).

Através do último Adão Deus proveu outro caminho de união com a raça humana e nEle criou um novo começo. Pela perfeição da Sua humanidade encarnada, o segundo homem de Deus qualificou-se para se tornar o Cabeça de uma nova criação, pela vitória na Sua crucificação Ele pôs um fim à velha criação, e agora pelo poder da Sua ressurreição uma nova ordem de seres é formada, dos quais Ele é nomeado o Cabeça executivo. Como o primeiro nascido da morte Ele se torna o Progenitor de uma nova raça de homens redimidos, o Cabeça de uma nova companhia de pessoas cuja vida na Terra está se transformando diariamente em Sua imagem de glória em glória e que estão enfim para dividir a perfeição da Sua glorificação.

Através da morte e ressurreição de Jesus Cristo, como eventos equivalentes, certos resultados decisivos no conflito entre Deus e Satanás foram obtidos e eternamente estabelecidos. A vitória sobre Satanás foi total e finalmente vencida, a qual despojou-o do último vestígio de direito pela soberania sobre a Terra ou a raça. Doravante ele é um usurpador e um ladrão. Jesus Cristo adquiriu de volta tudo o que foi perdido, e agora a Terra e tudo o que há nela é dEle não somente por direito de criação, mas pelo direito de conquista.

Para o crente em Jesus Cristo isso significa que a soberania de Satanás sobre sua vida termina e começa a soberania de Deus; que ele deixa a esfera do pecado, morte, trevas e desordem e entra na esfera da justiça, vida, luz e liberdade; que ele deixa de ser um súdito no reino de Satanás e se torna um súdito no Reino de Deus; que ele quebra sua aliança com o sistema de Satanás, o mundo, e declara sua sujeição, como um membro da Igreja, o corpo de Cristo, ao próprio Cristo, que é o seu Cabeça. Isso significa, em outras palavras, que a velha criação, com tudo o que pertence a ela, termina na Cruz e é enterrada na tumba, e a nova criação vem para fora

na ressurreição. Isso significa que o velho relacionamento com o pecado, o ego e Satanás é inteiramente anulado, e uma nova união com Deus em Cristo Jesus é feita, e neste novo relacionamento Cristo se torna não somente o Salvador do crente, mas seu Senhor e sua vida.

Através da Sua morte na Cruz Cristo Jesus se dispôs a todo homem que a aceitará como perfeita salvação da poluição, penalidade e poder do pecado; perfeita vitória sobre a morte, tanto espiritual como física; perfeita libertação da escravidão de Satanás. Pela ressurreição da morte Ele é nomeado pelo Pai para ser o Executor desta vontade; para ser o Mediador de uma Nova Aliança; para ser o Dispenseiro de todas as bênçãos e benefícios que foram dados pela graça para todos aqueles que se tornaram filhos e herança de Deus pela fé nEle. A ressurreição de Cristo Jesus é o terceiro vão na ponte da salvação (ver Diagrama 6).

*Quatro vãos na ponte
da salvação -
Ascensão e exaltação*

Resta um vão duplo para completar a maravilhosa ponte de Deus para a salvação. O Deus-homem crucificado, sepultado e ressuscitado precisa voltar para Seu Pai em glória e ser exaltado ao lugar de honra e poder à Sua direita. Somente então Sua obra estaria completa. Na ressurreição Cristo Jesus foi constituído o último Adão e se tornou o Progenitor de uma nova ordem de seres, mas até Sua ascensão e exaltação Ele não poderia realmente ser empossado em Sua obra como Cabeça da Igreja. Ele precisa primeiro entrar no Céu para apresentar o sangue do Sacrifício do Calvário para Seu Pai e então ser

entronizado por Deus como “o Rei dos reis e o Senhor dos senhores”.

A VOLTA DO FILHO PARA O LAR

Em Seu corpo glorificado o Deus-homem deixou a Terra e, passando pelos céus, entrou no Céu.

“E, estando com os olhos fitos no céu, *enquanto ele subia*, eis que junto deles se puseram dois varões vestidos de branco, os quais lhes disseram: Varões galileus, por que estais olhando para o céu? *Esse Jesus, que dentre vós foi recebido em cima no céu*, há de vir assim *como para o céu o vistes ir*” (At 1:10-11).

“Porque Cristo não entrou num santuário feito por mãos, figura do verdadeiro, *porém no mesmo céu*, para agora comparecer, por nós, perante a face de Deus...” (Hb 9:24).

Oh! Que volta para o Lar deve ter sido! Trinta e três anos atrás o Filho bem amado, que por toda a eternidade esteve no seio do Pai, tinha deixado Seu lar na glória para nascer no ventre de uma virgem. A Terra nunca possuiu Alguém como Ele e o mundo, não conhecendo o valor do precioso presente, não o recebeu. Mas tendo glorificado Seu Pai na Terra e tendo consumado a obra que Ele Lhe deu para fazer, o Filho agora volta para o Lar. Ele está marcado e cicatrizado por causa do tratamento que recebeu na Terra. Mãos, pés e fronte contam a história da crucificação no madeiro do Calvário. O precioso corpo de carne e ossos (Lc 24:39) é um testemunho silencioso para o sangue derramado na cruel Cruz. Certamente o Céu

nunca tinha sido habitado por Alguém como Ele. Mas o Céu conheceu o valor do tesouro que possuía naquele maravilhoso dia da ascensão, e a multidão angelical, cujo número era dez mil vezes dez mil, e milhares de milhares, O adorava com grande voz, e o céu réverberava com o hino de boas-vindas que saldava o Redentor triunfante quando Ele entrou em seus portais.

“Levantai, ó portas, as vossas cabeças; levantai-vos, ó entradas eternas, e *entrará o Rei da Glória*. Quem é este Rei da Glória? O Senhor forte e poderoso, o Senhor poderoso na guerra. Levantai, ó portas, as vossas cabeças; levantai-vos, ó entradas eternas, e *entrará o Rei da Glória*. Quem é este Rei da Glória? O Senhor dos Exércitos; ele é o Rei da Glória” (Sl 24:7-10).

A EXALTAÇÃO DO FILHO

O Pai esperou o retorno do Seu Filho bem amado para a glória para que Ele pudesse entregar-Lhe o lugar de mais alta honra; para que Ele pudesse exaltá-Lo ao lugar de maior poder; para que Ele pudesse dar-Lhe um nome que é sobre todo nome; para que Ele pudesse coroá-Lo Senhor de tudo.

“...que manifestou em Cristo, ressuscitando-o dos mortos e *pondo-o à sua direita nos céus, acima de todo principado, e poder, e potestade, e domínio, e de todo nome que se nomeia, não só neste século, mas também no vindouro. E sujeitou todas as coisas a seus pés e, sobre todas as coisas, o constituiu como cabeça da igreja...*” (Ef 1:20-22).

“Pelo que também Deus o exaltou soberanamente e lhe deu um nome que é sobre todo nome, para que ao nome de Jesus se dobre todo joelho dos que estão nos céus, e na terra, e debaixo da terra, e toda língua confesse que Jesus Cristo é o Senhor, para glória de Deus Pai” (Fl 2:9-11).

A exaltação de Jesus Cristo significou Sua entronização. O Filho eterno, que uma vez voluntariamente Se esvaziou a Si mesmo, foi agora exaltado ao trono de Deus, e todo poder no Céu e sobre a Terra foi concedido a Ele. O Salvador crucificado é agora o preeminente Senhor.

“E, chegando-se Jesus, falou-lhes, dizendo: É-me dado toda o poder no céu e na terra” (Mt 28:18).

“Saiba, pois, com certeza, toda a casa de Israel que a esse Jesus, a quem vós crucificastes, Deus o fez Senhor e Cristo” (At 2:36).

A OBRA PRESENTE DO CRISTO VIVO

Existem três tempos na salvação: passado, presente e futuro. Três afirmações podem ser feitas a respeito do pecador as quais são aparentemente contraditórias, ainda que absolutamente verdadeiras: o crente foi salvo, o crente está sendo salvo, o crente será salvo. Há uma salvação que é para ser apropriada pelo pecador em um momento do tempo, que dia a dia é para ser efetivada na vida do crente, que em um dia no futuro será completamente concluída. A obra que o Deus-homem começou na Cruz pelo pecador Ele continua sobre o trono pelo santo.

O Mediador Divino-humano

Há somente um caminho para se aproximar de Deus, seja para o pecador ou para o santo, e este caminho é Cristo Jesus, o Mediador Divino-humano. O pecador não tem caminho de acesso a Deus para a salvação exceto por Cristo.

“Disse-lhe Jesus: Eu sou o caminho, e a verdade, e a vida.
Ninguém vem ao Pai senão por mim” (Jo 14:6).

O santo não tem caminho de acesso a Deus para a santificação exceto por Cristo.

“Portanto, *pode também salvar perfeitamente os que por ele se chegam a Deus*, vivendo sempre para interceder por eles” (Hb 7:25).

Quer desejemos ser libertos da escravidão do pecado, ou desejemos entrar na plenitude da nossa gloriosa liberdade como filhos e herdeiros de Deus, devemos fazê-lo através de Cristo. Através da mediação de Cristo Jesus obtemos vida; através da mesma mediação obtemos vida em abundância. Nossa herança eterna está nEle. Todas as promessas abençoadas sob o novo concerto estão escondidas no Deus-homem. O Senhor glorificado é o depositário de todos os tesouros espirituais guardados para o povo de Deus. Na verdade Ele os guarda para serem concedidos por Ele como Mediador quando reivindicados pela fé. O Homem representativo que estava sobre a Cruz como o Substituto do pecador está sobre o trono como seu Fiador.

“E, por isso, é Mediador de um novo testamento, para que, intervindo a morte para remissão das transgressões que

havia debaixo do primeiro testamento, os *chamados recebiam a promessa da herança eterna*" (Hb 9:15).

O Grande Sumo Sacerdote

Antes de entregar o espírito Jesus exclamou: "Está consumado". O que estava consumado? A conclusão da Sua obra como o Sacrifício pelo pecado do homem. Ele mesmo era aquele Sacrifício.

"Doutra maneira, necessário lhe fora padecer muitas vezes desde a fundação do mundo; mas, agora, na consumação dos séculos, uma vez se manifestou, para aniquilar o pecado *pelo sacrifício de si mesmo*" (Hb 9:26).

Mas antigamente o sacrifício feito pelos pecados tinha de ser ministrado por um sacerdote. No grande dia da expiação o grande sumo sacerdote entrava sozinho no Santo dos Santos para oferecer o sacrifício pelos pecados do povo. O sacrifício não teria nenhum valor se não fosse oferecido por um sacerdote designado e ungido por Deus. Cristo é o Cordeiro de Deus oferecido como um sacrifício para eliminar o pecado por nós. Mas temos um Grande Sumo Sacerdote que pode agir como ministro do santuário e tornar válido o sacrifício pelo pecado para nosso perdão, limpeza e renovação? Louvado seja Deus porque temos tal Grande Sumo Sacerdote.

"Ora, a suma do que temos dito é que *temos um sumo sacerdote* tal, que está assentado nos céus à destra do trono da Majestade..." (Hb 8:1).

“...mas *este*, havendo oferecido um único sacrifício pelos pecados, *está assentado para sempre à destra de Deus*” (Hb 10:12).

“*Visto que temos um grande sumo sacerdote, Jesus, Filho de Deus*, que penetrou nos céus, retenhamos firmemente a nossa confissão” (Hb 4:14).

O Homem que era o Sacrifício também ofereceu o sacrifício.

“Está consumado” – “Ele está assentado.”

Antigamente o sacerdote sempre se levantava; nunca se assentava porque seu trabalho nunca estava consumado, “porque é impossível que o sangue de touros e de bodes tire pecados” (Hb 10:4). Assim, nesses sacrifícios havia uma lembrança dos pecados ano após ano (Hb 10:3). Mas “este [Jesus], havendo oferecido um único sacrifício pelos pecados, *está assentado para sempre*”. Foi feito um Sacrifício perfeito pelo pecado; a obra do Salvador foi concluída.

Porque nos convinha tal sumo sacerdote, santo, inocente, imaculado, separado dos pecadores e feito mais sublime do que os céus, que não necessitasse, como os sumos sacerdotes, de oferecer cada dia sacrifícios, primeiramente, por seus próprios pecados e, depois, pelos do povo; porque isso fez ele, uma vez, oferecendo-se a si mesmo” (Hb 7:26, 27).

Mas para que o precioso sangue do Senhor seja eficaz para o perdão, limpando e renovando o crente, é preciso um sumo sacerdote designado e ungido por Deus. Jesus Cristo tornou-se esse Grande Sumo Sacerdote. Na virtude da Sua

vida perfeita na Terra, na virtude do Seu perfeito sacrifício sobre a Cruz, na virtude da Sua obra consumada para redenção dos homens, o Deus-homem se assenta à direita de Deus como nosso Grande Sumo Sacerdote. Ele está lá como nosso Precursor, tendo feito um caminho aspergido de sangue desde a Terra até o Céu – até mesmo no Santo dos Santos – para os homens pecadores (Hb 6:20; 10:19). Ele está lá como nosso Representante diante de Deus, “um sumo sacerdote misericordioso e fiel nas coisas concernentes a Deus”.

Enquanto estava aqui na Terra Ele foi tentado em todos os pontos, como nós somos, então Ele é um Sumo Sacerdote que é tocado com os sentimentos das nossas fraquezas (Hb 4:14, 15). Ele conhece nossas tentações, aflições, desilusões, dificuldades, sofrimentos e tristezas, pois Ele conheceu e passou por elas na Terra. Portanto agora Ele está capacitado para socorrer aqueles que são tentados (Hb 2:18).

O *Compreensivo Advogado*

Deus não pode desculpar o pecado nem se associar a ele enquanto este pecado estiver no pecador ou no santo. O pecado sempre, em todo lugar, o separa de Deus. Quando o crente peca, sua comunhão com Deus é quebrada, mas ele não pode restaurar a si mesmo tanto quanto o pecador não poderia salvar a si mesmo. Assim como o pecador precisa de um Salvador para abrir um caminho a Deus através da redenção, o santo precisa de um Advogado para manter esse caminho aberto através da restauração.

Tal Advogado deve ser alguém que compreensivamente entenda o terrível poder do pecado e ele mesmo tenha sentido sua tremenda pressão sobre o espírito, alma e corpo, e ainda alguém que tenha sido inflexível em sua recusa de se render a ele em pensamento, palavra e ação.

Tal Advogado deve ser alguém que tenha acesso a Deus a todo instante e alguém que ofereça a Deus uma solução para as coisas que ele tenta pôr em ordem.

Esse Advogado justo e eficaz o crente tem em Cristo Jesus. A solução eficaz para limpeza e restauração Cristo tem em Seu sangue derramado.

“Meus filhinhos, estas coisas vos escrevo para que não pequeis; e, se alguém pecar, temos um Advogado para com o Pai, Jesus Cristo, o justo” (I Jo 2:1).

“Se dissermos que temos comunhão com ele e andarmos em trevas, mentimos e não praticamos a verdade. Mas, se andarmos na luz, como ele na luz está, temos comunhão uns com os outros, e o sangue de Jesus Cristo, seu Filho, nos purifica de todo pecado” (I Jo 1:6, 7).

Assim como o pecador é limpo definitivamente da culpa do pecado pelo precioso sangue de Cristo, o santo, da mesma forma, é limpo diariamente da corrupção do pecado.

O Fiel Intercessor

Deus não estava satisfeito com a libertação do pecador da velha esfera da morte, trevas e desordem, mas quis que ele reivindicasse e usasse de todas as suas possessões e privilégios na nova esfera de vida, luz e liberdade. Ele não está contente em meramente ter um homem salvo, mas Ele propôs salvá-lo até o máximo. Deus é capaz de não somente levantar o pecador da mais baixa profundidade da vida no plano natural, mas também de exaltar o santo ao mais elevado cume da vida no plano espiritual. Para isso Ele tem feito ampla provisão na intercessão fiel do Senhor exaltado.

“Quem os condenará? Pois é Cristo quem morreu ou, antes, quem ressuscitou dentre os mortos, o qual está à direita de Deus, e também intercede por nós” (Rm 8:34).

“Portanto, pode também salvar perfeitamente os que por ele se chegam a Deus, vivendo sempre para interceder por eles” (Hb 7:25).

A intercessão do Filho exaltado é o ponto culminante da Sua obra consumada. O que Ele tornou potencial pela Sua crucificação na Cruz Ele torna efetivo pela Sua intercessão no trono. “A intercessão do Cristo exaltado a favor do santo é a projeção na experiência do ato de salvação do Salvador crucificado pelo pecador. É pela Sua obra no céu que apreciamos Sua obra na Terra.”

Em Sua última oração com os discípulos na Terra, registrada no capítulo dezessete do evangelho de João, Ele revela a natureza e o conteúdo da sua intercessão como Sumo Sacerdote por todos os crentes. Ele ora pela segurança e santificação deles; Ele antecipa a unidade de vida que Ele, como Cabeça, teria com eles, como membros do Seu corpo; e ora por Sua presença permanente neles para que isso possa significar a perfeição da Sua vida na deles. “Cristo vive sempre para interceder por nós”, orando para que o eterno propósito de Deus que Ele realizou na encarnação, crucificação, ressurreição, ascensão e exaltação do Seu Filho possa ser perfeitamente concretizado na vida do crente em sua completa libertação da escravidão e em sua plena aceitação de Cristo.

Na ascensão e exaltação de Jesus Cristo Deus completa o quarto vão na ponte da salvação.

A obra coroada de Jesus Cristo na salvação

Ainda resta algo a ser feito para aperfeiçoar o gracioso plano de salvação de Deus. É necessário um elo entre o Salvador no Céu e o pecador na Terra. A obra consumada de Cristo de alguma maneira precisa se tornar aplicável e operável na alma dos homens. Deve-se prover um caminho pelo qual a vida do Salvador crucificado, agora entronizado como Senhor no Céu, possa ser comunicada e mantida no crente na Terra.

DOIS MARAVILHOSOS DONS

Sobre o pecador Deus colocou um dom maravilhoso, que é Seu Filho como Salvador; sobre o crente Deus colocou

um segundo dom maravilhoso, que é Seu Espírito como Santificador.

“...mas, vindo a plenitude dos tempos, *Deus enviou seu Filho*, nascido de mulher, nascido sob a lei, para remir os que estavam debaixo da lei, *a fim de recebermos a adoção de filhos*. E, porque sois filhos, Deus enviou aos nossos corações o Espírito de seu Filho, que clama: *Aba, Pai*. Assim que já não és mais servo, mas filho; *e, se és filho, és também herdeiro de Deus por Cristo*” (Gl 4:4-7).

Deus enviou Seu Filho para que o pecador possa entrar na família de Deus como filho. Deus enviou Seu Espírito para que o filho possa entrar na plenitude da sua herança como um herdeiro. Deus deu Seu Filho para tornar a salvação *possível para nós*; Deus deu Seu Espírito para tornar a salvação *real para nós*. Deus deu Seu Filho para que pudéssemos ter vida; Deus deu o Espírito para que pudéssemos ter vida permanente e abundante.

A OBRA COROADA DE DEUS

Sem a obra do Santo Espírito tudo o que foi realizado pela morte, ressurreição e exaltação de Cristo seria sem valor. Não se pode estudar inteligentemente a última conversação do Senhor com os discípulos registrada nos capítulos 13 a 16 de João sem notar que Ele ensina muito claramente que o envio do Santo Espírito da parte do Pai no Seu retorno para a glória seria a obra coroada na Sua salvação dos homens. Vamos voltar então a estes capítulos para um estudo desta verdade.

Havia muitas coisas que Ele ansiava falar aos Seus discípulos naquela última noite, mas eles não estavam preparados para suportá-las (Jo 16:12). Um poucas coisas, contudo, Ele

tornou claras. Uma era o tipo de vida que Ele esperava que eles vivessem. Ela seria uma vida permanente e abundante. Sua vida seria para a vida deles o que a videira é para o ramo. NEle habita corporalmente toda a plenitude da divindade, e essa plenitude seria deles até que eles fossem “cheios de toda a plenitude de Deus” (Cl 2:9-10; Ef 3:19).

Quando Ele falou longamente sobre esta vida maravilhosa permanente e plena, Ele disse: “... porque isso vos tenho dito, o vosso coração se encheu de tristeza” (Jo 16:6). Sem dúvida Ele estava olhando atentamente as suas faces e viu um olhar confuso, transtornado quando falou em deixá-los e também por esperar que eles vivessem tal vida como esta. Ele lhes disse que seria uma vida caracterizada pela paz, alegria, poder, frutificação, companheirismo e amor, mas também seria entrelaçada com sofrimento, tribulação perseguição, e até a morte pela violência. Como eles ainda poderiam esperar viver tal vida se Ele fosse embora quando naqueles três anos nos quais eles desfrutaram da bênção e ajuda da Sua presença pessoal houve tanta inveja, desaprovação, desencorajamento, covardia, temor e incredulidade nas suas vidas? Sua rápida compreensão entendeu o que eles temiam expressar e Ele se apressou em confortá-los dizendo: “Não vos deixarei órfãos; *voltarei para vós*”.

Que coisa estranha para dizer – disse-lhes ao mesmo tempo que estava indo embora e ainda voltando para eles. Mas Ele explicou depois: “Um pouco, e não me vereis; e outra vez um pouco, e ver-me-eis...”. Ele estaria com eles e seria visto por eles, mas de uma forma desconhecida e invisível para os outros. Deve ser, então, em uma presença espiritual em vez de física. Eles ainda estavam perplexos e não podiam ver nenhum benefício real no fato de Ele deixá-los.

Então Ele disse: “Todavia, digo-vos a verdade: que vos convém que eu vá, porque, se eu não for, o *Consolador não virá* a vós; mas, se eu for, *enviar-vô-lo-ei*.” Mas o que se ganharia

pela ida de Jesus Cristo e o envio de algum outro no Seu lugar? Não seria muito maravilhoso ter o Senhor com eles na Terra, falando e orando com eles, ensinando e liderando-os, levando-os a trabalhar com Ele, mostrando-lhes através da vida que Ele viveu e da obra que Ele fez como eles deveriam viver e trabalhar? Sim, isso seria muito maravilhoso, mas não muito bem sucedido. Embora houvesse muita alegria na comunhão com Ele, ainda assim haveria também muito desencorajamento. Ele falou tantas coisas cujo significado eles não podiam compreender e até mesmo o que entendiam eles tão freqüentemente falhavam em obedecer. Ele esteve tanto tempo com eles, mas eles não cresceram como Ele durante os três anos. Então, que benefício poderia ter a Sua ida se até mesmo Sua presença física era negada a eles? Ele não os deixou sem resposta para todas as perguntas dos seus corações tristes, perplexos.

“E eu rogarei ao Pai, e ele vos dará outro Consolador, *para que fique convosco para sempre*, o Espírito da verdade, que o mundo não pode receber, porque não o vê, nem o conhece; mas vós o conheceis, *porque habita convosco, E ESTARÁ EM VÓS*” (Jo 14:16-17).

Oh! Aqui está algo inteiramente novo: totalmente diferente de todo tratamento anterior de Deus com o homem. Deus o Espírito esteve com os homens e Ele veio sobre os homens, mas nunca Ele esteve nos homens como uma presença perpétua. Agora isso poderia parecer que, devido à volta de Jesus Cristo para o Pai através da cruz, da tumba e das nuvens, um relacionamento inteiramente diferente estava para ser estabelecido entre Deus e os homens, um relacionamento mais próximo e íntimo do que qualquer coisa que o homem tenha experimentado em todos os séculos. “...e viremos para ele e faremos nele morada” (Jo 14:23 b). Deus, o Justo, o

Santo, viveria nos homens em presença real. Como poderia ser isso? O Senhor Jesus nos diz.

“Naquele dia, conhecereis que *estou em meu Pai, e vós, em mim*, e eu, em vós” (Jo 14:20).

“...para que todos sejam um, como tu, ó Pai, o és em mim, e eu, em ti; que também eles sejam um em nós, para que o mundo creia que tu me enviaste” (Jo 17:21).

Como poderia o Filho, que estava partindo para voltar para o Pai no Céu e viver à Sua direita, ser capaz de viver também em Pedro, e em Tiago, e em João na Terra? “Ó profundidade das riquezas, tanto da sabedoria, como da ciência de Deus! Quão insondáveis são os seus juízos, e quão inescrutáveis, os seus caminhos!” Aqui está, de fato, a obra coroada do Senhor Jesus Cristo.

“Todavia, digo-vos a verdade: que vos convém que eu vá, porque, se eu não for, o Consolador não virá a vós; mas, se eu for, *enviar-vô-lo-ei*” (Jo 16:7).

“Mas, quando vier aquele Espírito da verdade, ele vos guiará em toda a verdade, porque *não falará de si mesmo*, mas dirá tudo o que tiver ouvido e vos anunciará o que há de vir. *Ele me glorificará, porque há de receber do que é meu e vô-lo há de anunciar*” (Jo 16:13, 14).

“Mas, quando vier o Consolador, que eu da parte do Pai vos hei de enviar, aquele Espírito da verdade, que procede do Pai, *testificará de mim*” (Jo 15:26).

Jesus ensinou claramente nestas palavras que a missão principal do Espírito Santo ao ser enviado do Pai para viver no

crente era que Ele deveria tornar a presença do ressurreto, glorificado, vivo Senhor uma verdadeira realidade espiritual. Ele também os ensinou que o Espírito Santo seria tanto o único e suficiente mensageiro da verdade espiritual como o agente da revelação espiritual. Em outras palavras, tudo o que eles deveriam sempre saber, ou receber, do seu Senhor ressurreto era para ser comunicado por e através do Espírito Santo. Sem Ele não teria sentido a presença e o poder do Cristo ressurreto se manifestar nas suas vidas, nem como eles perceberem em suas experiências espirituais a bênção e o benefício alcançados por Jesus Cristo para eles através da Sua morte e ressurreição. O Espírito Santo seria o intermediário entre o Céu e a Terra. A salvação que veio do Pai pelo Filho seria aplicada pelo Espírito. Pelo poder investido no Espírito Santo o crente seria elevado para o plano do homem espiritual e sua vida mantida lá.

Cristo havia prometido isto: se Ele fosse, o Espírito Santo viria, e Sua promessa se cumpriu literalmente. Ele morreu e ressurgiu outra vez. Ele encontrou os discípulos individualmente e coletivamente várias vezes, revelando-Se a eles como o Senhor ressurreto deles. Ele lhes deu a última comissão; então Ele repetiu a Sua promessa e ordenou que esperassem por seu cumprimento.

“E eis que sobre vós envio a promessa de meu Pai; ficai, porém, na cidade de Jerusalém, até que do alto sejais revestidos de poder” (Lc 24:49).

“E, estando com eles, determinou-lhes que não se ausentassem de Jerusalém, mas que esperassem a promessa do Pai, que (disse ele) de mim ouvistes. Porque, na verdade, João batizou com água, mas vós sereis batizados com o Espírito Santo, não muito depois destes dias” (At 1:4-5).

Então Jesus Cristo ascendeu ao Céu (At 10:1-11). Eles esperaram de acordo com Sua ordem (At 1:12-14). O tempo de Deus se cumpriu. O dia de Pentecostes veio (At 2:1-4). A promessa do Pai se realizou na descida do Espírito Santo batizando o grupo de crentes que estava esperando.

OS DOIS ASPECTOS DO BATISMO NO ESPÍRITO SANTO

A descida do Espírito Santo sobre os discípulos teve uma dupla importância: cumpriu duas coisas definitivas, distintas.

Primeiro, o Espírito Santo veio sobre cada crente enchendo-o com Ele mesmo. Por este batismo o Cristo exaltado fez da pessoa do crente o Seu domicílio, onde Ele foi entronizado como Senhor e apropriado como Vida. Pelo batismo no Espírito Santo a vida abundante do Senhor vivo foi manifestada em poder em cada crente.

“E todos foram cheios do Espírito Santo e começaram a falar em outras línguas, conforme o Espírito Santo lhes concedia que falassem” (At 2:4).

Segundo, o Espírito Santo veio sobre todo o grupo de crentes e os batizou em um corpo, a Igreja. Por este batismo eles foram unidos a Cristo, sua Cabeça, e uns aos outros como membros da comunhão do corpo de Cristo. Pela descida do Espírito Santo no dia de Pentecostes o Cristo exaltado foi estabelecido como Senhor e instilado como Vida na Igreja.

“Porque, assim como o corpo é um e tem muitos membros, e todos os membros, sendo muitos, são um só corpo, assim é Cristo também. Pois todos nós fomos batizados em um Espírito, formando um corpo, quer judeus, quer gregos,

quer servos, quer livres, e todos temos bebido de um Espírito. Porque também o corpo não é um só membro, mas muitos" (I Co 12:12-14).

O RESULTADO DO BATISMO NO ESPÍRITO SANTO

Através da Sua morte, ressurreição e exaltação, o Senhor Jesus não somente removeu a penalidade do pecado, mas quebrou seu poder. Pela união com Ele pela fé Ele tornou possível para o crente na Terra a mesma vida de vitória, poder e santidade que Ele viveu no Céu. Esta vida foi comunicada e mantida em cada crente pela vinda, habitação e preenchimento do Espírito Santo.

No dia de Pentecostes Pedro, Tiago e João e todos os outros crentes que perseveravam no cenáculo foram batizados com o Espírito Santo. Uma questão com certeza se levanta em nossos corações: "Aquele batismo fez alguma diferença nas suas vidas? Se fez, qual foi?". Até mesmo uma comparação casual do registro da vida dos discípulos antes de Pentecostes convencerá qualquer um que foi feita uma maravilhosa mudança. Esses homens estiveram em comunhão quase que diária com Jesus durante os anos do Seu ministério público. Ele lhes ensinou verdades profundas, e eles compartilharam da Sua maravilhosa vida de oração. Eles viveram sob o encanto daquela personalidade incomparável dia a dia. Ele foi tanto seu Professor como seu Exemplo por três anos.

Mas, para nosso espanto, a prova do fracasso, derrota e pecado das suas vidas está exposta no Evangelho! Vemos ciúme, ambição, egoísmo, orgulho, interesse próprio, confiança em si mesmo, amor-próprio, fraqueza e esterilidade. Apesar da comunhão deles com o Santo, que tentou de todas as formas possíveis ajudá-los, eles, em grande medida, continuaram a ser o que eram antes de seguirem-No.

E por que isso era verdade? Porque Ele estava somente vivendo com eles, no lado de fora, trabalhando neles com Sua palavra e influência pessoal. Mas que mudança foi feita quando no dia de Pentecostes, por meio do batismo no Espírito Santo, Cristo desceu para o interior daqueles homens para assumir a perfeita possessão, o completo controle e o uso desimpedido de todo seu ser. O ego foi destronado, e Cristo foi entronizado como Senhor. Cristo tornou-se a Vida de suas vidas.

Uma quádrupla frutificação se manifestou nas suas vidas imediatamente. Eles se tornaram homens de *pureza*. “E Deus, que conhece os corações, lhes deu testemunho, dando-lhes o Espírito Santo, assim como também a nós; e não fez diferença alguma entre eles e nós, *purificando o seu coração pela fé*” (At 15:8-9).

Primeiramente foi feita uma poderosa mudança interior. O Espírito de Deus é um Espírito santo e Ele só pode habitar em um lugar santo. Então Seu trabalho principal é sempre a limpeza dos mais íntimos recônditos da vida. “Sede santos porque eu sou santo.” É o mandamento de Deus para a alma salva. Quando os discípulos foram batizados com o Espírito Santo, Ele primeiro os purificou, substituindo o orgulho pela humildade, o egoísmo pelo amor, a covardia pela coragem, o carnal pelo espiritual, o mundano pelo celestial, o humano pelo divino, o temporal pelo eterno.

Eles se tornaram homens de *poder*. “...mas *recebereis poder*, ao descer sobre vós o Espírito Santo” (At 1:8). Esta promessa foi abundantemente cumprida neles. Pureza interior produz poder exterior. O livro de Atos é um registro idôneo da força poderosa do Deus Espírito Santo se movimentando através de canais purificados. “Rios de águas vivas” fluem através desses primeiros apóstolos e crentes em Jerusalém, Judéia, Samaria, e até mesmo nos confins da Terra.

Eles se tornaram homens de *paixão*. Todos eles se deram a si mesmos para ganhar almas. Seus próprios corações, todos queimando com a fervente gratidão e estimado louvor a Ele, que os amou tanto a ponto de dar a Si mesmo por eles, foram inflamados por uma chama de ardente desejo de trazer outros para o gozo, paz e segurança de um relacionamento pessoal, salvador com o Senhor Jesus Cristo. Eles se tornaram homens de uma paixão – “Uma coisa faço” animava suas vidas.

“Oh! Por uma ardente paixão pelas almas!
Oh! Por uma piedade que anela!
Oh! Por um amor que ama até a morte!
Oh! Por um fogo que queima!
Oh! Por uma forte súplica que prevalece!
Aquele que se derrama a si mesmo pelo perdido;
Suplicante vitorioso no nome do Vencedor,
Oh! Por um Pentecostes!”

Eles se tornaram homens de *oração*. A comunhão com Deus por meio da oração e a cooperação com Deus por meio da intercessão para que a obra consumada de Cristo operasse na vida de outros homens se tornaram o deleite principal e a ocupação constante deles. O livro de Atos é um registro contínuo de orações respondidas. Todas as suas maravilhosas obras começaram, continuaram e terminaram em prevalecente oração.

A freqüente impressão sobre o estudante do livro de Atos é a de que através do batismo no Espírito Santo em Pentecostes esses primeiros crentes passaram de cristãos carnais para espirituais e desde aquele tempo eles se propuseram viver suas vidas no em um plano plano mais elevado. O que era a vida em um plano mais elevado para eles é definido convenien-

te e adequadamente em uma descrição usada repetidamente a respeito deles: "Eles foram cheios do Espírito Santo".

Portanto, através do nosso estudo vimos que na obra consumada de Jesus Cristo, o eterno, o encarnado, o crucificado, o ressurreto, o ascendido, o exaltado Filho coroado pelo envio do Espírito Santo, Deus preparou provisão suficiente para levantar qualquer pessoa do mais profundo abismo da vida no plano natural para a mais elevada altura da vida no plano espiritual (ver Diagrama 7).

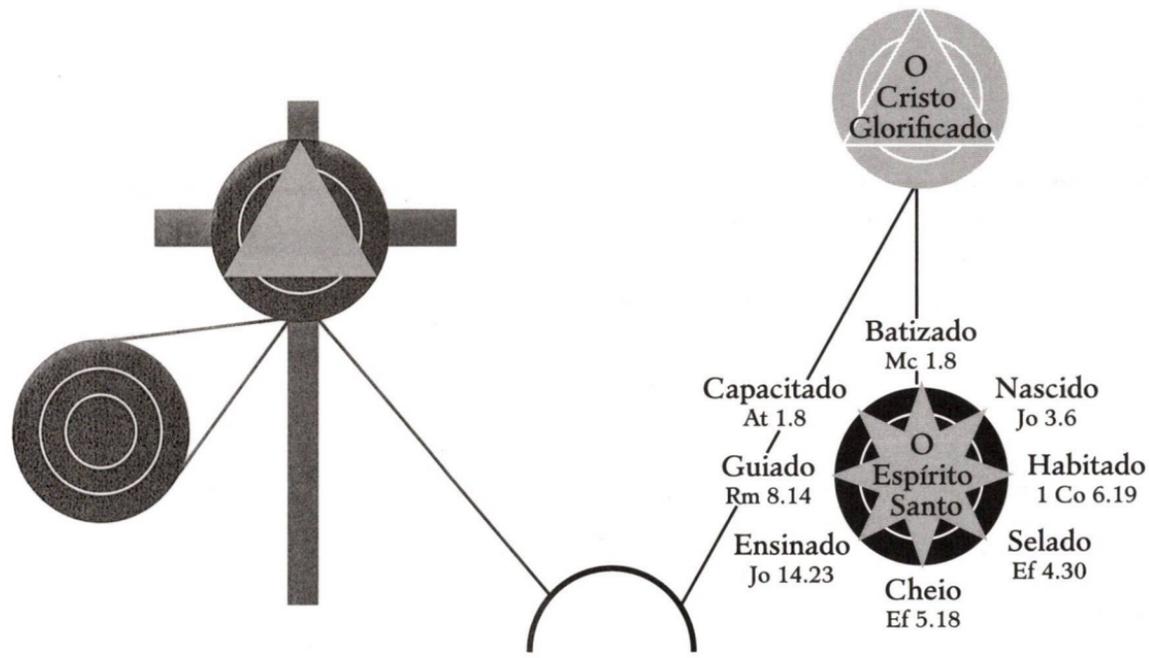


Diagrama 7
O Espírito Santo

Sebo Capricho

50,00

Vida

em um Plano mais Alto

“Neste livro extraordinário a autora trata com os assuntos mais básicos da fé e da experiência cristã a pessoa e a obra de Cristo e como os crentes podem crescer Nele. R. A. Torrey [disse]:

‘De todos os livros que já li, este é o que mais me satisfaz. Ele trata com os grandes fundamentos da fé cristã... de forma exaustiva e consistente com as Escrituras, e cada vez que é lido soa verdadeiro’.

‘Muitos dos preletores das conferências Keswick nos Estados Unidos foram proeminentes líderes evangélicos, entre os quais estão: C. I. Scofield, A. W. Tozer, Alan Redpath, Stephen Olford, Major Ian Thomas, Ruth Paxson, Harry Ironside, Vance Havner, Theodore Epp, Lewis Sperry Chafer, James O. Buswell III, John Walvord, Kenneth Wuest, Charles Feinberg, Arthur Glasser, L. E. Maxwell e Harold J. Ockenga.

‘É desnecessário dizer que a lista de nomes acima representa vários graus de afinidade com o ensinamento sobre a vida cristã mais alta. Entretanto, Ruth Paxson destaca-se como uma excelente expositora desse tipo de ensinamento a pessoas comuns (...). Sua contribuição singular foi (...) mostrar de forma mais simples e elementar os estágios da obra de Cristo e do crescimento do crente.

‘Agora, pela soberania de Deus, este livro alcança o mundo de fala portuguesa. Com grande entusiasmo o recomendo para todos que amam o Senhor e buscam crescer espiritualmente na graça de Cristo. Deveria ser um dos poucos livros a acompanhá-lo sempre em todo o percurso de sua vida cristã.’

(*Christian Chen*)

“Particularmente, eu desconheço uma obra tão completa, equilibrada e de fácil acesso aos simples como essa. Louvamos ao Senhor por gerar alimento aos Seus sedentos filhos e remédio eficaz para as raízes de Sua Igreja.”

(*Gerson Lima, editor*)



EDITORA DOS CLÁSSICOS

para quem busca maturidade
www.editoradosclassicos.com

ISBN 85-87832-40-9



9 788587 832405